

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH
Departamento de Ciência Política

Johana Barreneche Corrales

Refugiados Colombianos no Brasil
Interpretações das suas travessias internas

Mestrado em Ciência Política
Área de concentração: Cultura e Política

Orientadora
Amnéris Ângela Maroni

Campinas, Fevereiro de 2007

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH – UNICAMP**

Barreneche Corrales, Johana

B274r *Refugiados colombianos no Brasil : interpretações das suas travessias internas / Johana Barreneche Corrales. - - Campinas, SP: [s.n.], 2007.*

**Orientador: Amnéris Ângela Maroni.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Refugiados. 2. Subjetividade. 3. Colômbia - Migração.
I. Maroni, Amnéris Ângela. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.**

Título em inglês: Colombian refugees in Brazil : internal passages interpretation.

**Palavras-chave em inglês (Keywords): Refugees
Subjectivity
Colombia - Migration**

Área de concentração: Cultura e política

Titulação: Mestre em Ciência Política

**Banca examinadora: Prof^a. Dr^a. Amnéris Ângela Maroni (orientador)
Prof. Dr. Antonio Muniz de Rezende
Prof^a Dr^a Cláudia Perrone**

Data da defesa: 28/02/2007

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

**REFUGIADOS COLOMBIANOS NO BRASIL: [UMA]
INTERPRETAÇÃO DAS SUAS TRAVESSIAS INTERNAS**

JOHANA BARRENCHÉ CORRALES

Dissertação de Mestrado em Ciências
Políticas apresentada ao Departamento de
Ciência Política do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Estadual
de Campinas, sob a orientação da Prof^a. Dr^a.
Annéris Ângela Maroni.

Este exemplar corresponde à versão final
da dissertação apresentada à banca
em 28 de Fevereiro de 2007.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Annéris Ângela Maroni (orientadora)

Prof. Dr. Antonio Muniz de Rezende

Prof^a. Dr^a. Claudia Perrone Moisés

Suplente:

Prof^a. Dr^a. Heloisa Buarque de Almeida (suplente)

Prof. Dr. Marcio Neves (suplente)

Fevereiro de 2007

Campinas, SP

Onde se lê: Johana Barrenche Corrales

Leia-se: Johana Barreneche Corrales


Prof^a. Dra. Rachel Meneguello
Matr. 15.279-0
Coordenadora da Comissão
de Pós-Graduação
IFCH/UNICAMP

2008 26 826

**A Tila, Edgar e Nano.
Minha maravilhosa família.
Meu tripode.
Meus fios terra.**

Agradecimentos

No dia 22 de setembro de 2004 tinha marcado uma reunião com quem seria minha orientadora: Amnérís. Seria o nosso segundo encontro, mas antes de sair da minha casa recebi uma ligação da Colômbia anunciando o que durante muito tempo seria motivo de dor e começo de muitas reflexões a respeito de mim mesma e de minha vida. Minha cachorra tinha morrido. Quando encontrei Amnérís de novo choramos juntas. A sensação de compreensão, que até então não tinha tido com minha dor, me seduz! Depois de vários encontros e de assistir suas aulas senti que começava a andar num terreno comum, e que queria ficar ali. Comecei a sentir amor! Amor pelo que aprendia, pela surpresa de minha alma com cada novo aprendizado, com cada texto que chegava em minhas mãos e passava para minha alma! Meu mundo interior começou a se abrir de um jeito que não suspeitava, a ter sentido, passando logo a se constituir no motor de minha busca acadêmica. Foi esse sentido que ela, Amnérís, trouxe à minha vida neste tempo que compartilhamos. Só a ela posso agradecer o resultado final desta pesquisa que ocorre no meio da vida, dos medos que vêm, ficam uns dias me deixando paralisada e depois somem, dando *passagem* a novos pensamentos. Amnérís me ensinou que a vida tem seus próprios tempos, seu ritmo, o Kairós! Estou “na fila para ser sua amiga”, mas ela já é a minha. Por isso, e tudo o que ainda falta por vivermos juntas, muito obrigada!

Obrigada Tila, mãe e amiga pelo amor incondicional e por me ensinar aos poucos ao respeito de Deus. Obrigada “Viejo” pelos papos que alimentam minha vontade de conhecer mais o mundo. Obrigada “Nano” pelas tuas asas, sorriso e palavras de anjo, que até aqui me aconchegaram, embora às vezes fiquem em silêncio. Obrigada aos três por existirem e permanecerem na minha vida.

Obrigada Matt, pelo teu amor suave que gera furacões em minha alma. Pelos teus olhos de mar que estão me ensinando da paciência. Pelo teu sorriso limpo de vento de montanha. Obrigada pelo teu apoio “logístico” sem o qual não teria sido possível terminar.

Elizabeth, parceira de minha alma! Não tenho como agradecer teu apoio com a tradução e teu colo. Como te disse um dia: tua gargalhada tem sido geléia para minha alma! Obrigada . Paola, obrigada por acender “o motor” deste último tempo. Um dia na sala da minha casa -frente ao caos da minha cabeça- ela disse: “Ok. Vamos fazer o cronograma para começar o trabalho de tradução?”. Foi o compromisso amoroso delas que me deu ordem, me fez começar a etapa final, acendeu a faísca que faltava! O trabalho junto da Elizabeth e da Paola com certeza tomou mais sentido. Obrigada pela equipe que me deu mais uma razão para descobrir “sororidad”, aquela solidariedade que só é possível entre mulheres!

Juliana obrigada pela disposição de sempre para ajudar com a informação, com os contatos e com as caronas. Obrigada por mostrar que além desta tentativa de pensar nos outros é possível construir junto com eles outras condições de vida. Toda minha admiração por você e seu trabalho diário com os refugiados.

Fernanda, David, Andrés e Leonardo, obrigada pelos seus testemunhos, pelas suas vidas feitas palavras que entraram na minha para ficar.

Juan, Edwar obrigada pelos papos, pela companhia neste tempo em que juntos vamos nos descobrindo mais velhos. É lindo ficar por perto de seus sorrisos e de nossas diferenças acadêmicas que, com certeza, graças a elas, existe um desafio a mais para querer assinar as próprias palavras.

Pacho, obrigada pela leitura dos textos, pelos comentários sempre oportunos, amorosos e inteligentes! Sempre bem-vindos!

Panda, obrigada pelo caos inicial que virou pretexto para “respirar”. Canela, por aparecer no final e estar virando pretexto para ficar.

Resumo

O conflito armado interno que vive a Colômbia há 40 anos continua acompanhado de violações generalizadas dos direitos humanos e do direito internacional humanitário. Todos os atores do conflito—guerrilhas, grupos paramilitares e forças armadas cometem violações graves tais como massacres, assassinatos e seqüestros. A partir desse conflito se produziram dois tipos de movimentos: o deslocamento forçado interno e a migração internacional em busca de “Refúgio” ou “Asilo Político”. Ambos implicam na desterritorialização e numa subsequente cadeia de eventos como desemprego, falta de moradia, problemas de alimentação e de saúde, indigência, estigmatização, choque cultural, entre outros. Este fenômeno não pertence somente à Colômbia, faz parte de inúmeros eventos que, no nível mundial, afetam todas as estruturas, desde a psíquica até a política e que, por sua vez, evidenciam um lado sombrio da globalização. Este trabalho é um intento por compreender, desde a ciência política e a psicanálise, as conseqüências políticas e humanas que trazem consigo os movimentos migratórios.

Abstract

The internal armed conflict that Colombia has endured for forty years continues to be characterized by generalized violations of Human Rights and International Law. Various participants in the conflict (guerrillas, paramilitary groups and members of the military) commit serious violations including massacres, assassinations and kidnappings. From this conflict two kinds of movements have occurred: international forced displacement and emigrations in search of political asylum and refuge. These actions uproot populations and create a chain of events such as unemployment, lack of housing, malnutrition, mental health problems, stigmatisation, and culture shock, to name a few. This phenomenon is not unique to Colombia, it is part of numerous events worldwide affecting all aspects of life, from psychological to political which are evidence of the dark side of globalisation. This essay is an attempt to understand through political science and psychoanalysis, the political and human consequences that migratory movements cause.

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	1
I. INTRODUÇÃO: É o traumático da ordem do político?.....	5
Da herança.....	5
Trauma e modernidade.....	8
Testemunho, Trauma, Linguagem e crise.....	11
Uma eleição crucial: o método.....	16
II.CAPITULO 1. Deslocamentos internos (Minha narrativa).....	21
1.1 Motivos distantes.....	23
1.1.1 Um avô, uma avó, e uma tia de alguma esquerda.....	23
1.1.2.Colegial católico, universidade pública, violência aos poucos.....	27
1.1.3 As partidas, as mortes e meu(s) deslocamento(s).....	31
1.2 Motivos Recentes.....	35
1.2.1 As janelas do carro.....	35
1.2.2.Alguns mortos alheios que se tornaram meus.....	36
1.2.3 Silêncio e medo.....	38
III.CAPITULO 2 : O método.....	41
2.1 O método autobiográfico e a pesquisa social: testemunhos e histórias de vida...41	
IV. CAPITULO 3: História geral da violência na Colômbia.....	51
3.1 A Guerra dos Mil Dias	53
3.2 Massacre das Bananeiras	54
3.3 9 de Abril , “El bogotazo”.....	57
3.4 “La Violencia”.....	59
3.5 Marquetalia (História do nascimento das FARC).....	62
3.6 Autodefesas e paramilitarismo.....	63
3.7 Narcotráfico y sicariato.....	64
V. CAPITULO 4: Deslocamento forçado por conflito armado.....	67
4.1 Algumas considerações gerais sobre o deslocamento interno no mundo e na Colômbia.....	71
4.2 As pessoas deslocadas.....	77
VI. CAPITULO 5: Do Refúgio.....	81
5.1 No mundo.....	81
5.2 Refúgio no Brasil.....	83
5.3 Cáritas.....	84
5.4 Refugiados Colombianos no Brasil.....	86
5.5 Colombianos refugiados reassentados no Brasil.....	87

VII. CAPITULO 6: Quatro vidas, oito interpretações, infinitas possibilidades.....	89
6.1 Fernanda.....	95
6.1.1 Um grito de dor (Interpretação da entrevista de Fernanda).....	108
6.2 Andrés.....	114
6.2.1 Em fuga (Interpretação da entrevista de Andrés).....	121
6.3 Leonardo.....	127
6.3.1 “Síndrome de perigo” (Interpretação da entrevista de Leonardo).....	132
6.4 David.....	136
6.4.1 Um <i>não</i> contato (Interpretação da entrevista de David).....	151
VIII. INQUIETAÇÕES.....	157
BIBLIOGRAFIA.....	173

Apresentação

“Uma mulher deslocada pela violência assassinou ontem a facadas dois de seus filhos e depois tentou suicidar-se na população de Vistahermosa, Meta, onde a Força Pública e as FARC mantêm um duro pulso militar, informou o Comando da Polícia na localidade.

Carmenza Samudio matou as duas crianças de 5 e 9 anos de idade e causou feridas na sua filha de 6 em uma favela desta região, onde chegou em 20 de janeiro fugindo de combates entre o exército e as FARC, disse o defensor do povo Alex Zárate.

Após cometer o crime, a mulher, que morava só com os menores, tentou tirar a própria vida bebendo um veneno e introduzindo na boca uma mangueira ligada a um botijão de gás.”¹

A história de Carmenza se repete com relativa frequência na Colômbia e em outros lugares do mundo. A mídia relata estas histórias constantemente e elas me horrorizam. No entanto, este horror que em um primeiro momento é excessivo, pouco tempo depois parece evaporar-se. Não sei se sai de mim ou se gruda em algum lugar que vai dando forma a minha alma. Assim começaram a se tecer as perguntas que depois adquiriram forma de dissertação e que agora apresento como requisito acadêmico.

Sou colombiana.

Nasci em um país que tem uma história particular e que para este trabalho interessou-me sob a perspectiva do conflito armado. Morei nele minha infância, minha adolescência e minha primeira juventude. Há três anos moro no Brasil e em meio a essa distância temporal e física consegui fazer novas interpretações. Algumas delas foram ponto de partida para a elaboração deste trabalho.

No mundo cada vez mais -dadas as vertiginosas transformações sociais, evidentes não só desde os avanços meramente teóricos, mas principalmente desde os que advêm da prática, e muitas vezes como consequência de fenômenos como o do deslocamento forçado- se faz necessário reconhecer e considerar *a relação que existe entre o fazer político e as novas*

¹ Jornal “El País” online. Cali, Colômbia. Março 8 de 2006

formas de exclusão que dito fenômeno supõe. É no espaço do subjetivo que se têm configurado e continuam sendo configuradas as bases sobre o que serão as relações sociais, os encontros e desencontros com o outro, com os outros, enfim, quando há a possibilidade das práticas de cidadania.

Pretendo assim deter-me na *relação entre subjetividade e política* e justificar sua junção no contexto do conflito armado na Colômbia, à luz específica da situação do deslocamento forçado e do refúgio como situações limite do subjetivo e sob o olhar de pessoas “deslocadas” (na Colômbia) que posteriormente tornaram-se “refugiados” (no Brasil). Desse modo, a história da Colômbia será contemplada no capítulo 3, o fenômeno do “deslocamento forçado pelo conflito armado” no 4, e algumas considerações sobre o refúgio no capítulo 5.

Este trabalho é uma tentativa também de prolongar a voz (testemunho) de mulheres e homens que fazem parte da história atual da Colômbia e do Brasil e que compartilharam algo de suas histórias comigo. A interpretação das entrevistas biográficas permitiu-me uma aproximação com seu cotidiano e me proporcionou informações valiosas sobre as visões do mundo de cada um deles, ao mesmo tempo em que – talvez - as narrações tenham permitido aos entrevistados dar novos sentidos para suas vidas; para “curar-nos” todos, entendendo também que a situação da entrevista permite ao entrevistador ir e vir em suas próprias reflexões ao mesmo tempo em que escuta e acompanha a narração do entrevistado (a)². As entrevistas e suas interpretações constituem o capítulo 6.

Sobre refugiados de guerra a literatura é vasta e muitas destas elaborações têm sido conduzidas sob a liderança das Nações Unidas. Estudos e avaliações têm sido feitas por vários institutos de pesquisa como o Refugees Studies Program da Universidade de Oxford. No entanto, sobre o deslocamento interno por conflito armado, a literatura disponível é consideravelmente menor.

² “Diferente da informação, o relato não se preocupa em transmitir a pureza do acontecimento em si, este o incorpora na própria vida daquele que conta, para comunicá-lo como sua experiência ao que escuta. Dessa forma o narrador deixa nele sua marca, como a mão do artesão na jarra de argila.” BENJAMIN. Walter. “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Obras escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política*. Brasiliense São Paulo, 1993.

A bibliografia consultada sobre deslocamento forçado na Colômbia e sobre refúgio no mundo e particularmente no Brasil dá conta, em primeiro lugar, das cifras aterrorizantes e cada vez maiores com que as pessoas estão se deslocando tanto dentro como fora das fronteiras dos países. Ou seja, a maior parte dessa bibliografia tem um enfoque marcadamente quantitativo, o que não é de estranhar devido às alarmantes cifras.

Nessa bibliografia aparecem também trabalhos com metodologias qualitativas: estudos antropológicos com etnografias escritas e fotográficas descrevendo os campos de refugiados e as condições em que moram os deslocados nas periferias das grandes cidades. A sociologia, as ciências econômicas e a ciência política fazem também uma contribuição significativa esforçando-se por sugerir soluções para o “problema dos refugiados” tais como repatriação, reassentamento e integração local; buscam as causas para os fluxos de refugiados como conflitos, repressões e violação aos direitos humanos e, localizaram-nos em um lugar: solicitantes de refúgio, refugiados, migrantes, deslocados internos, apátridas e asilados. Aparecem também textos históricos que fazem referência de forma particular ao aumento da população refugiada nos países aliados ao terminar a Segunda Guerra Mundial, quando o fluxo de migrantes aumentou notavelmente e, em outros momentos em que o caráter social, religioso ou político dos movimentos migratórios tem sido considerável.

Os dados estatísticos de boa parte dessa bibliografia sustentam-se nos dados fornecidos pelo ACNUR (Alto Comisionado das Nações Unidas para os Refugiados), órgão criado em 1951 e subsidiado pela Organização das Nações Unidas, ONU, responsável pela proteção dos refugiados e pela busca de “soluções” para dito grupo.

São em menor número os trabalhos encontrados que contemplam a questão do trauma e da subjetividade com relação ao deslocamento forçado interno e ao refúgio. Nos últimos anos, no entanto, e no caso específico da Colômbia, a bibliografia, sob esta perspectiva, vem aumentando. Este trabalho pretende somar-se a esses outros que procuram evidenciar que existe uma realidade além do quantitativo e àqueles que pretendem tecer pontes entre noções e conceitos que precisam aparecer juntos mais vezes e com maior insistência.

Finalmente, apesar das metodologias de pesquisa da Ciência Política serem ferramentas básicas para a pesquisa, de alguma forma não me satisfaziam para aproximar-me e apropriar-me – da forma como eu queria - do meu trabalho. Foi então que minha orientadora me fez a proposta de trabalhar com o método autobiográfico. Desde esse momento começamos a fazer um *caminho juntas*, numa busca e aposta polifônicas. O método permitiu-me identificar algumas das origens de minhas perguntas, escutar amorosamente meu “objeto/sujeito” de pesquisa e a mim mesma, e, finalmente, dar sentido a este trabalho. Aprofundarei a questão do método no capítulo 2.

Ao terminar o trabalho, a título de conclusão, aparecerá um capítulo chamado **Inquietações**, com o qual encerro um primeiro momento desta reflexão. Neste trabalho, não há nada fechado nem definitivo, somente alguns pontos salientados que me inquietam e que talvez me indiquem caminhos para futuras indagações sobre a relação entre política e subjetividade, não só no contexto colombiano de deslocamento forçado por conflito armado, mas também em outros lugares em que a dita relação seja pertinente.

I. **Introdução:** É o traumático da ordem do político?

Ampliação (explicação) necessária

Durante a qualificação realizada um ano e meio atrás, houve um comentário que fez referência à dificuldade que ainda temos - nas Ciências Humanas- para aceitar como científico o trabalho que se faz com histórias de vida. Perguntávamo-nos até quando teremos de seguir dando explicações – entre nós mesmos - por trabalhar com o subjetivo, com a subjetividade, com o inapreensível. As palavras que seguem resultam, ainda uma vez, dessa necessidade, desse medo, dessa dificuldade que não conseguimos superar.

Da herança

Retomo o questionamento de Derrida sobre a noção de *herança, dom e filiação na vida e no trabalho do pensamento*.³ Essas noções me permitiram uma apropriação particular deste trabalho e me ajudam aqui a expor claramente um dos matizes metodológicos com que foi abordado.

Derrida refere-se à “herança”, à figura do herdeiro que muito embora tenha, de início, um lugar confortável e seguro, deve responder a uma espécie de duplo desígnio, que por sua vez é contraditório. De um lado, a necessidade de saber e reafirmar o que vem “antes de nós” - e que por esse motivo é recebido sem que possamos escolhê-lo - e de outro, tudo o que deve ser feito para “apropriar-se de um passado que no fundo sabemos, é inapropriável, seja ele de memória filosófica, seja da antecedência de uma língua, de uma cultura ou filiação em geral..”⁴

Trata-se não somente de aceitar a herança, mas de oferecê-la de outra forma e de mantê-la viva, de apropriar-se dela e reinterpretá-la, de dar-lhe sentidos, o que em conseqüência se converte em uma eleição, em uma decisão. É aí, nessa reinterpretação, que se funda a necessidade de pensar a vida a partir da herança e não o contrário. Feito desta forma, ou

³ DERRIDA, Jacques, RUDINESCO, Elisabeth. “Escolher sua herança” In: *De que amanhã... Diálogo*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2004. pp. 9-31.

⁴ Idem. Ibid. p. 12

seja, apropriando-se e reinterpretando a herança, é possível a crítica, o deslocamento de sentidos que dá lugar a transformações e esta, por sua vez, à possibilidade de que algo aconteça.

Somos, nessa medida, duplamente responsáveis: pelo que herdamos (responsabilidade previamente designada) e pelo que podemos fazer com isto, pelo rumo que damos a essa herança. “Devemos-lhe” ao que nos é dado e ao que está “por vir” de nós mesmos. É nesse momento que podemos inventar nosso próprio nome, nossa assinatura, quando retomamos, conscientes, o legado e de forma única assinamos.

É esse desígnio contraditório que optei por fazer evidente ao longo do trabalho, a tensão interna entre o que se herda e o que se elege e se transforma, pois, como diz Derrida, a herança “nos elege violentamente” e cada um de nós quem decide mantê-la viva em meio à crítica que somos chamados a fazer, em meio as desconstruções, às reconstruções, aos novos sentidos que damos inclusive aquilo que já tinha sido trabalhado antes por nós mesmos.

Além disso, isso que nos é entregue, o que é dado, é um “dom” e o “dom” corresponde a cada um, assim como a herança, única também para cada um, isto é, a assinatura, a própria voz. E “se a herança nos dá tarefas contraditórias, é que ela põe a prova nossa finitude. Somente um ser finito herda e sua finitude o obriga a isto. Obriga-o a receber o que é maior, mais antigo, mais poderoso e mais duradouro que ele. No entanto, a mesma finitude o obriga a escolher, a preferir, a sacrificar, a deixar de lado”.⁵

Esses dons são dados a todos apesar de que algumas vezes tenham sua origem no catastrófico; nesse sentido, tanto as pessoas entrevistadas quanto eu - herdeiras de pedaços de histórias em comum - escolhemos manter vivo esse legado através deste trabalho. Eles, através de suas narrações durante as entrevistas, e eu, por meio desta pesquisa, que evidencia explicitamente essa tensão: o reconhecimento, a aceitação e elaboração do herdado e a aposta para dar continuidade à vida que essa herança supõe e que se

⁵ Idem. Ibid. p. 14

fundamenta na reinterpretação tanto da “herança” em termos acadêmicos, ou seja, do material bibliográfico consultado, como das histórias das pessoas entrevistadas. Foi isso o que decidimos fazer, tanto eles como eu: manter viva nossa herança.

Nesse mesmo sentido e diante da idéia de “responsabilidade” e de que somente responde quem é “designado” assim como da idéia de que o “herdeiro” não é somente quem herda, mas quem “escolhe e que se empenha em decidir”, gostaria de citar Bauman que em seu livro “Em busca da política” de 1999 diz, sem estar se referindo à “herança” no sentido de Derrida, -sobre aquilo a que acedemos como forma de conhecimento e da escolha – responsável - que podemos fazer com esse conhecimento.

“A compreensão de que é o que faz com que as coisas sejam como são, poderia tanto impulsionar-nos a abandonar a luta como nos alentar entrar em ação. Saber como funcionam os complexos e nem sempre visíveis mecanismos sociais pode induzir a ambas as atitudes. Uma e outra vez esse conhecimento tem instado a dois usos diferentes que Pierre Bourdieu tem denominado sagazmente o uso ‘cínico’ e o uso ‘clínico’. Pode ser usado ‘cincicamente’ da seguinte forma: já que o mundo é como é, pensarei uma estratégia que me permita explorar suas regras para meu proveito, sem considerar se é justo ou injusto, agradável ou não. Quando se usa ‘clincicamente’, esse mesmo conhecimento pode ajudar-nos a combater mais efetivamente tudo aquilo que consideramos incorreto, daninho ou nocivo para nosso sentido moral. Em si mesmo, o conhecimento não determina o modo como é utilizado. Em última instância, a eleição é nossa. Não obstante, sem esse conhecimento nem sequer existe a possibilidade de eleição. Dispondo dele, os homens e as mulheres livres têm ao menos uma oportunidade de exercer sua liberdade”.⁶

A “herança” (que contém conhecimentos) está dada, nos precede e nos elege, depois disso somos nós que escolhemos o quê fazer com ela. A herança transformada, dotada de vida, torna-se texto. A história violenta da Colômbia é minha herança; acolhendo-a a reinterpreto para pôr nela minha assinatura, minha própria voz.

⁶ BAUMAN, Zygmunt. “Introducción” In: *En Busca de la Política*. Fondo de Cultura Económica, México, 2002. p.10.

Trauma e modernidade

O pensamento (social e filosófico) “moderno” sempre contou com críticos que vão desde J. Bataille, passando por G. Deleuze, F. Guatari, A. Negri, M. Foucault, J. Derrida, entre outros, até Z. Bauman, E. Said e S. Zizek. Todos eles, de uma forma ou de outra questionaram e questionam ainda hoje, através dos “herdeiros” de suas idéias, o paradigma da modernidade. A partir de profundas mudanças ocorridas nas últimas décadas, emergiram discursos que ao questionarem tal paradigma, valeram-se da psicanálise –esta influência não nos passou despercebida-.

Para pensar a junção entre trauma e modernidade baseio-me em dois autores, psicanalistas e brasileiros, a fim de dar a esta reflexão um matiz que delimite um pouco meu olhar: Luis Cláudio FIGUEIREDO e Marisa MAIA. Eles também se baseiam em alguns dos autores citados acima, entre outros.

FIGUEIREDO⁷, retomando Bauman em seu livro *Modernidade e Ambivalência* (1999), diz: “o fracasso reiterado da tarefa moderna, a convivência inevitável com seus produtos involuntários e indomáveis –o ambíguo, o contingente e as ambivalências- em uma era marcada pela inflação de vontade e do empenho de domínio, clareza e distinção, fazem da Idade Moderna uma época extremamente exposta ao traumático; ou seja, os fracassos inevitáveis da razão e da língua (e de outros procedimentos de ordenação) nos encontros com as ambivalências modernas estão nas raízes do traumático como *regime de vida*; passa-se assim, de uma consideração dos “eventos traumáticos” aos “traumas cumulativos” (Khan 1963)⁸ e, mais ainda, aos traumas crônicos e recorrentes que pertencem a um dado projeto de mundo (no sentido heideggeriano do termo), o *mundo moderno*.”

Para MAIA, que se fundamenta em Latour e Bauman, “(...) a configuração traumática na atualidade se deve ao estrangulamento, na pós-modernidade, do paradigma que regeu a

⁷ FIGUEIREDO, Luis Cláudio. “Modernidade, Trauma e Dissociação: A questão do sentido hoje”. In: *Psicanálise, Elementos para uma Clínica Contemporânea*. Escuta. São Paulo, 2003. P.13

⁸ KHAN, M. M. (1963) “O conceito de trauma cumulativo”. In: *Psicanálise: teoria, técnica e casos clínicos*. Trad. Gloria Vaz. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984. Citado por FIGUEIREDO. Idem. Ibid.

modernidade.”⁹ Ao mesmo tempo faz referência a uma série de eventos que marcaram e predeterminaram a forma como o mundo seria visto a partir de então: “Quando Habermas escreve que Auschwitz “mudou as bases para a continuidade das condições de vida na história” talvez tivesse em mente que as construções de sentido e as redes de significações teriam de tomar rumos diferentes depois de tamanha catástrofe.”¹⁰

FIGUEIREDO continua: “Para que essa conexão (entre trauma e modernidade) não fique muito obscura, convém recordar que o *traumático*, ou *catastrófico* (o campo das frações e dos fractais), é definido, na psicanálise e fora dela, como o que diz respeito ao que escapa e contraria, destroça e instiga os poderes da ordem (os poderes *tout court*, pois todo poder é poder de ordenar); nessa medida, o pático e o afetivo (as “paixões da alma”) definem o traumático por excelência.”¹¹

E, as paixões, como sabemos, foram excluídas do ideal moderno, da proposta cartesiana. Nela não havia lugar para o afeto já que este simplesmente é da ordem do ambivalente. O afetivo foi obscurecido ou simplesmente apagado para que a ordem proposta e desejada fosse até certo ponto alcançada.

Cito ainda FIGUEIREDO: “(...) nessa medida, expandindo um pouco a proposta cartesiana, podemos reconhecer no traumático a figura exemplar da paixão; o trauma é o momento privilegiado da inversão de papéis, o sujeito é repentinamente apassivado pelo impacto de um objeto cujo dinamismo excede em muito a sua capacidade de enfrentamento e domínio (prático ou simbólico); no trauma, *a vontade* do sujeito é submetida à sua *sensibilidade*, aos seus *afetos*; se a linguagem dos afetos padece sempre da equivocidade, para se falar o trauma não há, rigorosamente, linguagem alguma disponível.”¹²

Ainda com relação ao trauma, convém salientar que mesmo que existam várias formas de problematizá-lo, essas possibilidades viriam de duas perspectivas -“origem”>: o **excesso de**

⁹ MAIA. Shargel Marisa. “Introdução” In: *Extremos da Alma*. Garamond Universitária. Rio de Janeiro. 2004. p. 21

¹⁰ Ídem. *Ibíd.* p. 22

¹¹ FIGUEIREDO. L. C. *Op. Cit.* p. 14.

¹² FIGUEIREDO. L.C.*Op.Cit.* p. 5

sentido (Freud) e o **desmentido** (Ferenczi). Freud, diz MAIA “na virada dos anos vinte, buscando uma melhor compreensão sobre as neuroses e sonhos traumáticos, redefinirá o trauma, passando a entendê-lo como uma experiência que traz ao psiquismo, num curto período de tempo, *um incremento de intensidades grandes demais para ser absorvido*. O transbordamento pulsional, próprio das experiências traumáticas, fará com que o sujeito busque soluções psíquicas possíveis: o traumático dói e angustia, e o sujeito terá que procurar formas para dar uma contenção a essa dor.”¹³

Ferenczi, diz FIGUEIREDO, “Além de acentuar, tal como Freud, a dimensão do impacto e da surpresa, acrescenta outra, a dimensão “social”. Refiro-me às idéias da “confusão das línguas” e do desmentido: *o traumático não residiria apenas no abuso e na violência cometida contra a criança, mas na recusa (por incapacidade ou má-fé) por parte do mundo adulto em reconhecer e acolher o episódio, que é assim desautorizado.*”¹⁴

Para o caso que nos interessa: o deslocamento forçado interno por conflito armado e a situação de “Refúgio”, o trauma pareceria configurar-se ao mesmo tempo a partir dessas duas possibilidades: como “excesso de sentido” e como “desmentido”. Ao longo dos testemunhos das pessoas entrevistadas, será possível ler de um lado a saturação de eventos violentos e de outro, um silêncio, certa conformidade (talvez um “costume” conseqüente de tal saturação) que desmente a situação como fato traumático.

Ora, na história da Colômbia, na história recente da Colômbia, essa convergência entre Modernidade e o traumático – que é da ordem do “cumulativo” - ganha um particular colorido. Colorido violento. Por isso o testemunho -que não é da ordem do cognitivo e que lida com a insuficiência mesmo da linguagem; quero dizer com o fracasso da razão e da língua- torna-se um instrumento muito importante neste trabalho e na pesquisa social.

¹³ MAIA. Op. Cit. p. 22

¹⁴ FIGUEIREDO, Op. Cit. p. 20

Testemunho, Trauma, Linguagem e crise

“Arrebatado por dois desejos contraditórios e simultâneos, falar ou não falar, consigo apenas gaguejar.”¹⁵

Vamos fazer um testemunho. As razões são basicamente duas: estamos, como afirmam Adorno, FELMAN, Hobsdawn¹⁶, entre outros, em uma “era de catástrofes”¹⁷ e os traumas demandam testemunhos. As marcas que ficam na memória – apesar de intermitentes e confusas, algumas vezes - deixam que o passado retorne nem sempre como traumático ou reparador, mas como uma opção para não fazer eterno e natural o silêncio que caracteriza a injustiça e a tirania. O testemunho dá voz, torna real aquilo que aconteceu, apesar do perigo da traição ao qual nos submete a memória, sempre difusa.

Trata-se de resgatar testemunhos de eventos contemporâneos que, registrados de múltiplas formas, raramente coletam as versões das próprias testemunhas, aqueles que viveram “na carne” tais situações. Nossa intenção é apostar na polifonia, na diversificação das vozes e testemunhos sem situá-las valorativamente.

Colômbia é só mais um dos lugares em que hoje em dia acontece um conflito armado com graves conseqüências em termos migratórios. Quero com isso dizer que não considero o caso da Colômbia como isolado ou diferente de outros lugares muito embora tenha uma história própria e um conflito que se desenvolve com características específicas; em termos globais, todavia, a situação da Colômbia e dos colombianos deslocados internos e refugiados, não é exceção. A história particular da Colômbia será descrita no capítulo três fazendo um recorte basicamente dos eventos violentos ocorridos durante o último século.

Atualmente (considerando a última década) acontecem conflitos deste tipo em mais de 40 países, entre eles na República Democrática do Congo, Ruanda, Burundi, Sudão, Argélia e

¹⁵ Testemunho de um aluno de FELMAN após o processo de uma aula. Ver FELMAN. Shoshana. “Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar”. In: *Catástrofe e Representação*. Escuta. São Paulo, 2000. p. 70

¹⁶ Netrovski, Arthur e Seligmann-Silva, Márcio. Organizadores. “Apresentação” Idem. p. 9

¹⁷ “Não é preciso passar por uma catástrofe, no sentido geológico, biológico, ou histórico, para conhecer as contingências traumáticas da experiência, como se representa em obras e textos fundamentais do presente”. Idem. *Ibid.* p. 7

Chechenia. Entre os agenciados pelos Estados Unidos, estão Iraque, em 1991 e em 2003; Iugoslávia, em 1991, 1995 e 2000 e Afeganistão, em 2001¹⁸. Sem contar aqueles que estão em processos de reparação como El Salvador, Guatemala, Haiti, Bósnia, Kosovo e Moçambique.

Assassinatos, genocídios, terrorismo e massivos e graves atentados aos direitos humanos são perpetuados diariamente produzindo deslocamentos humanos em quantidades alarmantes; e o que é pior, tudo indica que conflitos como os sucedidos na última década vão continuar acontecendo, ao mesmo tempo em que se percebe um retraimento geral dos estados mais fortes com relação às contribuições para os processos de reconstrução e intervenções nas diferentes fases que apresentam as crises, assim sejam emergências humanitárias ou ações de cooperação ao desenvolvimento.

Como dizia, apropriei-me da minha herança, da história que me precede e que decidi aceitar e fui dando-lhe forma, fazendo conexões entre minha própria história e a dos meus entrevistados/as ao mesmo tempo em que a contextualizava no processo histórico mundial. Convenci-me que o testemunho é talvez uma das opções que temos para dar continuidade ao processo de reparação que já começou há muito tempo em diferentes lugares onde estes conflitos acontecem; que é uma forma de cura não somente social, mas individual, íntima, ou melhor, que quando se cura ali, nessa origem que parece mínima, insignificante, essa cura impacta a estrutura maior à qual pertence: *um todo* que nos precede e que também será legado às futuras gerações.

É essa, então, uma das razões pelas quais o testemunho toma força neste trabalho, pela singularidade narrativa, porque somente quem tem a experiência pode narrá-la e de forma única. Porque o testemunho está ligado ao trauma e este, por sua vez, à linguagem, à sua insuficiência. O trauma, como sabemos, está tão dotado de sentidos que a linguagem, como única ferramenta que dispomos para aceder a ele, resulta ineficiente, daí o direito que me dou para recorrer neste trabalho a uma narrativa mais metafórica e poética. Cito FELMAN: “No testemunho, a linguagem está *em processo e em julgamento*, ela não possui a si mesma

¹⁸ AGUIRRE. Mariano. “El contexto de los conflictos y la reconstrucción”. *Informe UNESCO*, 2001.

como uma conclusão, como constatação de um veredicto ou como saber em si transparente. O testemunho é, em outras palavras, uma *prática discursiva*, em oposição à pura teoria. Depor – prestar juramento de contar, prometer e produzir seu próprio discurso como evidência material da verdade - é realizar um *ato de fala*, ao invés de simplesmente formular um enunciado. Como um ato de fala performático, o testemunho volta-se para aquilo que, na história, é *ação que excede qualquer significado substancializado*, para o que, no acontecer, é *impacto* que explode dinamicamente qualquer reificação conceitual e delimitação constativa.”¹⁹.

Para quem testemunha –eu e meus entrevistados- a linguagem é o que nos resta. Cito FELMAN: “Ao alcance, perto e não perdida, permaneceu no meio das perdas esta única coisa: a linguagem. / Isso, a linguagem não foi perdida, mas permaneceu, sim, apesar de tudo. Porém, ela teve de passar por um tornar-se mudo aterrador, passar pelas mil escuridões dos discursos que trazem a morte. Ela passou e não emitiu qualquer palavra sobre o que estava acontecendo, mas ela passou por esses acontecimentos. Passou por eles e pôde chegar à luz do dia outra vez, “enriquecida” por isso. (Bremen Address).”²⁰

Também apostamos no pedagógico, apostamos na pergunta anunciada por Shoshana FELMAN: Qual a relação entre trauma e pedagogia? Depois de toda a história que nos precede, dos eventos catastróficos do século passado e com os que ele iniciou, haveria algo por descobrir na forma como abordamos não somente a pesquisa, mas a educação?

FELMAN aponta a possibilidade de que, assim como a psicanálise e outras disciplinas que procuram o bem-estar da humanidade através da coleta de testemunhos de seus pacientes, talvez os educadores também possam ser convidados a pensar as conexões entre testemunho e literatura por exemplo, ou entre esta e a psicanálise e que talvez isso possa se transformar em outra forma de pedagogia que poderia ser colocada em prática na sala de aula²¹.

¹⁹ FELMAN.S. Op.Cit. p. 18. Grifos meus.

²⁰ FELMAN.S. Idem. Ibid. p. 63

²¹ “Em um século pós-traumático o quê o testemunho nos pode ensinar, não apenas nos campos do direito, da medicina, da história, que o usa rotineiramente em sua prática diária, mas nos campos mais vastos *de interação entre o clínico e o histórico, entre o literário e o pedagógico?*” Idem. Ibid. p.14

Como Derrida, FELMAN sugere que existe um “designado”, a mesma figura que em Derrida escolhe ser “herdeiro”. Ela diz: “Testemunhar é agüentar a solidão de uma responsabilidade e agüentar a responsabilidade, justamente, desta solidão.” Ninguém pode dar o testemunho que outro daria, “ninguém pode depor pela testemunha”, diz FELMAN, citando o poeta Paul Celan. Essa solidão, no entanto, quebra-se no momento em que a testemunha é chamada a dar seu testemunho, no momento em que é convidado a quebrar o silêncio e a contar aos outros isso que viveu, o que sente e o que pensa; isso que para quem narra não parece traumático porque no início, tanto o corpo como a alma têm “resistido”.²²

O que se atesta, o que se narra, vai além do sujeito que aceita seu desígnio e o cumpre. A narração o transcende, o supera, encarna-se nesse *todo* maior que o contém. A narração é veículo de algo mais que não é dito, somente sugerido. É motor, como o foi evidentemente neste trabalho, motor de devaneios e suposições teóricas e vitais. A narração dinamiza o conhecimento em várias de suas possibilidades. E este tempo, sobrecarregado como está de traumas, clama por testemunhas e por testemunhos.

Os trabalhos contemporâneos, tanto no campo teórico como no artístico, estão precedidos pelos acontecimentos traumáticos da história. As guerras mundiais, o Holocausto, Hiroshima, Bósnia, Ruanda, o 11 de setembro²³, o avanço armamentista em alguns países em nome da luta contra o terrorismo, são apenas exemplos do que para muitos (filhos da modernidade) torna-se não somente um matiz, mas um condicionante que predetermina o conteúdo de poemas, músicas, teorias, filmes, pinturas, etc. É neles que o testemunho é usado como recurso narrativo, como fonte de dados, como forma.

FELMAN explica que o testemunho é uma forma que escapa ao “plenamente cognitivo” e tanto este como o trauma estaria fora de nossos marcos de referência, daí que o testemunho não ofereça um discurso completo e total do acontecido. O testemunho seria, então, um discurso que começa e termina e, no entanto, é aberto, suscetível sempre a novas

²² Uso o termo em dois sentidos: como a capacidade de tolerar, agüentar ou sofrer e como a oposição à ação violenta de uma força ou coisa

²³ MAIA. M. Op. Cit. p. 22

interpretações. É por isso também que desborda os sentidos e nossa capacidade interpretativa, transcende o intelecto, a plena cognição.

Vale dizer que o processo de elaboração deste trabalho não foi simples na medida em que, enquanto lia e me confrontava não somente com a história de Colômbia, mas com minha própria trajetória de vida e, mais adiante, com as das pessoas entrevistadas, entrava e saía de pequenas crises. Elas, as crises, foram constitutivas e se inserem no tecido mesmo da minha escrita. E, então, faço minhas as proposições de Felman, nelas, a pedagogia e o ensino fazem um paralelo com a psicanálise:

“Na era do Holocausto, de Hiroshima, do Vietnã –na idade do testemunho- eu aventuraria dizer que o ensinar deve, por sua vez, depor, fazer algo *acontecer*, e não apenas transmitir um conhecimento passivo, passar adiante informações preconcebidas, substancializadas, das quais se acredita saber de antemão, ou seja, ser (exclusivamente) algo *dado*. /Há um paralelo entre este tipo de ensino (em sua dependência do processo testemunhal) e a psicanálise (em sua dependência do processo psicanalítico), à medida que tanto este ensino quanto a psicanálise têm, precisamente, de *passar por uma crise*. Dos dois é exigido que sejam *performáticos* e não apenas *cognitivos*, à medida que ambos lutam por reproduzir, e possibilitar, uma *mudança*. Tanto este tipo de ensino quanto a psicanálise não estão simplesmente interessados em novas informações, mas principalmente na capacidade de seus receptores de se *transformarem* em função da novidade daquela informação. / Na idade do testemunho e diante da história contemporânea, quero que meus estudantes sejam capazes de receber informações que sejam *dissonantes*, e não apenas congruentes com tudo o que tinham aprendido antes. O ensino baseado em testemunhos estimula a capacidade de depor algo que possa ser surpreendente e cognitivamente dissonante. A surpresa implica a crise. O testemunho não é autêntico sem essa crise, que tem de, precisamente, quebrar e reavaliar categorias e pontos de referência precedentes. “O poema”, escreve Celan (1978), “o poema afirma-se à margem de si próprio”. Em uma era pós-traumática eu sugeriria que o ensinar deveria igualmente tomar sua posição à margem de si próprio, à margem de sua concepção convencional”.²⁴

O método escolhido e as circunstâncias deram rumo ao trabalho e surpreendentemente os textos foram deixando de ser somente teoria para converterem-se evento de vida: “da própria vida como perpétua necessidade – e condição perpétua - de um aprendizado que, de fato, nunca pode terminar.”²⁵

²⁴ FELMAN. S. Op.cit. pp. 67 - 68

²⁵ Idem. Ibid. p. 69

Uma eleição crucial: o método

Foi a partir dos testemunhos coletados que apareceu o trauma como eixo articulador e direcionador deste trabalho, e foi também, em função disso, que minha orientadora e eu escolhemos o *método autobiográfico* como ferramenta fundamental para sua elaboração. Por isso consegui me reconhecer como um sujeito deste tempo, atravessada também, como as pessoas entrevistadas, por uma série de eventos -alguns traumáticos- que me deram uma determinada forma. O método me permitiu “sair” um pouco de meus marcos de referência consciente e fazer incursões por minhas memórias, algumas voluntárias outras involuntárias e, então, insinuar uma passagem para um outro lugar psíquico. Esse novo lugar coincide com a narrativa que apresento neste trabalho e que ofereço aos meus leitores.

Baseando-me principalmente nas reflexões de MARONI²⁶, iniciei este trabalho com uma nova perspectiva sobre os conceitos de subjetividade e objetividade. A pergunta pela “legitimidade” da subjetividade apareceu várias vezes, especialmente vinda de colegas que questionam o valor *científico* de um trabalho deste tipo. O que pode existir de científico nas histórias de vida de alguns poucos deslocados refugiados? Qual é a contribuição para a *ciência* que pode ser extraída de traumas e tragédias pessoais? No capítulo dois ensaiamos algumas dessas respostas ao expor o método autobiográfico.

Concordamos com FELMAN quando afirma que o testemunho é fundamental porque contemporaneamente precisamos de novo “fazer a verdade” (pois esta está, em crise). Da mesma forma MARONI se pergunta “como no país de Descartes o mundo interno –o da subjetividade- e o da realidade externa (social e política) podem estar entrecruzados o tempo todo?”

Diz MARONI: “A objetividade possível de ser conquistada –e ela deve ser conquistada- é aquela que reconhece a subjetividade como momento primeiro da pesquisa científica.”²⁷

²⁶ MARONI. Amnérís. “A ‘Escuta Poética’ do Social” In: *E por que não? Tecendo outras possibilidades interpretativas* –no prelo-, e “Psicanálise e Ciências Sociais: Tecendo Novos Caminhos de pesquisa”. In: *Jornal de Psicanálise* – Instituto de Psicanálise ‘Durval Macondes’ da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. v. 39. n.71, março-abril/2007 –no prelo.

²⁷ MARONI. A. “Psicanálise e Ciências Sociais: Tecendo Novos Caminhos de pesquisa”. Ibid.

Qual era, para mim, esse “primeiro momento” do qual eu deveria apropriar-me para dar passagem a outras descobertas? Juntaram-se então “herança”, “desígnio” e “pergunta sem resposta”.

A princípio, quando iniciei a pesquisa em 2005, tinha me perguntado pela “mobilização política” dos refugiados. Supunha que em função dos grandes traumas e movimentos migratórios involuntários a possibilidade da ação política diminuía e, conseqüentemente, produzia-se social e politicamente uma grande desarticulação. Ou seja, no início da pesquisa não existia realmente uma pergunta, mas uma suspeita – quase certeza - que precisava ser confirmada.

O método autobiográfico tirou me de essa forma tradicional de fazer pesquisa. Desisti então da pretensão, algo maniqueísta, de fazer com que meu “objeto” de estudo respondesse o que eu queria ouvir. Foi por esse motivo que parti para a “escuta” através de testemunhos e, paulatinamente, fui descobrindo que o trauma, a tragédia, a catástrofe, são capazes de ter desdobramentos, entre eles, essa passividade (patológica) que eu já suspeitava – refiro-me à desmobilização política- mas também encontrei processos criativos insuspeitos.²⁸

Meu desejo tem avançado nessa direção mais imprevisível das narrativas e, com isso, desisti do caminho seguro, sem riscos e sem surpresas do método mais tradicional de fazer pesquisa. Desisti do método científico e de sua busca de verdades absolutas e universalizantes e me aventurei no desafio autobiográfico. Digo “desafio” porque a aventura de conhecer-se a si mesmo implica descobertas nem sempre fáceis de enfrentar. A “herança” às vezes é uma carga bastante pesada e o “desígnio” implica responsabilidades que nem sempre queremos assumir. No entanto, sinto-me com um “ar” muito mais *científico* depois de compreender que qualquer descoberta “objetiva” a qual eu chegue, tem origem – sem nenhuma dúvida - em minha subjetividade, que é uma espécie de amálgama

²⁸ “Em seus aspectos positivos, diríamos que a afetação traumática pode modificar nossa forma de ser e de estar no mundo –na medida em que afeta as estruturas vigentes, desestabiliza os códigos lingüísticos operantes, e pode provocar desdobramentos de sentidos e significações para o indivíduo ou para a coletividade. Já em seus aspectos negativos, o evento traumático pode trazer um efeito paralisante dos processos de simbolização. O destino do impacto traumático, ser subjetivante ou aniquilador, dependerá de uma série complementar que implica, de um lado, as possibilidades subjetivas daquele que viveu o excesso traumático e de outro, a sustentação conferida pela rede sociocultural” MAIA. M. Op.cit. p. 23

entre o que herdei e minha história pessoal. É isso que me permite falar com minha própria voz, assinar meu próprio nome.

O método permite evidenciar isso, uma clara articulação entre a história pessoal e o social. Essa articulação procuro compreendê-la a partir das entrevistas feitas e do método que, neste caso, não pretende saber o que os entrevistados pensam sobre os destinos sociais e políticos da Colômbia, mas tenta compreender o significado que os entrevistados dão para sua construção de mundo; e isso, claro, está cheio de emoções difíceis de aprender através da linguagem. No entanto, a linguagem, que foi “tudo o que sobrou”, como diz FELMAN, e que é a ferramenta de que dispomos para comunicar-nos, em meio de sua insuficiência, de sua inadequação, de sua carência, permanece apesar de tudo, e de alguma forma sobrevive para contar o que aconteceu.

Testemunhar permite uma apropriação do vivido e a partir daí uma possível transformação destinada a reinterpretar os acontecimentos. Isto se produz quando há uma relativa distância da situação (no tempo e espaço). E assim depois de passar pela sensação de fazer parte de uma massa amorfa, sem nome; “testemunhar é, precisamente, engajar-se no processo de *reencontrar seu nome próprio, sua assinatura.*”²⁹

Este método não permite generalizações, mas a construção de um retrato, de um mosaico que começa e termina em si mesmo e que, no entanto, permite múltiplas interpretações. Como diz FELMAN, “Um testemunho de vida não é simplesmente um testemunho sobre uma vida privada, mas um ponto de fusão entre texto e vida”. Os testemunhos fazem parte de algo maior que eles mesmos, de um todo que sucede e que se apresenta de forma particular na pele (corpo) e sob as palavras de quem narra. Os testemunhos falam de um momento histórico, de um lugar específico. Os aqui contidos, entre eles o meu, são umas das múltiplas interpretações que, sobre um dos múltiplos conflitos que atualmente acontecem no mundo, podem ser feitas. Cada um deles ou o trabalho no conjunto pode ser reinterpretado e dotado de novos sentidos pelos que se animem a ler não só o corpo teórico,

²⁹ FELMAN.S. Op.cit. p. 65

ou a interpretação dos relatos, mas os relatos mesmos. Porque quem lê, herdeiro como é de outras histórias e de outros saberes, com certeza fará outra interpretação diferente da nossa.

II. CAPITULO 1: Deslocamentos internos (Minha narrativa)

“Debo admitir que me hubiera gustado tener un pensamiento veloz como el vuelo de un águila que desde lo alto se arrojara sobre su presa. Pero no. Me parezco más a una tortuga o a un ciempiés. Por eso soy mala para las mesas redondas. Antes de que tome el pensamiento de otro, lo considere, pese sus pros y sus contras, sus posibilidades de verdad o de error, ya se pasó a otro tema. Llego con retraso y el tren ya partió.

Tardo en pensar. Sí, mucho me hubiera gustado un pensamiento veloz y no esta manera que me tocó en suerte, de recorridos lentos, funcionando por agregados, rectificaciones, dudas. A veces termino hoy lo que comencé a pensar veinte años antes. Y nunca sé si mañana con la casa terminada, lista para habitar, no abriré huecos en sus paredes “a la costumbre de la duda” para romper el engreimiento y la serenidad de lo seguro.”

Griselda Gambaro, Escritos inocentes, 1999

... Demorei muito para começar escrever esta história. Na verdade sempre tardo para começar escrever, para começar qualquer coisa. Concluo que é uma forma de medo, medo daquele que sinto em espaços acadêmicos e que tenho sentido com mais intensidade aqui na UNICAMP, aqui no Brasil, longe das minhas outras histórias, de mim mesma em outro tempo. O medo vem da sensação de não compreender todo, de achar que aquilo que sei ficaria melhor em outro lugar, tal vez outro que não a ciência política.

Um belo dia alguém me indica quem pode me orientar, outro, alguém diz que tem uma disciplina que posso fazer. E por aí começa esta história, pela metade, porque tem um antes e com certeza terá um depois. Na metade, uma dupla de sentimentos: admiração e ternura. Tenho certeza de que eles fazem parte deste texto, de minha história e de minha pesquisa, por isso trago-os à tona. É a ternura e a admiração que a Amnérís me inspira o que me faz iniciar este texto e o que me anima continuar na procura vital que se fantasia de academia e profissão. É o que ela me passa nas aulas que tira um pouco meu medo, não que ele não exista mais, mas porque com o tempo tem-se tornado menos importante, porque embora dificulte um pouco minha procura, faz parte de mim. A diferença –acredito- é que começo entendê-lo, ele me desafia.

Assim, com ele nas costas, enfrento minha vida neste tempo que pretende acadêmico; minha pesquisa cheia de violências, mortes, vontade de justiça e, claro, medos; e este texto inicial que parece simples porque vem de mim, complexo pela mesma razão, por tudo o que me desconheço e tudo o que me sei, nasce como ponto de partida, embora saiba que ao final será só a primeira parte de um lugar a que pouco a pouco chego: eu mesma.

Isto que se segue - partes da minha história pessoal - talvez não seja interessante, mas sem dúvida constitui-se no início desta outra história que é minha pesquisa, por isso retomo-o. Porque neste novo aprendizado consigo entender, muito melhor do que antes, que cada evento que se vive vai sendo suporte de outras histórias futuras, dessa que é a história da minha vida, contexto de minha pesquisa.

Fui então até o passado, aquele da minha vida, tentando procurar as razões pelas quais hoje me enfrento com o deslocamento forçado como fenômeno na Colômbia, como essa tragédia íntima que, segundo meu olhar, vai se constituindo numa catástrofe em termos não só sociais, mas também políticos.

Também porque meu trabalho é principalmente um trabalho de testemunhos e o meu também faz parte da pesquisa, não porque ele seja mais importante, mas porque é o motor que movimenta minha busca. Reconheço, contudo, que ao mesmo tempo em que ele tenta ser claro e transparente, mergulha na inevitável opacidade que somos.

Com meu trabalho dou testemunho não só de mim enquanto sujeito deste tempo, desafiada e interessada por estas experiências e situações, mas também como parte da academia em que é possível pensar, debater e propor esses temas como algo importante, não só em termos acadêmicos, mas também humanos - no sentido de pensar a vida subjetiva como fator influente do político.

Minhas perguntas para esse texto inicial foram: O que me leva a me preocupar com a violência na Colômbia? O que dessa história de violência faz parte de mim? Por que pessoas deslocadas na Colômbia e no mundo me doem?

a. Motivos distantes

As pequenas histórias que seguem podem ser lidas como fotos, postais ou videoclipes. Cada uma delas é um fragmento dos muitos que sou e que retomo para pensar e contar a Colômbia através dos meus sentidos.

1.1.1 Um avô, uma avó, e uma tia de alguma esquerda...

Ele chamava-se Carlos Arturo Corrales, era sapateiro e como muitos era de esquerda. A expressão “de esquerda” nunca foi muito clara para mim, só sabia que era um dos lados e que era o melhor. Conheceu minha avó numa reunião de sindicatos. Ela chamava-se Floralba Duran, era operária de uma fábrica de tecidos e pertencia ao sindicato de dita empresa. Blanca Ruth, sua filha mais velha, também era operária em outra fábrica de fios e membro do sindicato. Criei-me junto com meu irmão na casa deles e, junto com minha mãe e meu pai, que não pertenciam a sindicatos, educaram-nos do seu jeito de esquerda não-ativista (algo assim como católicos não-praticantes).

Mesmo assim, não compreendo muito bem porque nossa formação foi tão fraca em termos políticos, tendo a família que tínhamos. No cotidiano, para nossa sorte, reproduziam-se seus ideais políticos e sociais. Isso me consola, embora não deixe agora, depois da morte do meu avô, minha avó e minha tia, de lamentar a pouca comunicação sobre assuntos políticos e sociais que tivemos.

Na minha casa sempre tínhamos comida para as pessoas que batiam na porta. Vi muitas vezes minha avó e minha tia chorarem por pessoas da rua que procuravam comida no lixo.

Lembro um dia que minha tia levou para casa uma menina que achou na rodoviária; convidou-a para comer junto conosco e essa sensação de estranhamento misturada com alegria e alguma outra coisa que agora interpreto como solidariedade, fixou-se em mim até hoje. Acho que entendi isso de que “*sempre temos de ajudar os outros*”. Esses outros sempre, diante de meus olhos de criança, eram *outros* pobres. *Outros* esfarrapados, *outros* negros ou pardos, *outros* magros, *outros* sujos, *outros* com sacolas de lixo nas costas, sedentos, com fome.³⁰

Um dia, na metade dos anos 80, quando o Movimento guerrilheiro M19 ainda existia, perto de nossa casa, num morro em que havia uma favela chamada Siloé, aconteceu um confronto entre essa guerrilha e o exército. Houve tiros. Fora da casa se ouviam pessoas correndo e gritando. Lembro que minha tia abriu a porta para que algumas pessoas entrassem e se escondessem na nossa casa por poucas horas. Meu irmão e eu, que éramos crianças, fomos colocados num quarto. Logo eles foram embora e pronto. Não lembro de mais nada, foi um acontecimento do qual nunca se falou.

Hoje, 20 anos depois, sei que as pessoas que entraram naquele dia na minha casa eram guerrilheiros, todos eles muito novos; hoje lembro que naquela época eu entendi que eles estavam do lado “dos bons” e isso foi fundamental, mesmo que eles ficassem em silêncio. Silêncio que hoje entendo como proteção. Num país como a Colômbia como em outros da América Latina e do resto do mundo - ser de “esquerda”, tem sido mal visto... Pelo menos em alguns círculos sociais. Suponho que por isso, os nossos círculos sociais, aos que tínhamos acesso nos colégios nos quais estudávamos (católicos, de classe média, média-alta) e os de meus pais, não eram espaços para falar de algumas coisas. Não porque eles fossem de direita, mas porque depois, com o tempo, as guerrilhas e a esquerda, adquiriram formas tão inapreensíveis à razão das pessoas comuns (como nós) que era melhor não falar delas em público.

A sapataria de meu avô ficava na garagem da nossa casa. Algumas tardes, quando chegava do colégio, sentava-me ali e, no meio de conversações com seus amigos sobre a situação do

³⁰ Quero dizer também que a pobreza nas ruas fazia parte da paisagem cotidiana, era normal ver pessoas pedindo esmola, catando lixo. Hoje em dia o número de pessoas nas ruas é alarmantemente maior.

país, via-o colocar as solas dos sapatos, costurar os forros, as palmilhas, via como umedecia uma pedra para lustrar as bordas dos sapatos depois de pintados; via como contra o peito colocava um pedaço grosso de couro e com uma faca muito afiada ia dando forma de sola... Às vezes cortava-se um dedo, ah! Como eram profundas essas feridas!

Mas nenhuma delas tão profunda quanto as histórias que muitas vezes me contou. Uma delas, com certeza, marcou-me desde criança. Quando nasceram ele e seu irmão gêmeo, na zona rural da Colômbia, perto de uma cidade pequena chamada Aranzazu, seu pai foi procurar na cidade um padre que os batizasse, mas nunca chegou a seu destino porque, na metade do caminho, os “conservadores” - o partido político colombiano de direita - apareceram e assassinaram-no a facadas. Não era justamente aquela época conhecida na Colômbia como “La Violencia”, mas sem dúvida, em começos do século XX, a violência entre liberais e conservadores já ganhava um número importante de vítimas e seu pai foi uma delas, depois chegou a Frente Nacional, que eles, os meus avós, vivenciaram.

“!Quanta tinta não tem andado por este país nesses duzentos anos em constituições e plebiscitos, em ordenanças e decretos e leis! Quase tanto como sangue. Mas para quê? Para estar onde estamos? Pulo as guerras civis para chegar logo ao presente. Pulo as muitas do século passado e de começos deste, mas não aquela da metade deste, porque essa eu conheço desde criança, a guerra não declarada no campo entre conservadores e liberais, a da faca, uma faca de dois gumes, por um lado conservador e por outro liberal, mas só e único cortador de cabeças. Quando vai chegar a hora em que as palavras” conservador “e” liberal” sejam entendidas aqui como o que são, os nomes da infâmia? Teremos que esperar os historiadores do ano três mil para que a etiqueta da infâmia seja colocada por eles em quem a ganhou? Ou nós teremos a capacidade de colocá-la por fim? E para que não digam que sou um caluniador e que estou pondo em quem não devo os qualificativos que não devo, e que num congresso de escritores, e justamente o primeiro que se celebra na Colômbia, estou usando mal as palavras, vou lembrar-lhes uns nomes: El Dovio, Fresno, Irra, Salento, Armerio, La Línea, Letras, Icononzo, Supía, Anserma, Cajamarca, El Águila, Falán. O genocídio de El Dovio, o genocídio de Fresno, o genocídio de Irra, o genocídio de Salento, o genocídio de Armero, o genocídio de La Línea, o genocídio de Letras, o genocídio de Icononzo, o genocídio de Supía, o genocídio de Anserma, o genocídio de Cajamarca, o genocídio de El Águila, o genocídio de Falán. O quê? Nunca ocorreram? Centenas de camponeses decapitados, deitados em fila pelo chão com as cabeças arrancadas oferecidas por mãos caridosas aos corpos ao Deus dará! O quê! Colômbia já os esqueceu? É que com tantos mortos entrou o mal do esquecimento e apagou a história? Não para mim. Pois esses genocídios foram cometidos em nome dos princípios irrenunciáveis

*do grande partido conservador ou dos princípios irrenunciáveis do grande partido liberal, segundo fosse a filiação dos assassinos e da vila dos mortos. Pouquinho depois os dois partidos fizeram um acordo, criaram a Frente Nacional e dividiram-se as vagas. E o que houve com os mortos? E o que dos princípios? Não eram irrenunciáveis? Se isso não é infâmia, então eu não sei o que querem dizer aqui as palavras”.*³¹

Meu avô tinha essa mesma raiva dentro de si, esse vazio... Como muitos, suponho, *herdado*. Eu sei que *herdei* sua tristeza, sua impotência... Sei por que cada vez que ele contava essa história eu ficava com algo dentro de mim sem resolver... Isso que ele também não resolveu e que talvez tenha deixado em mim. Não com intenção, afinal, ele morreu antes de saber que eu me interessava por estes temas. Talvez ele não tenha deixado nada e eu só tomei emprestada sua dor como pretexto para dar um jeito nas minhas buscas, uma delas pelo menos; para aumentar a força de que preciso, talvez, para enfrentar este tema.

Minha avó não falava muito em política. Talvez porque ela falasse pouco ou porque eu não tivesse idade para escutá-la e compreendê-la... Só no final de seu tempo e quando ela já sofria do mal de Alzheimer, essa estranha doença que faz voltar ao passado, eu soube mais coisas de seu trabalho, nunca do sindicato. Entendia pela sua atitude que as mulheres podiam levar em frente qualquer coisa, que aos outros tínhamos que ajudá-los sempre que pudessemos e que tínhamos que agradecer - nunca soube muito bem a quem ou a quem -; que nós, embora pouco se comparados com meus companheiros de colegial, tínhamos muito, o suficiente para viver, que não precisávamos de mais nada.

Da minha tia aprendi certa coragem para enfrentar o injusto. Para reclamar pelos preços altos, por exemplo. Aprendi seu amor guardado... Ela era um pouco fria e dura com os outros, mas não com meu irmão e comigo. Sei que, embora ela não tenha falado, aprendemos com ela que a dor da miséria e a fome estavam ali, a um quarteirão da nossa casa, batendo na nossa porta, com a mão alongada no ônibus, que tínhamos de fazer alguma coisa com aquilo... Ela não disse isso mas fazia, e crianças repetem boa parte das coisas que vem.

³¹ VALLEJO. Fernando. Discurso de inauguração do “Primer Congreso de Escritores Colombianos”, diante do vice-presidente da República. 30 de Setembro de 1998, Medellín.

1.1.2. Colegial católico, universidade pública, violência aos poucos...

Suponho que a educação católica deixe marcas, umas regulares, outras nem tanto. Tenho a certeza de que a minha foi uma educação muito boa em alguns termos e deficiente em outros, mas que me ensinou do respeito pelos outros, da sua existência.

Durante 12 anos da minha vida permaneci nesse colégio e nas quartas era costume levar algo que se chamava “a comprinha”. Consistia em levar, voluntariamente - cada aluna de todas as séries -, algo para compartilhar com as pessoas pobres que moravam nas favelas perto do nosso colégio. Algumas vezes eu esqueci, mas minha avó nunca. Assim, isto foi tornando-se para mim em uma espécie de obrigação. Quando por alguma razão esquecia “a comprinha” em casa, lembro que sentia uma sensação estranha de culpa, uma culpa leve, contida, mas que estava ali. Sentia que aquilo que eu esquecia fazia falta a alguém.

Foi também durante esses doze anos que na Colômbia sucederam coisas como o assalto ao Palácio de Justiça por conta do Movimento Guerrilheiro M19, em novembro de 1985. Em meu colégio não se falava do assunto. Só na minha casa escutava conversações entre meu pai e minha mãe, meus avós e meus tios. Não me lembro de outros lugares onde se falasse do tema mas não achava estranho. Era criança ainda. Todos acompanhávamos o fato, como toda Colômbia fazia, através de jornais de televisão e imprensa. Fiquei muito impressionada com as imagens dos jornais. Esse evento deixou em mim a sensação de que na Colômbia aconteciam coisas graves como ocorriam em outros lugares do mundo, talvez pelo espetáculo dos tanques de guerra, dos soldados correndo como nos filmes. Eu tinha 10 anos.

“Às 11h30min da manhã começou o tiroteio perto da Praça Bolívar. A essa hora do 6 de novembro de 1985, 28 guerrilheiros do M19 entraram pelo térreo no Palácio da Justiça. Os subversivos³² entraram em três carros e na incursão assassinaram o administrador do edifício e os seguranças. Dentro esperavam sete companheiros mais. Fora ficou outro grupo com igual número de guerrilheiros que não conseguiu chegar a tempo. Assim começou a operação “Antonio Nariño pelos Direitos do Homem”. Uma ação armada através da qual o M19 pretendia julgar o presidente

³² Subversivo é a palavra usada pela mídia em geral e pelos governos em particular, para referir-se aos guerrilheiros.

Belisario Betancur por ter, segundo eles, traído o acordo de cessar fogo e o diálogo que tinha-se firmado entre ambas as partes no dia 24 de agosto de 1984.

Quase na hora em que os guerrilheiros do M19 entraram no térreo o dia 6 de novembro de 1985, começaram a reagir as Forças Armadas. O Sub-tenente da Polícia, José Rômulo Fonseca, tentou entrar pelo térreo para conter o assalto e foi ferido de morte. Às 12h30min desse dia, uma hora depois do início da tomada, 35 guerrilheiros controlavam o Palácio e tinham quase 300 pessoas como reféns. Lá fora o exército já tinha estabelecido um perímetro de segurança; dois carros *Cascavel* tinham entrado no pátio interior do edifício e três helicópteros da Polícia, com membros do Grupo de Operações Especiais, tinham tentado decolar do telhado. Alguns helicópteros fizeram vôos rasantes e algumas descargas, e logo depois se levantou uma densa coluna de fumaça. À 01h30min da tarde as tropas evacuaram 138 pessoas e, segundo o depoimento que deu o General Miguel Veja Uribe, Ministro de Defesa da época, esse foi o momento no qual os guerrilheiros atearam fogo aos arquivos. Quando os jornalistas conseguiram, no meio da tomada, contatar Luis Otero, o comandante do M19 que coordenou a operação, e perguntaram-lhe por este fato, ele respondeu: “Nós não os queimamos, não temos interesse nenhum em destruí-los”. Porém, as palavras do general e as do Ministro da Justiça, Enrique Parejo, no mesmo sentido, alimentaram a tese de que por trás da tomada esteve a mão de Escobar.³³

O jornalista Mark Bowden disse, no seu livro *Killing Pablo*, que o chefe dos traficantes deu um milhão de dólares aos guerrilheiros para esta operação na qual posteriormente, pelo incêndio que se produziu e do qual nunca se conseguiu saber com exatidão como começou, queimaram-se 6.000 expedientes. O M19 sempre negou esta versão dos fatos que o fez aparecer como simples marionete, mas sua indubitável proximidade com o narcotraficante enfraquece sempre sua defesa. Também não o ajudou que durante a tomada tenham morrido justo os quatro magistrados da sala constitucional e Echandia, quem tinha sido um dos redatores do Código Penal de 1980, que autorizava a extradição. Depois da tomada do Palácio, a extradição ficou ferida de morte e um ano depois a nova Corte Suprema de Justiça declarou-a inapelável por um “*vício de procedimento*”.

O combate pelo Palácio foi um erro tático para os guerrilheiros e uma vitória fraca para as Forças Armadas. Para os intelectuais de esquerda a tomada do Palácio significou o enterro da guerrilha como projeto histórico. Os guerrilheiros erraram na sua apreciação da situação política e militar que os levou a fazer aquela operação. Pensaram que conseguiriam repetir a experiência da Embaixada Dominicana. Mas não tinha jeito. Betancur não tinha margem de manobra. Apostou tudo na paz sem resultado nenhum. Não tinha mais alternativa a não ser a guerra.

Os guerrilheiros sabiam que seriam atacados, mas acharam que lhes bastava resistir um pouco com contra-ataques para lograr um cessar fogo e evitar serem arrasados.

³³ Pablo Escobar, outrora Chefe do Cartel de Medellín.

Tendo o Presidente neutralizado, o alto mando militar jogou suas cartas com rapidez: não iam permitir o show de outra embaixada dominicana e podiam dar um golpe para descabeçar o M19. Os guerrilheiros no mando da operação eram comandantes reconhecidos: Luis Otero, Andrés Almarales, Alfonso Jacquin e Guillermo Elvecio Ruiz. Desde o fim da trégua, em junho, o M19 tinha tentado explodir 17 carros blindados num batalhão de Ipiales, tinha atacado o batalhão Cisneros em Armênia e um comando tinha atentado contra o General Rafael Samudio Molina.

Esta lógica foi aquela que conduziu um golpe de Estado técnico. Com Betancur imobilizado em forma tática, as Forças Armadas atacaram impulsivamente com todos os médios a sua disposição e com a maior rapidez. Isto permitiu que 215 pessoas saíssem vivas do Palácio. Contudo, essa mesma celeridade não permitiu elaborar um plano de resgate complexo que houvesse salvado a vida de 11 dos 24 magistrados da Corte Suprema de Justiça que faleceram no combate. Echandia implorou através da mídia: “Não consegui me comunicar com o Presidente. Se continuarem disparando, vão nos matar”. No holocausto sacrificou-se o poder judicial, o qual constitui um golpe de Estado, pois se exterminou um dos braços do poder público. A chuva de chumbo e a tormenta de fogo que se desatou aceleraram o processo de desinstitucionalização que padecia a Colômbia”.³⁴

Uns anos depois, em 1989, eu passava férias em outra cidade com parte da minha família. Uma noite, assistíamos tv com meus primos e tios quando houve um corte na programação para informar que acabavam de assassinar Galán (Candidato favorito do partido liberal que com certeza seria o próximo presidente da Colômbia). Todos os adultos ficaram assustados e lembro que minha mãe e uma tia choravam. Então, eu também chorei. Eu sabia quem era ele. Nele votariam na minha casa, eles diziam. Apesar disso, só há pouco tempo compreendi a magnitude de seu assassinato, que, casualmente, por estes dias (16 anos depois), começa a ser resolvido.

“Alheio aos ideologismos, Galán estava realmente convencido de que a solução dos problemas do país era ele, encarnando o símbolo da renovação e da limpeza e nisso baseou seu projeto político. Alguns acusavam por isso, o movimento de Galán, ser excessivamente excludente e centrado no caudilho. Talvez fosse por isso que seu movimento não tenha resistido à investida brutal da sua morte, e sua rápida dissolução demonstrou que o Novo Liberalismo era basicamente Luis Carlos Galán, ponto de partida e ponto final de um dos projetos políticos mais interessantes do século.

³⁴ GRILLO Andrés, Revista Semana. <http://www.colombialink.com>

Faltava só um ano para que as sondagens demonstrassem o que já sugeriam: que Galán seria o próximo Presidente. Começando 1989, ele diz na sua primeira declaração: “Este ano estará submetido a explosivas pressões”. Era premonitório: assassinaram-no no dia 18 de agosto em Soacha. Mas, semanas antes da sua morte, tinha entrado num profundo estado de melancolia, fruto de uma prévia tentativa para acabar com sua vida que quase acontece em Medellín. Consciente de que o matariam, invadiu-o uma grande tristeza, só mitigada brevemente durante uma viagem à Venezuela, onde foi recebido como se já fosse eleito Presidente. Fica sem resposta a interrogação de como teria lidado Galán com os debates que teve que lidar César Gaviria (Quem fora escolhido pela família de Galán para continuar com o projeto dele e que se tornaria presidente naquela eleição).³⁵

Na década seguinte, os cartéis de Cali e Medellín se enfrentaram entre eles ao mesmo tempo em que ambos rejeitavam a proposta de extradição. Eu morava em Cali. Era estranho porque sabia que era uma cidade perigosa, mas mesmo assim não me assustava. Suponho que foi um tipo de interiorização do medo, de aprender a conviver com as circunstâncias ou talvez de pensar que esse assunto não era comigo. Todos os dias os jornais noticiavam as bombas que explodiam, os mortos, os seqüestrados, os assassinados. Começaram então a aparecer termos como o “Movimento MAS” (Morte aos Seqüestradores) e também as AUC (Autodefesas Unidas de Colômbia). É nessa década de 90 que para mim passam a existir os deslocados. Nesse momento só como um nome, como outra de tantas coisas que aconteciam na Colômbia, mas que não me diziam respeito, que apenas estavam lá, na televisão, nesses outros lugares alheios, distantes.

Do Colegio fui para Universidad del Valle para fazer jornalismo. Tanto a universidade - por ser pública (o que não quer dizer muita coisa) - quanto o programa de estudos ao que tive acesso, me deram outras ferramentas, mais “racionais”, talvez, para continuar a pensar o mundo.

Nem todos os professores afetam os estudantes da mesma maneira, isso é claro, mas quem o faz permanece como referência de pessoa, de profissional. Sinto que foram vários deles que de alguma maneira me desafiaram a pensar em outras possibilidades do mundo, com suas aulas especialmente, mas também quando deixavam de ser professores para se tornarem pessoas próximas, parceiros, amigos.

³⁵ Colômbia Link.com – Luis Carlos Galán Sarmiento - Biografia

Lembro-me especialmente de *Lucho*, meu professor de fotografia, pessimista e azedo nos seus comentários. Foi sua íntima desilusão do mundo e sua irreverência o que mais ficou em mim. Não o que ele dizia nas aulas, era sua vida, a que compartilhava fora da sala de aula o que se me enraizava lá dentro, com cada uma das suas ironias, com suas lágrimas depois de alguns drinques. Através dele eu comecei a ver com menos pena e mais raiva a miséria nas ruas. Já neste tempo os deslocados estavam chegando de maneira massiva nas cidades. Já começavam a ser “temas” dos trabalhos de pesquisa, de nossas fotos.

1.1.3. As partidas, as mortes e meu(s) deslocamento(s).

Estive muito acompanhada durante a vida toda; não tive uma família numerosa, mas muito amorosa. Todos ficávamos perto do que os outros estavam fazendo e sentindo. Falávamos sempre de muitas coisas e abraços e beijos iam e voltavam. Isso é o que mais lembro da minha relação com eles: as experiências de afeto físicas.

Minha avó morreu em 1997 e, como consequência, meu avô teve um derrame cerebral dois meses depois. Para cuidar dele, minha mãe renunciou a algumas horas de seu trabalho como docente e alternava essa tarefa comigo e com meu irmão. Foi um tempo difícil para todos.

A situação econômica da casa piorou com o tempo. No ano 2000 meu irmão viajou para os Estados Unidos. O país inteiro estava num momento de grandes migrações tanto internas quanto externas. Eu não percebia realmente a magnitude disso todo, achava como se acontecesse só conosco ou com os mais próximos, fora do contexto. Mas não, realmente era uma crise que vinha de muito tempo atrás, do desemprego, dessa situação tão corriqueira de que quanto mais velho se é menos oportunidades se tem. Pior se não se é um profissional e os meus pais não o eram. Dessa forma, na metade do ano 2001 eles também decidiram partir.

Por conta disso fui morar sozinha em uma outra casa junto com a Bijou e a Yoko, nossas cachorrinhas, que agora eram só minhas, e mais uma gatinha que meu namorado achou na rua. Assim, desde 2001 até 2003 morei sem eles. Meu avô foi morar numa casa de idosos e eu visitava-o, sem falta, todo domingo. Sentia pena dele, pensava na sua atividade mental de outros tempos e me perguntava se seria igual agora, enquanto olhava para frente, esperando a colher de sopa entrar na boca...

Também no ano 2002, o Camilo, um dos meus amigos mais próximos, viajou ao Brasil para estudar e a Elizabeth, minha prima mais próxima, foi embora para a Alemanha para fazer dança. Ângela, outra amiga, foi embora para a Espanha em 2003 para trabalhar junto como seu marido e seus filhos. Todos estavam indo embora, mas eu não percebia aquilo como um todo, como “meu todo”. Nunca soube muito bem o buraco que essas partidas iam deixando na minha vida. Nem sei se é fácil fazê-lo, principalmente porque em cada momento a gente está fazendo a vida, e é normal as pessoas irem e voltarem. O que acontece é que esses que foram embora não eram quaisquer, esses que viajaram eram fio terra na minha vida, eram os mais próximos.

Depois chegaram as mortes. Meu avô morreu em 2003. Não foi uma morte repentina; sentia que embora doesse muito, de algum jeito também era assimilada. Minha cachorrinha mais velha, Bijou, que tinha 15 anos e câncer, teve de ser sacrificada duas semanas antes da minha viagem para o Brasil, no começo de 2004.

... Minha viagem... Essa viagem foi uma ruptura com tudo. Vendi coisas que durante anos tinha considerado muito importantes: livros, música, quadros, mantas... Tudo, de todo eu me desprendi de uma forma que agora, quando lembro, me estremece. Era uma ruptura radical, uma espécie de morte do que fui até aquele momento, como se pensasse que não voltaria mais.

Estando no Brasil, tudo mudou radicalmente. Na metade de 2004, primeiro ano em que morei neste país, tive um acidente de ônibus. Foi grave e embora as conseqüências físicas ainda sejam sentidas, sinto que foi muito mais o emocional, o olhar do mundo e de minha

vida o que mudou. Em setembro daquele mesmo ano, a Yoko morreu de infarto lá na Colômbia. Tinha só sete anos e era tão vital que não consegui me recuperar disso nem rápido nem fácil.

O que doía, era o sentido que sua vida dava à minha, era minha culpa por deixá-la sozinha lá, era o que ela representava de minha família ausente. Ela foi, durante o tempo todo em que morei sozinha, minha companhia mais presente; tinha uma forma de ser muito especial, como têm todos os cachorros, suponho. Ela era minha cachorra e eu a amava... e sua morte foi muito dolorosa. Foi uma sacudida brutal na minha vida. Sua morte trouxe à tona minha fraqueza... Foi sua morte o final de um tempo de perdas que não entendia e não processava. Foi então como se, com sua partida, eu me permitisse ser vulnerável, carente, frágil. Nunca tinha me sentido desse jeito e essa sensação, essa mudança tão radical (e minha reflexão sobre isso), me deixaram entender um pouco mais o sentido, a busca na minha pesquisa.

Durante toda a minha adolescência eu desejei morar sozinha. Enfrentar a vida sozinha. Uma questão de autonomia que durante este período, na ausência da minha família construí altivamente. Não me dava conta do bem que o fazia... Do mal que me fazia. Quero dizer que aos olhos de todos fui sempre muito corajosa, muito capaz de levar a vida sozinha. Eu vivia tranqüila com suas ligações constantes da minha família e com a Yoko, a Bijou e a Maco, minha gatinha. Elas eram quase que meu motivo para trabalhar, para chegar cedo em casa. Cuidava muito delas e uma boa parte de minha vida era ocupada pela presença delas três.

Hoje, já sem elas, sem casa nem móveis, sem meu cotidiano e meus conterrâneos, com minha fraqueza tão palpável, tão exposta, com uma vergonha para dentro, mas sem vontade de ocultá-la, consegui pensar no deslocamento forçado desde outro lugar. Consegui porque a minha situação, apesar de muitos fatores que a tornam radicalmente diferente, apresenta outros que a fazem próxima à experiência do deslocamento forçado. Pensei na desterritorialização não só minha como de minha família e amigos, no desenraizamento, na distância física dos outros, das coisas, a mudança das referências visuais. Pensei em como foi chegar a outro lugar e não ter mais uma história com os outros. Essa sensação, nem

sempre boa, de começar de novo, do zero... Não só em termos materiais, mas também nas referências que os outros têm da gente. Esse não existir para os outros.

E se para mim tem sido doloroso e difícil, eu que não tenho que me preocupar com onde vou passar a noite; ou como conseguir um dinheiro para “comer hoje”; eu que não tenho na história da minha família mortes violentas, que não tenho filhos que precisam de comida, moradia, estudo, educação; se eu que viajei voluntariamente tenho dificuldades para lidar com as minhas carências, com as minhas responsabilidades cidadãs, -caso elas existam- com meus ideais democráticos, -no caso de tê-los-, como será então com eles, os deslocados? Qual é o futuro político de Colômbia e do mundo nesses termos? Claro, minhas dúvidas e dificuldades vêm de minha história, também acadêmica, que me dá a possibilidade de pensar sobre mim mesma e sobre o mundo ao redor. Mas, e as histórias desses outros? Para onde vão? Acaso são só deles? Acaso seu destino é o esquecimento?

Como afeta eles suas histórias, suas rupturas, seus traumas? Como afeta a história política de seu país? Até onde suas vidas íntimas, suas carências, vão determinar sua ação política? Como repercutem na Colômbia e nos lugares que se empenham em não resolver, em ocultar, em tentar esconder?

b. Motivos recentes

1.2.1 As janelas do carro

2003. Cali – Colômbia. Quarta Feira, 16:30min PM. Estrada 39 com Rua 5. O semáforo fecha. É meu namorado quem dirige. Eu vou ao lado... Com esse tênue prazer de co-piloto, que olha para onde quer, que se pode perder no meio dos pensamentos nem ser responsável pelos outros. Justo ali, no semáforo é onde “cai a ficha” desse fenômeno que no mundo se chama pobreza e que, hoje na Colômbia, se une ao deslocamento forçado. São mais de 10 pessoas entre crianças, adultos e idosos. Todos vêm até os carros com seus rostos de miséria, com suas barrigas vazias.

Acrobacias com laranjas, brincadeiras com fogo, um rap que canta à injustiça, uma caixinha cheia de balas por “com o que você quiser me ajudar”. Todos têm uma história e uma demanda, têm sua carência, sua tácita exigência, cada coisa que cria outra história com cara de briga entre eu e meu namorado. Ele, como a maioria das pessoas com carro na cidade -classe média e alta- está cansado. Não quer vê-los mais. Todo dia é igual. Passa por aí umas quatro vezes diariamente e sempre vêm os mesmos, arrastando a mesma pobreza, a mesma fome, os mesmos olhos que acusam sem se atrever a falar. Ele não quer dar mais um real. Nem olhar sequer para eles, fica com os olhos fixos no espelho, com o rosto fechado observando o semáforo, as montanhas, qualquer uma das coisas que tem na frente, menos *elas*.

Eu, que não costumo ir com ele no carro, que não passo por ali todo dia, que conheço tão pouco da astúcia que a pobreza gera, rapidamente enfio as mãos nos bolsos de minha mochila procurando moedas para dividir entre eles. Sabia que não bastava, que estava contribuindo com uma forma de mendicância que com certeza não deixa resolver o problema de outra forma. Sei lá, sentia que eles tinham fome e uma necessidade que não consigo imaginar, que eu tinha umas moedas e que para eles com certeza seriam mais úteis do que para mim nesse momento. Mas eles vêm pelo lado de quem dirige, então tenho que

pedir a meu namorado que dê as moedas para eles, e ele o faz, mas grosso, sem sequer olhar para eles e eu interpreto só uma coisa: ele os despreza, eles incomodam-no.

Eu disse para ele que não precisava agir desse jeito, que sua atitude me agredia também. Ele também disse que, se queria dar dinheiro, eu tinha de fazê-lo pela minha janela e não pela dele porque isso também o irritava. Eu, que fico muda quando estou com raiva e não encontro as palavras, só fiz silêncio. Um silêncio que durou pouco na verdade, porque minha cabeça entrou em ebulição, muitas idéias que viram sem forma mas com sentido, procurando de qualquer jeito explicar para mim mesma por que me vinha essa dor desmedida, por que cada idoso que veio me lembra do meu avô, por que a indiferença do meu namorado - que é da maioria – mexia comigo, me empurrava a fazer isto que tento fazer: pensar no deslocamento forçado.

1.2.2 Alguns mortos alheios que se tornaram meus

No começo de 2005 sete homens morreram. Na Colômbia morreram muitos mais, e mais, muitos mais no mundo todo, mas esses sete homens foram os que morreram no meu mundo. Foram os que morreram para nós.

Nós os familiares, nós os amigos, nós os colombianos que diante de mortes naturais resignamo-nos e às vezes temos o descaramento de agradecer e que, diante de mortes violentas, silenciemo-nos e geralmente temos o imenso e imperdoável descaramento de justificar.

Fiz um quadro, um quadro feito com dor, com raiva, com desassossego, essa aparente calma depois da tormenta. No quadro aparecem, sobre um fundo escuro que representa a madeira dos caixões, sete homens fantasmas junto a outra figura de mulher-homem vivo/a. No começo esta figura era eu, embora depois fosse tendo uma aparência masculina que representa uma espécie de força corporal de todos “nós”, ou seja, os colombianos que nos calam ou somos calados.

Sete fantasmas, sete almas. Três deles eram primos do meu namorado: Oscar, Memo e Camilo³⁶; Camilo aparece mais perto de mim, quase entre os meus braços, quando a figura viva era só eu. Danço com ele. O dia em que nos conhecemos, primeiro e último dia em que o vi, dançamos. Não foi muito, mas foi intenso; alguém disse que até saíram faíscas. Foi lindo, por isso ele tem na pintura cor laranja, uma cor “mais viva”.

Também aparecem Diego e Arbey, as outras pessoas assassinadas no mesmo dia, junto aos outros três. Deles não sei muito, só seus nomes e que também estavam vivos e tinham famílias e amigos e que, com certeza, foram chorados tanto quanto os nossos.³⁷

Também pintei o Samuel, um dos melhores amigos de meu namorado, de barba branca e comprida. Samuel, velho lobo! Não pintei sua tatuagem porque ao morrer as tatuagens somem, mas me lembro perfeitamente dela. Na parte interna do braço direito, uma mulher nua, ah! Marinheiro! Samuel foi o único dos sete que morreu decentemente, de velho, feliz, sábio, sabendo da morte, dando risada dela, desafiando-a.

Finalmente, Álvaro, que morreu naturalmente porque morreu de câncer. Não sei se ainda não era “sua hora”, sei lá se a gente pode morrer antes do momento que lhe corresponde. Eu digo isso porque sou colombiana e aprendi a dizer para minha razão, que esses mortos nas mãos de outros também morrem em seu momento. Mas é mentira. Absoluta. Álvaro também fica perto da pessoa viva no quadro porque sua alma e a minha, que durante anos permaneceram afastadas e mudas, em só uma semana antes da sua morte se comportaram de uma maneira que ainda não compreendo completamente, por minha cabeça simples é claro, que se nega a compreender aquilo que não pode tocar, ver ou respirar.

³⁶ Oscar, Memo e Camilo faziam parte de uma família de fazendeiros e donos de gado, que na Colômbia é comum que estejam em uma encruzilhada de conflitos entre guerrilha e paramilitares. Um deles estava investigando um roubo de gado, e isso é querer saber demais. “Já tinham avisado ele”.

³⁷ As cinco pessoas foram seqüestradas em janeiro, mas só na metade de março apareceram seus corpos em um estado avançado de decomposição. Todos tinham as mãos amarradas nas costas e um tiro na cabeça.

1.2.3 Silêncio³⁸ e medo

“Senhor vice-presidente, senhora diretora de Comfama, amigos escritores: que cada quem fale por si mesmo, em nome próprio, e diga o que tenha que dizer, que o homem nasce sozinho e morre sozinho e para isso estamos na Colômbia onde, pelo menos, no médio deste desastre, somos livres de ir embora e voltar se quiser³⁹, e de dizer e escrever e opinar sobre o que queremos, mesmo que depois nos matem. Não importa! Uma liberdade de tal magnitude não tem preço. Em uso dessa liberdade esplêndida que me dá a Colômbia, que a ninguém cala, me dirijo a vocês esta noite aproveitando que ainda estou vivo. E que se calem os mortos! Com essa história de que qualquer vida humana aqui não vale mais que uns quantos reais, os mesmos que custa um *sicário*...! E adivinhem quem o contratou! Essa é a vantagem de viver na Colômbia, de morrer na Colômbia, que a gente vai embora tranqüila sem saber de onde vem a bala, se da direita ou da esquerda, e assim o mortinho, ignorante do responsável pela sua morte, sem ressentimento nem rancores, fica pelos séculos dos séculos na infinita eternidade de Deus”⁴⁰

Estive na Colômbia durante o mês de janeiro de 2005 coletando material bibliográfico para minha pesquisa, revisando como se está trabalhando e, sob quais perspectivas, o tema de deslocamento forçado, especialmente na região sudoeste do país.

Para minha surpresa e agrado, são muitas as instituições que de alguma forma abordam o tema, não só a situação de emergência, mas a reflexão sobre o tema, desde diferentes campos como a antropologia, a medicina, a psicologia, a economia, a sociologia entre outros.

Para minha surpresa também encontrei um silêncio gritante. Durante um mês de trabalho, no qual fiz uma coletânea de material bibliográfico significativo, não consegui falar com nenhuma pessoa em situação de deslocamento. Os membros de instituições, na sua maioria conhecidos meus de tempo atrás, com quem tive comunicação, precisavam conhecer meus

³⁸ O silêncio me interessa particularmente neste trabalho como raiz do traumático, como disse na introdução. O trauma para Sándor Ferenczi é um encontro com a diferença, com o desmentido, é não ter referências, no outro, da própria dor, da tragédia íntima. FIGUEIREDO. L.C. Op.cit.

³⁹ “Ir embora e voltar se quiser” é uma ironia do autor do texto. Os colombianos não podem ir embora e voltar se querem. São muitos os motivos. A maioria dos que querem ir embora não tem dinheiro e, quem tem dinheiro às vezes não consegue o visto das embaixadas estrangeiras porque os colombianos não são bem vindos em muitos lugares. Os estigmas são muitos. Por outro lado, quem está fora e quer voltar não sempre pode porque corre o risco de perder o visto ou, no pior dos casos, arriscar a própria vida.

⁴⁰ VALLEJO. F. Op.cit.

interesses acadêmicos, laborais e vitais para poder me dar qualquer tipo de informação. Vale dizer que queria falar como pessoas que já tivessem alguma reflexão ao respeito de sua situação, quer dizer, que estivessem nos grupos de trabalho de alguma das ONGs com que fiz contato e não com pessoas que morassem nas ruas, dos quais achei muitos.

Todo o ritual transcorria de uma maneira nada misteriosa, pelo contrário, tudo em princípio dava-se em termos de uma conversação convencional, comentários sobre meu estudo fora da Colômbia. Logo depois vinha o tema em comum e de repente começavam os comentários: que em Cali a polícia faz um trabalho de inteligência nos táxis; depois, que umas senhoras receberiam umas terras da prefeitura para morar, mas foram assassinadas; que fulano roubou o dinheiro dado pelo governo, que já ninguém pode falar nada porque pode ser morto.

Sinto que finalmente isso foi o que mais me impactou, essa sensação de ter que calar, inclusive o que nem conheço, perguntar em voz baixa, fazer silêncio frente a um tema ‘delicado’, pelo qual pode-se ser censurado, marcado, perseguido, silenciado.

E como se silencia na Colômbia? Com a morte, com tiros. É simples. Não tem que dizer muito, nem tem que fazer nada, só precisa parecer suspeito para qualquer um dos bandos e pronto. A morte parece vir sozinha, todos a justificam... O silêncio a justifica.

Finalmente, tenho certeza de que os meus interesses por esta pesquisa, por esta escolha não só de vir para o Brasil, mas de decidir fazer um mestrado na ciência política, relaciona-se em tudo com a minha vida, com minhas origens e com os meus desejos, com minha profissão, com uma sensibilidade *herdada* dos meus ancestrais, por dores de vidas alheias e por um compromisso que sinto, comigo mesma e com um país de violências, de esquecimentos sistemáticos, de injustiças, de intolerâncias e de pouca vontade política.

III. Capítulo 2 : O método

2.1 O método autobiográfico e a pesquisa social: testemunhos e histórias de vida.

“Provavelmente nossas opções metodológicas tinham e continuam a ter necessidade de reivindicar, de dar um lugar, justificar sua sustentação, dando uma legitimidade à mobilização da subjetividade como modo de produção de saber e à intersubjetividade como suporte do trabalho interpretativo e de construção de sentidos para os autores dos relatos .”⁴¹

Uma das apostas deste trabalho é evidenciar de alguma forma o cruzamento de fronteiras que se dá entre distintos saberes e, entre eles, logicamente, o de cruzamentos metodológicos. Se trata de expor também um processo de autoformação, no sentido de que ele se produz em um contexto da vida cotidiana (e íntima) e também a partir das experiências adquiridas nos espaços e sob as formas da “academia”.

Considerando o momento atual como constituído por choques e traumas, e a forma como eles afetam nossa subjetividade -e tratando-se do caso específico da Colômbia, com sua história de guerras e violências- foi nosso interesse recorrer à memória como elemento determinante e constitutivo ao longo do trabalho. Ficou entendido, desde a perspectiva de Benjamim, em seu texto “Charles Baudelaire, Um lírico no Auge do Capitalismo”, que esta teria dois aspectos: por um lado, aquela memória normativa e voluntária, cronológica (desempenho máximo de sua função), de fácil acesso, que não produz dissonâncias internas e fechada ao trauma; e por outro, a memória involuntária. Um exemplo deste tipo seria o chamado “fenômeno de Proust” que faz referência às lembranças passadas e distantes que vêm à memória através dos odores, mas também por meio de outras sensações e/ou situações sobre as quais não se teria o controle, próprio da memória voluntária.

Quais os movimentos íntimos, internos, subjetivos, individuais, que se misturam para dar forma ao político? Todas as respostas encontradas - e as não encontradas - vieram através

⁴¹ JOSSO. Marie-Christine. “História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos”. In: *Revista Educação e Pesquisa*, Vol. 25, n. 2, São Paulo, 1999.

dos testemunhos coletados e do meu próprio, porque o testemunho permite tomar posse de si para produzir conhecimento de si mesmo e da situação.⁴²

Assim, as histórias de vida deste trabalho começaram com a revisão de uma história de vida em particular, a minha. Quer dizer que nesta pesquisa, eu como pesquisadora-pessoa, apareço de forma evidente, descobrindo e valorizando minha singularidade e a pesar de me situar com alguma distância do ‘objeto/sujeito’ de minha pesquisa, a forma de abordar o tema, o meu olhar sobre ele, os textos resultantes do processo, as conclusões, tudo está permeado por mim, ou seja, por minha história pessoal, por uma busca que, embora seja acadêmica, é atravessada pela minha interioridade.

No capítulo anterior, dei para os meus leitores um testemunho. Como disse na Introdução, o testemunho tenta dar conta do trauma: do que escapa, destroça, contraria e instiga os **poderes da ordem** e, nessa medida, o pático e o afetivo definem o traumático por excelência⁴³. E, todavia, não basta! Não basta o meu testemunho; é preciso que outras vozes – vozes colombianas – se façam presentes. Esta sinfonia de vozes que queremos compor estendeu o convite para outros colombianos.

Desta forma, e nos mesmos termos, me aproximei dos sujeitos da minha pesquisa, falando com eles, interrogando-os, ao mesmo tempo em que era interrogada por suas narrações, por suas vidas; escutando-os mutuamente e entendendo sempre que, apesar de pertencer a universos similares, existem profundos abismos que nos separam.

Fiz isto através do método (hódos em grego é *caminho*) de histórias de vida ou autobiográfico. Esse mosaico, essa sinfonia de vozes, esse retrato não pretende – como disse, fazer generalizações. Aliás, esse *caminho* antes, traz à tona, um apelo, uma pergunta, um grito de pessoas anônimas, invisíveis. Pretende deixar falar o coração mais do que a razão. É um convite ao aprofundamento das *vivências* que deveriam tornar-se *experiências*

⁴² “Estou agora convidando-os a testemunhar sobre essa experiência, para aceitar a obrigação –e o direito- de retomar posse de si mesmos, de arriscar a assinar, de arriscar a ter importância”. FELMAN. S. Op.cit. p.65

⁴³ FIGUEIREDO. L.C. Op.cit. p.14

– para me valer das formulações de Walter Benjamim⁴⁴. São os *mecanismos psíquicos sutis* que precisam vir à tona e que são convidados a se dizer por falas, como veremos, desconexas, defensivas, amedrontadas.

Fizemos uma “escuta” amorosa dessas falas, procuramos acomodá-las no sentido, tentamos apreender o não-dito! Tentamos escutá-las sem críticas e sem julgamentos e se, ao final de cada entrevista, tecemos algumas poucas interpretações, é preciso que se diga que essas interpretações só têm valor se levarmos em conta que as histórias de vida narradas foram transformadas pela minha própria subjetividade, pela minha própria escuta⁴⁵. Através das narrações - tanto a minha quanto as dos meus entrevistados – algo das “feridas vivas” dos traumas se curam! Essa foi a minha *experiência*.

As histórias de vida –pelo método usado- foram afetadas necessariamente pelo tema e pelos interesses do trabalho de pesquisa. Perderam –e não poderia ser de outro jeito- sua totalidade, ou seja, outros aspectos e dimensões, tanto passados como futuros. Assim, na revisão do que eu poderia chamar de “trajetória da minha vida”, pus em evidência os eventos que poderiam ter-me levado a querer revisar o fenômeno do deslocamento e a situação do refúgio; desta forma, as outras histórias –e são tantas!- ficaram de lado, bem como os outros eventos –e são tantos!- a que assisti, as coisas maravilhosas que são vividas talvez somente em um país como a Colômbia. O mesmo aconteceu com as histórias de vida dos entrevistados: foram relevantes apenas alguns aspectos de suas vidas, de seus trabalhos e interesses atuais, levando em conta, no entanto - como afirma Josso -, que as histórias de vida, mais do que o passado, ajudam a pensar o futuro.

Passo agora a discutir alguns pontos do método (*caminho*) de histórias de vida ou autobiográfico. Como se sabe, a literatura em torno do método autobiográfico é imensa. Esse método, apesar de existir há muito tempo, tornou-se nas últimas décadas um “achado

⁴⁴ Para Benjamin, a vivência estaria determinada pela resistência ao choque, ao trauma, pela não incorporação na vida (subjetividade) do susto, da surpresa. A experiência daria conta da quebra da normatização, ao permitir o espanto, a recepção do trauma, em um processo de incorporação que permite o encontro com o diferente.

⁴⁵ MARONI. A. “A ‘Escuta Poética’ do Social”. Op.cit.

metodológico” e, como já insistimos, isso não é casual, mas uma exigência dos “tempos sombrios”. Vou me valer a seguir do artigo de Michael Erben⁴⁶ “Biografia e autobiografia – Il significato del método autobiografico” pois nele encontrei toda uma sistematização do método que me convém.

O método autobiográfico é o estudo de documentos pessoais narrados ou escritos e inclui cartas, biografias, autobiografias, diários, necrológicos. É marcado por uma característica: explora a relação entre a experiência social e o caráter pessoal. Cito o autor: “Por meio deste método o indivíduo é visto como uma articulação decididamente singular e complexa da dimensão cultural; por isto, a pesquisa utiliza e desenvolve-se pelo modo dedutivo e não pelo modo indutivo.”⁴⁷

O ponto de partida de uma pesquisa biográfica é sempre a vida do sujeito. Como disse na Introdução, indicações sobre a realidade social devem ser buscadas inicialmente nele, isto é, na **fusão da sua subjetividade com a estrutura social**⁴⁸. Insisto em que a pesquisa biográfica não deve tentar separar cirurgicamente a estrutura social da subjetividade; antes, deve representá-la como o primeiro passo de um processo dialético. É por isso, aliás, que a vida pesquisada se apresenta como uma **rede de significados** (que emergem de uma montagem de convicções, comportamentos e recordações), na qual está inserido o pesquisador que a está interpretando.

Para os pesquisadores do método autobiográfico o estudo de uma vida é o estudo de uma viagem no tempo. Esta viagem, a viagem da vida, é empiricamente imprevisível. Ainda que seu percurso possa ser determinado pela sociedade e pela cultura, os acontecimentos e os encontros são em grande parte imprevisíveis. E, então, não se pode antecipar qual o peso que as experiências terão durante a viagem e, principalmente, não há condições de saber se a viagem pode transformar completamente uma pessoa no corpo e na mente. É neste sentido que a vida em si é uma aventura.

⁴⁶ EREBEN, Michael. “Biografia e autobiografia. Il significato del metodo autobiografico.” In: *Il metodo autobiografico*. Semestre sulla condizione adulta e processi formativi- 4 Otome, 1996. Edizione Angelo Guerini e Associati, Milano, 1996.

⁴⁷ Idem. Ibid. p. 73

⁴⁸ Idem. Ibid. p. 77

Importa e muito, para os praticantes do método, se as vivências podem ou não se transformar em autoconsciência⁴⁹, ou seja, passar pela reflexão, pela elaboração, pela interpretação. E essa interpretação está necessariamente articulada com uma temporalidade. Segundo o autor, “a essência do método biográfico consiste, mais precisamente, em investigar a forma como a autoconsciência de terceiros é empregada para produzir sua própria autoformação. O sujeito humano pode interpretar a si mesmo somente através da ação de interpretar os sinais captados no mundo que o circunda. Não existe qualquer noção de si mesmo ou de identidade que seja transmitida geneticamente. Estamos unidos ao passado e ao futuro, visto que é uma característica constitutiva da mente humana possuir uma memória e a capacidade de projeção. Assim, o passado está sempre necessariamente ligado a um futuro e, quando este chegar, o passado já estará - desta mesma forma - ligado a um outro novo futuro.”⁵⁰

É preciso levar em conta, todavia, que no interior deste esquema temporal, o “si mesmo” - a identidade como um todo - não é um ator livre. Quando ele chega ao mundo, encontra-o pré-constituído, com uma linguagem pré-existente. Assim, quando os indivíduos interpretam ou decifram a própria situação existencial, estão já parcialmente socializados; vale dizer, encontram-se sempre em um estado de pré-significação. Quero dizer com isso que o método autobiográfico possui um aspecto intra-reflexivo que o pesquisador deve levar em conta. Dando mais um passo, é importante dizer que os pesquisadores da área biográfica não querem saber simplesmente o que o sujeito pesquisado “pensa do passado”, antes, preocupam-se em apreender como os entrevistados construíram o mundo, como o vestiram de significados e como infundiram nesse mundo construído suas emoções (ou não).

Michael Erben, valendo-se da hermenêutica – e, então, de uma ciência da interpretação – propõe que *a história de vida seja vista como um texto a ser interpretado*. Biografia, que como vimos, já sofreu uma interpretação e, por isso, é ela sempre uma *autobiografia*, no sentido de que quando o narrador está contando a história, esta é já uma interpretação de si

⁴⁹ Ou “experiências” no sentido de Benjamin.

⁵⁰ ERBEN.M. Op.cit. p. 73

mesmo. Isto nos leva a uma outra importante questão do método. Refiro-me à **aproximação** e ao **distanciamento** do pesquisador.

O pesquisador hermenêutico em relação ao *texto* – cultural ou individual – a ser compreendido, partilha do Mesmo e do Outro. Citando o autor: “Em outros termos, as expressões culturais humanas situam-se na mesma esfera de compreensão em que se encontram aquelas de quem deseja interpretá-las. O intérprete ou o pesquisador, em seu papel específico, ocupa um lugar muito próximo daquele que deve ser interpretado mas, ao mesmo tempo, parece que o elemento "objetividade absoluta" termina por afastar interprete/pesquisador do interpretado. A proposta hermenêutica, intrínseca ao método biográfico, deveria permitir a exploração tanto das vantagens como das desvantagens desta posição quando de sua aplicação na observação da vida humana.”⁵¹

Existe, desde a hermenêutica, um ato (científico) de honestidade: o reconhecimento de que tanto pesquisado (a) como pesquisador(a) pertencem a uma mesma textura cultural. É esse o primeiro passo que o pesquisador (a) deve compreender, para ser consciente de que quem pesquisa apenas faz uma *interpretação de outra interpretação* e é ali que se completa a noção de alteridade. É somente sabendo que se é a mesma coisa que se consegue reconhecer o outro (o mundo das coisas, dos animais) e ao Outro. Quero dizer: somente se pode escutar, interpretar e *saber* algo do outro, através da escuta de si mesmo, na tentativa de se-interpretar para *saber* algo de si. ⁵² .

Ora, para a hermenêutica as “interpretações cumulativas” são bem vindas, pois com isso oferecem-se compreensões sempre mais refinadas, todavia, nunca um conhecimento completo do texto – da história de vida. Já vimos que a hermenêutica considera o Tempo e o seu transcorrer como um elemento central e universal das narrativas sociais e individuais. A vida – seja da sociedade, seja dos indivíduos – é narrativa de experiência do tempo. Valendo-se de Paul Ricoeur, Michael Erben enfatiza a “irreversibilidade do tempo” nas

⁵¹ ERBEN.M. Op.cit. p. 76

⁵² MARONI.A. “Experiência, Estar Junto, Transformações”. In: *E por que não? Tecendo outras possibilidades interpretativas*. Op.cit.

narrativas: é a partir daí que o texto – seja social, seja individual – se deixa compreender melhor e mais profundamente.

Existem no texto várias camadas de sentido. Metaforicamente, a narração, e nela cada uma das interpretações, fazem parte de uma doce cebola (que às vezes faz chorar) que vai se abrindo pouco a pouco, tentando descobrir, desvelar um centro que no final também não existe. Porque o método autobiográfico como a hermenêutica, não vai em busca da Verdade, essa que persegue, loucamente, o método científico. A busca é outra, o que importa é o sentido, os sentidos. Algo no meio de... Um caminhar...⁵³

Com esse método não somente se reconstrói uma vida – ou parte dela -, mas também se lê o “desenvolvimento de uma trama” ou um ato de “construção de uma trama”. E o que nos parece fundamental: a construção da trama é o mapeamento de uma narração no confronto com a temporalidade. Essa dimensão narrativa apreende as “repetições seriais dos eventos” e assim, o modo como se constrói e se torna compreensível a identidade individual: o modo como nela, na identidade, a trama foi tecida. Ao agir deste modo, o pesquisador pode então simbolizar uma vida. Cito de novo Erben: “Portanto, construir a trama significa representar uma narrativa biográfica e “realizar uma mediação” entre os eventos e a experiência humana do tempo.”⁵⁴

Desta maneira, a ‘narrativa’ foi a forma privilegiada neste trabalho, entendendo-a como uma forma de explicitar a singularidade, de articular espaços, tempos e experiências. “Walter Benjamin, em seu texto “O Narrador”, também destacou a importância da narrativa indicando que a relação do narrador com seu ouvinte tinha algo de formativo, pois era com um conselheiro e ‘dar conselho’ não significava responder a uma pergunta, mas fazer uma proposta de continuidade a uma história que está por se desenvolver.”⁵⁵

⁵³ Nos termos de Muniz, seria uma espécie de caminhada com Fé, um certo posicionamento diante do que se sabe. Uma busca em direção ao infinito, mesmo sabendo que não vai se chegar, mas nem por isso desistindo. Aula ministrada pelo professor Antonio Muniz de Rezende, IFCH, Unicamp, Campinas, Dezembro 4 de 2006.

⁵⁴ ERBEN.M. Op.cit. p.77

⁵⁵ Citado por Cecília Warschauer . JOSSO.M.C. Op.cit.

Segundo Erben, para Ricoeur, a “construção da trama é uma atividade poética”. Isso não significa que essa construção esteja dissociada do mundo real, mas sim que as linhas que unem os fatos compõem uma geometria que pertence ao reino da fantasia. Cito Erben ainda uma vez: “Com efeito (Paul) Ricoeur argumenta que a honestidade imaginativa do biógrafo é sempre fundada na construção da trama das narrativas biográficas do sujeito e não sobre as construções da trama daquele que simplesmente conduz a pesquisa.”⁵⁶

Sendo assim, as histórias de vida permitem recuperar as tramas, buscar nos bastidores, remexer a estrutura. Não se trata aqui de uma busca de eventos cronológicos, lineares e separados. A narração faz com que haja uma convergência - em tempos exatos e mágicos com a trama. Os discursos giram aqui ao redor da interpretação. E por isso a ausência de hipóteses pois são as narrações que levantam perguntas!. Não é o/a pesquisador/a quem pergunta. Quem pergunta é a narração, a história. É o outro, o entrevistado, quem interpela.

Esse *caminho* reconhece na vida pesquisada o sombrio, o ambíguo, o misterioso, o confuso, o discordante, o incongruente, o “negativo”. Longe estamos, com esse *caminho*, de um modelo ideal que daria conta: 1) da vida pesquisada; 2) da natureza da existência. Quando o pesquisador consegue reconhecer o “outro lado” do sujeito pesquisado, quero dizer, o lado sombrio, é porque também é capaz de reconhecê-lo em si. Esse duplo reconhecimento abre a percepção para o incognoscível. Cito o autor: “Por meio desta proposta, a saber, tanto reconhecendo a meteórica impermanência da vida no tempo, quanto se permitindo vivenciar uma tristeza íntima e velada frente à condição humana, pode-se captar com maior clareza a importância do "pathos" na condução da própria vida e, dessa forma, elevar-se um patamar acima na espiral interpretativa da escala hermenêutica. É por isto que podemos legitimamente valer-nos dos instrumentos da crítica estética e literária, combinando-os aos já utilizados habitualmente no âmbito das ciências sociais.”⁵⁷

Segundo Erben, a discussão biográfica sobre a vida individual produz hoje uma vasta literatura. O mesmo não é possível dizer a respeito da “**vida dos grupos**”, pois aí os estudos não são tão numerosos. No estudo da “vida dos grupos”, Erben faz uma distinção que muito

⁵⁶ ERBEN.M. Op.cit. p. 77

⁵⁷ ERBEN.M. Op.cit. p. 77

nos interessa: 1) os chamados “grupos intencionais”: isto é, grupos com um certo número de interesses explicitamente partilhados; 2) os chamados “**grupos não-afiliados**” ou “**grupos desinteressados**” - por exemplo, são pessoas unidas para uma determinada pesquisa simplesmente por morarem na mesma rua e, então, partilharem, supõe-se, de uma mesma camada econômica e social, sem que haja, no entanto, entre eles, relações pré-determinadas ou vínculos instrumentais. Ora, como argumenta o autor, nesses casos, não obstante o grupo seja abstrato, o processo de vida é concreto! Se por exemplo o tema proposto para um “grupo desinteressado” girar em torno do cotidiano, provavelmente a pesquisa biográfica terá afinidades com a história cultural, e então, a **articulação** tão cuidada pelo método será preservada; refiro-me à articulação entre a vida pessoal e a vida social/cultural.

O resultado final deste trabalho obedece também ao fato de ter compreendido que “realizar uma pesquisa é assumir um status de poder sobre os sujeitos da pesquisa a partir de um lugar cognitivo específico. Da mesma forma que os sujeitos produzem o sentido de suas palavras em complexos processos de lucidez e cegueira, luta e negociação, identificação e desidentificação, o pesquisador produz o sentido (em processos semelhantes de lucidez e cegueira, luta e negociação, identificação e desidentificação) de seu próprio discurso na direção dos pesquisados e, principalmente, produz o sentido do texto final de sua pesquisa, cuja existência não teria sentido possível sem a participação e colaboração dos sujeitos da pesquisa.”⁵⁸ Desde essa perspectiva, a história de vida é uma aventura (a dois) sempre aberta, somente um começo com infinitas possibilidades interpretativas.

⁵⁸ GAUTHIER. Jacques. “A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética”. In: *Revista Brasileira de Educação*, No. 25, 2004. p. 128

IV. CAPITULO 3: História geral da violência na Colômbia

“O mais trágico que se poderia dizer da violência na Colômbia é que este tema não pode ser abordado de forma pontual. Não é possível pensar sobre o que está "acontecendo" na Colômbia porque não é que a violência aconteça na Colômbia, mas que a Colômbia acontece na Violência.”
-Guillermo Tell Aveledo⁵⁹

Tentar dar uma explicação do que se passa na Colômbia com o deslocamento e com o desterro não é simples. Ir ao passado de um país latino-americano produz dor. Foram países “conquistados”, “colonizados” e saqueados violentamente; cada um com suas particularidades mas com histórias em comum. Voltar ao passado da Colômbia (me) produz outra dor, não sei se é isso que alguns chamam de “dor de pátria”. A dor que consigo identificar está ligada ao ancestral, à sensação de imaginar que venho de toda essa história, de me *encontrar* nesse passado, de me descobrir inevitavelmente constituída, igual que os meus conterrâneos, por cada guerra civil, por tantos acontecimentos –embora sejam ignorados ou desconhecidos- que vão marcando os rumos, as vozes, os atos, as vidas e as histórias de *todos nós*.

Sempre escutei falar de “La Violencia”, sabia que era um período histórico relembrado pelos mais velhos de forma dolorosa. Após vieram histórias de narcotraficantes e sicários, depois o ‘conflito armado’ seguido do “deslocamento forçado”. Todos esses eventos pareciam desarticulados uns dos outros. Era “La Violência” na metade do século passado, entre as décadas de 40 e 50, que meus avós viveram. Depois, a guerra dos cartéis que meus pais e a minha geração presenciamos. Logo o deslocamento que, ainda que não seja uma situação nova, intensificou-se na metade dos anos 80. Os atores também eram outros, longínquos e distantes. Eram os liberais e conservadores, os “narcos”, os políticos, os camponeses, sempre outros, alheios.

⁵⁹ TELL AVELEDO. Guillermo “Comentários sobre la Violencia Política Contemporánea en Colombia”. In: *Analítica Semanal*. Revista virtual. Venezuela, Diciembre de 1999.

Agora, quando em seu movimento natural a vida faz aquela curva em espiral e eu me detenho para olhar no meu passado, consigo reconhecer que esses outros que pareciam apenas outros, *distantes e longínquos*, são minha história mais próxima; ao final eu mesma. Os pais de meus avôs eram camponeses e liberais. Minha avó e alguns dos meus tios, operários de fábricas; algumas das minhas colegas no colégio (particular, católico e de classe socioeconômica média-alta), filhas ou namoradas de pessoas que em algum grau estiveram relacionadas com o narcotráfico; e assim por diante, todas as histórias entrelaçadas, dando-me forma.

Me debruçando sobre a história da Colômbia, descubro que a conhecia pela metade, porque antes de “La violência” houve também outra história, a dos meus bisavôs, os quais com certeza, acompanharam de perto um evento entre final do século XIX e começo do XX que se denominou “a Guerra dos mil dias”. É por isso, porque a história é uma cadeia, que para compreender o fenômeno do deslocamento forçado é necessário revisar a história da Colômbia, uma delas, a da violência, essa que dá chão à minha pesquisa, para entender que o que acontece não é um fenômeno isolado, mas uma das múltiplas conseqüências de alguns dos episódios mais violentos do país.

As que se seguem são só algumas das múltiplas versões que existem, versões que em algum momento também conheci e que, como todas, se aproximam mais ou menos à forma como foram os acontecimentos em si; que, como toda memória e todo relato histórico tem algo de ficção mas que nem por isso são falsos. Cada um dos momentos, entendendo que não são eles os que ocupam o centro deste trabalho mas que são o contexto do ‘deslocamento forçado’, descreve os fatos mais cruéis (e massivos) durante o século XX na Colômbia: Guerra dos Mil Dias, Massacre das Bananeiras, 9 de abril e “La Violencia” entre os partidos liberal e conservador. Também “Marquetalia” que não é incluído na história “oficial” como um dos acontecimentos violentos do país por se tratar de um ataque do governo contra a incipiente guerrilha das FARC (ou seja, por ser considerado como violência legítima). Posteriormente o desenvolvimento do narcotráfico e do *sicariato*.

Para as descrições que se seguem tive como base os relatos encontrados em diferentes textos sobre a história política e violenta na Colômbia, sendo que a escolha, ordem e amálgama das múltiplas visões sobre cada uma delas, obedece à eleição que minha memória e interesse sugeriram.

É preciso dizer que não entendo os acontecimentos da violência na Colômbia como uma história linear. Os fatos que são descritos são só os maiores e mais marcantes, em termos de memória coletiva, entre inumeráveis fatos da violência que sem dúvida habitam de alguma forma as memórias individuais de todos os colombianos.

3.1 A Guerra dos Mil Dias

A Guerra dos Mil Dias (livrada entre membros dos partidos liberal e conservador), que não foi uma só, mas a somatória de muitas batalhas, teve 1128 dias de duração, desde o dia 18 de outubro de 1899 até o dia 21 de novembro de 1902, quando se assina a paz no tratado de Wisconsin.

A Colômbia daquela época era ainda uma imensa comarca de aldeias agrícolas e de pastores, cuja população quase não chegava a quatro milhões de habitantes disseminados em cinco pequenos núcleos urbanos: Bogotá, Medellín, Barranquilla, Cartagena e Bucaramanga, e também em inúmeras vilas perdidas nas proximidades da região andina, separados por rios abruptos e bosques primários e unidos pelos caminhos ou abismos onde os melhores arrieiros tinham perdido suas melhores mulas e seus melhores amigos de arriaria.

Aos olhos de um escritor francês de nome Pierre D'Espagnat, a Bogotá daquela época era descrita assim: “As longas ruas retas, sem alegria, geralmente desertas, entre duas perspectivas de muros pálidos que vêm do coração da cidade para perder-se no campo, demonstram até certo ponto o esquema da economia social colombiana. Apesar de seus 130.000 habitantes, Bogotá não conta mais que com uma classe dirigente bem restringida.

Todos os negócios, toda a política, concentram-se entre nas mãos de umas cinquenta famílias conservadoras que tiraram essa missão de direção de outras tantas famílias liberais. Na obscura rua de Floreal, de trecho em trecho, um foco elétrico atira um clarão polar suspenso em aristas de gelo. E, mais além, nos subúrbios mal definidos, fiel ao boteco fedorento, o povo humilde se gruda, ávido dos paraísos baratos que prometem o álcool”.

Relatava D’Espagnat que “era forçosa a incorporação de recrutas que se prendem na rua por dois *pesos* o dia. Fui ver fazer o exercício desses pobres peões transformados em guerreiros. Eram os mesmos ‘carne para canhão’ de sempre, idênticos nos dois hemisférios, resignados, indiferentes. Suas mulheres, que sem eles morriam de fome porque o governo não as mantinha, esperavam submissas por perto a hora de comer. Não era a primeira vez que via essas infelizes seguindo, de longe, retaguarda da miséria, ao batalhão em marcha de seus maridos”.

Alguns dos recrutamentos ocorriam de forma voluntária; no entanto, foram muitas as modalidades para fazer com que os homens, de forma forçada, fizessem parte das filas de quaisquer dos exércitos (liberal ou conservador). Apesar de que a situação era de guerra civil, nas batidas que se faziam para engrossar as filas do exército não iam só idosos, crianças, chefes de lar, doentes e limitados físicos, mas militantes do partido contrário!

Muitos historiadores concordam com que a Guerra dos Mil Dias entre Conservadores e Liberais, foi a guerra mais devastadora e sangrenta que a Colômbia assistiu antes de 1899. As cifras oscilam entre 50.000 a 100.000 mortos por causa da guerra, ou seja, aproximadamente 2.5 por cento da população colombiana da época.

3.2 Massacre das Bananeiras

A hegemonia conservadora que tinha começado em 1886 foi até 1930. Durante estes anos, além da Guerra dos Mil Dias, aconteceu a separação do Panamá em 1903 e a primeira

reforma constitucional em 1910. Durante este mesmo período, graças às políticas protecionistas, iniciou-se a industrialização do país e, durante a primeira guerra mundial, nasceu na Colômbia o movimento operário-camponês. Em 1928 ocorreu o “Massacre das Bananeiras”.

O incipiente processo de industrialização e as obras públicas relacionadas com a construção de vias permitiram o surgimento de um grupo de operários urbanos, alguns dos quais se organizaram em sindicatos para defender seus direitos e lutar pela melhoria de suas condições laborais. A maioria destes sindicatos recebeu influência do socialismo e foi proibida pelo governo.

Em 1918 os trabalhadores portuários de Santa Marta, Barranquilla e Cartagena, fizeram uma greve graças à qual conseguiram algum reajuste em seus salários. O sucesso deste movimento serviu de exemplo para que operários de outras regiões do país utilizassem a greve como meio para pressionar o governo e os empresários para que atendessem suas reivindicações salariais. O governo condenava as greves e o partido liberal não se atrevia a apoiá-las. Em 1919 os líderes dos sindicatos organizados reuniram-se em Bogotá e criaram o Partido Socialista.

Em 1924 este partido dirigiu a primeira das três grandes greves que aconteceram no país nos anos 20. Naquele ano, os trabalhadores da Tropical Oil Company, empresa americana que explorava petróleo na zona oriental, declararam a greve geral para conseguir melhores condições de trabalho e aumentos salariais.

O movimento grevista foi reprimido e os trabalhadores não conseguiram nenhuma de suas reivindicações. Em 1927 declararam uma segunda greve que, como a primeira, foi rejeitada pelo governo que ofereceu apoio à empresa. Nessa época, a oposição ao conservacionismo já era o bastante forte pela forma como os governos tinham se posicionado frente às greves.

Em 1928 os trabalhadores da United Fruit Company fizeram uma greve geral para protestar contra as más condições de trabalho que existiam na zona bananeira. A folha de reivindicações começava com três pontos que demandavam o cumprimento das leis colombianas sobre o seguro coletivo e obrigatório para os trabalhadores, acidentes de

trabalho e habitações higiênicas. Após isto, exigia-se aumento salarial de 50 por cento, cessação dos comissários e de empréstimos por vales, pagamento semanal, contratação coletiva e construção de mais hospitais. Apesar de que somente se reivindicava moldar-se à escassa legislação do trabalho, a UFC negou-se a negociar.

O governo ofereceu apoio militar à empresa. Na noite do dia 5 de dezembro desse ano, corria o rumor a que o governador iria se entrevistar com os trabalhadores para procurar uma solução à greve, mas ele nunca chegou. O governo central expediu o Decreto Legislativo No. 1, que declarava o estado de sítio na zona por perturbação da ordem pública e designava Cortés Vargas chefe civil e militar da mesma. Este último, ao receber o esperado decreto, tomou posse às pressas e às 23:30 expediu o decreto No. 1, que dava a ordem de dissolver “toda reunião maior de três indivíduos” e ameaçava com ‘atirar’ na multidão, se fosse preciso”. Em consequência, á 1:30 am do dia 6 de dezembro formou a tropa diante dos concentrados de Ciénaga, lugar onde estavam os grevistas.

Após ler os respectivos decretos e mandar a multidão se retirar, deu um prazo de cinco minutos que prolongou por mais um. Segundo Cortés Vargas “era dever cumprir a lei, e foi cumprida”. O massacre que se seguiu passou a ser, depois, matéria de disputa, assim como ocorreu nos dias posteriores ao fato, que praticamente provocou o término da greve.

Sem dúvida houve fatos violentos realizados pelos grevistas: ao que parece alguns deles estiveram armados de facões e velhas escopetas, mas na noite do massacre em Ciénaga, as balas não saíram da multidão, como o próprio Cortés Vargas reconheceu. De forma enfática, El Espectador⁶⁰ do dia 12 de dezembro publicou uma longa entrevista com o general sob o título: “A primeira descarga se fez sobre uma multidão operária inerte e pacífica”

Por sua vez, o jovem político liberal Jorge E. Gaitán evitou dar cifras precisas na denúncia que apresentou ao Congresso meses depois, mas acusou os militares de fazer uma ação premeditada em estado de embriaguez. Igualmente recolheu o boato, que circulava na região, sobre trens carregados de mortos que foram jogados no mar. Gaitán também tinha interesses políticos, mas suas denúncias, tal vez exageradas em alguns pontos, não se

⁶⁰ Jornal nacional de tiragem diária na época.

podem reduzir a uma simples oposição ao governo, como assinalou o embaixador norte-americano Jefferson Caffery. O ponto de vista deste diplomata foi também esclarecedor das distintas versões dos fatos. Apoiando-se em fontes da empresa bananeira, o embaixador relatou primeiro 100 mortos, depois falou de uma soma que oscilava entre 500 e 600 e, em um informe ao Departamento de Estado, na metade de dezembro, disse que passavam de mil.

3.3 9 de Abril , “El bogotazo”

Um dia na minha casa, entre livros velhos, achei uma revista com fotos de Bogotá em ruínas e muitos mortos nas ruas. Era tanta a violência impressa, tão grotesca⁶¹, que ficava impressionada quando a olhava. Há poucos dias falando com o meu pai, sobre a história da Colômbia, descobri que aquela revista era uma relíquia, uma edição especial feita na época após a morte de Jorge Eliécer Gaitán.

Até esse momento o ‘9 de abril de 1948’, como todos os acontecimentos anteriores, era para mim uma coisa mais daquelas que aconteciam “antes”. Aliás, os colégios, os pais, a mídia, a igreja, a cultura colombiana que silencia e omite cada coisa que vai acontecendo, fizeram com que esses fatos ficassem lá no passado. Parecia que quanto mais grave era, maior o silêncio e o esquecimento que sobre o fato caía.

Se segue uma transcrição literal (por achá-la muito rica na sua descrição) fragmentos de um dos relatos daquela época.

“Sobre o dia 9 de abril de 1948 podem-se escrever muitas coisas, mas sem dúvida as três balas que cegaram a vida de Jorge Eliécer Gaitán Ayala converteram-se no fato que partiu em dois a história do século XX na Colômbia”. Gaitán chegou a ser um dos melhores penalistas e políticos da época. A astúcia e habilidade política de Gaitán fizeram dele um verdadeiro caudilho que despertou admiração e reinou no coração do povo.

⁶¹ Não tinha como não ser grotesca. Pensava que era aquele tipo de imprensa sensacionalista tão difundida na Colômbia. Não só era verdade mas tão violento e devastador como as fotos mostravam.

Na manhã daquele dia, Juan Roa Sierra, um jovem que morava no bairro Ricaurte, dirigiu-se ao centro da cidade, ao famoso café Gato Preto, lugar popular de reunião de intelectuais, jornalistas, poetas e boêmios, perto do prédio Agustín Nieto, onde Gaitán tinha seu escritório de advogado.

Entre o meio dia e uma da tarde, chegaram no escritório quatro amigos pessoais de Gaitán, com os quais iria almoçar. No momento em que chegaram à porta do edifício (1:05 da tarde) Roa Sierra mirou o revólver em Gaitán e atirou três vezes.

Estupefatos, os transeuntes do setor começaram a gritar: “Mataram Gaitán!, Mataram Gaitán!” Uma multidão enfurecida formou-se em poucos minutos. A notícia da morte do chefe do liberalismo difundiu-se em todo o país. Nas outras cidades a revolta explodiu em focos dispersos, em atitudes grupais ou isoladas, mas refletiam a situação de indignação do povo liberal.

Começaram os incêndios no setor, primeiro ardeu o Palácio de São Carlos, depois a Nunciatura Apostólica, os conventos das Dominicanas e de Santa Inês, a Procuradoria Geral da Nação, o Instituto La Salle, o Ministério da Educação, a Governadoria de Cundinamarca, O Palácio da Justiça e os bondes. Junto com os incêndios iniciaram-se os roubos às lojas, joalherias e pratarias.

Às 15:00 horas saíram da Escola Motorizada, tanques de guerra e carros blindados que dispararam sobre a multidão. Apesar do setor do Palácio Presidencial ter sido controlado pelo Exército, a autoridade na capital desapareceu. As polícias sublevaram-se, apoiaram a revolta, distribuíram fuzis entre espontâneos franco-atiradores e na Quinta Estação, alguns líderes gaitanistas trataram de organizar com uma junta revolucionária para derrocar o governo de Ospina Pérez (Presidente da República nesse momento)”⁶².

Dias depois do assassinato de Gaitán, Bogotá voltou para uma relativa normalidade. Não houve nenhuma mudança estrutural no governo nem em suas instituições e não foi precisamente a partir deste acontecimento que nasceu a violência partidária, como amiúde se fala. O homicídio de Gaitán mudou a história da Colômbia porque sua morte e o que ela significou para o país naquele momento agravaram a exclusão e a perseguição política dos liberais e fez evidente a crise da legitimidade do Estado. A violência que a partir de então se agravou no campo, provocou os primeiros deslocamentos massivos para as cidades.

⁶² “Asesinato de Gaitán” www.colombialink.com

3.4 “La Violencia”⁶³

“Nem sequer as gerações de Colombianos que têm vivido em paz tem-se livrado de seu espectro: nos ódios de seus pais e de seus avôs, na memória de seus parentes que viviam mortos na escura lembrança das fotos na sala, nas injustiças dos ‘vitoriosos’, em tudo aquilo persistia um cheiro de pólvora e de terra úmida que tornava esquisito o estabelecimento de toda institucionalização”⁶⁴.

Parece absurdo. Violência é tudo o que tem acontecido antes e continua acontecendo hoje, no entanto, apenas um período da história colombiana -desde 1948 -depois do assassinato de Jorge Eliécer Gaitán- até 1957⁶⁵, com o acordo da ‘Frente Nacional’⁶⁶-, é o que se conhece com o nome “La Violencia”. “La Violência” sobrevive em todos, nos que ganharam e nos que perderam. Os fantasmas caminham por entre nós. Os ódios sobrevivem ao tempo, bem como os ressentimentos, os ânimos de vingança, a vontade de justiça. Para alguns de nós, algumas das coisas são resolvidas com dissertações de mestrado; para os que herdamos alguma dor de algum avô, para os que nos veio a sorte da vida acadêmica. Para outros, para os que foram desapropriados de suas terras, para os que tiveram seus parentes mortos, faltam-lhes eles seus mortos, chegam-lhes todos os dias suas ausências; outros têm ainda a sensação das balas zunindo nas orelhas, o cheiro de sangue seco...

Este período foi sem dúvida o mais forte em termos de terror e foi isso o que mais marcou a história coletiva do país. O motivo pelo qual as datas do início da violência são diferentes em alguns dos documentos vai depender de quem conta a história e, segundo as narrativas que muitas vezes escutei, esta versão que aparece a seguir é a que mais se aproxima dessa lembrança...

⁶³ “(...) A maior mobilização armada de camponeses (já seja como guerrilheiros, bandoleiros ou grupos de autodefesa) na história contemporânea do hemisfério ocidental, provavelmente com a única exceção de alguns momentos cruciais da Revolução Mexicana”. HOBBSAWN.Eric. “La anatomía de La Violencia en Colombia”. In: *Rebeldes Primitivos*. Editorial Ariel, Barcelona, 1974. Citado em Eduardo Pizarro León Gómez, *Las FARC (1949-1966)*.

⁶⁴ TEL AVELEDO.G. Op.cit.

⁶⁵ Na maioria dos documentos estas são as datas que aparecem fazendo referência a esse período, no entanto, em outros, “La Violencia” começa antes, em 1945.

⁶⁶ A ‘Frente Nacional’ foi um acordo entre os partidos Liberal e Conservador para governar cada um por um período de quatro anos durante quatro mandatos com o objetivo fundamental de eliminar as causas que tinham levado à Colômbia a uma década de violência e ditadura.

Por volta de 1945 começou a desenhar-se a estratégia guerreira da reação conservadora que consistia em aplicar um plano de violência ‘de baixa intensidade’ nos campos e povoados. Tratava-se de impedir o triunfo eleitoral de Jorge Eliécer Gaitán, desmobilizar as massas camponesas, anular a capacidade de resistência do povo e recuperar o controle da terra para o grande latifúndio. Em 1946 começaram operar as jornadas de "Chulavitas" (chamadas assim pelo nome da vila camponesa onde se organizaram primeiro), encarregadas de tirar a carteira de identidade de cada camponês liberal. Como a carteira de identidade era documento indispensável para votar, a idéia era impedir a votação dos camponeses gaitanistas⁶⁷.

Quando Jorge Eliécer Gaitán foi assassinado, a violência já tinha deixado milhares de vítimas nos estados de Boyacá, Santander, Cundinamarca, Huila, Tolima e Valle del Cauca, e começava a deixar vários mortos nas regiões cafeeiras.

O ímpeto revolucionário das massas, em sua maioria camponesa, diluiu-se rapidamente. O país ficou a mercê de uma violência geral, sem direção e sem estratégia. O povo liberal e conservador enfrentavam-se porque “La Violência” foi popular. Participaram dela homens, idosos, mulheres e crianças. A luta foi muito desigual e irregular, porque ao lado dos massacres da população civil, feitos pela população civil, houve massacres feitos por militares disciplinados, por bandas paramilitares conservadoras e por guerrilhas liberais.

Neste período aconteceram atrocidades de todo tipo: mutilações, decapitações massivas, esquartejamentos. O país esgotou-se em rituais de sadismo e horror⁶⁸.

⁶⁷ Naquela época, a carteira de identidade continha, além do nome e a data de nascimento, o partido de filiação política.

⁶⁸ “Têm nos rituais de terror, uma espécie de liturgia e solenidade da morte que implica um aprendizado das artes de fazer sofrer. Não só mata-se, mas o como se mata obedece também a uma lógica sinistra, a um cálculo de dor e de terror. O despojo, mutilação e profanação dos corpos são uma prolongação da empresa da conquista, malandragem e devastação do território inimigo. Os corpos mutilados, desossados ou incinerados pareciam inscrever-se na ordem mental da terra arrasada. Existe um leque cerimonial de suplício, expressado algumas vezes em atos de estudada perversão, como a mutilação da língua (a palavra do outro), ou tirar os fetos do ventre das mulheres grávidas (eliminação da possibilidade de reprodução física do outro), a crucificação, a castração e muitos outros, destinados não só à eliminação das duzentas mil ou mais pessoas do período, mas para deixar uma marca indelével nos milhões de colombianos que restavam.” SÁNCHEZ GÓMEZ. Gonzalo “La violencia y la supresión de la política” In: *Guerra y Política en la Sociedad Colombiana*. Ancora Editores, Bogotá, 1991. p. 34

Em 1946 um dirigente camponês comunista, começou organizar grupos de autodefesa armada para proteger a população civil de sua região dos horrores que estavam acontecendo no país. Este dirigente abandonou seu nome Pedro Antonio Marín e adotou o nome de um camponês que tinha sido assassinado pelas bandas conservadoras. Desde então passou se chamar "Manuel Marulanda Vélez", conhecido também como 'Tirofijo', e é quem dirige há mais de cinquenta anos, a luta armada da organização que hoje se chama "Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colômbia" (FARC).

Também no interior da guerrilha liberal começaram soprar ventos populares. Nos Llanos Orientales organizou-se uma república independente defendida pelas tropas irregulares de Guadalupe Salcedo, o maior dos chefes guerrilheiros do partido liberal tanto por suas geniais condições de combatente e estrategista como por suas condições de líder político.

Foi nessa época que o general Gustavo Rojas Pinilla deu um golpe de estado (com o apoio de liberais e conservadores que tempo depois se uniriam novamente para tirá-lo do poder) e implantou a paz através da anistia. Os guerrilheiros liberais e conservadores que entregaram as armas foram assassinados quando não aceitaram trabalhar para a polícia ou as forças de segurança. As forças camponesas de autodefesa organizadas por Marulanda mantiveram-se alerta, sem adotarem o "plano de paz", e isso salvou a vida deles e de muitos camponeses. Assim, a violência começou outra vez com ferocidade inaudita mas oficialmente reinava a paz. Os bandoleiros adotaram nomes de medo (Capitán Veneno, Chispas (*faíscas*), El Tigre, Sangre Negra, Desquite, Alma Negra, Zarpazo, Capitán Venganza) e semearam o terror por todas as vilas do país. Um por um foram caindo, em caçadas que custavam a vida de civis de toda condição e idade. Muitos outros guerrilheiros liberais e conservadores viraram bandoleiros.

Os mortos durante este período são incontáveis, fala-se desde 400.000 até 15 milhões. Não teria como saber com exatidão as cifras, mas sei que em cada família colombiana esses mortos precedem a história; que deles falou-se a vida toda. Que boa parte das cidades colombianas foi povoada por milhares de camponeses que fugiam de "La violencia" nos campos e que essa é a história que hoje se repete, quer dizer, agravou-se, porque nunca

parou realmente. E que isso que antes se chamou ‘La Violencia’, hoje chama-se de “conflito armado” e gera o *deslocamento forçado* a milhares de colombianos.

3.5 Marquetalia (História do nascimento das FARC)

As FARC surgem em 1964 por causa da invasão do Exército a uma região chamada Marquetalia, no Sul do Estado de Tolima, município de Planadas. O quê existia aí antes da invasão? Durante a anistia de Rojas Pinilla, em 1957, o movimento guerrilheiro dessa época, eminentemente liberal, desmobilizou-se, mas parte deste movimento (uma parte muito pequena) não entregou as armas e encontrando-se nessa zona com a outra parte do movimento, organizada pelo Partido Comunista, convertem-se em autodefesas camponesas. Ali se continua a luta social, solicitando atenção do Estado para essas regiões e configura-se como uma espécie de governo autônomo que desconsidera as normas do governo central. Trata-se de um núcleo de umas 80 famílias.

No dia 27 de maio de 1964 é lançada uma operação contra as famílias assentadas na região. Trata-se de uma operação de 16.000 homens⁶⁹ com armamento sofisticado, apoio aéreo e assessoria norte-americana. O combate é contra 50 homens armados que fugiram para as montanhas com suas famílias, umas 150 pessoas no total, mais haveres e animais. Fala-se em bombas de NAPALM que foram jogadas no local.

No lugar onde novamente se localizam, chamado EL Pato, reorganizam-se e celebram em 1966 a Segunda Conferência que dá o nome à organização de *Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia*. (Entende-se que a Primeira Conferência ocorreu no confronto da Operação Marquetalia). A organização elabora um “regulamento do guerrilheiro”, elimina-se a estrutura de mandos que existia nesse momento copiados do exército e cria-se uma nova estrutura orgânica e de mandos. Discute-se que a luta já não é só pela terra, mas pelo poder, ou seja, acontece assim um salto qualitativo.

⁶⁹ Para o coronel Matallana, encarregado de dirigir a operação, o número de soldados foi de 2.000. Segundo as FARC era 16.000. Conservei a última cifra porque acolhi a versão oferecida pelo movimento guerrilheiro, embora acredite que as duas cifras são distorcidas.

Em 1983 começam os primeiros ‘diálogos de paz’ com o presidente Belisario Betancourt, que culminam no cessar-fogo, trégua e paz. Firmam-se documentos nos quais o governo se compromete realizar algumas atividades para favorecer os movimentos de esquerda na participação das eleições.

As FARC expõem as bandeiras de um novo movimento político, a Unión Patriótica (UP) que, em campanha de só seis meses, consegue levar vários de seus líderes ao Parlamento, às Prefeituras, aos Conselhos Municipais e às Câmaras Estaduais, com um cabedal de votos de aproximadamente 360.000 votantes. Durante a década seguinte foram assassinados mais de 4.000 dirigentes da UP de forma seletiva ou através de massacres, incluindo Jaramillo, o candidato à presidência, fato que eliminou o incipiente movimento político.

Foram os paramilitares a força destinada a realizar as tarefas que o estado não podia completar. Muitos dos assassinatos dos membros da UP foram parte dessas tarefas. Outro de seus deveres, talvez o principal, foi a implantação de um regime de terror no campo para minar a base social da guerrilha. Isto forçou o deslocamento de pelo menos um milhão e meio de camponeses para as cidades desde 1985. Os massacres e o terror indiscriminado foram as ferramentas para levar o movimento adiante.

3.6 Autodefesas e paramilitarismo

As primeiras autodefesas do novo período são formadas como forma dos fazendeiros e novos ricos se defender da extorsão e roubos que a guerrilha fazia. Muitas são formadas por paramilitares.

Uma parte importante das autodefesas é instituída no período em que Álvaro Uribe Vélez, atual Presidente da Colômbia, foi governador do Estado de Antioquia. São criadas através de um decreto em fevereiro de 1994, e chamadas “Convivir” a partir de 1995. Definidas como cooperativas de vigilância e segurança "privadas" e são oficialmente destinadas para ajudar à autoridade na luta contra os grupos armados ilegais. São forças auxiliares do exército e da polícia, usadas contra insurgentes, geralmente financiadas pelos grandes

proprietários de terra, que na época quiseram se livrar do imposto revolucionário e da "agitação subversiva".

Álvaro Uribe manifestou-se afirmando que estes grupos permitiram à população “colaborar” com as instituições do Estado. "A autoridade deve ser forte e constante. Sem esta condição, não haverá paz nem ordem", respondeu à Igreja colombiana preocupada com esses grupos armados clandestinos. "Queremos que estas patrulhas estejam presentes em todo lugar", afirmou em dezembro de 1996 em uma entrevista concedida a uma revista nacional.

A principal crítica feita às Convivir é a de ter participado diretamente no conflito entre civis e privatizar a manutenção da ordem pública, normalmente competência exclusiva do Estado. Finalmente, inclusive os ditos ‘informantes’, como são nomeados os civis que colaboravam naquele momento com as autodefesas, tornaram-se alvo da guerrilha, assim como de todo aquele que eles denunciavam. (como acontece ainda hoje)

3.7 Narcotráfico e sicariato

Como já disse, nasci e cresci em Cali, umas das duas cidades que tiveram maior influência desta dupla situação na Colômbia. Nasci quando os primeiros rebentos do narcotráfico surgiram, em 1975; fui adolescente durante seu ponto mais alto, no final dos anos 80, quando aparece a figura de Pablo Escobar, o cartel de Medellín e o cartel de Cali; e quando o fenômeno transcende e fica conhecido no mundo inteiro. Época em que também o governo entrou com maior força para atacá-lo.

Fiz parte do lado que “não tinha nada a ver” apesar de que de qualquer forma era impossível não ver, não sentir, não fazer parte. Principalmente porque a cultura era uma cultura de narcotráfico, a cidade tinha estética de narcotráfico e a ordem moral era ditada pelo dinheiro, pelo poder e pela droga.

Era um tempo em que tudo parecia bonito. Lembro que fiquei supressa quando fui a Bogotá pela primeira vez e vi carros “feios”, prédios “feios” e ruas com buracos; meu ponto de

referência era Cali com todos seus “luxos”. Os carros nas ruas eram inimagináveis. Os caras armados e as mulheres também tinham estética de “mulher de traficante”, termo que já conotava mulheres voluptuosas, loiras e cheias de cirurgias estéticas.

No início dos anos 90 inicia-se a guerra do Governo contra o narcotráfico, a perseguição de Pablo Escobar, seu assassinato e a detenção de muitos membros dos cartéis. A estratégia do cartel de Medellín era o terrorismo para causar medo no governo e na sociedade com carros- bombas, com bombas em aviões e em centros comerciais, assassinando políticos, jornalistas e polícias, todos que estorvassem. Enquanto isso, o cartel de Cali emprega a estratégia de se infiltrar mediante a corrupção, que obviamente fez muito estrago, especialmente na forma de fazer política na cidade - e no país em geral - e que também afetou outras esferas como o futebol e a atividade artística.

O cartel de Cali num certo momento também começou fazer uso das estratégias de terrorismo e fez explodir a “guerra entre os cartéis”. Nunca houve na minha vida uma tragédia, mas foi só uma coisa de ‘sorte’, ou seja, nunca passei (nem eu, nem minha família, nem meus amigos) por nenhum lugar em uma hora em que alguma bomba explodisse. Pelas minhas costumes e consumos culturais nunca estive em uma das grandes boates onde chegavam sicários que querendo matar só um terminavam matando mais de vinte. Mas a possibilidade existia e o medo era latente. Não vou falar em terror, mas um medo no qual se nasce e com o qual se lida. É assim que a gente lá ‘fica experto’.

Apareceram os sicários. Para mim eram homens em motos que assassinavam por um salário. Pronto. No entanto, eram pessoas que estavam quase “prontas”, o narcotráfico só teve de “colocar o dinheiro na mesa”. Eram homens jovens de mais, geralmente nascidos em bairros periféricos surgidos de uma violência anterior, aquela que fez deslocar pessoas do campo para as cidades e também da própria industrialização que atraiu muitos camponeses. Eram lugares que padeciam de um esquecimento sistemático do estado e que careciam de espaços de educação, esporte, saúde, atividades culturais, etc. Foi nesse cenário que apareceu o narcotráfico, oferecendo um modelo de vida melhor; um pouco mais simples do que ‘trabalhar’ e que, além disso, oferecia a possibilidade de ter carros, casas, luxos...(e “ter” mulheres).

Este fenômeno abateu muito à sociedade porque era o braço armado de um cartel terrorista, eram os que colocavam as bombas, os que assassinavam ou seqüestravam para poder financiar-se, porque com a guerra com o governo, o narcotráfico tinha problemas para se movimentar e as contas bancárias estavam congeladas.

Obviamente, isso tudo gerou problemas também para os sicários que começaram serem perseguidos. Existia também uma guerra entre as próprias gangues por pertencer aos cartéis; começaram existir conflitos entre eles por querer ascender e isso gerou aspectos próprios da máfia, como traição, que se paga com a vida, e assim por diante.

A descrição anterior de acontecimentos na Colômbia tornou-se, além de uma tentativa de contextualizar o fenômeno chamado 'deslocamento forçado', um exercício pessoal (de lágrimas e taquicardias), para compreender política e historicamente os múltiplos motivos da guerra civil colombiana; isso que temos os colombianos em geral, certa desconfiança, um individualismo demais, essa astúcia para nos dar bem nos problemas, isso que está no ar que ninguém vê mas que todo mundo respira, percebe e aprende, que parece 'normal' porque é onde se nasce, o limite do mundo, desse país que agora fica pra mim no norte, mas que também fica aqui dentro, que sou eu...

V. Capítulo 4: Deslocamento forçado por conflito armado

“ Con el pasar de los años descubrió que los acontecimientos humanos –incluso los más diarios- cuando son vistos desde el aire, aquí la mirada descansa en el tiempo, adquieren un nuevo sentido. Lo que parecía azaroso, aquello que estaba más allá de las intervenciones divinas y humanas, ahora muestra su entrañable fisonomía.”-*Alejandro Castillejo, Poética de lo Otro*⁷⁰

E assim estou, dando novos sentidos para isso que parecia tão cotidiano, tão natural. Estou em um devaneio que tenta distanciar o que me constitui para revisá-lo com a distância que a academia pede, com a proximidade que a vida me impõe. É no deslocamento forçado pelo conflito armado que meu olhar vai se fechando e é ali que este texto se detém para, grosso modo, compreender do que se trata este fenômeno.

Nas guerras em geral e nas que aconteceram na Colômbia durante o século XIX, os combates entre um e outro bando aconteciam só durante as batalhas, ou seja, existia um momento específico de confronto; além disso, existiam códigos de honra que faziam com que a vida dos outros que não estavam envolvidos no conflito, basicamente por não serem combatentes, fosse respeitada.

Muito diferente disto foi a dinâmica do período de “La Violencia”, por isso não é fácil defini-la como ‘guerra’, o que também acontece atualmente. Na Colômbia as confrontações que sucederam na década de cinquenta e que continuam acontecendo hoje - de maneira específica nas regiões rurais - têm uma lógica especial: os grupos rivais se evitam sistematicamente, salvo algumas ocasiões em que (tanto antes como agora) alguns núcleos organizados (guerrilhas e paramilitares) mantêm enfrentamentos inevitáveis entre eles e com o exército. Seus antagonismos se resolvem através de operações de extermínio contra a sociedade civil que está nos territórios de um e outro bando ou dos que querem ter. Não há

⁷⁰ CASTILLEJO. Alejandro “Imágenes de la muerte”. In: *Poética de lo Otro. Antropología de la guerra, la soledad y el exilio en Colombia*. ARFO Editores. Bogotá, 2000. p. 49

nesta época, nem agora, considerações especiais de idade ou sexo; atacam, inclusive com maior ênfase, mulheres, crianças, doentes e idosos.⁷¹

A ‘função da guerra’ não era então vencer ou desarmar o suposto inimigo, era produzir terror nas comunidades de uma determinada posição partidária. Hoje os componentes das fases anteriores continuam presentes, carregando-se como uma conseqüência inevitável, como qualquer *saber* sempre acumulado. Os limites não estão claros para ninguém, as faixas vulneráveis são cada vez mais amplas e parece uma guerra de todos contra todos, na qual o ‘*outro*’, qualquer que seja, não cabe, incomoda.

Uma parte desses outros que antes estavam nos campos da Colômbia, nas zonas rurais, *distantes*, não visíveis, agora estão nos semáforos, nas esquinas, nas favelas das periferias das cidades, batendo nas portas, pedindo comida, roupa, um pouco de atenção. São as pessoas em ‘situação de deslocamento forçado por conflito armado’. Este é o termo que, por ser politicamente correto⁷², é empregado nos meios acadêmicos ou jornalísticos mas, na linguagem cotidiana, são simplesmente ‘desplazados’ e este termo denota, não só que se torna uma *vítima* da circunstância, mas que pertence a uma das partes, essa situação que -apesar de invisível e em muitos casos inexistente- condena-os⁷³.

⁷¹ “Os massacres, é claro, deixaram marcas inesquecíveis na memória de uma geração de crianças e adolescentes camponeses que presenciaram impotentes o incêndio de suas casas e o assassinato de seus pais, irmãos e seres queridos em geral, depois de indescritíveis rituais de terror. (...) No entanto, antes que se fechasse o ciclo da primeira Violência, muitos dos sobreviventes desses assassinatos refugiaram-se desesperadamente na prática dos bandoleiros e vingaram-se de sua infância atormentada, fazendo eles mesmos do massacre e do genocídio seus sistemas específicos de ação, seu modo de vida (...)” SÁNCHEZ GÓMEZ. G. Op. Cit. p. 40

⁷² Emprega-se a palavra ‘situação’ porque denota transitoriedade, ou seja, uma situação que se supera. No entanto, dadas as condições colombianas, uma pessoa deslocada pode permanecer nessa situação por muito tempo.

⁷³ “A idéia colocada diz que os deslocados são amigos dos inimigos e que isso justifica a agressão; além disso, diz que são fonte de insegurança e problemas sociais nos lugares de reassentamento. Na prática, essas imagens também cumprem a tarefa de construir impunidade, de tornar invisíveis muitos dos interesses em jogo e submeter aos deslocados a diversas formas e diferentes níveis de discriminação em nome do conflito armado.” ROMERO. Marco. *Desplazamiento Forzado, Conflicto y Ciudadanía Democrática*, Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2002. p.3

A seguinte história escrita por José Baig, periodista da BBC, descreve uma das situações mais comuns nas zonas rurais colombianas e deixa compreender um pouco sua complexidade.

Por que ocorre o deslocamento?⁷⁴

Uma mulher camponesa dispõe-se a preparar o almoço. Seu marido e o mais velho dos filhos estão voltando da chácara onde estiveram colhendo folhas de coca durante a manhã.

De repente, surgem da espessura do mato vários homens armados e com uniformes militares. Entram na humilde casa e entregam para a mulher arroz e batatas. Sem perguntar, ela pega duas panelas e começa a cozinhar para seus inesperados hóspedes.

Duas horas depois, a família camponesa come em silêncio enquanto os homens uniformizados tiram sarro entre eles, escutam a rádio ou fumam um cigarro. Pouco depois, voltam ao mato levando consigo os restos do almoço e parte da água limpa que a família tinha coletado no dia anterior. A família sabe quem são eles e o que fazem na região, mas nem uma palavra sai de suas bocas.

Na madrugada do terceiro dia depois daquele almoço, o homem procura na escuridão suas botas de borracha, encontra-as e coloca-as. Ao levantar-se escuta uma pancada seca e sente como se uma agulha houvesse atravessado o peito. A mulher grita aterrorizada enquanto vê seu marido cair na cama. Dois homens entram no quarto, gritam, espancam ela e acabam com o marido com um tiro na cabeça.

Com empurrões tiram a mulher da casa, acusam-na de colaborar com o inimigo e dão-lhe meia hora para deixar o lugar. Sangrando e chorando, ela caminha de volta à casa para pegar alguns pertences e seus filhos, que choram aterrorizados sob a mesa rudimentar. Horrorizada descobre que o filho mais velho não está e logo compreende que ele foi recrutado forçadamente pelos assassinos de seu marido. Descalça e na escuridão, a mulher começa caminhar seguida pelos filhos.

⁷⁴ BAIG. José. “El trauma del desplazamiento”. BBC Mundo. Especiales. Junio 15 de 2001. www.news.com.uk

As pessoas em condição de deslocamento na Colômbia são ‘deslocados internos’, termo que se diferencia do “refugiado” e “asilado”. Nos três casos os motivos do deslocamento são de ordem política. Segundo *Medios para la paz*⁷⁵ estas três categorias poderiam ser definidas assim:

***Asilados:** É direito das pessoas receber o amparo que os países ou estados oferecem aos perseguidos políticos, para que a autoridade não os possa processar ou submeter à prisão. O perseguido fica protegido pelo país estrangeiro que lhe dá o amparo.

* **Refugiados:** Por refugiado se entende aquela pessoa obrigada abandonar seu país devido a uma agressão externa, ocupação, dominação estrangeira ou fatos que alteram gravemente a ordem pública em uma parte ou em todo o país de origem ou nacionalidade, em outras palavras, porque suas vidas, sua segurança ou sua liberdade estão ameaçadas por uma violência generalizada, pela agressão externa, pelos conflitos internos, pela massiva violação dos direitos humanos ou outras circunstâncias que alteram gravemente a ordem pública.

* **Deslocados (internos):** É deslocado toda pessoa que tenha sido obrigada emigrar abandonando seu lugar de residência ou suas atividades econômicas habituais, porque sua vida, integridade física ou liberdade, tem sido vulnerada ou se encontra ameaçada devido à existência de quaisquer das seguintes situações causadas pelo homem: conflito armado interno, distúrbios ou tensões interiores, violência generalizada, violações massivas dos Direitos Humanos ou outras circunstâncias emanadas das situações anteriores que possam alterar ou alterar drasticamente a ordem pública.

⁷⁵ Medios para la Paz: Herramientas profesionales de periodistas, para periodistas, por el cubrimiento responsable del conflicto armado y los esfuerzos de paz en Colombia. www.mediosparalapaz.org

Na Colômbia são mais de três milhões de colombianos deslocados⁷⁶ que em seu cotidiano ambulante, faminto, desenraizado, favelado e mendicante são expulsos não só de suas terras, mas também daqueles lugares aos quais ainda nem chegaram.

Para a maioria dos órgãos encarregados de ‘contar’ os ‘deslocados’, estes deixam de pertencer àquela categoria quando voltam aos seus lares de origem, quando conseguem emprego ou depois de dois anos (tempo no qual o Estado considera que a situação econômica deve ter alcançado uma relativa estabilidade). Na maioria dos casos isso não acontece, as pessoas deixam de receber os auxílios legais mas não perdem o estigma que tal categoria outorga⁷⁷. Neste trabalho considereirei que a “situação de deslocamento forçado” permanece por períodos prolongados. Entendo também que o deslocamento físico, o desenraizamento ou desterro, deixa marcas indelévels na subjetividade dos indivíduos, mesmo quando eles se reassentam ou retornam nos seus lugares de origem.

4.1 Algumas considerações gerais sobre o deslocamento interno no mundo e na Colômbia

O problema humanitário do deslocamento interno no mundo só recebeu atenção especial no final da década de 80, depois que o fim da Guerra Fria desencadeou uma sucessão de conflitos internos, guerras civis e lutas étnicas que tiveram como consequência o deslocamento interno de pessoas dentro dos territórios nacionais.

⁷⁶ Não é fácil saber com exatidão qual o número de pessoas deslocadas na Colômbia. Geralmente os dados das diferentes fontes não coincidem. Apesar de existirem vários sistemas que oferecem informação quantitativa, estes são vinculados aos diferentes objetivos, instituições, mandatos, instrumentos de coleta de informação, cobertura, etc., o que não permite comparar de forma confiável dita informação. Na RSS, Rede de Segurança Social, organismo do governo encarregado do sistema único de registro de pessoas deslocadas, as cifras são consideravelmente distantes das que entrega CODHES, organização não governamental para a Consultoria dos Direitos Humanos e o Deslocamento.

⁷⁷ “Freqüentemente, tanto a opinião pública quanto as autoridades e as comunidades receptoras, estigmatizam, discriminam e marginalizam os deslocados pelo conflito armado. É diferente do que acontece com os desastres naturais nos quais os deslocados são vistos como vítimas; no caso do conflito armado, os deslocados são vistos como parte envolvida.” PARRIDGE William. *Reasentamiento en Colombia*. Bogotá, Editor, Diciembre de 2000 p. 21

Foi a mídia que neste caso teve um dos papéis principais porque permitiu que a comunidade internacional visse o que estava acontecendo em vários lugares. Alguns exemplos disto foram as imagens da crise da Etiópia, entre 1984 e 1985, nas quais milhares de pessoas se deslocaram por questões políticas e fugiram da fome. Aconteceu da mesma forma com o deslocamento de curdos em 1991 e, nessa mesma década, com o genocídio de Ruanda. A desintegração da Iugoslávia e a guerra de Kosovo também foram acompanhadas por discussões na mídia, evidenciando a falta de segurança, por parte dos Estados, para os deslocados internos.

Nesse sentido a Colômbia também começou ser centro de atenção por parte de organismos internacionais ao ser considerada como um dos cenários mais dramáticos de deslocamentos forçados.

Depois dessa “visibilidade”, teve-se importantes avanços teóricos sobre o tema assim como a difusão de estudos e informes internacionais e um aumento significativo no número de organizações que fazem algum tipo de trabalho humanitário e jurídico. Apesar disto, o deslocamento interno continua a ser um problema difícil, pois o tipo de conflitos que produz geralmente divide os países por raça, etnia, religião ou interesses políticos. Essas divisões não somente são de difícil manejo, mas provocam profundas feridas sociais.⁷⁸

O ACNUR começou suas funções em 1951 com a missão de proteger e de encontrar soluções para os refugiados. No entanto, depois de ter dado ajuda em alguns povoados de deslocados internos durante os últimos 30 anos em lugares como a Libéria, a Federação Russa e os Balcãs, hoje pede-se à agência que tenha um papel mais ativo com relação aos 20-25 milhões de deslocados internos (às vezes chamados de “refugiados internos”) que existem no mundo e que não estão protegidos pela Convenção de 1951 porque não saíram de seus países. Tal é o caso dos deslocados de Darfur, Uganda e da República Democrática do Congo, além da Colômbia, entre outros. Essas pessoas enfrentam os mesmos problemas que enfrentam os refugiados, mas no interior de seus próprios países. O ACNUR em 2005

⁷⁸ DA CUNHA, Guilherme. Representante Regional para el Sur de América Latina. Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Refugiados ACNUR. Editorial. Boletín Cono Sur. Refugiados. No. 5 octubre de 1999.

ajudou em 16 países, aproximadamente 6.6 milhões de pessoas deslocadas no interior de suas fronteiras nacionais por causa de conflitos, enquanto no final de 2004 eram 5.4 milhões em 13 países.⁷⁹

Os estudos sobre migrações internas no mundo centram-se naquelas originadas pelas expectativas econômicas, mas as produzidas pelos conflitos armados não têm recebido igual atenção. Somente a partir das duas últimas décadas, tem-se começado considerar o deslocamento forçado interno como uma modalidade de migração entre cujas causas se assinalam a violência, a perseguição e a repressão.

Já na Colômbia, apesar do fenômeno do deslocamento ter sido acompanhado de diferentes formas e em diferentes versões, a bibliografia achada centra-se principalmente em informes estatísticos e nas caracterizações sócio-econômicas e psico-sociais elaboradas por alguns organismos não governamentais – nacionais e internacionais – destacando-se o trabalho da Red de Solidaridad Social, Codhes e o Grupo de Apoyo a desplazados, GAD.

Na última década, no entanto, e em alguns casos com o apoio dos organismos mencionados, é notável o aumento de estudos realizados por algumas ONGs, principalmente na tentativa de pensar o fenômeno do deslocamento forçado dentro de uma lógica sócio-cultural. Têm também estudos de professores universitários interessados no tema que denunciam –até então tinha sido mais como tema de pesquisa científica. Vale salientar também a significativa contribuição feita pelos estudantes de graduação, especialmente nas áreas de Antropologia, Psicologia, Trabalho Social, Sociologia, Comunicação Social e Ciências Econômicas de algumas das principais universidades do país.

Dada a extensão do conflito armado na Colômbia e a multiculturalidade da região, a maioria dos trabalhos encontrados trata, de forma específica, de lugares e grupos com distinção especial de raça⁸⁰, etnia e gênero. Neste sentido, cabe destacar o trabalho

⁷⁹ ACNUR, informe 2005. www.acnur.org

⁸⁰ Vale mencionar a existência de organizações como AFRODES, Asociación de Afrocolombianos Desplazados, criada em 1999 em Bogotá e que dentro de suas atividades realiza encontros nacionais que promovem a discussão sobre a situação específica do deslocamento de comunidades afrodescendentes.

apresentado pelo pesquisador Rubén Darío Guevara, no “Seminario sobre Deslocamiento interno”, chamado “La Nueva Colonización Urbana: El Desplazamiento forzado”⁸¹, que esclarece aspectos relacionados às causas do deslocamento forçado e às características do modo de vida da população que se desloca para as cidades de Cali e Popayán, enfatizando nos afrodescendentes da costa pacífica e indígenas andinos e o impacto que teve no espaço sócio-cultural e econômico das novas áreas “colonizadas”.

Também devem-se destacar os incontáveis trabalhos e informes que, sob uma perspectiva de gênero - privilegiando às mulheres - denunciam a forma como o conflito armado atenta contra seus direitos⁸²; descrevem de forma rigorosa o trabalho feito por centenas de organizações de mulheres nas áreas social e política e propõem caminhos para a elaboração de políticas públicas diferenciadas⁸³. A maioria destes trabalhos dá ênfase à discriminação que sofrem as mulheres ao serem deslocadas, mais ainda quando pertencem às comunidades indígenas ou negras; aos desajustes emocionais e econômicos que enfrentam ao virar abruptamente chefas de lar e cuidar sozinhas de crianças e idosos; à prostituição como opção de sobrevivência devido ao desemprego nas cidades receptoras e ao abuso sexual que enfrentam em meio dos conflitos armados como “troféu de guerra”.⁸⁴

Com relação à atenção ao problema do deslocamento na Colômbia, vale a pena mencionar alguns informes como os do Ministério da Saúde, 'Lineamientos para la atención psicosocial de población desplazada por la violencia en Colombia'⁸⁵, que pretende orientar a intervenção social partindo da assistência em saúde. Também se destacam os informes internacionais dada a magnitude que se tem alcançado no caso colombiano e que tem levado organismos mundiais se pronunciar sobre o tema, como no caso do documento

Forjamos Esperanza. Publicación de Afrodes, junio de 2001.

⁸¹ GUEVARA. Rubén Darío. *La Nueva Colonización Urbana*. Seminario sobre Desplazamiento interno. Universidad de Caldas, 2002

⁸² É de destacar o trabalho do Observatorio de los Derechos Humanos de las Mujeres na Colombia, iniciativa da Confluencia Nacional de Redes de Mujeres, que “pretende fazer visíveis as múltiplas violações aos direitos humanos sofridas pelas mulheres, antes, durante e depois de serem vítimas de deslocamentos forçados” RUEDA. Pilar. Documento Análisis. “En situación de conflicto armado las mujeres también tienen derechos” In: *Derechos Humanos de Mujeres en Situación de Desplazamiento*. Confluencia Nacional de Redes de Mujeres – Corporación SISMA Mujer. Bogotá, Colombia, abril de 2002.

⁸³ “Mujer y conflicto armado”. In: *Informe sobre violencia sociopolítica contra mujeres, jóvenes y niñas en Colombia*. Cuarto informe. Bogotá, Enero 2003 – Junio 2004.

⁸⁴ *Desplazamiento Interno Forzado de Mujeres*. Defensoría del Pueblo. Alto Comisionado De las Naciones Unidas para los Refugiados. Bogotá 2002.

⁸⁵ Ministerio de Salud, Informe 2002

'Lineamientos Básicos para la atención psicosocial a poblaciones desplazadas como consecuencia del conflicto en Colombia", da Organização Pan-americana da Saúde⁸⁶.

Muitos dos informes recentes, tanto nacionais quanto internacionais, chamam à atenção pelo deterioro crescente da atenção à população deslocada. No informe apresentado à Comissão de Direitos Humanos em abril de 2004, o Alto Comisionado observou: “A política de atenção à população deslocada apresentou um retrocesso. As ações diferenciadas em matéria de saúde, moradia, acesso às terras e projetos produtivos têm sido afetadas pelo processo de reestruturação de entidades públicas, pela definição das políticas, pelos limitados orçamentos designados e pelo enfraquecimento das medidas de discriminação positiva (...) Apesar das conquistas em assistência de emergência, especialmente nos deslocamentos massivos, existe uma porcentagem alta de desatenção aos direitos econômicos, sociais e culturais da população deslocada, em particular das mulheres, crianças e grupos étnicos.”⁸⁷

Por outro lado, entre os aspectos mais destacados nos estudos sobre os efeitos do deslocamento -reconhecidos no nível internacional- destacam-se os seguintes: “Despojo de bens materiais, terra e moradia; perda de recursos, emprego e oportunidades econômicas; restrições de acesso aos bens comuns; insegurança alimentar, aumento de morbidez e mortalidade; ruptura de redes sociais e desarticulação comunitária; mudanças irreversíveis nos modos de vida, mudanças culturais, desenraizamento e ruptura das estratégias de adaptação das comunidades em seu ambiente habitual; transtornos psico-sociais e impacto nas relações intrafamiliares e de saúde pública. Todos eles resumidos como “risco de empobrecimento e marginalidade social, econômica e política.”⁸⁸

O deslocamento massivo na Colômbia é uma constante histórica. Tem sido também a principal forma de acumulação de terras e controle territorial de diferentes grupos econômicos, políticos e militares em diferentes momentos da história nacional. Este é um país no qual, além do modelo de desenvolvimento imposto pelo mercado mundial, há uma

⁸⁶ Organización Panamericana de la Salud, OPS. Informe 2001

⁸⁷ INCALCATERRA. Amerigo. “El Ejercicio de la ciudadanía y el derecho a tener derechos de los miembros de la población desplazada”. Intervención del Director Adjunto de la Oficina en Colombia del Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Derechos Humanos en el Seminario Nacional “*Derecho de ciudadanía y población en situación de desplazamiento*”. Bogotá, 28 de Octubre de 2004.

⁸⁸ Ídem. *Ibíd.*

guerra pela produção e comercialização de narcóticos, o que incrementou o empobrecimento, a evacuação compulsiva e o êxodo de milhares de famílias que dependem destes cultivos para as favelas das grandes cidades ou para as divisas com países vizinhos em busca de refúgio. A maioria das vezes o refúgio não garante as condições mínimas para refazer a vida.

Faço agora uma caracterização do deslocamento na Colômbia baseada no texto “Desplazamiento Forzado Interno en Colombia”.⁸⁹ Este texto resulta completo e conveniente na descrição que aqui nos interessa.

O deslocamento forçado interno não é um fenômeno novo, mas o aumento do conflito armado – ao longo dos últimos 15 anos - envolveu cada vez mais a população civil. Do ponto de vista dos direitos fundamentais, o que está em risco é a própria vida e a segurança pessoal. Por outro lado, as pessoas obrigadas a se deslocar de seus lares enfrentam desmembramento familiar, perda da terra, das redes sociais e do trabalho. Esta situação impõe também desafios às regiões aonde chegam os deslocados, que a maioria das vezes, não têm estrutura de atendimento, acolhimento e resposta às necessidades da nova população.

Numa perspectiva dos direitos humanos, o deslocamento é uma grave violação e expressa dificuldade do Estado para resolver os conflitos sociais e regionais que a originaram. Segundo o próprio Plano de Desenvolvimento, o deslocamento forçado “tem-se constituído em uma estratégia de guerra que afeta fundamentalmente a população rural, a qual é vítima da disputa pelo controle territorial dos diversos agentes armados e da crise agrária”.⁹⁰

Diante da dificuldade de saber com exatidão o número de deslocados internos na Colômbia, nos últimos anos a Rede de Solidariedade Social esforçou-se para gerar informação com metodologia de fontes contrastadas⁹¹, o que permite levar em consideração diferentes fontes de informação para a estimativa dos deslocados. Mas na opinião de CODHES, “o sub-

⁸⁹ BONILLA. Ricardo. Coordinador. RAMÍREZ GÓMEZ. Clara. Investigadora invitada. ARIZA. Natalia y BAQUERO. Jairo Asistentes de investigación. Observatorio de coyuntura socioeconómica. Centro de investigaciones para el desarrollo. Facultad de ciencias económica. Universidad Nacional de Colombia. UNICEH Colombia. Bogotá, Colombia, 2004.

⁹⁰ Plan Nacional de Desarrollo 2002-2006. Departamento Nacional de Planeación. Imprenta Nacional de Colombia. Bogotá - Colombia, 2003. p. 78

registro é certamente o denominador comum dos quatro sistemas”. Isto é devido à forma com que se apresenta o deslocamento (geralmente depois de um fato violento) e à influencia que isto provoca nas pessoas que, quando procuram ajuda, sentem-se coibidas e amedrontadas.

Estas características dos sistemas de informação são preocupantes principalmente se se leva em consideração que os planos e estratégias da política pública fundamentam-se geralmente na quantificação do fenômeno. O sub-registro da população deslocada faz com que sejam elaboradas políticas de atendimento insuficientes.

4.2 As pessoas deslocadas

As pessoas em situação de deslocamento não são uma comunidade homogênea. Vêm de diversos lugares, foram vítimas de diversos agentes e, apesar de serem camponeses pobres em sua maioria, também há entre os deslocados empresários, comerciantes, pessoas pertencentes aos diferentes grupos étnicos e aos diferentes credos, sem que se trate de um conflito étnico ou religioso. Esta heterogeneidade dificulta não só a caracterização dos deslocados, mas a elaboração de reivindicações e desenho de políticas.⁹²

Mais da metade das pessoas deslocadas são menores de 18 anos (52.8%), seguido da população adulta (43% entre 18 e 64 anos) e 2.7% maiores de 64 anos. As chefas dos lares são em boa proporção mulheres jovens (menores de 30) e maiores (60 ou mais) com níveis educacionais muito baixos. 17% não completaram nem um ano de escolaridade e 36% não conseguiram completar ensino básico. 38% dos deslocados são pessoas de comunidades negras e índias.⁹³

⁹¹ Segundo CODHES existem quatro instituições, incluída ela, que processam e registram informação sobre deslocamento: Comité Internacional da Cruz Vermelha, o Sistema de Estimación e Registro da Rede de Solidariedade Social (RSS), e o Sistema de Informação sobre População Deslocada da Conferencia Episcopal da Colômbia chamado de RUT.

⁹² *Desplazamiento Forzado en Antioquia. Aproximaciones teóricas y metodológicas al desplazamiento de población en Colombia*. Volumen 0. Secretariado Nacional de Pastoral Social Bogotá: Editorial Kimpres, 2001.

⁹³ Segundo dados da Pastoral Social, RUT, Boletín trimestral No. 8 de diciembre de 2003

As pessoas que têm sofrido deslocamento forçado têm deixado ao partir, suas terras, seus pertences, suas ocupações, seus relacionamentos e, a maioria das vezes, seus mortos. Muitos dos deslocados provêm de zonas rurais onde tinham como principal atividade a agricultura. Isto coloca dois problemas do ponto de vista econômico: perdas na produção e dificuldade dos deslocados para conseguir nas cidades ocupação de acordo com seus saberes e talentos.

Do ponto de vista daqueles que sofrem deslocamento é preciso fazer varias considerações: o deslocamento é consequência de fatos violentos, foi muitas vezes precedidos de assassinatos, massacres, extorsões e ameaças. É vivido no meio do medo, da falta de proteção e da miséria. Além das perdas materiais, viveu-se, em muitos dos casos, assassinatos dos familiares.

A identidade social e pessoal dos deslocados está em jogo já que ela se constrói em um processo complexo de articulação entre passado, presente e futuro. No caso dos deslocados, apresenta-se “ruptura dolorosa com seu passado, difícil apropriação do presente, grande incerteza e desânimo sobre o futuro, que destrói projetos e utopias que puderam ter existido”.⁹⁴

Finalmente cabe salientar que as pessoas são obrigadas a se deslocar porque se sentem ameaçadas, porque têm medo ou porque já foram vítimas de assassinatos, massacres ou enfrentamentos entre diferentes grupos. Tem-se estabelecido uma correlação alta entre massacres e deslocamentos.⁹⁵ Os supostos responsáveis são cada vez identificados com maior clareza: em primeiro lugar os grupos paramilitares e em segundo os grupos guerrilheiros. Os narcotraficantes e a polícia perdem importância no seu vínculo como causadores dos deslocamentos, e quase 20% não podem identificar com clareza o agressor.

Paradoxalmente a participação da sociedade civil e em especial a pressão dos movimentos sociais pela defesa dos direitos humanos na Colômbia, tem permitido legislação e políticas

⁹⁴ BELLO. Martha Nubia. “Impactos sociales y culturales del desplazamiento”. In: *Narrativas Alternativas: rutas para reconstruir identidad*. Texto em PDF. <http://www.cid.unal.edu.co> p. 156

⁹⁵ Informe de la Defensoría del Pueblo, 2001.

públicas para o deslocamento forçado e o reassentamento, pioneiras na América Latina.⁹⁶ Para proteger as vítimas do conflito armado e levar a cabo programas sustentáveis para o restabelecimento e melhoria de suas condições, Colômbia tem atualmente instrumentos como a lei 387 de 1997, instituições como a *Red de Seguridad Social*, organismos das Nações Unidas, o Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), organizações da sociedade civil e cooperação internacional de vários países. No entanto, dada a dimensão crescente do conflito, o país está longe de conseguir capacidade operacional adequada para enfrentar o problema social, econômico e humanitário, em toda a sua dimensão.

⁹⁶ Ley de participación y consulta ciudadana. Ley 58 de 1981 para el tratamiento de la población afectada por proyectos del sector eléctrico. Varios dictámenes de la Procuraduría General de la Nación en defensa de la población desplazada por acciones del Estado. Acciones de Tutela y otros mecanismos establecidos por la Constitución Política de 1991.

VI. Capítulo 5: Do Refúgio

5.1 No mundo

Segundo ACNUR⁹⁷ até junho de 2005 existiam cerca de 21 milhões de pessoas refugiadas no mundo, estas estatísticas não incluem os 4.3 milhões de refugiados palestinos que estão sob a responsabilidade do UNRWA (Agência de ajuda e trabalho das Nações Unidas para os Refugiados da Palestina no Oriente Médio).

A maioria das pessoas desenraizadas é recebida em países em vias de desenvolvimento. Segundo as estatísticas de 2005, somente cinco nacionalidades representam a metade da população de responsabilidade do ACNUR: afegãos (2.9 milhões), colombianos (2.5 milhões), iraquianos (1.8 milhão), sudaneses (1.6 milhões) e somalis (839.000). A Colômbia, ao contar com mais de Dois milhões de deslocados internos, acolhe a população mais importante de pessoas desenraizadas sob competência do ACNUR. Depois vêm Iraque (1.6 milhão), Paquistão (1.1 milhão), Sudão (1 milhão) e Afeganistão (912.000).

Na Europa, o número de refugiados diminuiu 15% em 2005, embora seja a região que acolhe aproximadamente a quarta parte dos refugiados no mundo. 10 % encontram-se na região Ásia-Pacífico e 7 % no continente Americano.

Os países de origem, ou seja, dos quais saíram mais de 10.000 pessoas convertidas depois em refugiados são seis: Togo (39.000), Sudão (35.000), República Democrática do Congo (16.000), Somália (14.000), República Centroafricana (12.000) e Iraque (11.000).

Em 2005 o número de pessoas que apresentaram solicitação de asilo ou apelações foi de 668.000 em 149 países, ou seja, dois por cento menos que em 2004, ano no qual se apresentaram 680.000 no total. A maioria das solicitações foi apresentada na Europa

⁹⁷ Notícias do ACNUR (Internet) , 9 de Junho de 2006.

(374.000), na África (125.000), na região Ásia-Pacífico (75.000) e no continente americano (72.000).

Estas diminuições no número de refugiados, apesar de terem relação com o trabalho do ACNUR e de outros organismos internacionais, também estão associados aos atentados do 11 de setembro nos Estados Unidos, a partir dos quais foram visíveis mudanças nas medidas para proporcionar asilo e refúgio nos países chamados de “primeiro mundo”.

Como consequência desses fatos, muitos países reforçaram suas fronteiras legais e físicas. Em nome da segurança, alguns introduziram medidas que têm conduzido à exclusão de legítimos solicitantes de asilo ou, inclusive, sua expulsão forçosa, assim como aumento no número de solicitações de extradição e introdução de leis excessivamente restritas.

O reassentamento permanente de refugiados nos Estados Unidos -o maior receptor do mundo- diminuiu consideravelmente. Washington admitiu em 2002 só 21.100 pessoas, longe de seu objetivo de 70.000. Em muitos outros lugares, refugiados que já tinham sido aceitos para seu reassentamento nos EEUU, foram colocados “na espera”. Além da angústia pessoal dos candidatos selecionados, os escritórios do ACNUR colapsam pois têm de continuar mantendo esses grupos de forma indefinida com um orçamento mínimo, o que faz reduzir e ainda cortar a ajuda aos outros refugiados sob seu cuidado.

Assim mesmo, velhos esforços da Europa por harmonizar políticas de imigração e asilo vieram-se afetados pelos atentados e o subsequente debate público na mídia, que tomam – às vezes- forma de xenofobia e em outras ocasiões erram na hora de diferenciar refugiados, solicitantes de asilo do mais amplo tema da migração econômica.

O Reino Unido, a Dinamarca, a Holanda, a Itália, a França, a Bélgica e a Alemanha anunciaram e introduziram leis de imigração dirigidas à redução tanto do número como das subvenções para os solicitantes. Tais medidas parecem ter tido efeito, já que durante os primeiros meses de 2002, o número de solicitantes de asilo em países de “linha dura” como a Dinamarca, a Holanda e a Bélgica caiu drasticamente.

No sul da Europa, a Espanha anunciou novos controles sobre vistos; a Grécia firmou um acordo de readmissão com a Turquia e a Itália aprovou uma lei de imigração e asilo que, segundo temia o ACNUR, poderia não oferecer as suficientes garantias para as pessoas que procuravam refúgio⁹⁸.

Diante disso, organismos de alguns países foram convocados pelo ACNUR para tomar medidas para acolher tais pedidos. O Brasil e o México foram dois dos principais países que apoiaram essa iniciativa.

5.2 Refúgio no Brasil

Diante das enormes cifras de deslocados no mundo, o Brasil vem desenvolvendo políticas relevantes nas quais destacam-se os seguintes aspectos⁹⁹:

* Brasil abriga a presença histórica do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) desde a década de 1970. O ACNUR passou a atuar no Brasil por meio de um escritório oficial localizado na cidade do Rio de Janeiro, a partir de 1977. Naqueles anos, a preocupação incidia sobre os primeiros fluxos de refugiados provenientes de países da América do Sul, deslocados pelas crises institucionais que afetavam os países da região. Uruguaios, argentinos, paraguaios e chilenos foram os primeiros assistidos no Brasil sob o manto da proteção do ACNUR.

* Brasil foi o primeiro país da região a elaborar uma legislação abrangente e progressiva no tratamento criterioso e profissional para os refugiados em seu território. “O refugiado passa a ter direito a uma residência legal com a emissão de uma carteira de identidade comprovante de sua condição jurídica, bem como ao exercício de atividade laboral ou

⁹⁸ ACNUR revistas. Refugiados 2002. <http://www.acnur.org/revistas>

⁹⁹ VERWEY. Anton. ZERBINI. Renato. SILVA. Ariel. “A percepção brasileira dos refugiados”. In: *Revista Brasileira de Política Internacional*. Ano 43, No 1, 2000. Programa de apoio a publicações científicas, MCT, CNPq, Finep, Fundação Alexandre de Gusmão. pp. 183-185

profissional mediante a emissão de uma carteira de trabalho, além da obtenção de documento de viagem que facilite sua liberdade de circulação.”¹⁰⁰

* Criação do Conselho Nacional para os Refugiados (CONARE), órgão de deliberação coletiva, criado pela lei de julho de 1997. O CONARE tem a finalidade de analisar os pedidos de solicitação de refúgio e de declarar o reconhecimento dessa condição, além de decidir sobre a sua eventual perda.

* Política de associações: o ACNUR, por razões institucionais, não pode interferir em assuntos internos dos países e deve primar pela ausência de envolvimento na política internas dos Estados. Nesse sentido, ganham força as parcerias com os agentes sócios. Os mais tradicionais no Brasil são as Cáritas Arquidiocesanas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Essas são responsáveis por praticamente toda a integração social dos refugiados - e mesmo dos solicitantes do estatuto de refugiado que se encontram no Brasil à espera de uma deliberação formal do governo brasileiro.

5.3 Cáritas¹⁰¹

Há 25 anos, a Cáritas Arquidiocesana de São Paulo, em Convênio com o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) assumiu a tarefa de atender aos refugiados que chegam a São Paulo. Faz isso através do Centro de Acolhida para Refugiados e atende cerca de 1500 solicitantes-refugiados existentes em São Paulo atualmente.

Quem chega, obrigado a fugir de sua terra por grave perigo de vida, por causa de guerras, perseguição política, discriminação e conflitos vários, é recebido pelo pessoal do Centro, que dá as primeiras orientações. Depois que o governo do Brasil reconhece sua condição de refugiado, ele/ela é incluído em três programas: Proteção (vigiando para que tenha os direitos que acordos internacionais lhe garantem); Assistência (para que consiga moradia,

¹⁰⁰ Idem. Ibid. p. 184

¹⁰¹ <http://www.caritas.org.br/>

ajuda nas várias necessidades, trabalho, etc.); Integração (conseguir que ele/ela chegue à auto-suficiência, sobretudo com revalidação dos estudos, com apoio nos problemas da saúde, com cursos profissionalizantes, com posto de trabalho). São metas que o Centro consegue alcançar em boa medida graças às parcerias com instituições, como: SENAC, SESI, SENAI, OAB-SP, HOSPITAL DAS CLÍNICAS, UNIFMU, entre outros.

O Governo fornece documentação: Carteira de Trabalho, Cédula de Identidade e CPF. O atendimento, a orientação, o encaminhamento e a integração social são assegurados por um esforço conjunto entre Cáritas/ACNUR, Sociedade Civil e Governo¹⁰².

A Cáritas Brasileira faz parte da Rede Caritas Internationalis, rede da Igreja Católica, de atuação social, composta por 162 organizações, presentes em 200 países e territórios, com sede em Roma. Atua com mística e trabalhos ecumênicos e seus agentes trabalham em parceria com outras instituições e movimentos sociais. Foi fundada em 12 de novembro de 1956 pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a finalidade inicial era de articular todas as obras sociais católicas e coordenar o Programa de Alimentos doados pelo governo norte-americano através da CNBB.

Em 1966, a Cáritas Brasileira desligou-se oficialmente do Secretariado Nacional de Ação Social da CNBB, constituindo-se em entidade jurídica autônoma, porém vinculada filosófica e doutrinariamente à CNBB.

Com o término do programa de alimentos e com o passar dos anos, a Cáritas Brasileira foi redimensionando sua prática no que diz respeito à sua metodologia de trabalho e prioridades de ação. Aos poucos, foi passando de um trabalho simplesmente assistencial para um trabalho libertador, articulado com as demais pastorais sociais e com o movimento popular, dando ênfase à construção e à conquista da cidadania através de relações democráticas e políticas sociais públicas.

¹⁰² Manual do Refugiado. Orientações para o solicitante de Refúgio.

Para desenvolver suas ações, a Cáritas conta com recursos advindos de várias fontes, mas principalmente da solidariedade nacional e da solidariedade internacional. Esta última é canalizada especialmente por meio das Cáritas da Europa, contando também com contribuições vindas dos Estados Unidos, do Canadá e da Austrália. Além delas, colaboram outras entidades eclesiais que administram recursos destinados à promoção do desenvolvimento econômico e social nos países mais empobrecidos, como é o caso da *Misereor*, da Alemanha, e da *Cordaid*, da Holanda. Os recursos financeiros são repassados através da aprovação de projetos encaminhados pela Cáritas Brasileira.

A outra fonte é a solidariedade interna brasileira. A maior parte dela constituída pelo trabalho voluntário de muitas pessoas. É essa ajuda que possibilita a maioria das iniciativas locais de solidariedade. Mas a maioria dos trabalhos sociais depende quase completamente dos recursos externos.

5.4 Refugiados Colombianos no Brasil

Todos os países que têm fronteira com a Colômbia receberam nos últimos 15 anos, milhares de pessoas deslocadas em busca de refúgio. O maior receptor de imigrantes colombianos é a Venezuela seguida do Equador e do Panamá. Depois o Peru com uma escassa migração e o Brasil, que nos últimos anos começou a receber um fluxo maior¹⁰³. Existem também os outros países que recebem colombianos de forma massiva: os Estados Unidos - o maior receptor¹⁰⁴-, seguido da Espanha¹⁰⁵ e Costa Rica.

¹⁰³ Para ampliação do tema sobre Migração em América Latina pode-se ver: SANTILLO, Mario. *Balance de las migraciones actuales en América Latina*. Centro de Estudios Migratorios Latinoamericanos. Buenos Aires, 2003.

¹⁰⁴ Estados Unidos é o primeiro e mais importante destino para os colombianos que conseguem sair do país por diferentes vias. No censo realizado no ano 2000, Colômbia ocupava o quinto lugar em nacionalidade de imigrantes (oficiais), depois de México, Puerto Rico, Cuba e Santo Domingo. 470.684 pessoas tinham migrado da Colômbia. (OIT 2003). No entanto, calcula-se que 2.135.300 colombianos vivem atualmente nos Estados Unidos, o que equivaleria a 47% do total da população imigrante colombiana estimada em 4.5 milhões.

¹⁰⁵ Na Espanha cerca de 140.000 colombianos fazem parte da crescente comunidade de imigrantes deste país.

Alguns colombianos deslocados internos conseguem cruzar as fronteiras do país de forma legal, recorrendo geralmente ao apoio internacional oferecido através de organismos como o ACNUR. Outros cruzam-nas irregularmente devido à pressão da “fuga”, em muitos dos casos, para preservar suas vidas. Quem mora nas regiões de fronteira encontra uma solução relativamente rápida se comparado com aqueles que moram em lugares mais distantes, para os quais a travessia pode levar vários meses.

Apesar da maioria dos colombianos encontrar-se em grandes cidades como Campo Grande, São Paulo e Rio de Janeiro, muitos entram, como dito, por pontos fronteiriços ocidentais como Corumbá e Tabatinga, e optam por solicitar asilo nesses lugares. Segundo o Comitê Nacional para os Refugiados, entre 2004 e metade de 2005, 19 % das solicitações de asilo de colombianos se apresentaram na região do Amazonas.

Alguns deles afirmam não desejar morar nas grandes cidades perto de outros colombianos. Temem que sua segurança se veja comprometida. O ACNUR acredita que o número de cidadãos colombianos que tem fugido para áreas ocidentais do Brasil, incluindo áreas do Amazonas e do Acre, e que não tem solicitado asilo, poderia ser significativo.

O número de colombianos que solicitaram asilo no Brasil aumentou 300% desde o começo de 2004 até junho de 2006, segundo cifras oficiais. O Brasil tem reconhecido 3.500 refugiados de origem colombiana¹⁰⁶.

5.5 Colombianos refugiados reassentados no Brasil

O Brasil começou a receber refugiados reassentados em 2001, mas foi durante uma reunião na Cidade do México, em novembro de 2004, que o governo brasileiro propôs o estabelecimento de um programa regional de reassentamento para refugiados latino-americanos.

¹⁰⁶ Thais Bessa. <http://www.acnur.org> . Corumbá, Brasil, 20 Setembro 2006.

Com isso pretendeu-se dar proteção àqueles que fogem de regiões conflitivas e ao mesmo tempo ajudar os países que na atualidade recebem maior quantidade de refugiados colombianos, principalmente o Equador e a Costa Rica. A proposta foi bem recebida pelos participantes de outros países e foi incluída como um dos pontos principais da Declaração e Plano de Ação do México.

Nos últimos dois anos, o Brasil recebeu 105 refugiados colombianos no programa de reassentamento. Atualmente, abriga refugiados provenientes de 50 países diferentes e se configura como um dos países da América Latina com maior grau de compromisso diante da situação dos refugiados ¹⁰⁷.

¹⁰⁷ Unesco , 21 de março de 2005. www.acnur.org

VII. Capítulo 6: Quatro vidas, oito interpretações, infinitas possibilidades

Fernanda, Andrés, Leonardo e David não fazem parte de um grupo feito a partir de um corte metodológico de idade, gênero, classe ou etnia. Também não moram na mesma rua ou no mesmo bairro. Nem sequer na mesma cidade. Fernanda é refugiada como Andrés. Leonardo é pastor de uma igreja e mora no Brasil de forma temporária e David estava em processo de solicitação de refúgio no momento da entrevista.

Todos são colombianos e todos foram emigrantes. Todos foram deslocados internos e agora imigrantes. Essas são as categorias que os abrangem, o desenraizamento e a violência que os antecede. É esse o “fator comum” que os torna “grupo desinteressado” segundo a categoria que o Erben descreve.

Seus nomes foram modificados “à moda” antropológica mas desta vez a escolha se deu como parte de uma brincadeira: aquele nome que eles sempre gostaram e que de crianças sonhavam com ter. Eles mesmos escolheram seu pseudônimo com exceção de Andrés¹⁰⁸. Não fiz isto com os nomes dos lugares, o que com certeza teria de ter feito se a pesquisa fosse apresentada na Colômbia ou se eles morassem lá.

Foram quatro encontros. Dois em São Paulo, um em Campinas e mais um em Itatiba. Foram quatro formas de comunhão. Quatro pessoas que me ofereceram não só suas histórias feitas palavras mas seus gestos, algumas lágrimas, o tremor das mãos e alguma forma de desconfiança que virou “cumplicidade conterrânea”, a forma das palavras, os ditados, o que se supõe óbvio. Aquela sutil compreensão, a intangível “lógica” somente possível quando se fala entre conhecidos.

Houve assim uma “dupla via” durante os encontros: por sermos conterrâneos podíamos falar claramente da mesma coisa, sem muitas explicações e isso facilitou o desenvolvimento das quatro conversas. Ao mesmo tempo, no entanto, todos reservamos nosso direito de guardar – para nós mesmos - algumas verdades completas e que advêm,

¹⁰⁸ Não lembro com certeza se não perguntei ou se para ele não interessava preservar sua identidade. Assim fui eu quem escolheu seu nome fictício após do nosso encontro.

imagino, disso que temos aprendido –tristemente- na Colômbia: desconfiar de todos porque nunca se sabe de que lado está o nosso interlocutor.

Não tenho certeza de poder dizer que as conversas foram “fáceis”, “simples” ou fluidas. Nem para eles, nem para mim. Cada um deles entregou-se de forma diferente, com diversos graus de confiança e de empatia. Eles confiaram em mim, permitiram-me entrar na intimidade de suas vidas através das narrativas. Todos eles souberam que em quanto falávamos estávamos gravando e que nossa conversa seria material para minha pesquisa. No entanto, no momento de colocar seus relatos neste médio que torna público algo privado, aparece uma sensação desconfortante.

Fazendo a interpretação das entrevistas, tentando aprofundar no sentido não só das palavras mas dos gestos, das inflexões da voz, dos silêncios, em tudo isso que se apaga e some por completo na hora da transcrição, senti de forma clara o lugar de “poder” que tem o/a pesquisador/a. Quero dizer: para o que eles disseram houve só uma oportunidade, um momento. Falaram uma vez só e assim ficou gravado, mas sabemos muito bem que se houvesse mais uma oportunidade não somente para falar de novo, mas para contradizer -a partir por exemplo de um pedido de explicação- certamente as interpretações sobre suas próprias vidas adquiririam outro matiz. Não acontece da mesma forma no trabalho do/a pesquisador/a, no trabalho que eu faço como **intérprete** porque tenho oportunidade de ir e voltar sobre o texto, manuseá-lo, escrever, apagar, e dizer mais uma vez.

De fato, a segunda vez que entrei em contato com os relatos – o primeiro foi durante as entrevistas – foi distante. Quando tentei “decifrá-los” no papel e na comodidade que o trabalho solitário do pesquisador/a permite, não conseguia ler nas entrelinhas com amor, com paixão, com compaixão...

Dois meses mais tarde, a tentativa de *traduzir* o que os entrevistados pensam e sentem com relação ao mundo e a suas próprias vidas teve melhores resultados. Quero dizer, de novo, que foi uma espécie de monólogo acadêmico, mesmo não sendo monofônico, acontece em um dos lados – em princípio possíveis - deste encontro, o nosso, o dos/as pesquisadores/as.

Talvez seja esse o maior desafio diante das palavras, das vidas que os outros nos entregam. Porque é um tipo de nudez da alma que nos é ofertada. Eles entregam-se no momento de falar, de contar seus infortúnios, suas travessias... Então... Como retribuir de forma coerente essa entrega? Como não ser categórica ou rude nas interpretações que faço de seus relatos? Como passar para vocês, meus leitores, isso tudo de forma que dê espaço para o respeito, para a compreensão e para o acolhimento?

Cada um deles deixou minha alma dilacerada, o coração apertado. Muitas vezes só escutei enquanto o nó da minha garganta diluía. Em cada encontro compartilhamos dores, lugares que nos são comuns, não apenas físicos, mas na alma.

Em alguns momentos desconfiei da veracidade de seus relatos, mas nem por isso achei-os falsos. São suas versões, suas verdades. Em outros, entrei no jogo da desconfiança mútua, esse de – ao não saber quem é o *outro* - evitar dar informações completas e precisas.

Com Fernanda me senti amiga, um pouco cúmplice dos jogos de sedução que usou para conseguir seu objetivo. Ela me recebeu na sua casa, onde mora com sua família na periferia de Campinas.

Leonardo, pela sua profissão como Pastor, conhece outros imigrantes e solicitantes de refúgio. É ponto de referência para muitas pessoas que chegam procurando não só apoio espiritual, mas material e econômico. Ele está cansado disto e é evidente que sua tranquilidade vê-se afetada pelo fato de conhecer muitas pessoas que sabem da situação na Colômbia e que permanentemente fazem com que ele lembre dela. Ele não me recebeu na sua casa, propôs um lugar público no centro da cidade.

David hospedava-se no momento da entrevista em um dos albergues que existem em São Paulo. Foi quem mais insistiu na mudança do nome pediu para que o chamasse de David a entrevista toda. De jeito nenhum queria que sua identidade fosse registrada e ficou chateado pelo fato de que quem facilitou encontrá-lo não respeitasse e cuidasse de sua situação. David, não apenas por sua formação política mas porque no dia-a-dia convive com uma das

faces mais difíceis da imigração –quando ainda não se tem status jurídico definido e em condições de pobreza- foi o mais enfático em evidenciar a tragédia humana que é o deslocamento forçado. Ao mesmo tempo foi com David com quem tive maior dificuldade de dialogar de forma amigável e próxima.

Andrés também me recebeu na sua casa em uma cidade do interior paulista. Foi especialmente atencioso e com quem mais facilmente fluiu a conversa. A ternura de seus olhos e seu o sorriso franco seduziram minha alma. Talvez também esse lugar que não habita, sua orfandade...

Fernanda e Andrés, que não têm contato com outros colombianos e que talvez por isso tenham a situação da Colômbia menos presente, abriram para mim suas lembranças e sensações com mais confiança; contaram suas histórias sem receio.

É importante dizer que o fato de eles não se conhecerem entre si não é por acaso. A Cáritas, em seu trabalho de reassentamento, os localiza de forma distante propositadamente com o objetivo de evitar possíveis conflitos em razão de suas diferenças políticas. Isso tem a ver com as características particulares do conflito armado na Colômbia que faz com que os civis que habitam as regiões dominadas por um grupo ou outro, “façam parte”, de alguma forma, de dito grupo, mesmo que não exista mobilização política (na maioria dos casos).

E foi realmente esse o panorama que encontrei: a Fernanda por exemplo, tinha alguma afinidade com a guerrilha das FARC e até certo ponto, também convivia com o paramilitarismo. Já David, decididamente de *esquerda* e orgulhoso da mobilização guerrilheira no país através da história, censura qualquer forma de movimento paramilitar e critica o atual governo colombiano evidentemente de direita. Leonardo e Andrés por sua parte, foram vítimas de extorsão e assassinatos em sua família por conta das FARC. Ao que parece a Cáritas acerta de alguma forma em sua decisão de manter distantes às pessoas que entram no país como refugiadas dentro do programa de reassentamento. Ao programa só estavam vinculados diretamente Fernanda e Andrés, mas foi através da Cáritas que fiz contato com todos eles.

Durante as entrevistas, vários temas vieram à tona. Foram freqüentes alusões à solidão, ao medo, à falta de recursos econômicos, à raiva, dentre outros. No entanto, na interpretação que se segue, escolhi questões particulares em cada um dos relatos, mas que, por sua vez, permitem levar à discussão do que foram pontos em comum. A falta de emprego e em consequência de recursos econômicos, agrava de forma radical sua condição de imigrantes, de refugiados, de solicitantes. Suas palavras denunciaram, sem se atrever radicalmente, a precariedade com que enfrentam a vida.

Depois de conhecê-los, escutá-los e de pensar neles, não sei com exatidão o que significa ser refugiado, asilado, fugitivo ou imigrante. Eles me passaram medos, frustrações, surpresas e alegrias que eu recebi e reinterpretei a partir de minha própria história. Entendi por exemplo que embora se aprenda uma outra língua, tem algo que deixa de ser nosso quando falamos em uma diferente da materna.

Com eles falei em espanhol e três dos quatro manifestaram sua alegria ao fazê-lo. Não falar no idioma do lugar em que se mora é uma questão *de forma* que limita ou dificulta o tratamento com os outros, arrumar emprego, se queixar, namorar ou a escrita de uma dissertação. Ao falar em outra língua, uma parte da alma fica mutilada porque nem sempre dá para dizer o que se sente da forma como foi aprendido...

O que se segue é uma tentativa de compreender e apreender desde gritos silenciosos e íntimos de pessoas deslocadas forçadamente, o que acontece com uma grande porção da população do mundo. Esses gritos que, embora silenciosos, embora silenciados, ainda que omitidos e desconhecidos pelas *ciências*, estão marcando pautas sociais e políticas.

Esses relatos constatarem um pouco a morte das grandes narrativas. Convidam-nos identificar pequenos indícios de novas possibilidades, buscar nas entrelinhas, no silêncio, no oculto, algo além do evidente; algo depois do egocentrismo moderno e dos sujeitos todopoderosos, além das verdades absolutas. Há algo por descobrir no pequeno, no individual, no íntimo. Dentro. No subjetivo. É esse o convite que faz o método: compreender (escutar) a articulação profunda entre a vida pessoal e a vida social/cultural.

A interpretação está incompleta; vocês farão mais uma tentativa sob seus olhares e mesmo assim algo estará faltando. Sempre. A busca como a descoberta, é infinita! Estes são meus primeiros passos. Estou nascendo para a escuta, para a observação e para o sentir, não só como cientista social ou política na tentativa por desvelar o mistério do mundo, mas para a escuta de meu próprio mistério. É essa e não outra a razão que me permite tentar compreender o que os *outros* são.

As palavras dos entrevistados apresentam-se a seguir. São estruturas que já foram modificadas pelo trabalho da transcrição, mas que estão aí, nuas, quer dizer, indefesas, expostas a outras interpretações, às vossas, neste caso. Depois vêm as minhas, que fazem a tentativa de interpretar, com poucos elementos ainda, algumas das situações psíquicas mais visíveis de suas narrativas. Convido-os então saber deles – antes de mim - através de suas próprias palavras.

6.1 Fernanda

Março 3 de 2006

(Na sua casa em Campinas)

Aqui como feijão como na Colômbia, mas não é a mesma coisa.

Eu aqui tenho me sentido super bem, me sinto segura porque o Brasil é muito grande para que a gente sinta medo. Tem muita segurança e também tem muita delinqüência, a mesma que enfrentam quase todos os países, porque eu morei dois anos no Equador depois de que sai da Colômbia e sei que a delinqüência está em todo lugar.

Sinto muita falta da comida de lá. Aqui eu como feijão como na Colômbia mas não é a mesma coisa. Lá eu fazia com banana-da-terra, aqui não têm essa banana, com isso tenho sofrido. Também tenho sofrido pela falta da arepa. Quem conhece aqui a banana-da-terra, não a come verde, ficam surpresos que a gente a coma verde. Isto para mim tem sido terrível!

Estamos aqui desde 30 de maio, faz 10 meses, sempre nesta casa. As pessoas são muito acolhedoras, os vizinhos ajudam, eles se reúnem para ajudar os outros. As necessidades dos outros eles as pegam para si; eu tenho uns vizinhos que acho que ninguém tem. Todo mundo tem me ajudado, todo mundo se uniu, qualquer coisa que falta eu nem preciso pedir porque vem uma vizinha sempre xeretar pra ver se está me faltando alguma coisa.

Nós já éramos refugiados no Equador, mas ACNUR tem um programa de reassentamento e eles trazem as famílias mais vulneráveis. Eu também vou dizer: o Equador, por ser tão perto da Colômbia, todo mundo passa; lá também é inseguro, lá a segurança para passar é nula, péssima, lá passa qualquer um quando quer. Meu visto para ir ao Canadá saiu primeiro, mas eu ainda não tinha recuperado meu filho, eu teria que ir sem ele. Por isso demorei em sair, se não já estaria morando lá. Quando consegui recuperar meu filho, tive o visto pra cá.

Muitas pessoas me diziam que não viesse para o Brasil, que era muito pobre mas eu não queria riqueza, eu queria tranquilidade para meus filhos, para todos, para que eles crescessem em um ambiente onde se pudesse pelo menos sair, que a gente não precise ficar ligado se explodiu alguma bomba. Porque existe muita insegurança, inclusive eu já fui roubada, mas é a fome e a delinqüência que existe no mundo todo, a fome, a falta de emprego, isso tudo.

Ter um emprego incentiva mais que ficar esperando

Somos seis pessoas. Quatro filhos, Dana (neta) e eu. Nenhum de nós está trabalhando agora. Bom, lá também e em muitos lugares do mundo a situação de desemprego está assim, mas eu penso que o essencial - não é que eu esteja criticando o programa, nada disso não é verdade? Mas eu penso que o programa, como coisa essencial, deveria arrumar

emprego para nós, porque eu acredito que incentiva mais ter emprego do que a gente ficar sentado esperando esse dinheiro.

A gente se acostuma e uma vez eu disse isso para a menina da Cáritas, porque o corpo vai se acostumando, nós somos animais de costume e o corpo vai se acostumando a que ah! Chega o final do mês! No meu caso por exemplo, não é que eu pense assim, porque o que eu mais odeio é isso; mas muitas pessoas, por exemplo, eu: sou sozinha, não tenho marido, estou só com quatro filhos e uma neta, são cinco para eu atender, então eu sei positivamente que a ONU, ou quem quer que seja, não vai me deixar sozinha; eles vão-me seguir ajudando, para que eu possa seguir adiante; mas, não, se eu não faço nada, recebendo este dinheiro, o corpo se acostuma que está aí... sentado, esperando-o... Fazendo qualquer coisinha, se fez alguma coisa na casa, bem, e se não, ninguém diz nada.

Eu sou uma mulher acostumada a trabalhar e gosto. Eu arrumava emprego no campo e trabalhava; trabalhei como pedreira e depois em um escritório. Agora sofro stress por falta de emprego, por falta de ocupação. Às vezes aqui as coisas se complicam, começo ficar brava o tempo todo, nervosa, eu digo que é isso, porque eu estive empregada dois meses e não me dava dor de cabeça, nada.

Eu não conheço outros refugiados aqui.

Eu não conheço outros refugiados aqui, só uma família. Eu entendo, porque existem alguns que são de um jeito outros de outro e tem coisas que não dá para a gente estar perto de outras pessoas; mas conheço, sim, só uma família, mas não saiu nada bom disso...

Essa é minha vida. Nós morávamos no Quindío. Eu estudava lá, fazia mil cursos de mil coisas, era minha cidade, era onde eu podia fazer e desfazer...

Lá nós morávamos em uma chácara grande. Eu gosto muito de morar no campo, mas não sempre, melhor em uma cidade perto, quando me canso eu vou embora, gostaria de ter algo assim: me canso e vou embora.

Eu queria ir para Cali, não muito longe.

Aconteceu uma coisa com um guerrilheiro lá. Este guerrilheiro matou uns policiais; não, só um ele matou. O outro ele feriu e fugiu porque roubou umas armas de um batalhão. Isso, foi algo assim. Isso foi em Tebaida e ele foi na chácara, mas eu não sabia de nada porque meu marido foi quem o acolheu. Ele também estava ferido, ou seja, para mim ele não era um guerrilheiro, era normal, porque lá acontece isso: roubam laranjas ou goiabas ou o segurança atira neles. Ele disse que não tinha feito nada, só que tinham atirado nele. Meu marido cuidou dele e depois foram embora juntos, mas eu não sabia, pensei que tinha acontecido alguma coisa, que o tinham seqüestrado porque era muito estranho. Ele foi embora com o outro, supostamente só para acompanhá-lo pela vereda para que não fosse estranho para as pessoas, porque ele era desconhecido lá.

Depois, quando eu fui colocar a denúncia e disse que estava cuidando de um guerrilheiro, formou-se uma confusão porque se eu estava colocando a denúncia, era porque eu não tinha nada a ver com isso. Eles diziam que eu era uma guerrilheira e mandaram uma mensagem dizendo que eu tinha que me entregar. Aí fui embora, mas não para sair do país não. Lá é costume às vezes a gente ir embora quando precisa dinheiro, é algo comum, ir procurar emprego num outro lugar. Então eu queria ir para Cali, entendeu? Não muito longe.

Conheci então um senhor que me falou do Equador. Disse que ele ia até o Equador e tudo isso. Ah! Vamos tentar! Eu disse: não estou perdendo nada, e fui embora.

Ele me diz que nunca mais deixaria que eu tivesse meu filho.

Fui embora sozinha. Deixei as crianças com minha mãe mesmo não tendo uma relação boa com ela. Meus filhos são de pães diferentes, cada um deles têm seu pai. Minha mãe disse que era muito pesado mas mesmo assim os deixei com ela. Quando cheguei no Equador, comecei fazer a papelada para me refugiar. Eles já sabiam dos meus filhos, tudo, do jeito que tive que deixar eles, e supostamente eu trabalharia para mandar levá-los, tudo estava bem determinado aí.

Depois, minha mãe ligou para o pai de Ivan, meu filho do meio. O pai de meu filho trabalhava com paramilitares, mas muito longe, em Tarazá (Antioquia), e lhe entregou o menino; e ele disse que nunca mais deixaria que eu tivesse o meu filho, que não o entregaria. Aí eu sofri muito, eu já estava refugiada. Mandeí levar os outros, mas com a certeza absoluta de que nunca mais veria o outro, porque eu não tinha coragem de me enfrentar com essa gente. O pai do meu filho, trabalhou muito tempo com a guerrilha antes, e eu conheço como é. Depois, trabalhou com os paramilitares. Isso acontece muito, só que aí tem que ser muito esperto porque nenhum dos dois perdoa ao outro quando não dá certo.

Todos trabalham com narcotráfico; antes a guerrilha tinha os seus ideais, era um movimento político, com causa. Agora não, agora tudo é narcotráfico, agora eles têm seus cultivos de coca, os cultivadores - os “cocaleros”. A cada três meses sai um carregamento de droga e a cada três meses eles recebem milhões de cada cultivador, de cada “cocalero” recebem milhões de pesos.

Minha vida se tornou um caos, acreditei que acabava. Eu chorava dia e noite. Passei sete meses sem saber nada do meu filho. Depois de ficar um tempo com o pai, virou um seqüestro. Ao pai foi morto, e como ele tinha muita coisa, cultivos de coca, grana no banco, a esposa dele não queria entregar meu filho, porque eles não tiveram filhos. Então, meu filho era o único filho deles e ao tê-lo, ela acreditava ter assegurado todo.

Lá, os colombianos somos o pior que tem.

Eu sofri ano e meio com isso. Chorava muito, bebia álcool porque não queria chorar. Não me importava ir a bares; se tinha álcool, eu ia. Para piorar a situação, minha filha ficou grávida de um alcoólatra pior do que eu. Enrolou-se com ele e ficou grávida. E eu lutando

por eles, lá no Equador; saía vendendo coisas na rua, porque se aqui no Brasil é difícil, lá no Equador é três vezes pior. Lá, se tiver emprego, enquanto pagam 100 dólares para um equatoriano, pagam 30 aos colombianos, se pagarem. Porque acontece que deixam os colombianos trabalharem por um mês e depois não lhes pagam, só por serem colombianos.

Só pelo fato de ser colombiano é considerado ladrão ou narcotraficante ou um folgado, que fala, mas não faz nada. Lá é isso: colombiano é o pior que tem. Então eu lutei muito, lutei demais para ela vir com isso da gravidez. Ai! Ninguém sabe como eu sofri. Na hora, eu queria acabar com todo de vez. Mas, eles me davam força também, e não deixei de apoiar ela.

Ou Isto se acaba de vez ou se conserta.

Um dia eu disse: ou isto acaba-se de vez ou se conserta. Aí fui pedir licença no Ministério de Relações Exteriores de Quito para sair do país. Expus os motivos pelos quais queria sair: quero procurar o meu filho. Porque eu procurei ajuda na Cruz Vermelha para eles tentarem me ajudar trazê-lo mas ninguém fez nada.

Eu sabia onde estava ele, quer dizer, não sabia, não conhecia mas tinha o nome da cidade. Então eu disse, assim como eu sou: se eu sair, tudo bem, mas se não, acabou. Tinha a Jeraldin com 15 anos, ela sempre é assim, magrinha, inteligente, todo mundo gosta dela, ela me ajuda porque trabalha em uma coisa e em outra, ela vende Avon, ela é muito... Bom, tinha ela, tinha Juliet que estava grávida e tinha o Daniel, o caçula.

Fui no ACNUR para deixar no albergue Jeraldin e Juliet, para que ajudassem elas no caso de eu não voltar no tempo estabelecido. Tudo mundo ficou cuidando delas, até o diretor do albergue. Levei comigo o Daniel e, no caminho pra cidade onde estava Ivan, deixei-o na casa de seu pai, essa família ama ele porque é o único neto. Também falei: se eu não voltar, cuidem dele.

Lá não entra ninguém, é um acampamento de paramilitares.

Eu tinha medo de que me acontecesse algo, porque ia me acontecer, lá não entra ninguém. É um acampamento de paramilitares onde tem comandantes e tudo isso. Ele trabalhava lá e o meu medo era que a mulher também fosse conhecida. Eu sabia que ela não ia ceder tão fácil para me entregar o menino, mas mesmo assim eu fui.

Na época Ivan tinha 10 anos, porque ele tinha 8 quando levaram ele. Eu estava decidida, eu não temia à morte, mas sempre que penso nos meus filhos, uff! Morro de medo, mas desta vez, sei lá, desta vez estava muito tranquila porque tinha deixado tudo organizado, tinha deixado tudo pronto.

Então fui para Medellín. Estava sozinha nessa rodovia. De Medellín para lá são divisas com o litoral norte, é quase costa atlântica (Zona paramilitar). Cheguei ao povoado às 4 da madrugada. Onde eu morava, no Quindio, caminhava tranquila às 3 da madrugada, ia ao

hospital ou para outra parte, se ia em um boteco para comprar alguma coisa, eu ia tranqüila porque era um povoado seguro, é um povoado que, inclusive, tem paramilitares, mas de limpeza, que não deixam ter ladrões ou viciados nas ruas. Então a gente fica tranqüila... Cheguei lá onde eu sabia que tinha guerrilha e paramilitares.

Quando cheguei me entreguei às almas benditas. Meu avozinho tinha morrido fazia pouco tempo. Eu sempre fui devota das almas. Eu rezava e rezava até que apareceu um senhor. Eu sempre tenho aqui na cabeça que foi meu avozinho. Eu perguntei se sabia onde ficava o povoado e ele me disse: “Não é um povoado, é um acampamento, eu vou para lá”. Eu digo: graças a Deus! Mas ao mesmo tempo, penso: que medo! Ele me disse: “vamos lá, mas o ônibus que vai para lá só sai às 7 da manhã.”

Ele tinha uns 40 anos. Passamos por ruas obscuras e eu me sentia morrer. Quando chegamos ao ponto de ônibus me ofereceu café da manhã e começou falar, me perguntar aonde eu estava indo. Eu não respondia muito, só que queria ver meu filho que estava lá, nem falei em quais condições ele estava, nem que não queriam me dar ele de volta, também não. Ele estava indo porque tinha um cultivo lá. Depois comecei a sentir confiança, porque ele começou a me contar o que fazia; então eu lhe disse a verdade. Contei para ele tudo que tinha acontecido. Ele disse que não me ajudaria, mas me indicou o que eu teria de fazer. Eu não sabia como chegar lá e se não tivesse sido por esse senhor eu não houvesse conseguido, não teria passado, porque para passar têm três controles e lá tem de entregar a carteirinha (RNA).

Os que param o ônibus no controle estão armados até os dentes e são crianças, molequinhos. Têm uniformes. Ali era propriamente o acampamento, então lá eles são a lei. Quando pararam o ônibus, aquele senhor disse: “Linda, vamos descer”. Ele estava cuidando de mim, por isso eu pensei que meu avozinho estava ali, porque esse senhor nem me conhecia e eu também não, mas me passou sensação de segurança. Eu desci tremendo de medo. Eu vi o que todo mundo estava fazendo então abri minha bolsa para que revistassem mas não revistaram. Ele deu sua carteirinha e falou que estava comigo. Ninguém nos revistou. Ele me contou que revistam todo mundo e que quem não justifica o motivo da visita tem problema. Eles sabiam porque ele estava lá, ou seja, ele na verdade era de lá.

Isso é como uma pequena cidade: têm boate, têm bares, têm sinuca...

Ele chegou tranqüilo ao acampamento, perguntou meu nome, para onde eu estava indo, o nome do pai do menino e o nome do menino. Depois, foi num supermercado, porque isso é como uma pequena cidade, têm de tudo, têm boate, têm bares, sinucas, têm todo, têm supermercados, mas se chama de acampamento porque eles têm uniformes, todos, é impressionante, parece que a gente estivesse entrando num batalhão. Depois ele disse: é claro, ela trabalha em tal parte e mora em tal outra.

Nossa! Estou tremendo! Olha eu começo falar nisso e fico tremendo, isso me deixa muito assustada... Vichhhh! Para mim isso foi impressionante

Ele mesmo me acompanhou até lá. Quando cheguei, eu disse: eu sou fulana de tal. Eu cumprimentei ela, tudo certinho, eu sabia o nome dela. Ela não me conhecia, mas eu tinha visto ela numa foto. Então eu disse: sou fulana de tal e sou a mãe do Ivan. Ai meu Deus! Eu achei que ela ia me matar e que ia chamar o comandante.

Eu me ajoelhei e chorei

“Vou mandar trazer o comandante já, para que cheguem a algum acordo sobre esse problema”, disse o cara que estava comigo. Eu me ajoelhei e falei: eu não venho tirá-lo, eu não vou levar o menino embora, eu simplesmente vim vê-lo, eu vejo ele e depois vou embora. Ai! Não! Eu me ajoelhei e chorei. O cara ficou ali e falou: “ela está dizendo que vem só para vê-lo, se quiser vou trazer o comandante, porque ela tem direitos aqui”. O homem falava com muita certeza do que estava falando, do que estava fazendo.

Eu não sei o que teria acontecido se ele não interviesse, ele começou falar e ela foi se acalmando. Ela disse: “o menino não está aqui, está na montanha” e ele: “Você vai deixar ela vê-lo?” E ela falou que sim. Então o homem disse: “qualquer coisa que precisar me procura em tal lugar, eu vou estar lá”, mas ele não estava lá, porque quando eu o procurei para me despedir, ele não estava e ninguém soube quem ele era, nada! Sei lá, é como se ele soubesse que eu podia ficar tranqüila.

“Você não vai tirar ele, vai?”

Então a mulher disse: “Pode entrar, se quiser ir até a montanha, eu vou para lá, se quiser pode ir comigo” E pronto! Começamos falar, eu comecei falar com ela como se fosse uma amiga, lhe contar coisas... e então ela foi ficando mais calma.

Eu disse que só ia vê-lo. “Você não vai me tirar ele, vai?” Eu respondi que não: “Eu não vou tirar ele de você, eu sei que você foi boa demais com ele”. Eu mentia para ela. Entrava no banheiro, chorava e continuava rezando para as almas, continuava, continuava. Saía de lá e ao teatro de novo! Eu fiz uma teatro para essa mulher! Na verdade ela acreditava, mas eu estava atuando!.

Eu comecei me considerar boa atriz porque até parecia feliz. Eu sorria ainda quando deram quatro horas a pé pela montanha acima. A lama ficava embaixo dos joelhos! Ela emprestou botas de borracha e roupa porque eu nem levei roupa. Por isso ela acreditou em todo, porque eu supostamente ia só com a roupa que tinha e mais umas calcinhas. “Eu só venho ver ele porque tenho que ir embora, eu tenho trabalho”. Eu não ia ficar, eu não ia fazer nada, “eu tenho o meu trabalho lá, simplesmente estou de férias e queria vê-lo, é só isso”.

Quando vi meu menino, ai meu Deus!

No caminho a gente encontrava muitas pessoas, os comandantes, cuidando disso tudo. Eles iam pra lá e pra cá. Depois, quando vi meu menino, ai meu Deus! Eu chorei muito e ele

também chorou. Me abraçava muito, muito. Eu queria pegar ele no colo mas não conseguia, estava gordo, gordo, gordo! Ai! Depois que chegamos lá, na “cozinha”, como eles chamam onde processam a cocaína, vi como ele estava trabalhando! E eu tive que dizer para eles que gostava muito do jeito que ele estava trabalhando, porque estava se tornando um homem! Em uma chácara dessas, lá na montanha, sozinho. Nossa Senhora! Ele pegava vultos de cal, dessa coisa que jogam na cocaína. Ele processava, ajudava processar, ou seja, ele lá tinha aprendido tudo, como a faziam, como a processavam, era impressionante!

Eu não perdia um segundo.

Eu fiquei muito cansada de subir essa montanha e cheguei com muita dor de cabeça. Ainda assim eu cheguei e fiz comida para todo mundo lá. Feliz! Eu fiz festa lá! Supostamente era uma felicidade chegar a esse desterro. Que felicidade para mim! Mas eu só estava feliz de ver meu filho.

Ela é uma mulher de uns cinqüenta e poucos anos e tem um filho velho que é comandante lá. Eu comecei paquerar ele. Ele gostou de mim; ele é muito novo, mas graças a Deus que ele gostou de mim. Então comecei tocá-lo, melhor dizendo, não perdi um segundo! Aí, na frente do meu filho. Tive que fazer muitas coisas que não deveria mas só tinha quatro dias.

No outro dia descemos no povoado e fomos num bar. Obrigavam meu filho beber cerveja e eu aparentava estar feliz “porque meu bebê é um homem, já não é mais um bebê, já é um homem que toma cerveja e vai aos bares”. Eu fiz de tudo para aquele moço, aquilo que eu não tinha feito nunca, fiz nesses quatro dias. O homem ficou muito apaixonado. Eu lhe disse que queria morar lá, até pensamos do que iríamos viver, em que iríamos trabalhar, tudo...

Neste momento da entrevista aparece Ivan, o filho de quem estava falando. Ele tem 12 anos, mais ou menos mas sua aparência e atitude são de homem. Entra e pega no colo Danna, sua sobrinha de 1 ano. Fernanda apresenta-nos, ele estica a mão dizendo seu nome, ao mesmo tempo em que se surpreende alegremente por eu falar espanhol. Nesse momento e pelo seu rosto de surpresa todos sorrimos. Seu sorriso é saúve e contrasta com seus olhos profundos e melancólicos. Seu olhar me intimida como se fosse o de um homem 20 anos mais velho. Explico para ele que sou da Colômbia também e que estou falando com sua mãe para uma pesquisa da universidade. Senta-se conosco e Fernanda muda o jeito desinibido e tranqüilo que tinha para me falar. O volume da voz também diminui.

“Eu não quero deixá-lo ir, você está falando verdade?”

Eles acharam que eu não voltaria. Eu pedi permissão, roguei que deixassem ele vir comigo para ver os primos e os irmãos, porque tinha tempo que na se viam. Eu voltaria – supostamente - com minha filha mais velha. Lá procurei trabalho para ela. Lá pagam muito bem por todo e pagariam para ela 500 reais só por cozinhar para um cara lá. Ficou combinado que eu voltaria com ela e com o menino. Além do mais, íamos trabalhar os dois,

o filho da mulher e eu. Eu voltaria com o menino e com minha filha para trabalhar. Tudo ficou combinado. Já tínhamos onde morar lá porque ele tem uma casa.

Eles resolveram que sim, mas a cada cinco minutos ela me dizia: “Eu não quero deixá-lo ir, você está falando verdade?” E eu jurava que sim. Ela me olhava e dizia: “Eu não tenho certeza de deixar ele ir” e eu: “Nossa senhora!” Eu sempre tive fé. Rezei, rezei e rezei para que o deixassem sair.

Tudo ficou combinado e eu saí. Mas no dia em que saí – como ele é comandante lá, e ele ficou apaixonado por mim e pensou que talvez eu não voltasse - me deram 15 dias para eu voltar. Se eu não voltasse nessas duas semanas, eles me procurariam como agulha em palheiro. O comandante me dizia que eu tinha que voltar, mas o medo era dela, da mãe.

Ela dizia: “Eu mando trazer você, você sabe que eu faço isso”. Mas ele muito carente, é verdade, implorava: “Não me deixe sozinho, volte sim, para eu não ficar sozinho”. Mas eu não sentia nada por ele. Tanto era assim que para conversar ou transar com ele, eu tinha que beber alguma coisa. Eu comecei beber lá. Eu tinha medo de fazer algo mal feito, de cometer um erro e que o encanto acabasse.

No Equador o prendi por dois meses

Quando estávamos ainda em Medellín, eles perceberam. Lá nos demoramos um pouco porque tive que tirar o documento de falecimento do pai para conseguir tirar meu filho do país. Quando estava lá, ligaram para minha mãe, e ela, achando que fazia melhor, disse que não sabia nada de mim há muito tempo. E eu tinha dito para eles que, para chegar lá, tinha passado pela casa da minha mãe.

Eu liguei para minha mãe e ela me disse: “Vão mandar trazer você de Medellín, eles vão fazer sim”. Eu cheguei na Tebaida com essa angústia. Depois no Equador e lá prendi Iván por dois meses. Eu não o deixava sair porque embora no Equador todos souberem o que tínhamos agüentado, eles não me apoiaram.

Eu pedi albergue para conseguir ter ele, porque no acampamento eu tinha dado o nome da cidade onde eu morava no Equador, com o endereço completo. Eu pensei: se antes de eu sair daqui eles mandam alguém conferir se eu moro lá e alguma coisa não dar certo, eu vou ter problemas. Por isso falei verdade para eles. Mas eles não me deram albergue. Os vizinhos então ficavam de olho. Eu os tinha prisioneiros. Os do bairro, quando viam alguém desconhecido ficavam atentos. Por isso o mantive trancado.

Ele tem cicatrizes das surras que levou lá

Agora ele está bem, porque lá no acampamento ele também tinha uma vida. Um dia eu mandei ele arrumar a cama acho, ou fazer alguma coisa na casa, mas ele respondeu: “Mãe, eu trabalhei muito lá, eu não vou trabalhar mais aqui” E é verdade, ele tem cicatrizes de apanhar lá. Aquela mulher batia nele, ele tem muitas cicatrizes. Por isso ele é um pouco

rebelde e agressivo com o irmão. Às vezes ele diz que se sente mal, mas aqui as coisas ficaram mais calmas.

Eu gostaria de ter minha família aqui.

Morando aqui já liguei uma ou duas vezes para minha família, já mandei uma carta, todo! Eles acham que aqui eu estou no paraíso... E algum familiar no paraíso é sinônimo de que algum dia eles vão estar também, por isso agora eles me acolhem muito bem. Mas temos uma barreira com os meus irmãos, eles são diferentes. Minha mãe teve 9 filhos - 5 dentro do casamento e 4 fora do casamento. Esses últimos são mais chiques, têm seus trabalhos, têm filhos. Mas nós, os outros filhos, temos que lutar mais na vida. Sei lá, se eu não encaixo muito bem vou embora, não fico pensando. Mas agora por exemplo, eu gostaria de ter minha família aqui, pelo menos um mês, tê-la, sei lá, em Limeira, e visitá-los pelo menos uma vez por mês, entendeu? É claro que quando ficam perto começam os problemas, as brigas... mesmo assim penso: por que eles não estão aqui? Tudo isso, a vida é assim mesmo e continua.

“O que é o positivo depois de tudo?” (eu perguntei)

Antes eu lutava por eles. Porque tinha que lhes dar estudo. Eu não comprava nada para mim porque primeiro estavam eles. Eu queria que estudassem, que comessem, que vivessem bem. Moradia, comida e estudo. Agora é outra coisa, tenho outra forma de pensar. Eu não vou fazer faxina a vida toda, eu não vou coletar laranjas de novo numa fazenda. Agora quero ser responsável por eles, mas num plano melhor, não trabalhando em qualquer coisa, como se estivesse voltando. Nisso mudei um pouquinho, nisso e ao respeito dos homens, nos sentimentos ao respeito deles.

Sei lá, não quero mais. Não sinto falta de nada. Eu estou aqui com meus filhos. Assisto tv, faço comprar no centro e pronto! Neste momento por exemplo penso isso, nossa senhora! Eu me enrolar com outro homem? Não! Onde estava trabalhando, eu gostei de um homem, mas ele começou seriamente, então não, “fique quietinho”. Então eu já não tenho um homem, não tenho mesmo.

Hoje em dia eu falo muito com os meus filhos. As coisas mudaram, mudaram também porque eu estive em terapia com psicólogo. O programa tem psicólogo para a família, para tudo. Tem muita coisa, muita coisa boa. Só falta ter as pessoas trabalhando.

Tudo o que acontece com a gente também acontece com eles...

Daniel, o caçula, que tem 7 anos, é agressivo, ele já até pegou faca para atacar alguém. Tudo começou mais ou menos quando ele tinha 4 aninhos porque ele estava sempre de um lado para outro. Primeiro na Colômbia, depois no Equador, depois aqui no Brasil. Na escolinha mordeu os professores, chutava eles. Ele não estudou. Nós o levávamos e 5 minutos depois estava aqui ou simplesmente voltava com a gente, mas não entrava. Eu

desisti. Depois as psicólogas falaram que eram os problemas. Não me justifico, mas eu não tinha marido, eu sozinha tinha que responder por cinco! Eu digo que a agressividade e tudo o que acontece com a gente também acontece com eles...

Além do mais a gente não pode falar com ninguém, nem tem a família por perto. Não ter mãe dando colo para a gente. Isso vale, porque não tem coisa que engula mais que os mesmos problemas. Por conta disso mudei com ele, comecei conversar mais com ele, porque antes eu o ameaçava em devolvê-lo para a Colômbia. Hoje em dia ele escuta e até intercede pelo irmão quando eu o castigo. Eu mudei. Mas ainda falta muito.

Pela falta de emprego às vezes acontecem coisas. É horrível. Por exemplo: todas as crianças na rua têm bicicleta, ele não tem e vem me pedir, mas eu não tenho trabalho, então eu fico nervosa de novo, mas não fico zangada como antes. Acontece, mas não como antes, porque antes eu tinha muitas inseguranças, ficava com muita incerteza das coisas, mas chegar aqui, saber que aqui não vai acontecer nada, que é um país maior, ou seja, agora não! Agora eu sinto que sou daqui, sim, que aqui estou e aqui fico!

Passei três semanas sem sair daqui

No momento que cheguei eu não entendia nada, não sabia de nada, eu não queria nem sair de casa. Nossa senhora! Eu passei três semanas sem sair daqui. Só ficava sentada no sofá, esse era meu lugar, aí, nesse sofá. Os vizinhos me deram esse sofá e o outro, tudo eles me deram. Pouco tempo depois de eu chegar, eles souberam que eu era refugiada. Conteí algumas das coisas que aconteceram e as pessoas foram muito solidárias comigo. A filha de uma vizinha trabalha no Carrefour, duas semanas depois de eu estar aqui elas chegaram um sábado com um monte de coisas! Nem cabia mais nada na sala, não tínhamos por onde andar de tanta coisa que trouxeram. Tinha como sete ou oito caixas de farinha para fazer bolo, carne seca, carne fresca, frango, queijo, até biscoitos, doces, chocolates! Eu chorava. Os sofás cheios, até no chão. Uma caixa cheia de ovos. Tive que desocupar o armário para pôr as coisas lá, porque não cabiam na cozinha. Aqui tem uma igreja e todos nós começamos participar. Eles cada mês dão uma cesta básica. Aqui as pessoas são uma graça!

Eu vi muitos casos de corrupção lá

No Equador tem um lugar onde só moram colombianos pedindo refúgio. Lá têm pessoas que alugam quartos com todo. Se o quarto custar 80 dólares, a gente tem que deixar 160, que nunca recupera. Eu consegui refúgio rápido. As outras pessoas se perguntavam por quê, ah! porque eu só falava verdade! Lá acontece muito isso. Eu conheci um monte de pessoas que inventavam estórias para fazer negócio.

Por exemplo, tem um cara que vai à Colômbia, no campo, onde estão os camponeses, pede 50 reais por cada pessoa para levá-los ao Equador, leva-os ao lugar onde pedem refúgio, ensina-lhes o que têm que falar e lhes promete trabalho. Chegam lá e não lhes dá nada. Ele os leva e pronto, isso acontece, mas ninguém denuncia.

Eu tinha muita vontade de denunciá-lo, mas eu não podia entrar em briga com ninguém, não podia ter problemas, eu já tive muitos problemas por falar demais, além do que tinha muito que perder. Eu vi muitos casos de corrupção lá, dos próprios funcionários de ACNUR, é impressionante, é uma coisa sem limites. Por exemplo, usam os carros da ACNUR para passar pessoas na divisa, porque esse é um carro que tem imunidade.

Eu não sabia o que era um refugiado

Quando saí da Colômbia saí para trabalhar. Eu não conhecia aquele negócio de “refugiados”, eu não sabia o que era um refugiado. Nunca me preocupei em saber. Eu sabia, por exemplo, que um político ia e se exilava em outro país; isso é diferente do que somos nós, os refugiados. Eu sabia do asilo político, mas não conhecia nada sobre refugiados. Na Colômbia há muita desinformação sobre isso, muitas vidas poderiam ser salvas se tivéssemos mais informação sobre refugiados.

Os paramilitares são os mesmos policiais

Onde nós morávamos tinha principalmente paramilitares de limpeza. Os outros são os ativos, o que é muito diferente, porque esses são os que combatem os que estão lá no acampamento. Estão treinados e se inscrevem. Os outros também têm que se inscrever. É um processo como se fosse exército, é igual. Eles se apresentam, se os recebem, tudo bem, e se não, não. Depois tem um treinamento. O pai de Ivan treinava outros. Esses são os simples, os que ainda não sabem combater, os que têm que se esconder no caso de um combate. Quando ficam prontos saem para os combates. E têm os urbanos que vão às cidades. Eles recebem pagamento da polícia. Eu não diria isto para outra pessoa, mas recebem pagamento da polícia sim, recebem pagamento dos donos das fazendas, de donos de negócios. Lá na Tebaida por exemplo, ninguém lhes paga. A maioria é paga pela polícia ou é a mesma polícia. Sim, a maioria é da polícia diretamente, eles são os que fazem “limpeza”. Eles se encarregam dos que roubam e dos viciados. Não mexem com prostitutas, só quando elas mexem com viciados, para vender ou quando elas são viciadas também.

Eu acho que seria legal que a Colômbia tivesse só guerrilha, porque eles têm umas regras e pronto. Muitas pessoas seguem essas regras e vivem em paz. Mas lá temos as regras dos guerrilheiros, as regras dos paramilitares, as regras dos militares, as regras dos policiais, e além de tudo, as regras dos ricos. Então, é por isso que a Colômbia é um país que vive em guerra.

Por exemplo, eu tenho um irmão viciado, dos piores viciados que pode existir; ele foi perseguido pela polícia que atirou nele, além de lhe enfiar três facadas. Deixaram-no no chão com um cartaz, dizendo que a ação tinha sido feita pelos paramilitares porque ele era viciado. Mas, ele não morreu, eles acharam que ele tinha morrido, mas não morreu. Ele ficou muito mal por dois meses, mas não morreu. Depois ele contou como foi tudo, contou que foi a polícia e eu acredito nele, porque é verdade que a polícia faz isso, eles são os mesmos grupos de “limpeza” pagos pelos ricos.

Eles são sanguinários

A primeira vez que eu deixei Ivan ir com o pai foi numa férias que se tornaram seis meses. Ele tinha seis anos e teve um massacre no mesmo lugar onde ele estava. Os paramilitares mataram 52 guerrilheiros, mas nem todos eram guerrilheiros. Acontece igual ao que aconteceu com Ivan, por exemplo, ele não tinha nada a ver com os paramilitares, mas ele estava lá, trabalhando. Então se chegassem os outros, tan, tan, tan! acabariam com todos os que estivessem lá.

Tanto os guerrilheiros quanto os paramilitares têm a vida no mato. Dão-lhes moradia, trabalho, até dinheiro se precisar. Dão-lhes todo, mas por quê? Porque eles precisam proteger a vida de outros, mas eles não são protegidos, eles expõem as pessoas para que sejam mortas e fiquem como guerrilheiros ou paramilitares. Hoje em dia, os paramilitares são muito mais fortes, eles são os que estão enterrando o país. Eles não fazem as coisas como antes, quando a guerrilha tinha ideais, não, eles pegam fuzil e matam pessoas. Eles são sanguinários.

Você vê um pouquinho, não todo, entendeu?

Eu morava em Caicedonia, mas eu fui embora porque até ali nos procuraram. Não nós, mas sim o patrão. Mas era como se fosse conosco. Iam matá-lo e eu pensei: alguma coisa fez, não? Na fazenda do lado penduraram um homem sem mãos nem pés. Então, não! Em muitas partes do campo onde eu morei tinha muito crime. Tem melhor paisagem, tudo era bonito, mas eu sofria muito. Não faziam nada conosco porque nós não estávamos fazendo nada; também não falaríamos, mas ouvir tiros, ver tudo isso ao redor... esse senhor, por exemplo, você vê um pouquinho, não todo, entendeu? Mas é como se a gente viesse todo...

Outro dia quase morro porque do lado, não na fazenda onde penduraram o senhor sem mãos, mas na outra, ouvimos uns berrsos. Depois tiros e os tiros não paravam. Os tiros eram de metralhadora, ou seja, a gente começa a conhecer o som. Tínhamos que nos enfiar embaixo da cama, no banheiro. É uma tensão muito impressionante. Depois fomos embora para a Tebaida.

Lá se costuma vender na feira do povoado o que é produzido nas fazendas; às vezes eu ia fazer compras e escutava que mataram fulano, que fizeram tal coisa, que na montanha mataram tantos, a gente tem que viver com isso constantemente.

Supresa? Não, já não.

Surpresa assim não, não, já não. Eu acredito que foi por isso que eu tive força para recuperar meu filho. Lá, dentro do acampamento, não pode ter brigas nem entre mulheres. O marido não pode bater na mulher, a mulher não pode trair o marido, tudo é assim, porque eles são os que mandam e eles põem as regras. Se alguém participa de uma briga vai para o calabouço e se repete, faça seu buraco que vão matá-lo. Tudo o que eu vi me deu força para

estar lá, porque eu já sabia muita coisa. Anos atrás também estive em uma cidade onde existia um “lampião”.

“Lampião” aqui é um guerrilheiro que existiu em Minas Gerais. Ele matava e tudo isso. Eu já morei numa cidade –Trujillo- que tinha um cara assim. Lá eles mandavam e matavam meninas, meninos, todos, eles eram os que matavam. Vivia-se violência demais. Tinha mortos em cada esquina. As pessoas tinham que fugir. Era muito impressionante. Eu morava 20 dias ou um mês num lugar e depois tinha que ir embora. Muito impressionante.

Impressionante

A família toda com quem eu morei lá teve de ir embora. Dois dos homens da casa tiveram que fugir e caminhar cinco dias sem saber onde chegariam e sem saber se encontrariam os familiares ou não. As mulheres ficaram lá. Isso foi impressionante. Era muito impressionante o jeito de arrombar as portas, se enfiar embaixo das camas, sair sem nada. Foi muito impressionante. Eu vivi muita coisa e isso me endureceu um pouquinho. Quando eu sai de lá para cá, não foi por mim mas por eles, pelo medo de que acontecesse algo com eles. Porque eu já sei como são as coisas. Sei que a gente tem que ficar calada, não ter coisas de mais, não se envolver com coisas que não deve, é isso.

Simplesmente não se fala. Ninguém fala de nada com ninguém.

Na chácara onde eu morei -de onde tivemos que sair- 20 dias antes mataram o filho, uma menina de sete anos e a avó da menina, mãe do moço. Ou seja, mataram os três. Mas não os mataram juntos, o moço e a menina foram mortos juntos, depois, quando a mãe foi reclamar os corpos, mataram-na e só porque o moço roubou gado de outra chácara

Ele escondeu o gado na chácara onde vivia com a mulher, depois a polícia perguntou mas a mãe respondeu que não sabia de nada. Meu marido, eu e os vizinhos sabíamos o que tinha acontecido, sabíamos todo. Outros que ajudaram roubar o gado foram embora para outra parte. Muitas pessoas sabiam onde estavam. Sabiam quem era a família.

Mas não precisa falar nada, nem de bom nem de ruim. Nem para denunciá-lo nem para dizer: “sim, isso aconteceu.” Lá tem que ser assim. Nem fazer comentários na casa porque sendo chácara, ao redor tem mato, e atrás da casa pode ter alguém escutando. Então é isso, se acostumar não falar. Melhor que falar em fulano de tal é falar da política ou da novela. É isso: se acostumar.

Tenho medo de voltar

Eu não tenho medo de que eles venham aqui, não, eu acho que não. Mas eu acho que algum dia tenho que ir lá, de qualquer jeito, é meu país, são minhas raízes, eu sei que minhas raízes ficaram na Tebaida e também as raízes da família toda dessa mulher, toda essa gente é de lá, da Tebaida. Minha mãe é pressionada, mas minha família não quis sair de lá e além

disso eu tenho que levar meus filhos na frente. Eu sei que não farão nada com a minha mãe porque eles sabem que minha família não tem nada a ver, eu simplesmente digo: vocês não podem dizer onde estou. Eles têm meu endereço mas aqui eu estou tranqüila.

Tenho medo de voltar. Também tenho muito medo por Ivan. Ele sabe que tem coisas lá, as coisas do pai, ele sabe que todo isso é dele. Ele fica de olho, diz que quando tiver 18 anos vai voltar para pegar suas coisas.

Desde agora estou lhe arrumando namorada

Eu acho que quando ele tiver 18 anos vai estar mais... Eu rezo, desde agora estou lhe arrumando namorada. Eu digo para ele: “Olha que menina linda, essa sim é minha nora!” . As meninas ficam atrás dele, ele tem seu charme, é grandão, o pai era assim. Ele puxou o pai.

Ele já está estudando, já tem planos aqui, tem amigos aqui, tem de tudo aqui. Eu estou lutando para que ele tenha, para que todos tenham uma vida melhor aqui. Tranqüilidade aqui eu tenho, por enquanto, e espero que algum dia estejamos melhor. Inclusive o problema da comida também às vezes eu resolvo mas o problema do trabalho não. Isso é questão de sorte e de ter uma ajudinha, no mundo todo, porque quem tem uma ajudinha vai para acima.

6.1.1 UM GRITO DE DOR (Interpretação da entrevista da Fernanda)

A relação que o método procura entre a experiência social e o caráter pessoal se faz evidente no relato da Fernanda. Ele não é só um relato pessoal, é um relato de uma mulher no tempo atual da Colômbia; sua fala retrata a situação atual de um país. É um retrato que torna possível, a partir do método e da narrativa, ler traços da realidade social colombiana: um tempo específico e irreversível, marcado na narração de forma hermenêutica. Ela narra sua história e na sua subjetividade está impressa a história, não só da Colômbia, mas alguma faceta do Equador e do Brasil; de uma sociedade global que se depara, geralmente sem sabê-lo, com situações de abismal complexidade tanto psíquica quanto social: o deslocamento forçado e o refúgio.

Fernanda, sujeito deste tempo, retrata esse excesso de sentido ao que nos referimos antes. Um excesso que satura até se tornar corriqueiro que “a vida é assim mesmo”. O testemunho

de Fernanda dá conta daquilo “que contraria os poderes da ordem”, como diz FIGUEIREDO, no sentido de que o traumático, o catastrófico, ao fugir do domínio de si, destroça a possibilidade que se tem de poder organizar o mundo¹⁰⁹.

É isso que a ultrapassa, o que parece que ela não consegue organizar. É como se Fernanda de alguma forma houvesse perdido o controle da sua vida no sentido simples, básico, ordinário, como se fossem os outros os que vão decidindo por ela, ou a vida na sua louca carreira. Sua subjetividade se deixa entrever então, como sendo pouco elaborada. Na narração vai de um lado para o outro e fala como se fosse a descrição de uma história normal, de todos os dias; sem dramatismo, sem dar ênfase no traumático, na cadeia sucessiva de traumas da sua história. Ela sabe e diz, lembrando o que viveu - que foi “impressionante”-, mas como se ela estivesse fora da história.

A narração de Fernanda é concreta e como se fosse a única possível de fazer. É como se a possibilidade do simbólico lhe houvesse sido arrebatada aos poucos a partir da seqüência traumática e, em seu lugar, aparecesse uma espécie de sobrevivência crua, básica. Somado a isso um entorno sócio-cultural mínimo que também não lhe oferece elementos que façam nascer de alguma forma a metáfora. Tanto na Colômbia quanto no Brasil, ela simplesmente sobrevive. E, por estar sobrevivendo, a racionalidade parece se tornar básica, dando conta somente do ir e vir e, então, de um grito profundo pela sobrevivência. Seu modo de falar tem uma ênfase no registro representativo, no signo. Ela fala só do visível, do tangível.

Por outro lado, parece que Fernanda não é consciente da façanha que viveu para resgatar seu filho. É evidente que a narrando, tem certo estremecimento, mas a elaboração do acontecido se reduz no anedótico parecendo não alcançar um nível de “catástrofe íntima”, ou seja, como se não existissem suficientes elementos *reflexivos*¹¹⁰ para se reconhecer heróica, sobrevivente.

¹⁰⁹ FIGUEIREDO. L.C. Op.cit. p.14

¹¹⁰ “A *reflexão* é um voltar-se para dentro, um curvar-se, um inclinar-se para trás. Frente a um estímulo ou a um impulso para agir, o *instinto de reflexão* impõe um desvio (do impulso) para uma *atividade endopsíquica*, antes de descarregar-se no mundo exterior. Essa *interrupção* é chamada de *psiquização*. Vale dizer, o *instinto de reflexão* que interrompe a descarga produz o que poderíamos chamar de primeiro grau de simbolização: a imagem — e, digamos assim, a imagem é já, e em alguma medida, consciência.” MARONI. A. O corpo: Lugar do Sagrado. Em E por que não? Tecendo outras possibilidades interpretativas. Op.cit. p. 60

Por exemplo, Fernanda não volta atrás procurando explicações ou novos sentidos para o acontecido, não pelo menos em um primeiro momento ou não com essa intenção de forma consciente. E seu relato mais constata que denuncia. Ela fala do que é possível viver, do que atravessou em sua existência, sem passar por um exercício de reflexão para dar sentido às questões que no meio de sua experiência extrema vão-lhe chegando.

Escutando-a primeiro e lendo-a depois, perguntava-me: como é possível viver tudo isso e não sair dos limites? Não sucumbir, não enlouquecer? Vivê-lo e dizê-lo como se se tratasse de uma história comum, ou mais, da história de um outro e não da história que se leva dentro, na alma, impressa no corpo. Como é possível ter tanta resistência? Como surge a coragem, a força? Sua história é um trauma seguido de outro e de outro. Poli-traumatizada. A dor e a tristeza são infinitas? Por que parece que não sofre mais por tudo isso?

Safra, a partir do paradoxo da condição humana e da necessidade da clínica contemporânea de compreender os pacientes, faz uma tipologia de quatro grandes modos de ser que as pessoas teriam na atualidade. Um deles, é o bidimensional, o qual resulta conveniente para a interpretação que tento fazer a partir da narrativa de Fernanda. Safra diz que o Bidimensional “é o modo de ser de pessoas que se encontram reduzidas à mera imagem estética midiaticizada ou ao mero signo social. São pessoas que vivem como se não tivessem interioridade. Evidentemente, neste tipo de pessoa, ocorre o esfacelamento dos modos simbólicos. Em sua fala, em seu modo de ser, há uma ênfase do registro representativo, mas com a perda da dimensão dialógica, habitualmente presente neste tipo de símbolo. São pessoas que se organizam ao redor de meros signos e por essa razão se caracterizam por terem uma **personalidade - signo**. Nessas pessoas todos os símbolos que poderiam falar de interioridade são reduzidos a signos. As metáforas se perdem. Aparentemente são imunes ao sofrimento.”¹¹¹

¹¹¹ Safra ainda fala em **Tridimensionais**: “São seres humanos que têm um modo de ser que se enraíza em sua interioridade. A sua constituição é dialógica. O outro é referência fundamental em seu modo de ser.” **Abismais**: “São pessoas que em decorrência das questões que a visitaram em seu berço ou pelo fato de terem sido atravessadas por acontecimentos em sua história, dizem o inédito. Elas são profundamente lúcidas em relação ao registro ontológico da condição humana.” E **espectrais**: “São pessoas profundamente lúcidas, mas que se descrevem como sendo espectros, fantasmas no mundo. Embora tenham profunda lucidez e respeito da condição humana, são pessoas profundamente solitárias, o que lhes dá a experiência de estar fora do mundo humano.” SAFRA, G. “Dimensões simbólicas e modos de ser” Op.cit. pp. 58-61

Considero que essa bidimensionalidade enunciada por Safra permite compreender um pouco, por que no discurso da Fernanda há uma ausência metafórica, ou melhor, uma capacidade pouco sofisticada de elaboração de metáforas. Ela grita de dor no meio de suas palavras, e seria essa dor infinita que ela não identifica o que impede elaborações metafóricas e reflexões mais complexas. Seu discurso evidentemente se reduz à mera descrição da sobrevivência básica e cotidiana, mesmo que seja heróica.

Nos seguintes trechos do relato, por exemplo, Fernanda, sem nenhum tipo de alarde e não por humildade, mas por alguma incapacidade de reconhecer o traumático no seu próprio relato, vai narrando a perda - e posterior recuperação - de seu filho, como se se tratasse de mais uma história:

“Fui embora sozinha. Deixei as crianças com minha mãe apesar de não ter uma relação muito estreita como ela. (...) O pai de meu filho trabalhava com paramilitares, mas muito longe, em Tarazá (Antioquia); e (minha mãe) lhe entregou o menino, e ele disse que nunca mais (...) o entregaria. Aí eu sofri muito, eu já estava refugiada. Mandeí trazer os outros, mas com a certeza absoluta de que nunca mais o veria, porque eu não tinha coragem de me enfrentar com essa gente. (...) Passei sete meses sem saber nada dele. Depois de ficar um tempo com o pai, virou seqüestro porque mataram o pai (...) e a mulher dele não queria entregar meu filho. (...) Um dia eu disse: ou isto acaba de vez ou se transforma. Aí fui pedir licença no Ministério de Relações Exteriores de Quito para sair do país, expus os motivos pelos quais queria sair: quero procurar o meu filho. (...) Eu tinha medo de que me acontecesse algo, porque ia me acontecer, lá não entra ninguém. É um acampamento de paramilitares onde há comandantes e isso tudo. (...) Então fui para Medellín. Estava sozinha nessa rodovia e de Medellín para lá são divisas com o litoral norte, é quase costa atlântica (Zona paramilitar). Cheguei ao povoado às 4 da madrugada. (...) Os que param o ônibus no controle estão armados até os dentes e são crianças, molequinhos. Têm uniformes. Ali era propriamente o acampamento, então lá eles são a lei. (...) Eu fiquei cansada por subir nessa montanha e cheguei com muita dor de cabeça, ainda assim, cheguei e fui fazer comida para todo mundo.”

Tem tanto excesso de sentido, que resulta quase impossível elaborá-lo, e isto não só pela dificuldade de elaboração que possa existir em Fernanda, mas porque a realidade mesma sai dos limites, é excessiva. É esse excesso que dificulta também a passagem do meramente representativo ao simbólico, ao metafórico, à fantasia, como afirmam os autores já citados em relação ao trauma.

De outro lado, Fernanda não fala do que sente falta ou do que deseja, só fala do que precisa, do que pode fazer. É como se não tivesse “futuro” nas suas palavras, só presente e necessidade. O único futuro parece ser aquele condicionado ao passado, quero dizer, o futuro não seria construído como sonho, ou anelo, ou desejo a partir das possibilidades que oferece o presente, **mas como um tempo livre do medo e do risco que marcaram o passado**. Não há um sonho ou desejo possível, mas uma espécie de continuidade entre o passado e o futuro, há uma ação de pular ou esquecer o presente como matriz do futuro e das possibilidades que o dinamizam.

A trama que Fernanda faz de sua vida parece oscilar, então, só entre o passado e o futuro. Em vários momentos da entrevista ela pula de um lugar a outro sem visitar o futuro, e, as poucas alusões que faz a essa possibilidade se sustentam, como dito, na melhoria daquele, tendo como referência o passado:

“Eu aqui tenho me sentido super bem, me sinto segura porque o Brasil é muito grande para que a gente sinta medo. (...) eu queria tranquilidade para meus filhos, para todos, para que eles crescessem em um ambiente onde se pudesse pelo menos sair, que quando sair a gente não precise ficar ligado em se explode uma bomba. (...) Sei lá, não quero mais. Não sinto falta de nada. Eu estou aqui com meus filhos. Assisto tv, faço compras no centro e pronto! (...) antes eu tinha muitas inseguranças, ficava com muita incerteza das coisas. Mas chegar aqui, saber que aqui não vai acontecer nada, que é um país maior, ou seja, agora não! Agora eu sinto que sou daqui, sim, que aqui estou e aqui fico!”

Omitindo o presente como lugar e tempo a partir do qual se pensa o futuro, este deixa de existir e se fixa perenemente ao passado violento. O futuro como desejo e como construção desaparece. O futuro parece chegar independentemente da própria vontade, do próprio desejo. Esta parece ser a chave do traumático em Fernanda, porque é a partir da segurança que ela sente no Brasil, quer dizer, onde de alguma forma se libera do passado, que parece possível para ela pensar o que pode vir a ser, sem que isso se concretize na sua fala.

Mesmo que Fernanda pareça orgulhosa de sua capacidade de reverter a situação quando engana a mulher que tinha seu filho e ao filho dela, a quem seduz no meio da grande estratégia de resgate, é evidente que, ao mesmo tempo, algo de vergonha ou culpa surge quando, durante a entrevista, seu filho aparece e ela diminui o volume da voz e muda de

assunto. É como se esse jogo, espécie de guerra que tem com a vida, se tornasse o lado sombrio de sua coragem, de seu heroísmo.

Fernanda parece ir pela vida coletando pedaços dela mesma. Todo trecho do relato é como uma tira de vida que se vai encontrando no momento mesmo em que narra... É no dia-a-dia que foge da morte, não só da própria, mas da imagem dela, que ameaça sempre, desde o recôndito – mas sempre visível - lugar da memória, onde se seguram “os mortos que penduram sem mãos nem pés”.

Finalmente, se como propõe o método, não devemos fazer uma separação radical entre a vida do sujeito e a estrutura social, o que nos poderia dizer uma história como a de Fernanda sobre a história da Colômbia? Como é possível um sofrimento contínuo e a sobrevivência depois disso? Qual o mapa que podemos desenhar da Colômbia, baseando-nos na temporalidade da dimensão narrativa da Fernanda que, mesmo sustentada na *fantasia* individual ao constituir a sua trama, não está dissociada do mundo real?

6.2 Andrés

6 de março de 2006
(Itatiba, SP, na sua casa)

É uma historia muito triste, porque eu tinha tudo o normal

Eu cheguei há um ano e cinco meses, em 24 de novembro de 2004. Estive no Equador antes de chegar aqui como refugiado. Lá no Equador existe um organismo que se chama ACNUR. Eles me fizeram algumas perguntas, entre outras, se eu gostaria de vir para o Brasil. Mostraram-me um vídeo muito triste e muito feio, mas o desespero que eu tinha em sair de lá me fez aceitar.

No Equador o “clima” é muito horrível, o clima das pessoas, o ambiente. É impressionante ver a grande quantidade de colombianos que tem lá, é impressionante que você está em uma parte e encontra uma pessoa que de repente diz: “ah, você é o filho de dona Sônia”

Na Colômbia eu morava em uma cidade pequena chamada Florida. Eu cresci nesse povoado, minha mãe é professora e meu pai era comerciante. É uma historia muito triste porque eu tinha tudo o normal. Meu pai tinha várias lojas no povoado, tinha uma fazenda, tinha gado, tinha várias casas. Eu montava cavalo, era uma vida boa! Mataram ele e minha mãe começou vender todo, mas eu não entendia por que estávamos decaindo. Eu tinha 18 ou 19 anos.

Nós tínhamos duas lojas que ficavam perto uma da outra. Eu administrava uma delas, que ficava na esquina, e tínhamos vários locais alugados. Eu vivia bem! Era uma vida na qual conseguia fazer muitas coisas mais. Mas depois começaram a matar pessoas, mataram muitos primos meus e a gente não sabia quem os matava. Depois soube que minha mãe estava dando dinheiro. Ligavam na casa, por isso ela quitou o telefone. Ela sofreu muito. Uma das lojas era de eletrodomésticos e ela comprava uma máquina usada para converter a cocaína em pó. Essas pessoas pediam para minha mãe trazer essas máquinas e ela as pedia. Depois eu dava dinheiro e algumas vezes quando não tinha, dava mercadorias, calça jeans, coisas assim. Aí que começamos falir.

Essa extorsão era feita pela guerrilha. Chegavam cartas na casa. Sempre era uma pessoa que as trazia, nunca as jogavam por debaixo da porta, era algo normal, natural. Chegavam e batiam à porta. Muitas vezes eu chegava à loja e a pessoa já estava ali sentada, me esperando, como se fosse um cliente.

A extorsão nos fez morar em Cali. Lá trabalhei em uma empresa de transportes que se chamava *Redetrans*. Eu gosto muito do negócio do transporte. Fui com minha mãe, lá morávamos em um bairro bom.

Escolhi esse lugar porque não precisava de visto

Nós somos três irmãos. Eu sou o mais velho, depois de mim segue minha irmã, Sofia e o caçula é Humberto. Minha irmã morava em Cali há muito tempo porque ela casou, então fui embora com minha mãe e meu irmão para Cali. Lá tudo era legal. Eu comprei dois caminhões na empresa, estava progredindo novamente, tinha dois motoristas e eu mandava neles porque a empresa fazia de intermediária, ou seja, a empresa era dona dos caminhões maiores e contratava os caminhões menores. O gerente de lá me deu a oportunidade e eu tinha bons roteiros. Tudo era bom. Depois comecei receber ligações. As mesmas pessoas que fizeram chantagem conosco em Florida começaram fazê-la em Cali; eles nos seguiram a pegada porque eu tinha que ir permanentemente em Florida para cobrar os aluguéis das casas que tínhamos lá. Vendi um carro que tinha e dei uma parte do dinheiro. Tudo foi ficando pior. Eu tinha um tio que há poucos dias tinha sido assassinado e estava muito assustado. Em abril eu não sabia o que fazer. Vendi um caminhão e com uma poupança comprei uma passagem para Tel-aviv, no Oriente Médio.

Escolhi esse lugar porque não precisava de visto. A rota do voo era Cali – Bogotá – Caracas – Frankfurt - Tel-aviv. Em Bogotá, tudo bem mas em Caracas uma mulher da empresa aérea ficou perto de mim perguntou quanto dinheiro eu tinha. Eu tinha pouco. Ela me fez perguntas e depois pediu meu passaporte e levou. Eu fiquei esperando, quando ela voltou, eu disse que precisava viajar mesmo, que não queria ficar. Mas ela já sabia, ela falou que dias atrás tinham ido umas pessoas com o mesmo itinerário que eu tinha e ficaram em Frankfurt. Embora eu não soubesse nada disso, era o que eu ia fazer, ficar em Frankfurt, na Alemanha. Não consegui viajar e tive de voltar. Agora entendo um pouco mais das leis, sei que podia ter conseguido ficar lá, em Caracas, mas voltei. Na manhã seguinte estava em Cali de novo, totalmente desesperado.

Você já ouviu que no Equador está a metade do mundo?

A mesma pessoa que me deu a idéia de sair com esse itinerário me disse que fosse para o Chile. Então eu pensei no Chile e no Equador e fui embora para o Equador. Cheguei lá, mas esse ambiente de pobreza é impressionante! Esse ambiente de desespero, isso é em Quito, é um ambiente desesperante!

Lá tem muito colombiano, mas nada bom! A gente fica assustada, porque embora seja uma cidade maior, todos os colombianos têm um ponto de encontro para fazer a papelada, para os trâmites para pedir refugio. Isso é impressionante!

Nos primeiros dias aluguei um quarto. Depois fui morar na metade do mundo... Você já ouviu que no Equador está a metade do mundo?

Eu não sabia que o Equador era um lugar aonde as pessoas da Colômbia iam muito. Eu não tinha idéia de como era o Equador, eu só queria sair da Colômbia e fui embora para o Equador, mas isso foi impressionante! Lá aguardei e consegui o visto porque ACNUR só me ajudaria si eu tivesse o visto de lá.

Minha mãe ficou preocupada, ela já não estava morando mais em Cali mas em Palmira, em um bairro bom. Lá ela teve um negócio de Internet, com quatro computadores, venda de minutos para ligar para celular e uma vídeolocadora. Ela foi lá com meu irmão.

Lá no Equador eu não estava passando bem, não me sentia seguro em nenhum aspecto, nem no presente e menos ainda para o futuro. Esperei o visto de Equador e quando o tive falei com as pessoas do ACNUR e me recomendaram o Brasil. Foi nesse momento que assisti aquele vídeo horrível! Só pobreza! Mostram o lugar onde decolam os aviões, parece a África! Não mostram nada de bom, nada bonito, só coisas ruins. Eu acho que é com a intenção de mostrar que aqui também tem pobreza e que também tem coisas ruins, mas quando você está em uma situação como a minha, a gente não olha nada, qualquer lugar é bom. Se nesse momento me dizem África, eu respondo que sim! sem pensar duas vezes. Depois cheguei aqui no Brasil e não era tão horrível quanto o apresentavam, nem tão difícil.

Eu queria sair do Brasil

Aqui morei em uma casa em São José dos Campos. Mas um dia entraram para roubar e queimaram meu pescoço com cigarro. Eles só perguntavam onde estava o dinheiro, procuravam na casa e me queimaram. Sabe, a vida tem um mistério! E algumas coisas só a tranquilidade resolve...

Minha irmã mora em Buenaventura, em uma casa linda. Ela viaja pelo Panamá para comprar e vender mercadorias. Um dia chamaram para lhe cobrar um dinheiro que eu supostamente estava devendo e se ela não pagasse iriam me machucar. Ela foi à polícia, mas lhe disseram que esse não era o jeito da guerrilha, que isso era coisa de delinquência comum ou de familiares. Eu estava muito assustado. Essas pessoas entraram na minha casa e me queimaram com cigarro e depois minha irmã disse isso, foi impressionante! Por isso fui embora para um hotel. Eu queria sair do Brasil. Um primo que tenho na Espanha diz que enviaria uma documentação para mim mas não enviou nada.

Aqui em Itatiba é mais tranqüila, a cidade é pequena, mas é tranqüila. Eu tenho amigos na praça, os velhinhos que vão se sentar lá... O difícil é que ninguém se adapta. A adaptação vem com o tempo, mas o mais difícil nestes sete meses foi ficar sem emprego sabe? Graças a Deus hoje tenho, antes não tinha, ou seja, você olha a vida de um jeito diferente quando tem emprego. Não é o que você sonha, mas os sonhos se constroem! Então fui andando atrás disso até ficar cada dia melhor. É difícil quando se vem de outra situação. Minha situação sempre foi boa, nunca faltou nada, meu pai sempre foi uma pessoa responsável, sempre deu o melhor para gente. Eu morava em um povoado onde eu era um príncipe, onde podia ter tudo. Tinha reconhecimento, tinha isso que os outros confiavam na minha palavra... e perder tudo isso... e sabe que com o tempo se perde mais? Porque é claro, somos mais velhos, cada vez a situação é mais difícil para nós.

Agora em maio vou fazer 28 anos. Lá em Florida eu tive uma namorada sete anos! Chama-se Lina. Isso aí é uma história triste porque eu tive um filho com ela e um dos motivos pelos quais ela não queria continuar o namoro comigo, foi minha situação, porque eu tive

muita família que foi assassinada. Eu contei para ela o que aconteceu com meu pai, o que estava acontecendo com minha mãe, pelo que eu estava passando. E em um povoado de cinquenta mil habitantes, no qual você não fala porque tem medo de falar, porque você não sabe com quem é que está falando, onde você nem sabe se são da guerrilha ou são dos paramilitares ou é delinquência comum. Você não sabe de nada, então todo mundo vai ficando com medo. Esse foi um dos motivos pelos quais eu não estou mais com ela. Meu filho tem nove anos e chama-se Bruno. Não temos contato nenhum.

O tiro entrou no queixo e saiu pela cabeça

As FARC assassinaram meu pai, ele tinha 37 e eu 16 quando o mataram. Ele chamava-se Alfonso Villa, era comerciante, um homem próspero. Tinha muitas coisas lá no povoado, era muito metódico, daquelas pessoas que acordam para fazer exercício, que antes de deitar lêem, era muito organizado. Eu demorei em conhecer a situação, mas com o passar do tempo, eu fui encaixando coisas e soube que o meu pai era extorquido. Ele sofreu muito porque meu pai não tinha muitas pessoas com quem falar, agora que eu estou aqui, imagino como foi a vida dele.

Ele estava saindo da loja ao meio dia quando uma pessoa apontou para sua cabeça e disse: Alfonso! E na hora que ele virou, atiraram. O tiro entrou no queixo e saiu pela cabeça. Eu estava na outra loja esperando o almoço, porque nós morávamos acima e a faxineira disse que meu pai sofrera um acidente. Eu fui logo porque estava perto, um quarteirão só. Como a loja ficava no centro e era sábado, tinha muitas pessoas na rua porque todo mundo vai no mercado para comprar. Então eu passei correndo no meio da gente e quando cheguei meu pai estava no chão e já não tinha mais o que fazer.

Sei lá se ele deixou de dar dinheiro mas é um mistério. A única coisa que sei é que foi a guerrilha, as FARC. Depois seguiu minha mãe e depois eu. É algo superficial porque na verdade não é muito dinheiro o que nós tínhamos, era pouco, mas era um povoado pequeno. Embora não seja muito todo mundo sabe, esse foi o erro. Ele tinha mais ou menos umas 10 casas lá em Florida e tinha uma fazenda, vivia bem. Depois, minha mãe vendeu todo para conseguir pagá-los, mas ela não me disse. Eu soube muito depois, quando ela teve que me falar porque tudo estava acabando aos poucos.

Tem muitos anos sofrendo com isso

A história de minha mãe é incrível. Ela foi embora para a Venezuela porque alguém lhe disse que ela poderia sair de lá para a Espanha sem visto. Lá esteve sei lá quanto tempo e pagou uma pessoa que lhe ajudaria tirar os documentos, mas a roubaram. Depois lhe disseram que a única forma de viajar seria com documentos falsos e ela não aceitou e voltou.

A vida dela é difícil, não por ela mas por meu irmão. Ela quer tirar o meu irmão da Colômbia e ir embora com ele, porque ainda eles não tenham problemas em Buenaventura, ela sempre tem isso na cabeça. Tem muitos anos sofrendo com isso. Ela tem medo de ir

num parque e encontrar as pessoas que extorquiram ela e também tem medo de que eles comecem com meu irmão.

Eu não quero que ela venha aqui porque se sofro sozinho, com ela sofreria muito mais. Minha mãe é uma mulher que tem se acostumado com certo tipo de vida que eu não posso lhe proporcionar aqui, pelo menos não agora. Talvez em um futuro trabalhe e esteja melhor, talvez possa estudar, talvez possa ter um bom emprego, mas agora seria um sofrimento. Eu fico tranquilo porque lá não lhe falta nada, mas ela se sente insegura. A idéia de todos nós é sair de lá.

A vida são raízes

Eu estava acostumado com outra forma de vida e sinto saudades disso. Tenho muitos sentimentos mas não posso culpar ninguém, só as pessoas de lá mas estou contente. Não posso fazer nada, não posso ficar triste e chorando pelas coisas que eu tinha lá, pelas coisas que não tenho aqui.

A vida são raízes. Na Colômbia eu nunca passaria pelas necessidades que estou passando aqui, porque meu pai era comerciante. Ele criou vínculos e eu também criei vínculos. Então, fazer um negócio de eletrodomésticos, de móveis, de roupa, de qualquer coisa para mim seria muito fácil, ou seria fácil trabalhar em uma empresa, porque eu conheço pessoas de negócios. Era só pegar um telefone e falar com o dono de alguma empresa; mas aqui não, aqui não tenho nada disso! Aqui todo é mais difícil, você nem imagina o que eu sofri para arrumar este emprego!

Eu tenho namorada aqui mas estou sozinho. Nenhuma companhia de nenhuma mulher vai substituir a companhia da minha família, das coisas que a gente cria no dia-a-dia, ninguém vai dar isso, mas eu tenho que me acostumar com este tipo de vida de sofrimento. É muito difícil para mim estar sozinho, lutar sozinho por tudo, você nem imagina as vezes que eu fiquei doente, graças a Deus não foi muito, mas sem ninguém para falar, sem nada, já fiquei sem dinheiro, sem ninguém para pedir uma Coca-cola, ou um remédio, sem nada disso.

“Refugiado”

As pessoas discriminam o tempo todo. Graças a Deus encontrei pessoas que compreendem um pouco. Um dos principais fatores que encontro aqui para não arrumar emprego rapidamente é o fato de ser refugiado porque as pessoas olham o documento e vêem aquela coisa: ”refugiado”! e pensam: “mas, o que ele fez?” Nisso eu acho que tem discriminação. Eu acho que para o futuro seria melhor fazer um documento que não tivesse escrito “refugiado”. E outra coisa, ser colombiano. Para as pessoas, colombiano é igual à cocaína, falam em Pablo Escobar, nada bom. É triste e isso também é discriminação, porque eu não sou assim e eles olham a Colômbia como um país de droga ou um país de violência. É difícil porque muitas pessoas se fecham para reconhecer que realmente não é assim, que eu sou uma pessoa normal! Boa!

Eu sou bom até demais. Sério. Sou muito tranquilo, gosto de escrever e é difícil passar por toda essa discriminação. Eu não tenho culpa de ter nascido lá e de ter morado no povoado que morei. Se na Colômbia não tivesse vivido isso tudo, eu estaria morando lá, vivendo normal, ou seja, tendo uma vida lá, porque como já falei, o importante da vida são as raízes. Fazer raízes em um lugar diferente, com uma marca de “refugiado” é difícil, é bem difícil, mas não posso fazer nada mais, ou estou aqui ou vou para Colômbia e morro! Ou estou aqui ou vou para Colômbia e vivo com preocupações. Então escolhi viver, pobremente, mas sem preocupações.

Meu pai já estava morto, mas ainda tinha o rosto quente...

É um tormento. Nessa época, quando eu tinha 16 anos, eu olhava para meu pai como um velho, mas agora que tenho quase 28 dou-me conta de que meu pai era muito novo. Quando assassinaram meu pai, eu o coloquei na camionete. Outras pessoas dirigiram. A cabeça de meu pai ficou nas minhas pernas. Ele tinha um cachorro que se chamava Jango, era um pastor alemão e como as lojas ficavam perto, o cachorro sempre estava entre uma e outra. Então o cachorro, meu pai e eu fomos para o hospital. Jango não queria sair do meio, lambia-lhe o sangue... Foi difícil. Eu dava palmadas no rosto dele, meu pai já estava morto, mas tinha o rosto quente.

É muito difícil porque meu pai era uma pessoa metódica, muito trabalhadora, uma pessoa honesta, responsável, carinhosa. Nós sempre tivemos tudo graças a ele. Ele não bebia. Minha mãe é professora de crianças e tinham uma vida organizada, tranquila. Isso foi o que eu vivi até que, de repente, meu pai foi assassinado. Nós nos mudamos para outra casa dias depois do enterro para não ter as coisas tão perto, tão doloridas. Tudo foi tão rápido.

Às vezes, quando estou sozinho – quase sempre estou sozinho - penso nas coisas que poderia ter feito melhor. Eu devia ter saído da Colômbia há muito tempo, eu não devia ter esperado tanto.

Quando você vive a vida assim, a vida muda. É muito triste, ou seja, quando você tem e já não tem, o mais triste é que não é por sua culpa. Não é que você tenha feito alguma coisa ruim com os outros. E é triste ver na Colômbia um sistema que afeta, que mata pessoas, seres queridos. É muito triste isso. Eu daria tudo para estar lá, para morar de novo lá, eu gosto de lá.

Eu não penso em voltar nunca mais para a Colômbia. A única coisa que eu quero é tirar minha família de lá mas é difícil. Minha situação não é boa, eles vivem lá melhor do que eu aqui mas estão com medo. Minha mãe sofre, ela não sai muito. Meu irmão esteve na embaixada dos Estados Unidos, mas não deram o visto. Eles tinham muita esperança nisso. Meu irmão já esteve no Chile e no Equador, ele também está procurando possibilidades porque não se sentem bem. É triste ver tudo aquilo e não poder fazer nada, eu não posso lhes dizer que venham para cá. Eu nem imagino minha mãe aqui no Brasil, sentada, passando as necessidades que eu já passei. Eu choro de tristeza. Ver meu irmão procurar trabalho e não encontrar, e as pessoas perguntando: “você é refugiado?” Nem imagino meu

irmão nessa condição, eu quero algo melhor para eles. Eles estão lutando, eles não querem estar mais lá. Tomara que consigamos.

Se meu passaporte fosse de outra parte

Se eu pudesse ir embora para outro país o faria com os olhos fechados. Eu tenho um primo nos Estados Unidos que me envia dinheiro e outro na Espanha. Eu tenho muitos primos em muitas partes. Também sofrem, porque todo mundo tem que trabalhar, mas é diferente, é outro ar, são outros desafios, são outras expectativas. Eles me falam disso, mas eu não conto muitas coisas que acontecem aqui porque fico com vergonha.

O passaporte colombiano é uma coisa impressionantemente feia! Se meu passaporte fosse de outra parte, se as pessoas não soubessem de onde eu sou, se com meu passaporte pudesse comprar uma passagem, seria uma pessoa normal! Seria tão legal não ter esse tipo de barreira nem essa coisa de “colombiano”, que te vão revistar, ah! Não te revistar uma ou duas vezes mais que aos outros! Se desse, faz tempo já teria ido embora!.

Meu objetivo é ajudar minha família, tirá-los daquele ambiente, tirá-los de lá, mas quando olho minha situação... no trabalho não ganho muito, então minha vida vai ficar assim, apertada, sem esperanças de nada. E o mais triste é ver passar o tempo e saber que o tempo vai passando e que sou pobre, ou seja, aceitar a realidade. Mas não é aceitar uma realidade de pobreza, não, é aceitar a falta de oportunidades e assim mesmo a pobreza ao longo do tempo, isso é o mais difícil! Isso é o que mais me preocupa aqui, o futuro, saber que vou continuar sendo a mesma pessoa durante muito tempo porque as oportunidades são poucas.

Então, aqui falando baixo, eu vou continuar trabalhando, não tenho mais nada o que fazer, vou continuar trabalhando e vou continuar caminhando até onde consiga. Mas se as coisas continuarem assim, vendo a moto e compro a passagem. Eu até pensei em voltar na Colômbia porque a depressão é muita, mas nem tanto a depressão mas a falta de oportunidades, é você sair e encontrar um mundo fechado.

Eu já estava decidido, já tinha falado para alguém da Caritas que não queria ficar mais aqui, que me deram uma carta para me ajudar voltar na Colômbia, eu estava muito decepcionado de ter que aceitar as condições de vida aqui, morar em um lugar e ter que sair dele se as coisas não dão certo. Nesta semana estou melhor, mas um mês atrás talvez as palavras tivessem sido outras porque eu estava muito triste. Ter que aceitar a realidade de algo que não é meu, mas que tenho que aceitar aqui porque não posso estar em meu país.

É difícil porque se a gente é pobre mas está no seu país, tudo bem, fazer o quê? Eu estava pensando em voltar na Colômbia para “morrer dignamente”, melhor que viver indignamente aqui durante muito tempo. É muito triste pensar nisso, se você está pensando em voltar é porque aqui a coisa está ruim. E na verdade estava. Graças a Deus arrumei este emprego e me dá um pouco mais de tempo.

As pessoas que encontro na rua e com quem não vou ter intimidade, não digo que seu colombiano, não gosto porque quando menciono Colômbia, nossa! cocaína, droga! E eu me

sinto mal, me sinto discriminado, me sinto por baixo, então às vezes digo que sou de México ou de Chile e também é por isso que já não falo espanhol.

Se as coisas melhorassem na Colômbia eu iria até de bicicleta!

É muito difícil que as coisas acabem na Colômbia porque lá não tem um grupo só! Estão as FARC e estão os paramilitares, então você não sabe com quem que está falando nem quem que você está ajudando. Se você está lá e tem um capital e é vítima de chantagem, você não sabe se está fazendo bem ajudando este ou o outro grupo. Se um deles souber vai te matar porque eles são inimigos. Então é difícil. Se acabassem com os dois grupos, esses dois grupos que são os mais fortes, a Colômbia seria um paraíso, ou seja, as possibilidades, as coisas que se poderiam fazer, seria muito diferente... Se as coisas melhorassem na Colômbia eu iria até de bicicleta!

6.2.1 Em Fuga (Interpretação da entrevista do Andrés)

Andrés construiu uma *rede de significados* e a partir dela elaboro algumas interpretações. Seu relato está cheio de saltos e esquecimentos que, no começo, achei indicativos de rotas fantasiosas de seu pensamento. Contudo, compreendi finalmente que seu relato é sua vida, como ele a vê e a vive, e, como dissemos, não é a verdade o que interessa ao método (nem a mim), mas o sentido que o sujeito dá para si mesmo e a construção que faz do mundo.

Essa subjetividade de sonho, difusa, velada, cheia de lapsos, essa espécie de vida nebulosa que Andrés relata, permite que a mentira (se houve) seja constitutiva de sua narrativa, quer dizer, de sua vida. Parece que Andrés tem “buracos negros” na memória e na articulação da temporalidade. Esquece-se de algumas coisas e esses esquecimentos trazem confusões psíquicas. Os esquecimentos podem ser desvios conscientes (ou inconscientes) em função do medo que ele vive, em função da necessidade explícita que tem de ser levado, *reassentado* em um lugar seguro: outro lugar com melhores condições de vida, onde alcance aquelas que ele teve algum dia. O medo seria então um dos lugares psíquicos em que articula sua fala, estaria na base mesmo de sua subjetividade. É a partir do medo que *sua rede de significados, sua trama, se tece.*

Na Colômbia, Andrés pertencia à classe média e, pelo fato de viver em uma cidade pequena e ter um pai comerciante, teve acesso a bens de consumo que no seu espaço social lhe outorgavam não só reconhecimento, mas muita tranquilidade econômica.

Ele perdeu o que Fernanda nunca teve. Perdeu tudo e por completo. Perdeu sua família como núcleo, perdeu seus negócios, que além de sustentá-lo faziam dele um homem com algum prestígio. Perdeu seu pai de forma dramática e perdeu a confiança em si mesmo, aquela que o sustentava no mundo. Na Colômbia ele se “virava”, sabia quem procurar, sabia que era possível fazer empréstimos de dinheiro, falar com pessoas e demonstrar o *bom trabalhador que ele é*. Aqui está absolutamente sozinho, ninguém sabe nada dele e ninguém cuida dele. Considerei que essa “orfandade” era um dos fios condutores de sua *trama*.

Parece que Andrés não tem “*lugar*”. Segundo Safra, ter *lugar* é tê-lo na família, é ali onde se concretiza. É o lugar que dá ordem ao caos, é ali onde se funda o mundo. A possibilidade de ter *lugar* possibilita o retorno. Se houvesse alguém junto a seu *leito*¹¹², Andrés poderia ir embora e voltar; porque quem tem *lugar* não só pode ir embora e voltar mas também pode sonhar, fazer passagens e travessias¹¹³.

Ao que parece, Andrés não tem nada disso! Ninguém o acolhe suficientemente. Supomos que deixou de ter um *leito*, um lugar, em função dos traumas vividos. Parece não ter apoio em nada, em ninguém. Nada nem ninguém sustentam suas travessias. É como se fosse conhecendo o funcionamento de tudo na medida em que vive. Como se tentasse tocar o que tem imediatamente na frente, com os olhos vendados. Os amigos de Andrés são apenas os velhinhos que se sentam na praça da cidade em que ele mora, não tem familiares. Tem namorada, mas ela não é um regaço que ele ache acolhedor, suficiente, não resulta *familiar*. Ele diz:

“Eu tenho namorada aqui, mas estou sozinho. Nenhuma companhia de uma mulher vai substituir a companhia da minha família, das coisas que a gente cria no dia-a-

¹¹² Pode ser a mãe, o/a analista, etc. A etimologia da palavra *clínica* refere-se a estar junto ao leito.

¹¹³ Baseio-me no curso Profoco - Placement, ministrado pelo professor Gilberto Safra, em 21 de outubro de 2006, São Paulo.

dia, ninguém vai dar isso, mas eu tenho que me acostumar a este tipo de vida de sofrimento. É muito difícil para mim estar sozinho, lutar sozinho por tudo, você nem imagina as vezes que eu fiquei doente, graças a Deus não foi muito, mas sem ninguém para falar, sem nada, já fiquei sem dinheiro, sem ninguém para pedir uma coca-cola, ou um remédio, sem nada disso.”

Talvez seja por isso que apesar dele não ter esse *lugar*, a esperança em seu relato aparece como idéia de segurança (especialmente em termos econômicos), de raízes. É como se estivesse em uma busca, ainda que não saiba disso, que não fale disso. Sua narrativa permanentemente alude à solidão, à ausência de família (*raízes*), à precariedade, à ausência de possibilidades de emprego e à Colômbia como lugar de retorno (*raízes*), onde seria possível ter de novo o que tinha antes. Ainda que não nomeie, é *o lugar* – tal como Safra descreve - que Andrés busca.

Parece que Andrés foge desse presente que vai se configurando, frente a ele, de sofrimento, de precariedade e de solidão. De perseguição. De alguma forma fugiu da Colômbia procurando algo melhor para ele e para sua família. Fugiu primeiro da situação de extorsão da qual sua família foi vítima por conta das FARC e da iminente quebra econômica. Da pobreza que chegava. Andrés parece estar em fuga permanente. O Brasil também não é o lugar que ele esperava encontrar! Não tem recursos econômicos suficientes para satisfazer um mínimo de necessidades – pelos menos às que estava acostumado - mesmo que já tenha emprego. Não é suficiente, não é o que ele quer. Precisa também sair (*fugir*) daqui. Qualquer outro lugar seria melhor: Estados Unidos, Espanha, um lugar onde ganhe mais dinheiro.

A narrativa de Andrés tem dois movimentos: um desejo de procurar um lugar que lhe ofereça melhores possibilidades de emprego e, ao mesmo tempo, uma melancolia, um tom de resignação frente à situação atual, que evidentemente o frustra terrivelmente. O tempo todo Andrés vai ao passado, lembrando que sua vida era muito boa, que viviam muito bem, que tinham boas condições:

“É uma historia muito triste porque eu tinha tudo o normal. Meu pai tinha várias lojas no povoado, tinha uma fazenda, tinha gado, tinha várias casas, eu montava cavalo, era uma vida boa! (...) Eu vivia bem! Era uma vida na qual conseguia fazer

muitas coisas mais. (Depois, em Cali) ... lá morávamos em um bairro bom. (...) Lá tudo era legal. Eu comprei dois caminhões na empresa, estava progredindo novamente, tinha dois motoristas e eu mandava neles porque a empresa fazia a intermediação, ou seja, a empresa era dona dos caminhões maiores e contratava os caminhões menores. O gerente de lá me deu a oportunidade e eu tinha bons roteiros. Tudo era bom.”

Toda a narrativa de Andrés carrega algum tipo de nostalgia pelo que foi, pelo perdido. Esta nostalgia o impede, ao que parece, de fazer contato com a realidade, a sua realidade atual. Os sucessivos traumas – extorsão, morte do pai, fugas - lhe retiraram a possibilidade de contatar a realidade tal como ela se apresenta.

Andrés resiste à frustração, frustração que sua nova situação lhe gera. Poderíamos olhar essa resistência à frustração a partir de uma perspectiva *bioniana*; nela, o *principio de negatividade*, quer dizer, a tolerância em relação à incerteza, ao medo, ao mistério, à frustração, precisa ser sustentada para que haja pensamentos, capacidade de pensar: para que haja a transformação dos elementos Beta (o instintivo, o coletivo, o bruto) em função Alfa (o simbólico, o individual, o psíquico)¹¹⁴.

Como argumenta Bion, se não há, em algum grau, tolerância à frustração, se não há capacidade de pensar, então, haverá fuga. Andrés parece não ter encontrado – e parece não dispor dessa possibilidade por si mesmo - quem o ajude a pensar e, então, *a contatar* a difícil e frustrante realidade no Brasil.

A ruptura que Andrés enfrentou em seu status social, econômico e cultural foi de tal ordem que ele permanece guiado por uma realidade que não lhe pertence mais, por uma espécie de idealização de sua situação passada.

Cito o Bion: “Se a capacidade de tolerar a frustração for suficiente, o não-seio se transforma num pensamento, e desenvolve-se um aparelho para “pensá-lo”. Isto dá início ao estado, descrito por Freud em “Dois Princípios do Funcionamento Mental”, em que, a predominância do princípio da realidade é sincrônica com o desenvolvimento da

¹¹⁴ BION. Wilfred Ruprecht. “Uma teoria sobre o pensar” In: *Wilfred Ruprecht Bion, Estudos Psicanalíticos Revisados*. Imago.Rio de Janeiro, 1994.

capacidade de pensar e, desse modo, transpor o fosso de frustração que permeia o momento em que experimenta uma necessidade e o momento em que a ação apropriada para satisfazer essa necessidade culmina na sua satisfação. A capacidade de tolerar frustração, por tanto, possibilita que a psique desenvolva o pensamento como um meio através do qual se torna mais tolerável a frustração que for tolerada. (...) Se a capacidade de tolerar frustração for insuficiente, “o não-seio” mal interno – que uma pessoa capaz de maturidade termina por reconhecer como um pensamento - leva a que a psique se defronte com a necessidade de decidir se foge à frustração ou a modifica. A incapacidade para tolerar frustração faz com que a balança se incline no sentido da fuga à frustração.”¹¹⁵

Como já disse, a idealização que Andrés experimenta de sua situação passada guia-o no presente: o contato com o passado idealizado substitui o contato com a realidade presente. Teoricamente, distinguimos três possibilidades: 1) quando a aceitação da realidade se dá em algum nível, também dá passagem ao pensamento; 2) se há uma resistência à frustração, produz-se uma fuga. É possível vislumbrar ainda uma situação intermediária, 3) se faz um contato mínimo com a realidade, sem, todavia, aceitá-la completamente; é nela também que o sujeito fortalece suas defesas, sendo elas: 1. cisão (separação entre bem e mal), 2. projeção, 3. onipotência, 4. onisciência, 5. idealização de si mesmo, 6. abafamento das emoções.

Considero que algumas dessas defesas estão visíveis na fala de Andrés, por exemplo, sua constante insistência em que na Colômbia tudo era bom, assim como *antes* também tudo era bom. Hoje não, nem no presente, nem no Brasil. Também não no Equador. Os outros – a guerrilha, as pessoas que o discriminam por ser refugiado, a namorada que não lhe faz suficiente companhia - são responsabilizados por todo o seu mal: “Eu não tenho culpa de ter nascido lá e de ter morado no povoado em que morei. Se na Colômbia não tivesse vivido isso, eu estaria morando lá, vivendo normal, ou seja, tendo uma vida lá. (...) É muito triste, ou seja, quando você tem e já não tem, o mais triste é que não é sua culpa. Não é que você tenha feito alguma coisa ruim com os outros”.

Andrés sente que, aos 28 anos, está se tornando velho, que não tem nada. A referência de sucesso paterno parece exercer pressão contra ele. Essa é outra idealização que o guia e o pressiona. Ao final, Andrés se lê de um jeito - “eu sou uma pessoa normal, boa. Eu sou bom

¹¹⁵ Idem. Ibid. p. 129

até demais. Sério. Sou muito tranqüilo, gosto de escrever e é difícil passar por toda essa discriminação”- que contradiz a forma como a vida o trata! Essas idealizações – e auto-idealizações – impedem-no também de contatar a realidade nua e crua vivida.

Finalmente, Andrés, da mesma forma que Fernanda, parece não escolher, não decidir nem sobre sua vida nem sobre seu futuro. Ele tenta, mas a vida está fora do seu controle. Bom ou ruim, é a vida que vai decidindo por ele. Quando lhe ofereceram o Brasil como lugar de refúgio, não sabia para onde estava sendo enviado exatamente. Parece uma folha ao vento, que se deixa levar apesar da força no seu interior.

Quatro meses após do nosso encontro Andrés voltou para a Colômbia ciente que perderia qualquer proteção jurídica internacional. A Cáritas perdeu contato com ele. Eu também.

6.3 Leonardo

9 de fevereiro de 2006

Centro de São Paulo (Estação São Bento do Metrô)

Iam me matar na Colômbia

Somos cinco: minha esposa, duas filhas, o caçula e eu. Saímos da Colômbia através da Igreja. Eu estou aqui num projeto de evangelização de cinco anos, mas dou graças a Deus por estar aqui porque iam me matar na Colômbia. Estava ameaçado de morte por ser pastor mas não soube quem, porque lá ameaçam e a gente não sabe quem o faz. Chegam cartas que podem ser da guerrilha ou da delinquência comum, de paramilitares e até mesmo do exército. Na Colômbia você não sabe quem é quem e isso é horrível, porque a gente vê um inimigo em toda pessoa, você nunca vê um amigo. Meu irmão, que também era pastor, a guerrilha matou e isso desencadeou perseguição contra mim.

A guerrilha matou cinco companheiros meus incluindo meu irmão. Matam-nos porque nós temos o trabalho de “tirá-los do mundo”, tirá-los da guerra, e para eles não é bom. Se eles se arrependem, vêm até a Igreja, é uma pessoa menos para a guerrilha ou para os paramilitares.

Eu era dirigente lá, estive muitas vezes com a guerrilha em reuniões e depois começaram as ameaças. Houve chamadas dizendo que tinha que estar em determinado lugar levando dinheiro. Uma vez diretamente disseram: “Lembre-se que matamos seu irmão e vamos matar você também”. Essa é uma coisa que impressiona muito, é uma sensação muito horrível.

Eu tenho “síndrome de perigo”

Em São Paulo as pessoas andam desprevenidas, as pessoas vivem relaxadas, sei lá se é porque eu sou colombiano mas quando chego à esquina nunca atravesso grudado na parede. Eu sempre desço na rua porque não sei quem está atrás da parede. Num restaurante ou em outro lugar, eu sempre sento num lugar onde possa olhar todas as pessoas que entram. O perigo é uma coisa que está dentro de mim, eu tenho “síndrome de perigo” porque a perseguição foi horrível.

Essa é outra violência, a psicológica... Não tem nada mais horrível que acordar e encontrar um envelope selado com o nome de uma organização criminosa embaixo da porta, essa é uma sensação muito horrível.

Aqui eu tenho sentido tranquilidade. Faltam entre dois e três anos para eu voltar na Colômbia e eu sempre penso: como será quando eu voltar? Agora dizem que o nosso presidente tem levado melhor as coisas, que o país está melhor; mas a gente não sabe se

isso é verdade, a gente sempre está ouvindo que matam policiais, que matam guerrilheiros, que matam paramilitares; então a gente diz: isso está igual! É uma sensação horrível.

Aqui não posso torcer pelo Brasil. Tem para cheirar?

Meu filho tem 14 anos e ele fala português perfeito mas ele diz: “pai, eu não consigo torcer pelo Brasil, quando Brasil joga eu não posso torcer por ele, mas na Colômbia conseguíamos, sei lá, tenho uma coisa dentro de mim que não me deixa torcer pelo Brasil quando ele joga” e ele toda vez que o Brasil joga, seja com quem for, ele torce pelo outro time... É uma coisa estranha, meu filho não consegue.

Eu acho que é uma resistência à cultura do país que acolhe a gente; alguma coisa acontece lá dentro da cabeça da pessoa, como uma raiva por ter que ter deixado o país.

Aqui dizer que somos colombianos é um delito porque sempre relacionam-nos com narcotráfico. Eu sou uma pessoa crente, evangélica e nunca uso palavras grossas, mas um dia fui comer com meu filho numa lanchonete e o garçom que nos atendeu, quando me ouviu falar, perguntou de qual país eu era e eu respondi que era colombiano. Na hora perguntou se tinha *pó*. Quando ele me disse isso, eu, que sou nascido no evangelho, que tenho 43 anos e nunca usei palavras grossas, a única coisa que senti no momento foi uma vontade de xingar ele!. Não o fiz, não por ser evangélico mas pelo meu filho que estava ali.

E toda essa raiva foi porque me dói muito que me relacionem com uma coisa que eu não sou, porque Colômbia não é só droga, além do que o Brasil tem o mesmo problema. Outra coisa que sinto aqui é rejeição por outros colombianos, porque toda vez que eles me procuram, pedem grana e eu não sou rico.

Hoje em dia eu não tenho medo, tenho raiva.

Se me perguntassem como homem, se concordo em enforcar todos os guerrilheiros, eu diria sim. Eu tenho que pedir a Deus que me ajude porque às vezes, quando matam guerrilheiros, eu sinto prazer! Isso ficou em mim depois da morte de meu irmão nas mãos das FARC... E eu tenho que dizer para Deus, “não eu não posso pensar assim!”

Eu saí da Colômbia mal psicologicamente, emocionalmente muito mal. Meu irmão não foi ameaçado, é horrível porque ele estava no meio do sermão. Tinha uma atividade com famílias, então estavam pais, filhos e ele com sua esposa e seus dois filhos, quando chegaram dois homens que o chamaram, amarraram-no em presença de toda a igreja e o levaram. Obrigaram-no a caminhar cinco quilômetros. Juntaram as pessoas de um povoado, obrigaram-no ajoelhar-se e, na frente de todas as pessoas, o mataram.

Isso me mudou até no aspecto espiritual, na forma como eu acredito em Deus. Todo mudou em mim. A morte de meu irmão mudou minha fé. Eu já tinha algumas dúvidas mas minha forma de ver o evangelho foi a partir da morte dele. Até antes disso eu acreditava muito na chegada física de Jesus Cristo e coisas assim, mas com sua morte comecei procurar livros e

coisas para ler que me levassem ver outras coisas diferentes... ou seja,... a morte de meu irmão me fez entender que o tempo termina sendo longo ou curto dependendo do estado mental no qual a gente está.

Quando meu irmão morreu eu não chorei. Ainda não consigo. Emocionam-me outras coisas, ver uma mãe com seu filho por exemplo, mas não a morte. Ontem despedi minha filha que voltava para a Colômbia e todos choravam mas eu não, sei lá por quê. Eu gostaria de chorar mas não sei, às vezes com coisas como uma novela eu choro. Eu choro na presença de Deus mas não numa despedida.

Meus sobrinhos estão marcados pela violência. Quando eu chegar na Colômbia tenho um projeto para meus sobrinhos porque eles dizem que querem ser assassinos para matar quem matou o pai. Quando meu irmão morreu o mais velho tinha 5 anos e o caçula 3. Agora têm 11 e 9. Eles estão marcados pela violência, então eu tenho de trabalhar para tirar isso da cabeça deles. Eles querem matar os que mataram o pai, eles só desejam isso. Então, eles estão nessa situação, pela mãe um pouquinho... como dizem aqui: cabeça de borboleta, não? A cabecinha assim bem pequenininha. Porque sobre meu sobrinho - uma criança de 11 anos - me falaram esta semana que já ficou bêbado, já tem fumado. É complicado porque dois anos para eles lá é muito! Eu espero não chegar tarde demais.

Uma parte da minha vida foi arrancada

Eu mudei com a morte do meu irmão e mudei com as minhas filhas. Quando eu saí da Colômbia queria muito não perdê-las, mas houve um conflito de família porque elas não queriam partir e falavam que isso era problema meu. Isso me doeu. Eu sou pastor e o problema é meu, mas dar comida, estudo, é também problema meu? Por que elas não podem compartilhar minha vida e eu sim tenho de fazê-lo? Elas ficaram lá e eu não tenho o amor delas mas elas têm sim meu dinheiro. Por isso eu acho que me usam, por isso digo que eu não acredito nos amigos, porque para mim os amigos usam à gente.

Eu lutei muito por meus filhos porque eles são a minha prolongação. Minhas duas filhas estão estudando na universidade, mas quando eu tive que partir sem elas, uma parte da minha vida foi arrancada. Eu sempre digo que minha esposa e minhas duas filhas roubaram cinco anos da minha vida. Eu não vou recuperá-los nunca, eu os perdi. A sensação de estar aqui no Brasil é uma sensação de tranqüilidade mas eu sinto muita falta delas.

Eu amava meu presidente e aqui o amo mais

Às vezes o nacionalismo enche a gente. A gente quer cantar o hino nacional, eu gosto ouvir RCN e CARACOL (rádio colombiana) para estar sempre me informando; eu sei tudo o que acontece na Colômbia. Eu entro todo dia na internet só para saber o que está acontecendo no meu país... lá era amigo do Presidente, amava meu presidente e aqui o amo muito mais. Porque isso é outra coisa que eu tenho, eu amo muito o presidente de meu país, seja qual for, porque ele representa o que nós somos; eu acredito que o presidente tem que ser respeitado por todos. Ele erra porque ele é homem, é humano, mas ele nos representa. É

que não tem que vê-lo como pessoa, tem que vê-lo como uma instituição do país e quando a gente viola as instituições, derruba-se tudo. O congresso, os congressistas, todos são corruptos, mas o congresso é uma instituição que é feita para fortalecer o país. Infelizmente, os homens são corruptos, mas eu me sinto orgulhoso de meu presidente.

É normal que as pessoas morram

Será que nós, os colombianos temo-nos acostumado à morte? Por exemplo, a gente assiste o jornal e falam que vão consertar uma estrada ou fazer coisas boas. Quando termina, você diz: “hoje não houve notícias” O que faltou? Faltou um massacre, faltou um confronto entre exército e guerrilha, que morreram soldados e guerrilheiros, faltou uma bomba. Nós, os colombianos, infelizmente acostumamo-nos à violência e essa violência impede a dor. Se alguém me abraça, eu me emociono, mas se alguém falar de morte, a morte é natural! É normal que pessoas morram, mesmo assassinadas, massacradas com uma bomba, e isso foi o que se passou com a morte do meu irmão, embora ela produzisse um movimento interno forte, um movimento para o mal. Eu lamento pensar assim, mas acredito que para acabar com a violência na Colômbia é preciso matar todos os guerrilheiros e os paramilitares, toda essa gente que faz mal ao país.

Não sei confiar

Hoje em dia eu sou uma pessoa desconfiada. Eu sirvo a muita gente, eu gosto de servir, eu gosto de amar todas as pessoas, mas desconfio de todo mundo. Não sei confiar e acho isso terrível, porque é tão bom viver tranquilo! Mas na Colômbia a violência tirou-nos dessa tranquilidade. Então a gente está aqui, a gente sente saudade do nosso país mas vê a diferença. Eu tenho essa sensação: de que saí de um mundo de violência. Eu quero viver estes cinco anos curtindo, indo à praia, estudando. Lá você não pode ir num rio com sua família ou fazer *camping*, porque chega a guerrilha ou os paramilitares ou o exército e fazem de tudo com você e sua família, não é possível! Você vive uma vida enclausurada! Não é possível... e é ainda pior se você é pastor. Por isso eu quero curtir meus cinco anos aqui. Só Deus sabe o que tem para mim lá, mas isso não quer dizer que eu não goste de meu país, eu gosto muito dele, como já falei, eu gosto das instituições. Eu acho que meu país é ótimo. Eu gostaria de voltar mas para viver! E ser feliz! Voltaria se eu pudesse dizer: acabaram os paramilitares, acabou-se a guerrilha, seja como for, porque entregaram as armas ou porque acabaram com eles, mas que o país não tenha esse mal, porque ladrões comuns, essa coisa sempre vamos ter! Mas essa guerra da Colômbia e isso do narcotráfico!... Isso tem marcado muito, aqui a gente sente isso de ser colombiano, pesa muito fora do país, olham para a gente com desconfiança.

E a gente também desconfia de todo mundo, essa é a verdade. Eu tenho na igreja uma família de colombianos deslocada diretamente. Eles foram deslocados pelos paramilitares. Por isso ninguém pode culpar à guerrilha nem os paramilitares nem ninguém, porque todos são iguais! Todos! Todos! Porque a guerrilha causou dor em mim, mas em outra família foram os paramilitares, e em outra o exército; todo esse monte de sem-vergonha que estão nessa guerra tem causado dor a muitos colombianos, às pessoas de bem. Essa família é de

Cali, você fala para essa senhora de guerrilha ou paramilitares e ela começa tremer do medo que ela sente!

Aquele senhor perdeu todo. É uma família de seis pessoas rolando. Saíram de Cali e foram embora para o Equador por conta de Cáritas. Esse senhor não fala português, eles não falam a língua!

Eu aprendi a amar o meu lugar

É claro, eu tenho outra teoria. O lugar é bonito dependendo do que você pensa dele. Eu aprendi amar meu lugar. Este lugar é maravilhoso! Não existe outro e isso tem me ajudado muito na vida; eu aprendo amar o que eu tenho. Eu não vivo pelo que outros têm. Eu tenho aqui uma igreja que, lotada, tem 30 pessoas e eu saí de uma igreja na Colômbia que tinha 600 pessoas no sermão do domingo... Mas o que aprendi? Os 600 são passado, meu presente são os 30. É isso que eu tenho. Pouco, mas é o que eu tenho.

Se eu tivesse oportunidade de falar com pessoas de outro país que vêm aqui, a primeira coisa que eu ensinaria é paixão pela língua, pelos costumes; comam de tudo o que se come aqui, experimentem as comidas brasileiras que são muito boas, curtam as pessoas que são amáveis... porque uma coisa que é importante aqui é que a gente pede informação e qualquer um ajuda. Na Colômbia não, alguém fica perto e eu penso: “o que que ele quer?” Nós somos desconfiados, aqui não, aqui as pessoas ajudam você. O colombiano não ajuda porque ele tem medo. Se alguém perguntar: onde você mora? A gente fala mentiras, responde qualquer coisa. Aqui não, as pessoas ainda não têm esse medo graças a Deus. Então eu digo a qualquer um que vem aqui, que tem que se apaixonar pelo país.

É claro que essa disposição é intelectual. Eu acho que uma pessoa com baixa escolaridade não consegue isso, é muito difícil. Eu estudei filosofia, a filosofia mexe com você, a filosofia entra na gente. Nessa parte da vida, eu digo que aí não é o espiritual, é da razão, é do pensar! É ficar aberto às mudanças. Uma coisa que nós temos que aprender é estar disposto às mudanças, romper paradigmas na vida. Sair do país é um desafio.

A visão que o filho tem é diferente da visão que os pais têm. Por exemplo, não é que eu esteja satisfeito com pouco mas de alguma forma eu já consegui o que queria conseguir na vida. Eu sou ministro ordenado pela igreja que é o equivalente a ser bispo da igreja. Para nós, ser missionário, é chegar no topo do que você quer ser, eu sou missionário. Estudei por mim mesmo, fiz filosofia e religião, estudei um pouco de grego, um pouco de latim, um pouco de hebreu, um pouco de inglês... de alguma forma, mesmo que não fale, eu mexo com seis línguas, então é isso aí, e daí o que resta? Eu digo, o que me resta como pai são os meus filhos, minha família, minha esposa. Se eu perder isso, sei lá... é a razão de meu ser.

Eu disse: “vou me casar, quero ser pai.” Eu fui pai aos 22 anos, tenho uma filha de 21 anos e o çapula tem 14. Mas hoje isso me deixa triste; não o fato de ser pai tão novo mas de ficar sozinho tão novo! Isso me deixa triste. Eu sou rapaz ainda! Chego em casa e meu filho vai embora com seus amigos. Então ficamos duas pessoas sozinhas na casa. Isso faz com que a gente comece ficar velha!

Mas, com tudo isso que contei para você, que fique bem claro: eu sou um cara feliz! Eu sou feliz na minha vida. Eu curto minha vida! Você pode me ver no carro cantando; no ônibus e no trem eu canto. Eu sou feliz cantando.

6.3.1 “Síndrome de perigo” (Interpretação da entrevista do Leonardo)

Quando entrei em contato com Leonardo pela primeira vez a través do telefone, ele se mostrou esquivo e desconfiado. Perguntou-me como tinha conseguido seus dados e foi enfático em afirmar que não queria ter mais contato com colombianos. Insistia que ele precisava saber primeiro se eu era uma “pessoa de bem”. Quando chegou o momento de nos conhecermos pessoalmente, não me recebeu na sua casa e propôs para o nosso encontro um lugar público, um restaurante em uma estação de metrô no centro de São Paulo. Perto do meio dia, cheio de pessoas. Barulhento.

Depois de nossa conversa, compreendi que o lugar escolhido não foi por acaso, que obedecia a alguma sensação de insegurança e desconfiança que acompanhou toda sua narrativa. As alusões à sua incapacidade de confiar nos outros foram recorrentes, mas de alguma forma Leonardo sabe que ela deriva de sua história como colombiano. Ele disse, por exemplo:

“O perigo é uma coisa que está dentro de mim, eu tenho “síndrome de perigo” porque a perseguição foi muito horrível. (...) Será que nós, os colombianos temos acostumado à morte? (...) Hoje em dia eu sou uma pessoa desconfiada. Eu sirvo a muita gente, eu gosto de servir, eu gosto de amar a todas as pessoas, mas desconfio de todo mundo. Não sei confiar e isso eu acho terrível, porque é tão bom viver tranquilo! Mas na Colômbia a violência tirou de nós essa tranquilidade. (...) isso de ser colombiano pesa muito fora do país, quando olham para gente com desconfiança. E a gente também desconfia de todo mundo, essa é a verdade.”

Leonardo não é refugiado como Fernanda e Andrés e não saiu fugindo literalmente do país, muito embora tenha sido ameaçado de morte. Ele foi transferido pela sua profissão como pastor; isso não quer dizer que não esteja também em **fuga**, como os outros. Seu desejo de tranquilidade parece ser a razão principal para não querer conhecer outros colombianos.

Eles podem trazer consigo o “perigo” do qual Leonardo parece fugir: a violência, a mentira, o precário, o medo, certa mendicidade.

O fato de ser pastor de uma igreja converte-o em um ponto de referência, especialmente para novos colombianos que chegam à cidade. Obviamente isso é uma contradição para ele! Aliás, foi assim que fiz contato com ele. Foi o pessoal da Cáritas que me sugeriu procurá-lo. Mas Leonardo não é somente um pastor, é um pastor colombiano que carrega em sua história pessoal a história violenta da Colômbia, e sua forma de evitar que ela o persiga parece ser um relativo isolamento que se concretiza na medida em que Leonardo evita conhecer colombianos – muito embora seja chamado a fazê-lo!

Desta forma, Leonardo também foge de seus conterrâneos tentando preservar a tranquilidade que conseguiu para si mesmo e para sua família longe do que a Colômbia representa para ele:

“Dou graças a Deus que estou aqui, porque iam me matar na Colômbia. Estava ameaçado de morte por ser pastor. (...) Hoje em dia eu sou uma pessoa desconfiada. Eu sirvo muita gente, eu gosto de servir, eu gosto de amar todas as pessoas, mas desconfio de todo mundo. (...) Então a gente está aqui, a gente sente saudade do país, mas vê a diferença, porque sai desse mundo de violência; eu tenho essa sensação de que saí de um mundo de violência. Eu quero viver estes cinco anos curtindo, indo à praia, estudando. Lá, você não pode ir ao rio com sua família ou fazer *camping* porque chega a guerrilha ou os paramilitares ou o exército e fazem de tudo com você e sua família, não é possível! Você vive uma vida enclausurada! Não é possível e é ainda pior se você é pastor. Por isso eu quero curtir meus cinco anos aqui.”

Leonardo, de forma diferente da de Andrés e Fernanda, e por conta de sua profissão, tem uma formação não só espiritual mas acadêmica, que lhe oferece algum tipo de ferramenta para pensar e enfrentar a vida de outra forma -se o comparamos com as outras pessoas entrevistadas-. O encontro com ele me deu um contraponto: a possibilidade de outra leitura sobre o traumático.

O dramático assassinato do irmão parece produzir nele um forte movimento interno que o faz re-valorizar suas crenças religiosas e, a partir daí, sua prática profissional:

“Eu tenho que pedir a Deus que me ajude, porque às vezes, quando matam guerrilheiros eu sinto prazer! Isso ficou em mim depois da morte de meu irmão nas mãos das FARC. (...) Eu vim embora da Colômbia mal psicologicamente, emocionalmente muito mal. (...) Obrigaram meu irmão caminhar cinco quilômetros. Juntaram as pessoas de um povoado pequeno, obrigaram-no se ajoelhar e, na frente de todas as pessoas, o mataram. (...) Isso me mudou até no espiritual, na forma como eu acredito em Deus. Tudo mudou em mim. A morte de meu irmão mudou minha fé. Eu já tinha algumas dúvidas mas minha forma de ver o evangelho mudou a partir da morte dele. Até antes disso eu acreditava muito na chegada física de Jesus Cristo e coisas assim, mas com sua morte comecei a procurar livros e coisas para ler que me levassem ver outras coisas diferentes... ou seja... a morte de meu irmão me fez entender que o tempo termina sendo longo ou curto dependendo do estado mental em que estamos. Quando meu irmão morreu eu não chorei. Ainda não consigo.”

Como já dissemos na Introdução, baseados em MAIA, “Em seus aspectos positivos, diríamos que a afetação traumática pode modificar nossa forma de ser e de estar no mundo na medida em que afeta as estruturas vigentes, desestabiliza os códigos lingüísticos operantes e pode provocar desdobramentos de sentidos e significações para o indivíduo ou para a coletividade”¹¹⁶.

Parece que desta forma, Leonardo se aproxima de alguma transformação a partir das perdas (perda de seu irmão, de suas filhas, de seus fiéis, inclusive de seu país). Muito embora afirme que atribui todo o bem que lhe acontece à vontade e amor de Deus, deixa claro também que tudo isso tem origem na sua disposição para “receber da vida”, receber o que ela vai oferecendo; e que essa capacidade de *aprender* com cada situação, foi de certa forma construída, pois além de suas dramáticas experiências, estudou e *pensou*. Em alguma medida está aberto às mudanças:

“Então eu digo a qualquer um que vem aqui tem que se apaixonar pelo país. É claro que essa disposição é intelectual. Eu acho que uma pessoa com baixa escolaridade não consegue isso, é muito difícil. Eu estudei filosofia, a filosofia mexe com você, a filosofia entra na gente nessa parte da vida, eu digo que aí não é o espiritual, é da razão, é do pensar! E ficar aberto às mudanças, uma coisa que nós temos que aprender é estar aberto às mudanças, romper paradigmas na vida. Sair do país é um desafio.”

¹¹⁶ MAIA. M. Op.cit p.23

Difícil saber, pela entrevista, em que medida se deu e se dá essa “abertura e recepção para e da vida”, isso que Leonardo chama de “rompimento de paradigmas”, pois nele convivem forças ambivalentes: o amor pelo outro e a desconfiança do outro! Ouso, porém, anunciar que nele parece haver um vaso alquímico de elaboração de pensamentos. Talvez ele possa ter uma maior tolerância à frustração que lhe permita ir acolhendo e elaborando pensamentos sobre si mesmo e sobre o mundo e, então, desenvolvendo uma maior aceitação da realidade. Tal aceitação, como se sabe, influi no psiquismo, fazendo com que Leonardo se sinta mais amparado por si mesmo (e por Deus, em seu caso) e essa maior aceitação lhe ofereça uma possibilidade de **amar** mais o que tem à mão, de ser mais receptivo para as “graças da vida”.

Na interpretação de Bion, são as emoções que devem ser pensadas, e quando isto se dá, a ação pode ser preparada.¹¹⁷ E, se como disse Muniz de Rezende explicando Bion¹¹⁸, o tratamento para a angústia é a expansão do universo mental, Leonardo poderia estar na direção certa: desenvolvendo maior capacidade de tolerância à frustração e, então, procurando - intelectual e espiritualmente - respostas às perguntas que surgiram a partir da morte do irmão. Isto é o que lhe dá, visivelmente, aquilo de que carecem Fernanda e Andrés: o *Princípio Esperança*. Uma “idéia promissora” que existe em nós de forma natural, mas que se fortalece no entorno sócio-cultural, a esperança de que existe algo melhor e é isto que não nos deixa desistir da felicidade, de sua busca¹¹⁹.

¹¹⁷ Aula Ministrada pelo professor Antonio Muniz de Rezende, em 5 de Outubro de 2005. IFCH, Unicamp.

¹¹⁸ Idem. Aula em 4 de Dezembro de 2006.

¹¹⁹ Idem.

6.4 David Villareal
10 de fevereiro de 2006
Casa do imigrante, São Paulo

(Um discurso feito para os que podem escutá-lo por detrás do gravador. David não falava comigo. Ele tinha um público.)

Tem onze meses que estou aqui no Brasil

Saí do meu país por conta da violência. Nunca pensei que teria que abandonar meu país para chegar em outro para refugiar-me ou asilar-me; chegar em outro país que tenha garantias sociais e elas se cumpram, onde tenha segurança social, onde tenha liberdade de opinião, de expressão, onde pelo menos haja tolerância quando a gente expressa o pensamento. Como disse Mercedes Sosa: “condenado está quem tem que partir para viver uma cultura diferente”. O Brasil, sendo um país latino-americano, mas colonizado por Portugal, é muito diferente do meu, Colômbia, que foi colonizado pela Espanha. Mesmo sendo os dois colonizadores europeus, a cultura é muito diferente. Eu tive que me adaptar mas como colombiano, gosto da minha pátria, gosto do meu país. Temos coisas boas, nem tudo é ruim. Admiro muito aquelas pessoas que ainda estão na Colômbia, que têm esperança de que as coisas vão mudar.

Muitas vezes fecho os olhos e quando os abro gostaria de estar em meu país, quando vou dormir, toda hora! Aqui no exílio, penso em meu país, desejando que ele mude para o bem de todos, incluindo os agentes do conflito armado, independentemente de qual seja sua opinião política. Eu acho que precisamos de uma pedagogia da reconciliação onde aprendamos ser tolerantes, não impor nossas idéias, mas propô-las, discuti-las, debatê-las, que amemos nossa pátria, que não a entreguemos ao império do norte, aos Estados Unidos da América, porque é precisamente este país que nos colocou na miséria. Como foi dito por Bolívar: “Os Estados Unidos da América parecem destinados pela Divindade para encher a América de misérias”, e é, em essência, o que está acontecendo hoje em dia com a Colômbia, que tem uma posição geográfica estratégica para os Estados Unidos, já que tem estrangeiros no Canal de Panamá; eles precisam agora do canal do Darién, do Atrato, necessitam dominar essa parte da América para seus fins, que não é outro senão o desenvolvimento do imperialismo só com armas, com elitismo, passando por cima de qualquer um, violando os direitos humanos, interferindo nos problemas internos dos países.

Têm muitas formas de sair de um país. Uma pessoa pode sair de seu país para procurar novos horizontes, para procurar uma aventura, mas o meu caso não é este. Na Colômbia eu passava bem, tinha minha oficina; sou soldador e assim ganhava a vida; bem ou mal sempre tinha para satisfazer as minhas necessidades básicas. Mas isso mudou, passei a ser “deslocado interno”, como somos lá, a ser “refugiado” no estrangeiro. Lá não podemos morar em nossas próprias cidades, saímos delas e vamos a outra cidade de nosso mesmo país com a esperança de lá morar e começar de novo.

A colônia colombiana desconfia dela mesma

O conflito que nós temos é tão complexo que, entre os colombianos, existe muita desconfiança. A colônia colombiana desconfia dela mesma. Então, você é paramilitar ou você é guerrilheiro, não posso lhe dar trabalho, sempre há medo, não lhe abrem a porta, no final das contas, a gente carrega o problema da guerra estúpida que tem na Colômbia. Procuramos no estrangeiro o jeito de viver em paz, porque o que a gente quer é viver em paz. Eu acho que usar força ou armas, hoje em dia, neste século XXI, é obsoleto, é algo arcaico, é algo daquela época dos bárbaros. Eu acho que a gente dialogando se entende melhor, fazendo acordos, sentindo amor pela pátria. Em nosso caso, isso é amar nosso país, amar a Colômbia, querer à Colômbia, o que o país tem, não entregar o país aos Estados Unidos da América, não nos rendermos a eles, procurar nossa própria consciência social, nossa identidade como colombianos, levar para frente nossas culturas. Temos muitas culturas, felizmente ainda temos, inclusive nossos ancestrais. Temos muitos grupos indígenas em nosso país que sempre têm sido excluídos, inclusive têm sido massacrados para dar espaço às transnacionais, aos mega-projetos do império.

Atualmente temos no governo o Doutor Álvaro Uribe Vélez que durante todo o seu governo tem demonstrado ser uma pessoa arrogante, prepotente. Ele mentiu ao país, mentiu ao povo, utilizou a mídia para alienar as massas, tem utilizado o “Plano Colômbia” para desenvolver o plano de desenvolvimento imperialista, tem menosprezado a identidade dos colombianos, está vendendo a pátria. Daqui a pouco, como acham os que estão dentro do universo dos intelectuais e dos lutadores sociais, é que vai assinar o TLC, e inclusive está pensando na ALCA. É algo que uma pessoa com pouco conhecimento das ciências econômicas e das ciências políticas pode compreender que é nocivo para o nosso país, ainda não estamos preparados para competir com os poderes econômicos asiáticos, norteamericanos, europeus. Ainda estamos na era da manufatura, as pessoas não têm tecnologia porque o governo está privatizando o conhecimento. Ingressar na universidade é um privilégio para a burguesia e um sonho para as pessoas de baixa renda. Só fica em sonhos e quando o expressam, então o declaram elemento fora da ordem, perseguem-no; você é rebelde, é terrorista e têm de acabar com você, têm que deslocá-lo, pois precisam do caminho livre para as transnacionais, para entregar o país, para entregar a pátria.

Estou falando com perfeito conhecimento de causa. Me vi na obrigação, na necessidade, porque inclusive membros da minha família já foram assassinados pelas forças da ultradireita, chamadas de Autodefesas Unidas da Colômbia. Por isso estou no estrangeiro, não é por turismo, não, não estou por questões de emprego, não estou passeando, não estou por aventura não, estou simplesmente nesta trincheira travando batalha, uma batalha de idéias, uma batalha sem armas. Daqui também se pode lutar. Neste universo de refugiados há pessoas que, com o tempo, se identificam com a realidade, pelo menos têm uma visão da realidade colombiana; e as pessoas estão organizadas, estão cientes do que está acontecendo com o país. As pessoas sabem valorizar o que é bom, sabem distinguir o ruim e estão procurando alternativas sempre pacíficas para da apoio, ajuda ao país, para que ele saia desde conflito, deste problema que temos, que já é muito velho; levamos mais de cinqüenta anos nele.

Eu vou embora daqui, mas ainda não tenho clareza para onde. Estou analisando o país. Essa é outra coisa, aqui na América - e talvez no mundo - a Colômbia é um dos países com mais conflito. Com o atual governo, a Colômbia é um dos países mais submetidos aos Estados Unidos, o que não quer dizer que os outros países também não sejam, especialmente os países latino-americanos. A escravidão moderna do império não tem mais correntes, mas tem o Fundo Monetário Internacional, o TLC, a ALCA. Agora é com o neoliberalismo, com a privatização da educação, mas sempre foi assim, sempre com armadilhas, sutilmente, com ajuda relativamente humanitária, mas, no final das contas estão-nos destruindo, estão destruindo a América Latina. Então eu tenho que olhar muito bem qual é o país que vou escolher, porque também não quero estar em um país onde os governos estejam-se entregando a nações receptoras de refugiados, de deslocados colombianos, aos interesses dos EEUU, porque vamos continuar na mesma; como dizemos na Colômbia, seria sair de Guatemala para entrar em “Guatepior”. Então, é uma questão quase global. O império está dominando, mas tem muitas pessoas, muitos movimentos, muitos países que se opõem, que confrontam, que falam forte. O presidente Chavez, por exemplo, eu o admiro muito. Hugo Rafael Chavez, o presidente da Venezuela. Também admiro muito o presidente Nestor Kichtner, da Argentina; admiro muito Michelle Bachelar, Ricardo Lagos lá no Chile. O pessoal se organizou. Agora temos Evo Morales na Bolívia e a coisa vai para frente. Temos Fidel Castro, lá em Havana. Cuba, na América Central e na área do Caribe. E não somente aqui temos o pessoal organizado, mas também na Ásia, na África Temos lá no Irã, os chineses, inclusive, estão colaborando com a gente. A América Latina tem muitos recursos, temos a matéria-prima do desenvolvimento mundial. E não queremos ficar só com isso, não, vamos aproveitar isso, vamos explorá-los em igualdade de condições para o bem comum da humanidade, não de uns poucos, os mesmos de sempre, não de uns poucos! Então estou pensando para qual país eu vou embora na hora de sair do Brasil.

A questão do refúgio é assim: se você vai se esconder, não pode dizer ao inimigo ou àquela pessoa de quem você fugiu que está fugindo ou que vai se esconder em tal parte. Eu saí clandestinamente do país e cheguei no nível internacional. Mostrei minhas provas, porque tenho provas, tenho muitas, meu problema até rola nos jornais da Colômbia, não com meu nome, mas pessoas da minha família que perderam a vida em massacres que estão acontecendo no país. Hoje em dia por exemplo, Antonio Navarro Wolf, representante do Pólo Democrático, foi guerrilheiro do M19. Fizeram um acordo entre iguais com o governo colombiano. E este governo não tem aceitado isso, está enrolando, está praticando “limpeza”, uma espécie de poda de pessoas com consciência social de esquerda. Então não se pode competir deste jeito, porque estão fazendo truques; porque se nos fazem um truque, nos vamos embora da mesa; é justamente o que fez Antonio Navarro Wolf neste momento, renunciou à candidatura presidencial porque não tem garantias. Quando não há garantias, não se pode competir, isso é um para-estado, em suma, é o terrorismo. No futuro, Uribe Vélez e muitas outras pessoas da elite vão estar no banquinho dos acusados, respondendo por crimes de guerra e de lesa humanidade, violação massiva aos direitos humanos, o que vai acontecer com Pinochet.

Emocionalmente como qualquer ser humano, não é?

J: David, de um ponto de vista mais pessoal, eu gostaria de saber que implicações teve para você o fato de sair da Colômbia, quero dizer, em termos mais emocionais.

Emocionalmente como qualquer ser humano, não é? Eu nasci em um país, pertencço a um país, me criei nesse país, tenho a cultura desse país e emocionalmente é um golpe forte ter que abandoná-lo, porque um colombiano como eu ou um pequeno grupo de colombianos como eu tem que, como eu digo? tem que se comportar de um jeito traidor ao entregar o país a uma potência estrangeira, sem se importar com seus conterrâneos. Então isso aí é um sentimento de raiva, de ira, de dor, de amargura, de tristeza. Li alguma coisa de Erich Fromm: “O coração do homem”, em que o bem e o mal, as primeiras formas de violência consistem em descobrir por exemplo, que não é o menino Jesus quem traz os presentes, nem Papai Noel, e daí para frente. Na Colômbia tem muitas coisas, há muitos agentes, muitas razões pelas quais o sentimento da gente fica ferido; por isso, como falava antes, é preciso uma cultura da pedagogia, perdão, uma pedagogia da paz, uma pedagogia para formar a “colombianidade”, para ter a capacidade de perdoar, de perdoar... Existem elementos jurídicos, só que tem que ativá-los; sabemos que na civilização de hoje os temos; se os instrumentos jurídicos servem-nos para fazer justiça, façamos justiça! Façamos justiça!

Sempre está em negrita o rótulo “refugiado”

Muitas vezes me sinto impotente. Há momentos em que me sinto impotente de ver tanta ignomínia, tanto massacre, tanto desaparecimento forçado na Colômbia, tanta tortura. As pessoas desempregadas têm fome! Estamos entre os 10 países mais famintos do mundo, quando somos, em essência e na realidade, geograficamente, geopoliticamente, um país rico! Temos diversidade, temos muitas coisas. Saber de tudo isso enche a gente de impotência, de dor, de angústia, principalmente quando você está em outro país onde a língua é diferente, a cultura é diferente; quando, inclusive, estando em outro país, sua imunidade diplomática - porque você está como refugiado - é uma condição jurídica que deve ser respeitada e que deve se manter em segredo e acaba não sendo, porque está a descoberto de tudo, porque toda a documentação que recebe tem a marca “refugiado” em “negrita”, em letras maiores, como um rótulo.

Quando você está procurando um emprego e os empresários fazem a entrevista, você ouve: “eu te ligo”, mas não, eles não vão te ligar! Por causa do rótulo! É um termo desdenhoso. A sociedade receptora não tem obrigação também, não! E em essência não está preparada, não sabe o que é um refugiado. Muitas vezes há pessoas que acreditam que um refugiado é um delinqüente, que é um criminoso, que está fugindo da justiça; e a questão não é essa.

As pessoas te escutam

Bom, o meu universo jurídico é de refugiado. Mas você, sendo colombiana, não faz parte desse universo. Você está fora, está estudando, de qualquer jeito se relaciona, é uma realidade científica e você sente. E apesar de você não ser refugiada, você sente essa desconfiança dentro de seus mesmos conterrâneos. Então, nos níveis internacionais, pelo menos o Brasil é um país onde se pode falar abertamente com qualquer brasileiro, inclusive pode ser autoridade ou não, pode expressar suas idéias e são toleráveis, são toleráveis! As pessoas escutam, debatem contigo e se você expressa suas idéias na frente de cem, tem

oienta que concordam com você. Estão pensando em justiça social, têm pátria. Aqui as pessoas gostam muito de seu país. Os Estados Unidos estão de olho na Alcântara. É um ponto geográfico que fica lá no Maranhão, para construir uma base militar. Estão atentos aqui embaixo no Paraná, onde está Foz de Iguaçu, para controlar toda essa riqueza que tem lá, dominar todo. É um Delta através do Rio Paraná, entre o Paraguai, a Argentina e o Brasil. E o Brasil não permite isso, os governos brasileiros pelo menos não têm permitido essa submissão aos Estados Unidos. Pode ser que tenha alguma influência, há pouco escutei que os Estados Unidos proibiram a venda de aviões para a Venezuela, proibiram o Brasil de vender aviões para eles. Então aí podemos nos dar conta - que também eu falava nesta mesma entrevista que temos, falava tempo atrás -, de que na América Latina, não somente na Colômbia, tem outros países que têm alguma solução a respeito dos Estados Unidos. Quando os Estados Unidos entram na livre determinação e dizem: “você não pode vender tal coisa porque essa marca me pertence”, então vem a propriedade privada, a questão de propriedade privada pela segurança nacional dos Estados Unidos. Os Estados Unidos querem desarmar os países ricos para eles os invadirem facilmente.

Minha questão não é me adaptar ou não

J: Você conseguiu se adaptar aqui? O que foi o mais difícil de sua estadia no Brasil?

Bom, aqui no Brasil como em qualquer outro país onde já estive - porque não estive somente aqui, estive em outros países e aspiro continuar estando em outros -, minha questão não é me adaptar ou não, porque pelo menos a cultura do país X onde esteja, neste caso no Brasil... eu respeito o brasileiro, respeito a política, seus símbolos pátrios, as pessoas, o povo. Eu estou dentro e compenetrado com meus assuntos como colombiano, então não somente saí do país e me escondi, não! Eu estou aqui fora, mas estou pensando na Colômbia, estou lutando ainda pela Colômbia, cada um de seu jeito. Se gostamos do país, devemos aportar um grão de areia para fazer um país em paz, com justiça, com um Estado de Direito, com um devido processo, com igualdade de condições, de competências.

Nesse aspecto, eu respondo assim a pergunta que me fez: se quer morar no estrangeiro, respeita a cultura do país que te deu a oportunidade de viver nele e como colombiano fique nas suas idéias. Não abandonemos a Colômbia, nós daqui de fora ...Você pelo menos está estudando, você pode fazer muito pelo seu país, você pode se organizar com os estudantes da universidade, é um ninho de intelectuais! Pode analisar desde o ponto de vista antropológico, político, econômico e social, criar um movimento, fazer algo! Escrever pela internet para a mídia lá na Colômbia...Se eles não publicam, a esquerda publica, mas temos que fazer algo, não podemos ficar sentados e conceituando sobre a cultura, “que aqui dançam samba, que são os pentacampeões do futebol”, não! Eu vou muito além desse lance, não fico aí somente no que estou vendo, no que tenho ao meu redor, ou seja, estou fora do mundo ou do jeito de viver do país que me recebe, porque não saí ao estrangeiro por vontade própria, fui obrigado. Então, como estou obrigado, estou pensando em meu país, gostaria de voltar ao meu país.

Tem que pagar mensalmente a “vacina”¹²⁰ para manter os negócios

Essas vacinas se pagam aos grupos armados. Neste caso estou falando dos que se identificam como AUC. O chamado “imposto de guerra” contribui com a paz da Colômbia. Inclusive chegam folhetos! Uns folhetos onde aparece “AUC contribui com a paz da Colômbia”. Olha só! Mas o povo está pagando impostos ao Estado! O que mais podemos pagar se temos uma força pública estatal! Mas isso é para-militarismo, por baixo da mesa! Estrategicamente, é o jogo político, quer dizer, é criminal esta ação que se está fazendo. Utilizam-se de um grupo armado à margem da lei, AUC ou paramilitares, tanto faz. No final das contas, ultradireita para massacrar o povo, para deslocá-lo. Tudo para construir um espaço aberto, limpo e seguro para que as transnacionais possam fazer e desfazer na Colômbia, para poder cumprir o TLC e a ALCA e todas aquelas outras questões que têm os Estados Unidos planejadas para o país.

J: Estávamos no começo falando de sua formação política, como foi e como levou você ao exílio.

Foi assim: na década dos anos 70-80 houve na Colômbia um movimento guerrilheiro chamado Movimento 19 de Abril ou M19. Era um movimento político com idéias nacionalistas baseadas em Bolívar. Simon Bolívar foi um dos nossos líderes, a ele devemos a independência da Espanha. Então desapareceu aquilo de ser colônia, mas o que Bolívar pensou ainda não deu certo. Nós temos que fazer cumprir, o que Bolívar pensou foi o socialismo, justiça social e isso são coisas que nos têm ocultado. Pelo menos na nossa educação, nos cinco países libertados por Bolívar, só ensinam que Bolívar nasceu em Caracas, que morreu em 1830, que teve uma mulher equatoriana chamada Manuelita Saenz e coisinhas superficiais, mas o pensamento de Bolívar fica escondido já que aos poderosos não convém que a sociedade civil saiba qual era o pensamento de nosso Libertador Simon Bolívar.

Simon Bolívar, tendo nascido aqui na América Latina, na Venezuela, e Karl Marx, tendo nascido lá na Europa, sem se conhecer os dois escreveram quase o mesmo, porque Bolívar fala da lei do equilíbrio e Marx fala que “o homem é um ser social por natureza” e fala da lei de correspondência econômica e são coisas que os unem. O Mao Tse-tung, o Che Guevara, Lênin, Trotsky, um cara que é humanista...Trotsky deu muita atenção à área da psicanálise...Então é isso.

J: David, tudo isto é sua vida política, que também é sua vida mesma, sua vida pública, de alguma forma, mas...

Retomando aquilo do M19, eu não militei no movimento M19, mas o admirei pelas ações que ele fez, foi um movimento que pelo menos fez a tomada da Embaixada da República Dominicana em Bogotá, na Avenida 30 perto da Universidade Nacional, uma das universidades mais revolucionárias que temos na Colômbia - de “Nacho” a chamamos

¹²⁰ “Vacina” é o nome popularmente dado ao pago mensal da chantagem feita pelos diferentes grupos armados. Esse pago em muitos dos casos garante segurança na região –nas mãos do grupo- e é o pago para evitar seqüestros.

também -, e isso foi uma coisa que rolou pelo mundo, que impactou. O M19 queria denunciar e utilizou a força e a violência, mas a neutralizou com inteligência porque não houve mortos. Inclusive só teve mortos do próprio M19, porque ele perdeu uma pessoa chamada Joaquin Márquez Zambrano. Dezenove pessoas combatentes do M19 ingressaram na embaixada da República Dominicana e ainda nem sabiam que nome dariam à coluna de 19 combatentes para se tomar esta embaixada e depois que assassinaram...Assassinaram não!... Que caíram em combate, porque foi em combate, o exército deu baixa a um dos 19 combatentes do M19. O primeiro embaixador que ligou - porque estava rolando uma festa, a festa pátria da República Dominicana – foi o do governo dos Estados Unidos. Coisa estranha, não é? Se interessando por seu embaixador! Então o combatente, que era professor, Rosemberg Pavón Pavón de Cali - inclusive foi prefeito de Yumbo -, ele era o comandante Zero, ele falou e disse: “Presidente, somos a coluna Jorge Marcos Zambrano do M19, aqui não aconteceu nada, simplesmente nós queremos falar com o nosso governo, é uma questão interna” e desligou o telefone. O que o M19 queria denunciar com essa manifestação de poder, de força, de inteligência e de violência, era que na Colômbia tinha violação dos direitos humanos, que tinha tortura! Que tinha presos políticos, porque isso estava oculto, e ainda está, porque agora dizem que os presos políticos são terroristas - inclusive qualquer porta-voz de um grupo armado na Colômbia, qualquer pessoa que defende a esquerda é terrorista. Então, depois que o M19 fez a paz, que se entregou, fez uma paz entre iguais mas que não respeitaram os governos que teve nosso país porque assassinaram o pessoal do M19, mataram o comandante Carlos Pizarro Leon Gómez, um homem muito intelectual, que conseguiu estudar nove semestres de direito na Universidade Nacional e entrou na clandestinidade, porque como porta-voz universitário foi perseguido por suas idéias e teve que entrar na clandestinidade. Inclusive é uma pessoa que é filho de pais de muito dinheiro: o pai foi vice-almirante da armada nacional colombiana e apesar de tudo isso, se você é colombiano e estuda, compreende sua história, sente que deve defender seu país e isso sentiu Pizarro. Ele tinha boas idéias para construir uma Colômbia melhor e os inimigos da paz o assassinaram em um avião. Então esse grupo me marcou muito, me impactou muito e foi um dos grupos que levaram a me interessar mais pelas questões das ciências políticas, a filosofia, a economia, as ciências sociais. Eu trabalhei nessa área e por isso virei intolerável, mas canalizável, não? Não reajo com violência! De repente dou um conselho, se me escutam, de repente falo com a pessoa quando vejo um ato de injustiça social, mas não posso-a corrigir com violência. Por exemplo, no caso de que um esposo bata na esposa e ele seja amigo meu e eu me dou conta, eu digo: “Olha, vem aqui, porque faz isso?” Mesmo que seja o sexo frágil, é um ser humano igual a nós, vamos dialogar! Há um 50% e um 50%, vamos dialogar! Não tem que reprimir o fraco, não tem que se impor pela força. Isso é o que está acontecendo!

Tiram você de sua casa

J: David, na Colômbia têm duas situações graves: a questão do deslocamento interno forçado e isto que está acontecendo com o deslocamento internacional, com os refugiados. Segundo você, como isso afeta em termos políticos, em termos da cidadania, essas pessoas que se estão deslocando tanto dentro como fora da Colômbia?

No caso de afetar o colombiano que sai para outro país pelo fenômeno da violência podemos mencionar muitas coisas: em primeiro lugar, o tempo jurídico necessário que precisa esta pessoa para obter documentação legal no país desertor, esse tempo é perdido, porque na Colômbia a pessoa tinha forma de sobrevivência e acontece que a violência ataca essa pessoa, e ela continua perdendo tempo. Está saindo de sua terra, tiram você de sua casa, “te roubam o pão de cada dia”, diz Juanes, um cantor colombiano muito bom. A pessoa sai para perder tempo, está perdendo tempo enquanto recebe a documentação legal para se integrar na população economicamente ativa do país que o recebe. Isso em primeiro lugar. Em segundo lugar outra questão que afeta a pessoa é, segundo seu grupo familiar...Um exemplo, no caso de chegar um grupo familiar é mais difícil pela escolaridade dos filhos. Sua educação vai variar, principalmente no aspecto histórico, geográfico, cultural, porque eles têm uma formação e aqui no estrangeiro vão adquirir a formação deste país. No caso de que sejam línguas diferentes, também vão perder tempo porque têm que passar pelo processo de aprendizado dessa língua. Se é profissional em qualquer área técnica ou tecnológica, tem que ter um tempo de adaptação para se acostumar com os termos da nova língua, das ferramentas que vai precisar para desenvolver o trabalho, e vamos dizer, também enquanto o tempo vai passando, porque o tempo vai passando... Eu digo que o problema em essência não começa no momento de sair, no momento em que se cria o motivo para sair, o problema vem se apresentando por conta do tempo que vai passando e a pessoa está no estrangeiro e começa pensar no que deixou lá trás... E sabe que não pode voltar! Tem muitas pessoas que de repente desesperaram-se e voltaram ao país. E soube que na maioria dos casos foram assassinadas, porque, não sei de que forma, o governo colombiano também sabe quando a pessoa está no estrangeiro pedindo refúgio. É uma espionagem de alto nível! Inclusive aqui. Por isso existe a desconfiança dentro de nós mesmos, os colombianos. É psicológico, tá vendo? Aqui mesmo no estrangeiro tem pessoas que estão solicitando refúgio, estão pedindo asilo político, mas em essência estas pessoas... Nem uma coisa nem outra... Eles vêm aqui com uma missão específica e é observar quem são as pessoas que estão aqui, como se chamam, quais são seus sobrenomes, por que vêm perseguidos, e estão mandando informação para o país estrangeiro. Porque, como já falei antes, isso não é uma coisa aqui no Brasil somente, eu estive em outros países, como o Equador, e lá as pessoas desaparecem! Tive amigos e amigas que sumiram, que “o quarto onde morava estava com uma toalha em cima do travesseiro e ficou assim, que parece que dormiu, que levantou-se a trabalhar e não voltou mais na casa ou que a panela do arroz queimou, saiu pro supermercado para comprar alguma coisa e não voltou mais. Já leva quatro, cinco dias e não apareceu mais! Tiveram que derrubar a porta e conferir se era verdade”, e é verdade, estão desaparecendo as pessoas! E então eu fico pensando: que tipo de pessoas estão desaparecendo? E sei que geralmente é pessoa que vem perseguida pela ultradireita, neste caso pelos paramilitares.

A maioria é povão

É importante incrementar algo: neste universo de pessoas solicitando refúgio, não todas manjam a situação com critério político. Têm muitas...A maioria é povão. Povo profano, povo que acredita em Deus, povo que tem sua fé, seu santinho, que acende vela, que vai à missa, que vai à Igreja. São evangélicos, outros são católicos, não tem nada a ver com questões políticas e por isso não sabem expressar o problema de uma forma política e

quando chegam aqui ficam assustados, sentem medo. Inclusive, têm muitos que nem sabem qual foi o grupo que os deslocou! Se foi a guerrilha ou os paramilitares. Qualquer que seja a situação, a pessoa está deslocada pela violência. Porque a violência não pode ser válida, mesmo sendo feita por um ou outro. A violência tem que se rejeitar desde qualquer ponto de vista, não se pode aceitar a violência. Então estas pessoas não sabem identificar seus problemas. Tem outra coisa que influi muito, nos governos receptores, eles têm um comitê de elegibilidade, esse comitê vai te dizer se você é refugiado ou não. Muitos de nós trouxemos provas contundentes de acordo com o marco das Nações Unidas para determinar se uma pessoa é refugiada ou não. Por exemplo, quando se é perseguido por opinião política, levando em conta que o tema econômico ainda nem se considera. Mas esse aspecto deveria ser considerado porque a guerra gera desemprego, miséria! É algo socioeconômico esse aspecto, não? Então, muitos governos vão com essa estória da “segurança do Estado”... Então, “ah, não, se a pessoa que apresenta a solicitação é socialista, é revolucionaria, é comunista, então não lhe daremos refúgio”. Existe isso também.

“Desculpem, foi um erro”.

Em qualquer um dos dois lados se corre risco, isso é outra coisa que se está vivendo na Colômbia. Se está cumprindo muito aquele ditado: “me diz com quem você anda e eu digo quem você é”. Muitas vezes, inclusive em qualquer esfera da vida social ou laboral, a pessoa tem que interagir. A gente faz amizade, dialoga, porque se deve dialogar com as pessoas, e também se cumpre outro ditado: “estamos entre índios, mas não sabemos quem é o cacique”. Então, em uma ou duas semanas em que se fez uma nova amizade com uma mulher ou um homem, duas pessoas ou um pequeno grupo de pessoas, de repente, nessa interação, aparecem três, quatro assassinados. Então, “se o assassinaram era porque estava com as FARC, com a guerrilha”, “porque era paramilitar ou estava com os paramilitares”. E depois - até onde chegou a estupidez! -, se posso dizer, muitas vezes depois de assassinar um cidadão que não estava no conflito armado, pra uma pessoa indefesa chegam falando: “desculpem, foi um erro”.

Eles mesmos se tornam outro problema

J: Que sensação você tem dos colombianos que já conheceu aqui no Brasil e nos outros países onde você esteve? Quero dizer, como você acha que os afetou a saída do país? Em relação às suas famílias, aos seus costumes...

Bom, existe nestas pessoas variedade de sentimentos. Uns choram, outros mergulham tanto no problema que encontram desafogo no álcool, muitos usam drogas, prostituição, ou seja, saem com um problema e chegam ao país receptor com outro. Eles mesmos se tornam outro problema, mas em essência não é culpa da pessoa, mas pela sua falta de conhecimento, porque foi excluído, porque não teve a oportunidade de ter um conhecimento para enfrentar uma situação como esta que é uma situação bem complexa, é uma situação onde você tem que estar firme, tem que saber o que fazer, está no estrangeiro, não pode fazer o mesmo que fazia em seu país. Um exemplo: ficar bêbado em qualquer parte e passar dos limites, perder a razão, porque está em um país estranho onde facilmente – se não foi morto lá em seu país

- pode perder a vida mais facilmente e até de repente pode ir para a cadeia acusada de muitas coisas que não fez... Então, a pessoa tem que saber manejar esta situação. Estas situações podem se atribuir ao desespero, não é? Porque está em outro país com pessoas desconhecidas, é extremamente difícil!

J: Esse desespero é por muitas razões, não é? Ontem, eu estava na Cáritas e tinha uma senhora colombiana esperando o dinheiro que o ACNUR manda, e como não tinha chegado, ela começou gritar e xingar todo mundo e eu pensava: É claro! Ela tem três filhinhos, o problema é de fome!

Agora, do caso que você me fala, ou seja... Em essência dá para olhar assim, não é? “O problema é de fome”, porque dá para ver que tem três filhos e, bom... A senhora está refugiada e é da Colômbia, está no Brasil pedindo refúgio e tem três filhos, possivelmente ainda nem saiba a língua. São coisas muito difíceis, têm muitos fatores contra ela, tudo isso gera um problema para essa senhora. Essa senhora facilmente pode se tornar vítima da prostituição, porque uma mãe faz qualquer coisa para sustentar seus filhos, mas aquilo que você viu na Cáritas – que é uma ONG da Igreja Católica - de não ter dinheiro para solucionar o problema da senhora, por favor! Aqui tem essa questão que é uma grande mentira! Eu não estou tentando generalizar, dizendo: “o catolicismo é ruim”. Não. E pelo menos a ONG – neste caso especificamente falando da Cáritas – que Cáritas seja ruim, ou a idéia que se teve para criar esta ONG para lidar com os refugiados seja ruim...Não... O ruim é o funcionário. Existem interesses criados, existe inclusive essa questão que já falei muitas vezes nesta conversa, falei da segurança nacional...Então como é possível que esta pessoa que vem do estrangeiro, esta pessoa tem direito de dinheiro mensal para começar a se integrar... “Então não...Eu vou procurar a forma de que não...Não vou dar o dinheiro a essa pessoa, mas vou fazer o seguinte: vou lhe dar uma pasta de dentes, um sabão, uma escova e se precisar emprego, vou lhe dar a despesa específica de transporte. Se precisar tirar uma foto, vou lhe dar o específico. Então, tenho assim essa pessoa, então mando ela para um albergue”. Essa é outra: mandam a pessoa para um albergue onde facilmente - sem intenção de discriminar ninguém -, em um albergue facilmente vai se encontrar com um monte de pessoas que têm problemas de conduta, muito além dos problemas sócio-políticos, e em qualquer momento pode perder a vida, pode ser ferido, apunhalado, sua esposa pode ser desrespeitada. Se é mulher sozinha pode também ser desrespeitada facilmente, entendeu? E aí não se está respeitando a imunidade diplomática da pessoa, não estão dando o tratamento que a pessoa merece. E outra coisa: estão violando seus direitos, porque os refugiados quando chegam a um país, é por um mandato da ONU. O refugiado precisa ter na sua mão, em seu poder - e deve enfiar isso na cabeça -, ele deve ter os estatutos que regulam o comportamento e onde estão os direitos e deveres que esta pessoa tem como solicitante e como refugiado no país receptor. E quando não dão isso ao cego, não lhe dão os óculos, se está privatizando o direito a ver, a visão, então estas pessoas não têm visão. Então aí vem o choro, vem o desespero, “que meu filho está morrendo de fome”, “que não tenho como pagar um aluguel”, “que estou dentro de um albergue” e facilmente estamos fazendo uma prostituta a mais, estamos gerando o cordão da miséria, da desorganização, caótico, da destruição da sociedade humana. Isso também faz muito a pessoa refugiada... Inclusive se é homem tenta roubar, se sabe de casos! Tem pessoas que têm família, filhos, tudo, e roubam! Fazem qualquer coisa pra se sustentar! Porque a razão de ser do ser humano e a base de seu desenvolvimento é o emprego! E as Nações Unidas têm uma boa idéia, que é

gerar no solicitante de refúgio, no refugiado, a possibilidade de integração, sua auto-suficiência. Esta pessoa pode ir na frente por seus próprios meios. Inclusive o trabalho informal - o que aqui no Brasil se conhece como “camelô” e nós lá na Colômbia chamamos de “vendedores ambulantes” ou “estacionários” -, esse é um meio de subemprego para gerar sua própria renda. Essa pessoa, através dessa política que já tinha falado antes, essa política do neoliberalismo, essa outra política do fundo monetário, o FMI, isto influi para que esta pessoa seja atacada pela força pública e o país, porque então o... Quem é que autoriza os créditos que o governo pede ao Fundo Monetário Internacional? Os empresários! Os donos das lojas, das grandes fábricas, os grandes industriais. Então um vendedor está na rua vendendo... Olha, o que ele está ganhando, sem pagar impostos, entre aspas, porque ele é quem mais impostos paga... Ele é quem está pagando a dívida pública interna dos países! Então a situação é a seguinte: juridicamente está tudo a favor de um pequeno grupo de oligarcas, de burgueses. Então essa pessoa não paga impostos, essa pessoa está invadindo o espaço público e o cidadão tem direito à livre locomoção. Sob estes conceitos é que perseguem as pessoas, está vendo? Aqui está o refugiado! O refugiado cai na desgraça porque ele não encontra trabalho, então procura se ajeitar informalmente. Eu já vi muito aqui no Brasil, no Equador também vi: o pessoal perdeu suas mercadorias, tiraram elas, e ficaram sem nada.

É um tratamento hostil, é uma rejeição.

J: Você estava me falando dos funcionários. Eu vi o tratamento que essas pessoas dão aos solicitantes de refúgio ou aos refugiados e não é cordial, é um tratamento burocrata e até desdenhoso...

Exato, é um tratamento hostil, é uma rejeição, estão te rejeitando. Então poderíamos dizer que a pessoa tem falta de treinamento, mas não pode ser possível que se a pessoa estudou direito, por exemplo, é um advogado... O Doutor Romário - pelo menos neste caso -, ele é advogado. Marta é a psicóloga... E tem sociólogos, e bom... Não pode ser possível que estas pessoas não tenham lido, pelo menos, a carta da proclamação universal dos direitos humanos. Não é possível que estas pessoas não conheçam os acordos firmados por Brasil com a ONU. Tipo assim: o Brasil outorga refúgio e asilo às pessoas de países que tem conflitos bélicos. Então esta pessoa, inconseqüentemente, viola os direitos humanos, faz o que você me diz: dá um tratamento burocrata, desdenhoso, de rejeição. Com muita demagogia, com muita sutileza, estão violando os direitos dos refugiados. Então essa pessoa não pode estar trabalhando aí! Conheço outro caso na Venezuela: lá temos Hugo Chávez... Parece que as mesmas Nações Unidas... Esta história do ACNUR também parece ser um serviço de inteligência de nível internacional, tipo um filtro. Acontece que um dos dirigentes do ACNUR, do Alto Comissariado das Nações Unidas na Venezuela, é um colombiano chamado Simon Casas, um advogado de Medellín, conterrâneo do presidente Uribe! Isso aí não tem nada a ver. O que tem a ver que o senhor seja conterrâneo do presidente Uribe? Mas pelas suas práticas dá para se perguntar por essa situação. O senhor está fazendo tudo ao contrário do que dizem os estatutos e o protocolo dos refugiados. Estão negando às pessoas. Eu sou vítima disso, sou refugiado reconhecido na Venezuela e nunca me deram a carteira de identidade nem visto, porque se está tecendo a matriz de opinião que... Inclusive o bispo da comissão episcopal venezuelana, que já é retirado

monsenhor Baltasar Porras, e é presidente da comissão episcopal venezuelana, ele fez essa matriz de opinião com a oposição. E aí também está enfiada a CIA, porque têm muitas provas de que Chávez está refugiando os guerrilheiros das FARC e os terroristas do Islã. Estão dentro da direita, porque Chávez, ele é democrático, Chávez propôs muitas vezes... E o socialismo é assim, você pode ter uma opinião diferente da minha, vamos debatê-la, vamos falar! E isso porque... Você opinar diferente de mim não quer dizer que você não tenha direito ao trabalho, por favor! Ele os tem trabalhando também! E estas pessoas que estão contra ele estão trabalhando no escritório que dá a carteira de permanência, que dão o visto no passaporte - se chama ORIDES, Organismo de Identificação de Estrangeiros - então não estão te dando visto. Eu fui vítima disso, perdi muito tempo lá! Isso está me afetando, perdi muito tempo lá! Hoje em dia estou aqui no Brasil, eu tenho tudo juridicamente e ao mesmo tempo não tenho nada e estou começando de novo! Esse doutor Casas está identificado para qualquer dos extremos dos atores armados no conflito. Tem seus interesses criados e tudo porque as Nações Unidas, ela deve promover, porque isso é seu mandato: promover que o país que assinou o acordo esteja cumprindo com a situação! “Olha, vamos resolver esta situação”. Ele tem as ferramentas, falemos diretamente com o presidente, expliquemos! ”Veja, presidente Chávez, esta acontecendo isto, aqui não está dando esta situação, tipo assim, você assinou este acordo”. Chávez assinou o acordo, Chávez inclusive já deu carteirinha para muitos estrangeiros! Tem legalizado todos os ilegais, tem pagado a dívida social que a Venezuela tinha com os estrangeiros ilegais no país. Mas, quando você é solicitante de refúgio, você não pode ir por outro lado para obter seus documentos, com outro tipo de visto porque você já aparece na base de dados como solicitante de refúgio. Então por isso, no meu caso e de outras pessoas, não conseguimos nos legalizar porque nós já estávamos encaminhados pela questão do refúgio. Esse foi o motivo pelo qual nós chegamos à Venezuela.

Bom, você me pergunta e me pergunta e eu não pergunto nada! Desculpa meu jeito familiar, mas a gente é conterrânea, temos que falar na língua popular também... O que você está fazendo pela Colômbia?

(David me intimida. Não a sua pergunta, mas sua atitude, e me obriga, de certa forma, responder adequadamente para aquilo que ele quer escutar, ser coerente com a proposta que ele faz de preocupação pelo país, de responsabilidade política.)

J: O que estou fazendo? Bom, eu estou me formando e espero voltar à Colômbia como professora. O meu interesse neste momento são os refugiados, mas me interessa muito o deslocamento forçado interno por conflito armado. Eu tenho a seguinte hipótese: tenho a sensação que o desenraizamento emocional impede a mobilização social das pessoas. Porque quando você tem que se preocupar com a comida de seus filhos, com resolver seu problema psicológico, porque teve situações de violência, isso faz com que as redes sócio-políticas se desarticulem. E isso é algo que a maioria das pessoas que pensam política não enxerga, não considera importante, porque você, além de ser político, ou melhor, antes, é um ser humano. Quando eu vejo por exemplo entre os meus colegas, que mataram o pai de um, que mataram o tio de outro e que eles de alguma forma já não querem saber de nada mais, isso que está acontecendo emocionalmente neles tira a vontade de trabalhar politicamente pelo país. Então eu acho que organizações internacionais, mas também, dentro e fora do país, que se preocupam com pessoas que estão em condição de refúgio e de

deslocamento interno têm que pensar que, para que a política funcione, para que os movimentos sociais funcionem, antes esses sujeitos têm que funcionar como indivíduos, como pessoas, sabe? Têm que ser pessoas que estão “tranqüilas”, que receberam educação, que estão “tranqüilas” emocionalmente, por assim dizer. E quando você está “tranqüilo”, então pode atuar politicamente, porque sua raiva, ou esse motor que te faz agir politicamente, está só para isso. Não dá se você tem de resolver o quê seus filhos vão comer hoje, ou se sua filha foi estuprada, entendeu? Então essa é a contribuição que eu acho estou dando com meu trabalho de mestrado, que obviamente eu penso em levar para Colômbia. Eu estive coletando dados em Cali com algumas Ongs que trabalham lá com deslocamento forçado. Eu quero ser professora... Eu estudei na Universidad del Valle e eu sinto que toda minha vontade de querer fazer algo vem, de alguma forma, do que eu aprendi com esses professores. Então eu sei que como professora -se conseguir- eu sei que a gente orienta, não é? De qualquer forma, quando se tem lugares de poder como os padres, os políticos, os professores, as mães e os pais de família, esse rol de poder permite que você consiga orientar porque você gosta de algumas idéias, ou pelo menos posições. Eu não milito num movimento por exemplo, mas sinto que de forma independente podem se fazer também muitas coisas.

D: Bom, você falava de algo... algo que se misturou. Captei como uma mistura em que a pessoa é política, mas que pelo deslocamento forçado se encontra no estrangeiro e está pensando somente na questão política, mas não está pensando no que são os sentimentos, os sofrimentos, na situação e... justamente tem algo... não para contradizer o que você falou, mas de repente para pôr outro ponto de vista e para você comparar, talvez te possa servir no futuro. A lei é política, sabemos que a lei é a política e que a política é a expressão concentrada de uma economia. Se a gente conseguisse identificar qual é a razão pela qual a Colômbia sempre viveu mergulhada no conflito armado e na confusão política, nós reconheceríamos que a questão vem de um aspecto geopolítico que está afetando a economia do país. Então, se cientificamente se pode comprovar que um ser humano para se desenvolver precisa trabalhar, ele não precisa ir à igreja, nem ouvir o discurso. Cientificamente, você, rezando de joelhos, acendendo velas, visitando cemitérios, túmulos, mortos, toda sua família que mataram, não vai se desenvolver, não vai ter o estudo que tem. Alguém tem que fazer algo para que você esteja onde está, e você tem que fazer algo, tem que lutar, tem que trabalhar para conseguir o que tem. Na questão dos sentimentos influi muito a preparação acadêmica que tenha o indivíduo, o impacto psicológico que o leve a expressar os sentimentos. Porque, vamos falar, o presidente Álvaro Uribe Vélez quando tomou o poder na Colômbia, na posse de seu governo, ele deu um discurso e ele disse: “Meu pai foi assassinado pela guerrilha”. Então, o sentimento desta pessoa, olha só, com a capacidade intelectual que ele tem, é um sentimento na verdade, infantil. Tem algo de infantil. Além de sentimento é uma doença mental, algo neurótico, porque generaliza e joga toda a sua vingança, e é o que está gerando hoje em dia, porque o maior grau de deslocamento que teve o país foi nos anos deste presidente. Então se tem gerado isso, então podemos conferir que são interesses econômicos! Ele é um bom exemplo desse tipo de pessoa que você falou: por um lado vai o político e por outro vão os sentimentos. Mas ele é um paradigma, algo patético, por assim dizer, esse modelo de pessoa, sua atitude, é daquelas pessoas que não se importam com os sentimentos só por ser político, nem se importa pelo país! Menospreza a identidade, entrega o país, instiga a guerra, é arrogante, é prepotente! Criou as CONVIVIR, um grupo paramilitar que houve na Colômbia! E veio

ele, muitas pessoas vieram, ao litoral norte colombiano, em Córdoba, em Sucre, andando de Jeep com os paramilitares ao lado! Comendo bife e bebendo uísque bom, com prostitutas e muitas coisas mais! Em bacanais! Em orgias! O que tipo de pessoa é essa? Então as outras questões que vêm aqui, as vítimas...Aqui têm pessoas que de repente podem ter - e têm sim -, um conhecimento acadêmico maior que o que tem o presidente Uribe, não somente aqui no Brasil, em muitas partes! Colombianos que têm muita capacidade, muita vontade, muito acervo intelectual e estão preparados, mas não estão dentro da elite do capital privado e tiveram que lutar, expressar, porque isso é uma luta. Repito de novo, o trabalho é a base de desenvolvimento das pessoas, então vamos lutar para conseguir o que nos querem negar, vamos denunciar o que estão nos roubando. Somos vítimas de que nos ameacem e as pessoas têm que sair para o estrangeiro para se deslocar. Aí vem a questão dos sentimentos. Mas, então os sentimentos, se você tem preparação, vai canalizá-los, não vai responder com violência à violência! É questão de fazer acordos, por favor! Procuramos um terceiro, um quarto, um quinto, a comunidade internacional, vem aqui, vamos dialogar irmão! Vamos pôr ordem aqui, isto aqui, isto acolá, temos provas. Olha, juridicamente isto é um crime, um assassinato, um homicídio, uma violação massiva dos direitos humanos o que você está fazendo! É uma repressão política o que se está vivendo no país! Você está fazendo isto para entregar o fulano, quem vai sair ganhando? Toda a Colômbia? Quando você fala da Colômbia, qual é o conceito que tem dela? De acordo com o tipo de pessoa a quem se pergunte vai responder assim, porque se pertence à oligarquia, a Colômbia é a Colômbia da burocracia, da burguesia, não é a Colômbia dos engraxates, do vendedor de mandioca, de banana, do vendedor de praça pública, do vendedor de revistas, daquele que sai correndo para se esconder da polícia e lhe tiram sua mercadoria. Não é o pensamento nem a resposta que eles vão dar, são negócios muito diferentes. Então a Colômbia de cada um, não, não! Globalizemos esta coisa de pátria, é um sentimento geral, a pátria. E se percebe... Um exemplo, se a seleção de futebol em um jogo com o Brasil ganhar como ganhou com Argentina 5-0, isso é um sentimento generalizado para tudo mundo, nesse momento se percebe um sentimento de colombiano, todo mundo unido! Logo depois, 15 ou 20 minutos, liga o rádio, liga a TV: “assassinaram fulano de tal em tal parte”, e nem olha. Mas o que é isto? Então aí não vem a questão do sentimento, entendeu?

Temos sentimentos como é normal ter

Ou seja, os sentimentos? Os sentimentos ficaram abandonados, dos sentimentos sofre aquela pessoa que, ou seja, não consegue canalizar isso, por falta de educação, foi excluído. Ou seja, ele sempre vai viver assim, ou seja, é algo psicológico, uma doença de que eu sou menos...Estou chorando, estou esperando as coisas chegarem a mim... Não... O colombiano é muito empreendedor, aonde vai, o colombiano faz qualquer coisa para se sustentar. Isso nós colombianos temos, e é mundialmente reconhecido, é algo científico, é algo de tipo antropológico, étnico, que todos nós colombianos temos essa virtude, de que onde chegamos fazemos algo por sobreviver, não ficamos de braços cruzados. Temos sentimentos como é normal ter! A pessoa inclusive, se seu país não tem guerra...Por exemplo, aqui no Brasil, que não temos essa guerra que temos na Colômbia... E aqui as pessoas também têm seus sentimentos. Os sentimentos são inatos nos seres humanos, né? Não somente porque a pessoa tenha violência ou porque não tenha violência. Então mesmo que não tenha violência ele tem seus sentimentos. O motivo pelo qual nós colombianos

somos vítimas desse fenômeno de massificação, desse êxodo ao estrangeiro, do deslocamento interno e internacional, do deslocamento forçado, é motivos políticos, não por motivos de sentimentos. Os sentimentos vêm depois! Se sentem depois das circunstâncias, ação, reação e explosão. Uns respondem à ação, respondem matando, viram bicho do mato... “Ah, porque se os paramilitares mataram, então viro guerrilheiro”, “Ah, que é guerrilha, então viro paramilitar”. Então vem a história de Carlos Castaño¹²¹ “que porque mataram o meu pai”, e Álvaro Uribe “que porque mataram o meu pai”. No final das contas tem muita gente, a maioria das pessoas, mais que em toda a Colômbia e no mundo, que tem os olhos fixos na Colômbia e que escutam Uribe, sua fala. O pai do presidente Álvaro Uribe Vélez foi morto por Pablo Escobar, porque mexeu com os interesses de um dos maiores chefões do mundo inteiro, mexeu com isso. Então invertemos a verdade e dizemos: “não, foi o narcotráfico que matou meu pai”, porque de repente o mundo também vai saber “que eu também tenho algumas coisinhas com o narcotráfico, que estou envolvido como o narcotráfico”, está envolvido Uribe Vélez com o paramilitarismo. Está envolvido com as transnacionais, concorda com Bush para limpar a Colômbia da esquerda. Isso que deveria fazer no parlamento, eliminando o parlamento, toda a oposição. Se tirasse 68 parlamentares, com esse dinheiro dos parlamentares então se investiria na ação social para o povo. Olha, o que que aconteceu com o dinheiro do Plano Colômbia? Onde fica a ação social? Tudo isso gera sentimentos, sabe?! Sentimentos de terror! Ele fala de terroristas, mas quem é mais terrorista que você? Você acredita que uma chefe de família, como aquela que você, mocinha Johana, viu lá na Cáritas, que esta pedindo refúgio aqui, não tem para dar comida a seus filhos agora, os que estão na Colômbia que não tem como dar comida a seus filhos, colocá-los na escola, você acredita que esse chefe de família, seu estado de espírito, seus nervos ficaram controlados? Conseguiria dormir tranquilo esse chefe de família escutando o filho com fome? Ou essas crianças conseguiriam dormir tranquilas? Isso se chama terrorismo de Estado! Isso é terrorismo de Estado! Ou seja, vamos olhar, o que é terrorismo verdadeiramente no sentido epistemológico da palavra? Por que o terrorismo? Por que as torres gêmeas? Ora, as torres gêmeas, Osama Bin Laden, olha! As torres gêmeas? Bush, terrorismo de Estado! Massacrar uma grande quantidade de gente e especialmente latino-americanos dos países subdesenvolvidos, que eram os que estavam trabalhando nesse momento das torres gêmeas -porque aí não morreram os grandes magnatas das transnacionais, mas os faxineiros, o cara que leva e traz o café, esses foram os que morreram lá- terrorismo de Estado para criar a figura do terrorismo internacional, “vamos atacar o terrorismo internacional”! Entre aspas, porque o maior terrorista são eles mesmos. Muito obrigado.

(Foi o David quem decidiu terminar a entrevista)

¹²¹ Jefe paramilitar de las AUC (Autodefensas Unidas de Colombia)

6.4.1 Um *não* contato (Interpretação da entrevista do David)

Vale a pena salientar de novo que, para o método que nos está sustentando, é possível ler nas narrativas uma clara relação entre a vida pessoal do narrador e seu entorno sociocultural, entorno que, neste caso, está visivelmente determinado por uma situação de conflito armado. Como vemos, David é um homem que vive na Colômbia de hoje, que foge da Colômbia de hoje. David - segundo ele mesmo - não é militante, embora nele sobreviva impetuosamente, quase delirante, uma esquerda que muitos acreditam agonizante.

David evitou constantemente – para não dizer sempre - as perguntas que eu fiz. É claro que, levando em conta o sentido da pesquisa, a maioria das perguntas – quase todas - eram uma tentativa de me aproximar de alguma forma de sua intimidade, de sua subjetividade. Finalmente, ainda que ele tenha evitado *abrir* sua vida íntima para mim, tentei fazer uma interpretação dela através de sua fala – absolutamente articulada e expositiva - partindo desta pergunta: O que esconde essa falação interminável e repetitiva?

A fala de David é evidentemente denunciadora. Ao fazê-la, suponho que ele precisava de um público para convencer e foi isso o que eu representei para ele: seu público. No momento da entrevista, David não fez *contato* comigo, senti-me uma espécie de platéia, pois ele, como se estivesse em um púlpito, vislumbrava uma audiência que, supunha ele, o escutaria. Talvez fosse a presença do gravador, ou o fato de me reconhecer – por meu trabalho como pesquisadora - como alguém que poderia difundir suas idéias.

De alguma forma, David me ignorou o tempo todo, embora falasse para mim, mesmo que estivesse respondendo minhas perguntas. Quem fui realmente para ele durante nossa conversação? Não fui eu, Johana. Acredito que fui talvez uma possível seguidora – na sua fantasia. Ele não me olhava, embora seus olhos estivessem fixos nos meus. Não me respondia realmente; ele disse o que ele quis dizer e respondeu sempre de forma evasiva quando invocava algo mais íntimo; muito embora parecesse gostar de falar, não falava dele, mas de sua causa!

A fala de David é um discurso “de esquerda”, coletivo. Parece ter as bandeiras de uma luta que idealiza; luta esta que é vista por ele como única opção redentora. É como se ele só pensasse – e mesmo sentisse - a partir do coletivo e para esse coletivo. Este é o sentido que parece ter sua vida: ele se identifica com o coletivo, com o sofrimento do povo, mesmo que ele se considere um pouco fora, porque “o povão não sabe canalizar os sentimentos porque não tem educação”; ele, pelo contrário – mesmo que *sinta* - parece saber fazer essa canalização e talvez por isso consiga cindir-se dos seus sentimentos! Vejamos:

“(…) é um sentimento de raiva, de ira, de dor, de amargura, de tristeza. (...) Na Colômbia tem muitas coisas, tem muitos agentes, muitas razões pelas quais o sentimento da gente fica ferido, por isso, como falava antes, é preciso uma cultura da pedagogia, perdão, uma pedagogia da paz, uma pedagogia para formar a “colombianidade”, para ter a capacidade de perdoar, de perdoar... (...) Muitas vezes me sinto impotente, tem momentos em que me sinto impotente de ver tanta ignomínia, tanto massacre, tantos desaparecimentos forçados na Colômbia, tanta tortura. As pessoas desempregadas, porque tem fome! (...) Neste universo de pessoas solicitando refúgio, nem todas elas manjam a situação com critério político. Tem muitas, a maioria é povão. Povo profano, povo que acredita em Deus, povo que tem sua fé, seu santinho, que acende vela, que vai à missa, que vai à Igreja. São evangélicos, outros são católicos, não têm nada a ver com as questões políticas e por isso não sabem expressar o problema de uma forma política e quando chegam aqui ficam assustados, sentem medo.”

David parece “tudo conhecer” – a si mesmo e à situação da Colômbia; parece “tudo saber” sobre o Refúgio, o Asilo Político e as razões do deslocamento forçado na Colômbia. David, que “tudo sabe” e “tudo conhece”- dizíamos - não tem espaço para uma pausa, um sorriso, um olhar amigo; sem espaço para o silêncio, para uma pergunta, para um *não saber*. Esse “tudo sabe” parece-nos, antes, uma *racionalização* e uma *defesa*, que se faz evidente, como já dissemos, na sua fala marcadamente expositiva, através de seu intelecto defensivo e de sua verbosidade. Ele é uma proposta política em si mesmo. David oferece dados com datas e nomes exatos; menciona acontecimentos e personagens que foram parte importante da história da Colômbia; fala do “plano dos Estados Unidos” para se apropriar dos recursos da América Latina, da “venda” do país feita pelo presidente Uribe; menciona a recente e crescente vitória da esquerda no continente e da conseqüente perseguição por parte dos países do norte. Fala da infiltração da CIA para negar vistos, refúgios, passaportes,

documentos; para saber nomes e delatar os que estão contra o sistema. David parece “*saber de tudo*”, bem demais. Essa *saturação é racionalização!*

Esse “*saber de tudo*” parece convertê-lo em um perseguido. David não fala alto, talvez porque *sabe* que em qualquer parte podem escutá-lo. Ele, parece, sente-se descoberto, e talvez essa seja a razão para querer ir embora para outro lugar. Comigo também insisti em preservar sua identidade durante o tempo todo que durou a entrevista e, desde o começo, pediu para ser chamado de *David Villareal*:

“A questão do refúgio é assim: se você vai se esconder, não pode dizer ao inimigo ou àquela pessoa de quem você fugiu que está fugindo ou que vai se esconder em tal parte. Eu saí clandestinamente do país e cheguei ao nível internacional e mostrei minhas provas, porque tenho provas, tenho muitas, meu problema até rola nos jornais da Colômbia, não com meu nome, mas tem pessoas da minha família que perderam a vida em massacres que estão acontecendo no país.”

Talvez a sensação de se sentir descoberto seja a que produz em David uma espécie de fuga constante e alucinada: está aqui no Brasil, mas ao mesmo tempo está pensando na Colômbia; e sem ter sua situação definida aqui, já está querendo sair de novo e pensando em seu próximo lugar de destino. Ele parece não estar em lugar nenhum e esse “não estar” pode impedi-lo de *contatar* os outros e a si mesmo, a sua subjetividade. É esse *não contato* que sua *fala saturada* revela.

“Aqui no Brasil, como em qualquer outro país onde já estive, porque não estive somente aqui, estive em outros países e aspiro continuar estando em outros, minha questão não é me adaptar ou não, porque pelo menos a cultura do país X onde esteja, neste caso no Brasil, eu respeito o brasileiro, respeito à política, seus símbolos pátrios, as pessoas, o povo, eu estou dentro e compenetrado com meus assuntos como colombiano, então não somente saí do país e me escondi, não! Eu estou aqui fora, mas estou pensando na Colômbia, estou lutando ainda pela Colômbia. (...) Eu vou embora daqui, mas ainda não tenho clareza para onde, estou analisando o país para onde vou...(...) Estou fora do mundo ou do jeito de viver do país que me recebe, porque não saí para o estrangeiro por vontade própria, fui obrigado; então, como estou obrigado, estou pensando em meu país, gostaria de voltar ao meu país.”

David parece fugir o tempo todo e sua verbosidade, que não pode ser detida, é um sinal que evidencia essa fuga. A verbosidade marca sua subjetividade ao mesmo tempo em que cria fissuras. E foi justamente através delas que consegui interpretar algo de sua subjetividade.

Sua narração transmite uma permanente pressa sem direção. Relevante na fala de David é sua alusão ao *tempo*. Constantemente repete que “os refugiados” (ou seja, ele) estão “perdendo tempo”. Tudo e todos fazem com que ele “perca tempo”:

“No caso de afetar ao colombiano que sai para outro país pelo fenômeno da violência, podemos mencionar muitas coisas: em primeiro lugar, o **tempo jurídico** necessário de que precisa esta pessoa para obter uma documentação legal no país desertor, **esse tempo é perdido**, porque na Colômbia a pessoa tinha uma fonte de sobrevivência e acontece que a violência a ataca, essa pessoa tem que ir embora e **continua perdendo tempo**, está saindo de sua terra, tiram você de sua casa, “te roubam o pão de cada dia” diz Juanes, um cantor colombiano muito bom. A pessoa **sai para perder tempo**, está **perdendo tempo** enquanto recebe a documentação legal para se integrar na população economicamente ativa do país que o recebe. Isso em primeiro lugar. Em segundo lugar, outra questão que afeta a pessoa é, segundo seu grupo familiar, um exemplo, no caso de chegar um grupo familiar, é mais difícil pela escolaridade dos filhos, sua educação vai variar, principalmente no aspecto histórico, geográfico, cultural, porque eles têm uma formação e aqui no estrangeiro vão adquirir a formação deste país, no caso de ser línguas diferentes, também **vão perder tempo** porque têm que passar pelo processo de aprendizado dessa língua. Se é profissional em qualquer área técnica ou tecnológica, tem que ter um **tempo de adaptação**, para acostumar-se com os termos da nova língua, das ferramentas que vai precisar para desenvolver o trabalho, e vamos dizer, também enquanto **o tempo vai passando, porque o tempo vai passando...** Eu digo que o problema, em essência, não começa no momento de sair, no momento em que se cria o motivo para sair; o problema vem se apresentando por conta do **tempo que vai passando** e a pessoa está no estrangeiro e começa a pensar no que deixou lá atrás... E sabe que não pode voltar!”

David não está em um lugar completamente: estando fisicamente em um lugar, está em outro emocionalmente. “O tempo passa” e ele e os demais colombianos refugiados “perdem tempo”. O que seria para David “ganhar tempo”? Ao que parece, “ganhar tempo” estaria ao lado da segurança e da construção econômica. Somar e construir vêm associados, implicitamente, a “ganhar tempo”. Dispersão e diversificação estão associados a “perder tempo”. Na nossa interpretação, todavia, David “perde o momento” de estar junto de si, “perde o momento” de aprender onde quer que esteja; acaba-se perdendo do que está

acontecendo e, também, perde-se de si mesmo. É no afã de “ganhar tempo” que ele “perde-o-tempo-certo”, o kairós: o “momento oportuno” onde quer que estejamos!

É justamente a partir desse “perder-se” que David recusa-se a falar dele mesmo de forma consciente, e também inconscientemente – penso – que explica suas sensações ou vivências através de terceiras pessoas. Assim, David disse que os *outros* imigrantes muitas vezes se convertem em um problema porque usam álcool, drogas ou se prostituem. O **problema** para ele está nos outros e esse é justamente o problema; ele não é um dos que se tornaram problema: ele não se transforma, para o bem ou para o mal. É possível, como ele disse, que aprenda com as situações que vive, mas seu aprendizado é da ordem do político, da sobrevivência, não parece ser um aprendizado emocional que lhe permita questionar-se, pensar-se, transformar-se.

David poderia personificar o sujeito moderno por excelência: cheio de razão, em busca do progresso social, capaz de separar razão e sentimento, corpo e alma. Não deixa entrever nada relativo aos seus sonhos, às suas fantasias. Tudo é *realidade* visível, concreta, dogmática. É como se sua subjetividade, no sentido mais complexo, se perdesse no meio de sua elaborada estratégia discursiva.

Finalmente, com David não tive sensação de *alteridade* – presente nos outros encontros. Ele parecia falar o tempo todo com uma espécie de interlocutor interno, com uma figura interna, com um outro que não era eu. Todavia, projetou seu interlocutor interno em mim e o encontrou, porque de alguma forma respondi a uma indireta mas incisiva pressão que vinha dele.

David me intimidou. Sua denúncia era tão insistente, tão forte, que quando insinuou que era eu quem tinha feito as perguntas o tempo todo e que ele também queria *saber algo sobre mim*, perguntou o que eu fazia por meu país. Senti-me obrigada a inventar uma resposta adequada ao que ele esperava escutar. É claro que minha resposta não foi uma mentira, mas também não foi a resposta que eu daria para uma outra pessoa que realmente estivesse interessada em escutar o que eu pensava. Ele esperava uma resposta particular, esperava se

re-escutar, e foi isso o que de alguma forma fiz: joguei seu jogo, acovardada quiçá pelas mesmas razões dele que, muito embora não explicitadas, todo colombiano intui. Essas razões são as da prudência, de esconder-se, que em *colombianês* podem traduzir-se como mútua desconfiança.

E, se como disse Safra¹²², o **lugar** não é um lugar físico, mas que emerge da confiança e esta por sua vez é fundamental para a **experiência de si**, para construir a morada, para encontrar o porto; vendo que isto é assim, pergunto: onde e como começar a construir essa morada de novo? É possível isso para David, para os colombianos, para os deslocados, para os refugiados?

¹²² SAFRA, Profoco 2006.

VIII . INQUIETAÇÕES

Tanto os deslocados internos por conflitos armados quanto os refugiados de guerra procedem de um lugar comum, aquele que se constrói no meio do terror e do silêncio: a *impunidade do acontecido*¹²³. Como diz Castillejo¹²⁴, para eles –deslocados e refugiados– marcados, designados e assinalados por essa origem que lhes antecede, aparecem então dois lugares que lhes podem ser indicados: um lugar físico e outro etéreo, mas nem por isso menos visível e problemático, o das representações. O primeiro será, na maioria dos casos, um lugar – existente em todas as sociedades - destinado ao outro (ao diferente): um albergue, um campo de refugiados, um bairro periférico escolhido especificamente para o “re-assentamento” ou para o “retorno”. Um lugar que em qualquer caso permita certa “administração da desordem”, desse outro que em massa resulta caótico. O outro lugar representa outra “desordem imaginária”: a do violento. As falas erigidas em torno dos deslocados e refugiados os lançam ao mundo do irracional, relacionando-os invariavelmente com a loucura, a solidão e a perda¹²⁵.

As vozes recolhidas - mais do que histórias de violência do país que de alguma forma os expulsa ou mais do que as carências daquele que os acolhe - foram gritos de dor. Uma dor intensa e infinita que parecia não se configurar como tal, ao menos não de forma consciente. Todos eles parecem sobreviventes do cotidiano. Essa sobrevivência não se levanta como denúncia, é uma constatação de como é construída a racionalidade, a subjetividade, as identidades.

Ainda que a subjetividade se desenhe sem sofisticação no meio do empobrecimento de metáforas e imagens, ainda que a descrição não ultrapasse o concreto, o evidente; o cotidiano gritante e despedaçado parece adquirir forma no grito profundo pela sobrevivência. Mesmo assim ousa dizer que não é o lugar do *infra-humano* que quero conceder aos deslocados e refugiados nesta reflexão.

¹²³ O que sob uma perspectiva ferencziana poderíamos pôr na categoria do “desmentido”.

¹²⁴ CASTILLEJO. A. Op.cit p. 257.

¹²⁵ Tal representação concede a esse outro um lugar vulnerável, de “vítima inocente”, representando perda, indignidade, loucura, ausência de identidade, de vontade, de cultura, miséria, fome e qualquer categoria que indubitavelmente o torna um ser humano que habita um mundo que nem parece humano. Idem. Ibid. p. 261

Antes chamo a atenção para a *construção do outro* na mídia e no discurso assistencialista que reflete sobre situações desta natureza. Mesmo que haja “drama” e “tragédia” nesta situação-limite que o mundo enfrenta cada vez mais com menos capacidade de contenção, não somente por conta dos conflitos armados tanto internos quanto internacionais, mas como consequência das iminentes catástrofes naturais que todo ano deslocam milhões de pessoas, não considero adequado – em termos da *construção do outro* - designar (por conta do poder que de alguma forma atribuímo-nos em espaços acadêmicos e/ou da mídia) um lugar em que tudo acontece à margem da vontade.

Segundo Safra, “o paradigma fundamental para o conceito de representação está na linguagem discursiva, pois, discursar já implica uma capacidade de falar da sucessão dos acontecimentos como ocorrem ao longe de um eixo temporal (...) Ao falar sobre qualquer fenômeno se tem possibilidade de nomear diferentes objetos e fazer relações entre eles (...) Esta teoria foi tão importante para a psicanálise que a capacidade representativa foi considerada o ápice da função simbólica”. Mais recentemente, no entanto, a partir da década do 50, alguns autores responderam a essa única possibilidade do símbolo e ampliaram a sua capacidade *apresentativa* pela necessidade que alguns psicanalistas sentiram de “conseguir estudar e conceitualizar a dimensão não-verbal da comunicação inter-humana”¹²⁶.

O símbolo *apresentativo* estaria presente no cotidiano de todo ser humano; contudo, a tentativa de decodificá-lo geraria a perda de sua complexidade e profundidade. Ele é utilizado basicamente na linguagem plástica, mas pode se dar também por meio do uso das palavras.

Safra diz: “Tomemos o exemplo da fala humana. Podemos, em princípio, tomá-lo no registro representativo”. No entanto, se abordamos a fala pela dimensão *apresentativa*, ela se revela não só como um dizer que faz referências, mas também como algo que *apresenta*, que instaura um modo de ser, um mundo”¹²⁷.

¹²⁶ Destacam-se pelo seu trabalho nesse sentido os filósofos Cassirer, E. (1942) La Ciencia de la Cultura. Fondo de Cultura Económica, México, 1993; e Langer, Susane. (1941) Filosofia em nova chave. Perspectiva, São Paulo, 1989. Citados por Safra. Op.cit. p. 42.

¹²⁷ Idem. Ibid. p 44

Os deslocados e refugiados em geral e as pessoas entrevistadas nesta pesquisa, através de suas palavras *apresentam* para mim a forma como habitam o mundo. Afim de que suas narrativas trouxessem à tona o modo de ser de cada um, o estilo de cada um, o dito e o não dito de cada um, fiz questão de manter, no presente trabalho, quase literalmente, as falas dos entrevistados. Com isso busquei me afastar da representação que comumente se faz deles ao lhes atribuir o lugar da “desordem imaginária” ou do “infra-humano”, como argumentou Castillejo. Depois de transcrever as entrevistas –para que meus leitores pudessem acompanhar à *apresentação* dos refugiados- ensaiei interpretações cuidadosas, abrindo outras possibilidades de percepção.

Explicito de forma breve a ponte que tento *tecer* – e não construir - entre política e subjetividade: do meu ponto de vista, os espaços micro políticos - aqueles que de forma mais geral fazem referência a um “o quê fazer” político imerso nas atividades cotidianas que as pessoas comuns realizam e que se entrecruzam com processos institucionais, sociais e econômico-político nas sociedades de origem e residência - seriam a segunda instância de um processo que se inicia antes. Esse “antes” se dá no meio de uma *dinâmica subjetiva* que está determinada, necessariamente, pelas experiências emocionais de cada indivíduo.

Assim, no caso das pessoas deslocadas e/ou refugiadas, essa estrutura que predispõe ao político, estaria afetada – gravemente - pelas situações de violência, desenraizamento e agregação a que foram submetidas. Quero dizer com isto que, mesmo que ponha a ação política em um lugar fora do sujeito –entre os sujeitos e, então, na pluralidade- faço a aposta de pensar seu cerne nos rastros mais profundos e sutis da subjetividade.

Como vimos, a intensificação do conflito sócio-político e armado na Colômbia incide diretamente na saída permanente de colombianos em busca de proteção internacional. A urgência de tornar visível a magnitude deste problema, refiro-me às condições de recepção dos colombianos refugiados, tem feito com que a imprensa e os estudos acadêmicos insistam na crise humanitária e de direitos humanos que na Colômbia provoca deslocamentos internos, e que insistam também, em que as pessoas que cruzam as fronteiras colombianas são só migrantes econômicos e não traumatizados pela guerra. O

presente trabalho busca chamar à atenção para um outro âmbito: o da subjetividade do trauma das feridas emocionais.

Refúgio é acolhida ou amparo, um lugar adequado para *se refugiar*. Contudo, o refúgio outorgado a seus solicitantes não só é em muitos casos um refúgio sem teto nem paredes, mas, especialmente, um refúgio *sem regaço*, um refúgio *pouco acolhedor*. O refúgio, no melhor dos casos, é um documento que permite permanecer legalmente em um país e trabalhar se houver empregos. É também um rótulo que estigmatiza.

As pessoas deslocadas – deslocados internos ou refugiados - entram no estado de perda de território de forma física e simbólica. As entrevistas assim o evidenciaram, tal como afirma Castillejo:

“(…) El Rito de paso tiene tres fases: separación, margen –limen- y agregación. En el caso del primero implica un grupo de conductas que muestran una ‘separación del individuo dentro de una estructura social’ o de una red compleja de sentidos. En el caso del tercero, el cambio se finaliza: el sujeto deviene otro, dentro de una perspectiva hermenéutica, y en tanto esto, plantea una nueva posición estructural y simbólica. El sujeto se pliega a un grupo diferente de comportamientos que rigen la interacción social. En el segundo, el sujeto, es un sujeto ambiguo. En general, el rito de paso es el artefacto que permite, y hasta cierto punto controla, el cambio. Podríamos decir, pues, que el desplazado plantea un cambio de estado e ingresa a una problemática situación de liminalidad. El viajero es, en una primera característica, simbólicamente invisible.”¹²⁸

Os deslocados, tanto quanto os refugiados -depois de passar pelo confronto que os faz existir de forma exagerada (momento em que violentamente são expulsos de seu território), que os faz viver situações-limite de violência, desenraizamento e desamparo, situações que deixam descobertas a vulnerabilidade humana e a impotência social e política- são lançados fora da estrutura de funcionamento de todo sistema. Não há para eles resposta institucional porque não há espaço que possa abrigá-los. Não há *lugar*, em quanto “espaço que acolhe” – psicanaliticamente falando-. Os deslocados e os refugiados, apesar de serem nomeados, resultam “indefiníveis”, ou seja, não são suscetíveis de serem incluídos em alguma das taxonomias que estruturam a ordem do mundo.

¹²⁸ CASTILLEJO. A. Op.cit. p. 164.

Estes indivíduos ou grupos, em primeira instância transicionais, são invisíveis em um duplo sentido: ou são absorvidos por alguma categoria que não necessariamente os representa, ou configuram uma nova, onde sua natureza se define pelo seu isolamento e pelo perigo que representam¹²⁹. Esta invisibilidade pública, como diz Fernando Braga da Costa¹³⁰, é a expressão que resume diversas manifestações de um sofrimento político: a humilhação social, um sofrimento longamente padecido pelas pessoas das camadas pobres e onde caem, de forma sistemática, os deslocados e os refugiados. Ou, como insistirá Baumam, viram refugio, aos poucos, aqueles que, na louca carreira da modernidade, vão ficando fora. Safra, fazendo alusão ao trabalho da Simone Weill diz:

“É fundamental para a clínica ter claro que a exclusão e o desenraizamento não só são fenômenos sociais, mas acontecimentos ontológicos. Fenômenos que rompem com a possibilidade que tem o ser humano de habitar eticamente o mundo humano. Existem fenômenos que têm origem no campo social e que alcançam o registro ético: aspecto decorrente da interação constante entre os acontecimentos no mundo (ôntico) e o registro ontológico. (...) Ela nos ensina que o ser humano tem uma raiz pela sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade, que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos de futuro. Ela alerta sobre o que pode ocorrer a partir do desenraizamento, a falta de emprego, a má qualidade nas situações de trabalho, imigração, falta de instrução, entre outras. Para ela, o desenraizamento é a mais perigosa doença das sociedades humanas, pois se multiplica a si mesma. Os desenraizados, segundo ela, só têm dois comportamentos possíveis: ou caem numa inércia da alma equivalente à morte, ou se lançam numa atividade que perpetua o desenraizamento, podendo originar situações de intensa violência”¹³¹.

Por outro lado, fica evidente também que a exclusão de deslocados e refugiados se dá de duas formas: através da discriminação e da segregação. A primeira está associada às diferenças sociais inerentes às sociedades e que geram desigualdades; a segunda é a exclusão que se dá com base nas diferenças religiosas, culturais, ou de outra índole, embora

¹²⁹ É interessante observar em detalhes a ameaça que começam a representar os imigrantes, especialmente na Europa e nos Estados Unidos, mas também em qualquer lugar onde “outros” (diferentes) começam a habitar as redondezas.

¹³⁰ BRAGA DA COSTA, Fernando. *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. Editora Globo, São Paulo, 2004.

¹³¹ SAFRA, G. “O gesto em Sobórnost” In: *A Pó-Ética na Clínica Contemporânea*. Editorial Idéias e Letras. São Paulo.

seu fundamento se dê no plano das representações¹³². A segregação não seria então uma consequência das estruturas sociais, mas sim uma forma complementar da discriminação. Assim, os deslocados e os refugiados são marginalizados em função das desigualdades “que se encontram na base da sociedade, mas ao mesmo tempo são segregados em função de sua alteridade e da forma como esta tem sido construída e interpretada socialmente”.¹³³

A dita alteridade, aquela que nos interessa neste caso – dos deslocados e refugiados - tem sido construída no mundo contemporâneo basicamente a partir de idéias que os fazem parecer estranhos e perigosos. Justamente dali derivam, como já dissemos, o endurecimento da legislação migratória em boa parte dos países do hemisfério norte; e, com certeza, a idéia na qual os produtores de filmes como “Filhos da Esperança”¹³⁴ se apóiam para dar forma a seus personagens: uma horda de refugiados rebeldes (fugis) na Inglaterra de 2027; seus rostos - que *parecem* ser de árabes, indianos, africanos, entre outros - salientam-se através das grades de gaiolas gigantescas em atitude descontrolada e agressiva, ao mesmo tempo em que são *controlados* por cachorros furiosos e policiais armados.

Como insinuamos anteriormente, cada discurso constrói seu próprio sujeito e o sujeito que geralmente se constrói no discurso humanitário–assistencialista sustenta-se em uma lógica que, mesmo tratando de humanizar através da sensibilização de uma sociedade em princípio indiferente, faz uso da idéia de infra-humanidade dessa alteridade, tornando, sem querer, esse outro, sujeito ininteligível.

Sem dúvida, uma das razões para que isso aconteça é a *distância* com que este assunto é abordado, especialmente pela mídia, que no caso, é quem mais opiniões põe em circulação. Sobre essa espécie de distinção que provoca a distância, estruturam-se não só campanhas ou programas de re-assentamento e de retorno, mas se constroem posições morais e políticas. Se nos apoiamos então nos discursos existentes – aqueles que passam pela mídia -

¹³² CASTILLEJO. A. Op.cit. p. 259.

¹³³ Idem. Ibid.

¹³⁴ Children of men, EUA/Inglaterra 2006. Diretor: Alfonso Cuarón. “Trata-se de uma viagem ao amanhã caótico. O filme, ainda que ficção científica, diz respeito às atitudes dos governantes da atualidade. Crítica velada ao governo Bush, que cria guerras e levanta muros, o filme é baseado em obra da escritora inglesa P.D. James. O roteiro aborda questões como o preconceito, a falta de comunicação e o totalitarismo”. www.cinemacafri.com

para estabelecer um diálogo ou uma negociação com os deslocados ou refugiados, fica evidente a dificuldade que surge ao considerarmos o *outro*, desde o começo, como um ser *irracional*, um *louco*.

Essa é uma das razões pelas quais os deslocados e os refugiados são enviados a lugares especiais, longínquos, isolados e periféricos, ou pela quais simplesmente deixam de ser considerados como indivíduos e passam a configurar uma massa amorfa que pode ou não ser levada em conta. É aí que teremos que pensar então essa relação de *alteridade*, essa imperativa demanda contemporânea de conviver com outros diferentes, de repensar os espaços e entender as reconfigurações do social que demandam novas negociações de fronteiras e de direitos. Novas apostas cognitivas para a construção-compreensão do outro como um possível próximo com quem seja possível sedimentar memória, sonhar futuro.

As narrativas coletadas permitem identificar várias situações que resultam alarmantes em termos das estruturas emocionais que caracterizam não só os migrantes colombianos, mas que, supomos, fazem parte do panorama psíquico de milhões de refugiados e emigrantes no mundo todo.

A organização Médicos sem Fronteiras¹³⁵, que faz um trabalho do tipo humanitário importante na Colômbia, chama permanentemente a atenção para tudo o que se relaciona à saúde mental das pessoas que moram nas áreas onde se desenvolve o conflito armado; aí tem-se detectado que o sofrimento intenso e de longa duração reduz, de maneira significativa, a qualidade de vida e a capacidade de adaptação. Além disso, salientam que não há na Colômbia programas de atenção mental individual para a população rural nem para a deslocada, e que, pelo fato dos lugares de retorno continuarem representando perigo, a possibilidade de que os serviços de saúde cheguem nessas áreas é remota. Embora o retorno às comunidades em algumas situações seja considerado como positivo, segundo

¹³⁵ www.msf.org/source/conutries/americas/colombia

esta organização, o retorno é uma experiência traumática em que permanecem as instabilidades.¹³⁶

Neste sentido, o da saúde mental, um dos aspectos mais relevantes das entrevistas foi, como mencionamos na interpretação de algumas delas, certa *falta de esperança*, que é possível perceber especialmente a partir da forma concreta que adquirem suas falas e da pouca ou nula referência ao que *falta*, ao *desejo*. A esperança - como sinal de futuro - é algo que parece desaparecer do universo mental dos deslocados e dos refugiados. O futuro, entendido como desejo, como sonho, como fantasia, aparece transformado - como vimos em Fernanda - em presente e necessidade.

Queremos nos deter na *falta de esperança* e a interpretação que tentamos é feita a partir das reflexões de FIGUEIREDO no livro *Elementos para uma clínica contemporânea*¹³⁷. Compreendemos, como o autor, que a *esperança* “é uma condição imprescindível ao bom funcionamento do aparelho mental e que opera em planos muito profundos e inconscientes do psiquismo.”¹³⁸

¹³⁶ Não só na experiência desta organização, mas de muitas outras nas quais os resultados não aparecem visíveis através da mídia, que geralmente dá ênfase nas cifras de pessoas retornadas pelo fato de serem tidas como triunfos do Governo em sua “luta contra a guerra”. Diz CASTILLEJO: “Las acciones encaminadas al retorno del desplazado son legítimas en la medida en que se trabaje con el presupuesto según el cual la casa-origen es el único y mejor sitio posible para vivir. La experiencia de campo de esta investigación ha mostrado que dicho presupuesto no es necesariamente el más real. Al desplazado cuando llega a la ciudad no se le guía, por decirlo así, en ese nuevo contexto y el choque que genera con acciones que tienden a separarlos termina por cansarlos y finalmente devolverlos. De otro lado la situación de orden público también muestra este punto como algo imposible. En ese sentido, la restitución del origen, y del territorio como origen, está lejos de ser simplemente rehabilitar la tierra perdida, pues ésta –una vez abandonada- adquiere para la persona una **connotación asociada a temor**. Por esta razón el retorno a la casa es el camino menos viable. El desplazado, una vez en la ciudad y con alguna posibilidad de salir adelante, prefiere la urbe, asentándose definitivamente en ella. **En las actuales circunstancias de Colombia, volver a la casa es la acción más absurda.**” Grifos meus. p. 262

¹³⁷ FIGUEIREDO. L.C. “O paciente sem esperança e a recusa da utopia” Op.cit.

¹³⁸ Embora o autor explique que Ernst Bloch (1952-9), estabelece uma diferença entre a Esperança tida como “estado subjetivo” e a Esperança à que ele dá um **estatuto antropológico** universal, no qual o *ser humano é tido como possibilidade*, para então se debruçar nela como “princípio ou uma das condições fundamentais na **estruturação do aparelho psíquico**”, fazendo uma junção que abrange os três sentidos que neste caso são dados ao termo. Idem. Ibid. p 160.

Tornou-se comum no mundo contemporâneo deparar-se com certa incapacidade dos sujeitos para estabelecer compromissos no plano afetivo¹³⁹ para fazer promessas ou para construir, sonhar uma utopia, essa abertura relativa que se tem para o futuro e que comporta, em muitos casos, *a esperança de uma vida melhor*. Essa incapacidade, poderíamos pensá-la como uma consequência dos “*tempos sombrios*” a que nos referimos na Introdução.

A hipótese de FIGUEIREDO, nesse sentido, parece-nos chamativa na medida em que nos permite, mais uma vez, fazer a conexão entre *experiência pessoal e experiência social*, proposta pelo método que nos guia. Ele diz: existiria “uma íntima relação entre o colapso da utopia no plano social e a constituição de subjetividades que se caracterizam pela capacidade de sobreviverem à morte da esperança e de se conservarem sem ela.”¹⁴⁰

De forma mais ampla, no sentido da esperança como princípio, FIGUEIREDO discute duas possibilidades existentes: uma, em que a esperança se perde como consequência de algum evento (traumático) e outra, concebida na sua dimensão transcendente e ligada à repetição, podendo ser entregue como *desesperança* em termos de herança congênita. Ou seja, haveria uma clara diferença entre a esperança que é extinta quase por completo, mas que, se houverem condições favoráveis, poderia renascer e outra, já convertida em desesperança, muito mais enraizada, na qual faltaria “não apenas a esperança como estado subjetivo, mas algo muito mais essencial no plano da estrutura da subjetividade.”¹⁴¹

De forma mais ampla, no plano social, a desesperança congênita seria a responsável por atitudes de indiferença, egoísmo e falta de sensibilidade frente ao sofrimento próprio e alheio. Essa característica, lida em chaves políticas, estaria dando sinais do grande problema (humanitário, ético, social, político) que enfrentarmos se levarmos em conta que

¹³⁹ Para um aprofundamento do tema pode se ver BAUMAN. Zygmunt. *Amor Líquido, Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003.

¹⁴⁰ FIGUEIREDO. L. C.Op.Cit. p. 162

¹⁴¹ “Há, por exemplo, mantendo-nos nas proximidades de Winnicott (1963b), uma brutal ausência da condição ou do *princípio esperança* associada ao medo da catástrofe em que o indivíduo, marcado pelo trauma precoce, não pode antecipar nada além de um novo colapso, e se deixa paralisar pelas expectativas traumáticas projetadas sobre o futuro de forma indiscriminada.” Idem. Ibid.p. 165

no mundo existem, cada vez mais, milhões de pessoas expulsas de seus territórios, despojados não só de seus pertences ou familiares, mas de seus vínculos mais profundos.

Justo nesse interstício é que queremos nos deter: naquilo que se vislumbra entre o social e o pessoal, entre o que sempre foi considerado íntimo e agora urge clarear publicamente. Nisso, onde a grande narrativa parece sucumbir para dar espaço a uma subjetividade que precisa ser re-descoberta, escutada, compreendida, acolhida. É onde temos que nos deter para tentar entender o que está se mobilizando em um sentido e que pode ser direcionado para outro.

Explico-me: nos *textos* revisados (imagens, artigos, pesquisas, jornais) sobre esses “outros”, que são os migrantes, sobre esse “outro” que eles representam, a alteridade é reduzida a um princípio generalizado que de alguma forma neutraliza (além de tornar invisível). Poder-se-ia dizer que no núcleo da ordem, a desordem como representação é controlada e transformada. É encaixada, obscurecida, nomeada, categorizada. Esse fenômeno da migração, esse *negócio* da pobreza, esse *caótico* que “eles” são e geram, são postos em um lugar, “organizam-se” (em acampamentos, em bairros periféricos construídos para eles, em albergues, em filas para receber ajudas, alimentos), escondem-se. Silenciam-se. *Desmentem-se*.

Se levarmos em conta a forma como é abordado o trauma na obra de Ferenczi em que é o *entorno* adverso o que de certa forma condiciona a estruturação e permanência da situação traumática, e as “*falhas ambientais*” –na concepção de Donald Winnicott- como experiências que geram “impasses momentâneos (para a espécie e para o indivíduo) e angústia no plano individual”¹⁴², poderíamos fazer uma última conexão - em decorrência do método - entre o plano social e o plano individual. Para fazer esta última passagem, valho-me –aviso desde já os meus leitores- de muita liberdade ao eleger para a reflexão categorias psicanalíticas.

Considerando que os *destinos* do trauma obedecem ao ambiente em que estes se produzem e que nesse sentido podem ser, como já dissemos, devastadores ou enriquecedores; considerando isso, é preciso dizer que os *destinos do trauma*, dependem, da capacidade de

¹⁴² Idem. Ibid. p. 178

indivíduo em termos egoístas e narcisísticos, mas principalmente do “ambiente e seu modo de estar presente” (na perspectiva ferenciana), muito mais que da magnitude do choque.¹⁴³ Nesse mesmo sentido, para “Winnicott (1960), o ambiente pode ser um importante coadjuvante do traumatismo na forma de uma “ausência excessiva”, uma falta excessiva de *holding*, de continência e de *rêverie*.”¹⁴⁴ É, por assim dizer, um trauma que se gera também pelo excesso, já não do sentido, mas de ausência.

Vejamos: um evento traumático, qualquer que seja sua origem, gera dois movimentos - retraimento e regressão. Segundo Winnicott, “no retraimento, o sujeito se defende na procura de uma certa auto-suficiência; chega a se ‘fingir de morto’, fica como que “largado”, inerte, destituído do poder de ação e reação, congela. Já a regressão, uma regressão à **dependência**, é o segundo momento, um momento mais regenerativo do que defensivo”.¹⁴⁵ Segundo Ferenczi, se a regressão à dependência tem sucesso, dar-se-ia uma “liquidação do trauma”¹⁴⁶.

Assim, os destinos do trauma variariam – como mencionamos - a *posteriori*, dependendo das condições que existam no entorno. Se esse entorno for propício a uma adequada regressão à dependência, o trauma poderá ser enriquecedor, vivificante e permitirá ao sujeito enfrentar o futuro com **esperança**. De maneira contrária, o trauma será devastador e até pode deixar inutilizadas algumas partes do psiquismo.

O que está ocorrendo então frente às situações de refúgio e deslocamento nas atuais circunstâncias? Como está sendo enfrentado o recebimento – ou não - de deslocados e refugiados pelas instâncias encarregadas, desde os funcionários com quem os refugiados têm contato direto até os mais altos membros de organismos internacionais, que têm nas suas mãos o desenho de políticas públicas e a distribuição de recursos?

¹⁴³ Idem. p.180

¹⁴⁴ Idem.

¹⁴⁵ Idem. p. 181. Grifos meus.

¹⁴⁶ “É um momento natural de retorno a um certo modo de contato primordial com o ambiente e com seus “objetos” – antes que eles efetivamente se objetalizem - em que o sujeito recupera a confiança em si e no meio, em si e no outro.”Idem.

Como podemos concluir, não só a partir das entrevistas, mas também nos apoiando nos informes de ONGs, na coletânea bibliográfica e na *forma* de alguns discursos sobre o tema¹⁴⁷, se faz evidente a incapacidade de garantir o “princípio esperança” como construção subjetiva, na ausência de *holding*, continência, e *rêverie* –sociais-. Quer dizer, não existiria –para os deslocados e para os refugiados - nos momentos em que mais precisam, a possibilidade de serem “acolhidos” socialmente para experimentar uma certa “regressão à dependência” de que falamos anteriormente¹⁴⁸.

Antes, essa falta, esse excesso de vazio, essa falta de acolhimento contribuiria para a acumulação de sentidos traumáticos ou “traumas cumulativos” –para me valer da expressão de M. Khan- que são os que se transmitiriam às seguintes gerações de forma *congênita*.

Pensando em termos de W. Benjamin, atrevo-me a supor que, para o caso da Colômbia em particular, com sua história marcada por décadas consecutivas de violência, e do mundo contemporâneo em geral (tempo traumático por excelência), pelo fato de ser tantos e tantos os traumas acontecidos, terminaria por se formar uma espécie de “calo psicológico coletivo” que resiste à possibilidade do horror. Não há como se surpreender, a tragédia não resultaria estranha porque habita cada indivíduo. A muralha interna formada pela história de traumas coletivos acumulados é muito grande e nesse sentido só seria possível ‘vivenciar’ fenômenos como o do deslocamento e do refúgio; os massacres, os genocídios, as debilidades físicas causadas pela fome, os êxodos massivos parecem não ter impacto, não a ponto de serem vividos como *experiências*, porque não é algo para o qual emocionalmente se deslocam os afetos, para o qual se deslocam as razões; só acontece! (parece normal!)

Assim proposto, existiria em princípio, uma saturação de choques que impossibilitariam não só certa (auto)consciência do traumático, mas também diferentes formas do *fazer político*. “Quanto mais comum seja o registro desses choques na consciência, tanto menos se deverá esperar deles um efeito traumático a partir do rompimento da proteção contra o

¹⁴⁷ Uma forma específica evidente tanto no olhar quanto no contato, tanto na palavra quanto na foto, tanto na ênfase quanto na conclusão, uma forma que aparece - sem cuidado nenhum - não só no que se diz deles ou no que se faz por eles, mas neles mesmos, no olhar envergonhado, na timidez dos movimentos, na desconfiança nos outros.

¹⁴⁸ Podemos pensar que a Cáritas, no caso, cumpriria essa função de alguma maneira, através do seu trabalho com os refugiados.

estímulo. Segundo esta teoria, o sobressalto tem ‘*seu significado*’ na ‘falta de predisposição para a angústia’”.¹⁴⁹

Quer dizer, como espectadores de uma cena estamos quase paralisados -desde há muitos anos - em razão dos silêncios e das omissões dentro de uma cultura de ocultamentos intencionais (o desmentido). O sobressalto, para outros (deslocados e refugiados, de acordo com o caso), ocorre uma, duas, três vezes. Vem depois a formação do trauma, ao desmentir o acontecido como evento catastrófico, quando a cultura inteira grita, de diferentes formas, que o acontecido não aconteceu; quando não há ouvidos que escutem, colos que acolham ou palavras que possam ser ditas -porque falar é perigoso tanto quanto escutar- (na Colômbia, ou entre colombianos¹⁵⁰).

É então que sobrecarregados de vivências especialmente violentas, os sujeitos contemporâneos (sendo que cada vez mais as cifras de deslocamentos forçados e refugiados aumentam) estão pouco dotados de ferramentas para ações políticas coletivas, não só em termos psíquicos, mas também políticos. Bauman diz¹⁵¹:

“El problema contemporáneo más siniestro y penoso puede expresarse más precisamente por medio del término ‘*Unsicherheit*’, la palabra alemana que fusiona otras tres del español: ‘*incertidumbre*’, ‘*inseguridad*’ y ‘*desprotección*’. Lo curioso es que la naturaleza de este problema es también un poderosísimo impedimento para instrumentar remedios colectivos: las personas que se sienten inseguras, las personas preocupadas por lo que puede deparar el futuro y que temen por su seguridad, no son verdaderamente libres para enfrentar los riesgos que exige una acción colectiva. Carecen del valor necesario para intentarlo y del tiempo necesario para imaginar alternativas de convivencia; y están demasiado preocupadas con tareas que no pueden pensar en conjunto, a las que no pueden dedicar su energía y que sólo pueden emprenderse colectivamente.”

Em lugares afetados por conflitos armados, povoados por pessoas que têm sido vítimas de deslocamento forçado ou nos campos de refugiados, não é fácil nem natural pensar no

¹⁴⁹ BENJAMIN. W. Op. Cit.

¹⁵⁰ Nas entrevistas, foi evidente que “desconfiar” é o natural. Desconfiam dos conterrâneos que chegam depois deles. Desconfiam nas esquinas, nos restaurantes. Desconfiaram de mim e achei normal. Eu desconfiei deles e fiquei chocada. Não foi a desconfiança o sentimento que deu forma aos nossos encontros, mas de alguma maneira os atingiu e não consigo fazer de conta que não existiu, não consigo não ficar abalada, não me deter nele. Pergunto-me se é uma atitude “colombiana” conseqüente do conflito armado e derivado das tragédias individuais, ou uma forma que nos inscreve em um mundo que se globaliza sem parar, que se horroriza com as diferenças e nega-as no meio de um silêncio que oculta um medo vestido, fantasiado de desconfiança.

¹⁵¹ BAUMAN. Z. *En busca de la Política*. Op.cit. p. 13

coletivo (com interesses políticos). Em muitos casos, só se fazem tentativas, simulacros de ações conjuntas, porque em maior ou menor grau todos têm medo, todos têm desenvolvido alguma artimanha para saber onde e do que se pode falar; ou na frente de quais pessoas, inclusive na frente de amigos próximos, com quem se prefere não entrar em discussão para não ser estigmatizado como algum qualificativo *inconveniente*. Mesmo que o perigo não seja iminente, é preciso saber como e onde se diz o quê, gerando a armadilha à que se refere Baumam:

“La trampa es no obstante, que aunque hacer algo eficaz para remediar o al menos para mitigar la inseguridad requiere de una acción conjunta, casi todas las medidas adoptadas en nombre de la seguridad tienden a dividir; siembran la suspicacia mutua, separan a la gente, la inducen a suponer conspiradores y enemigos ante cualquier disenso o argumento, y acaban por volver más solitarios a los solos. Y lo peor de todo: aunque esas medidas están muy lejos de dar en el centro de la verdadera fuente de angustia, sin embargo consumen toda la energía que esa fuente genera, energía que podría emplearse más eficazmente si se canalizara en el esfuerzo de devolver el poder al espacio público gobernado por la política.”¹⁵²

Não se trata, finalmente, só da falta de espanto e de surpresa que ante o deslocamento forçado ou o refúgio ‘*vivenciamos*’, ou da aparente normalização que ditas situações vão adquirindo dentro do panorama contemporâneo. Trata-se de “*parar para pensar*” essas múltiplas tragédias que se vão tornando cotidianas, o catastrófico que isso resulta em termos humanos, sociais e políticos; tudo isso que de mão em mão e de geração em geração foi passando sem pausa e que continuará passando se não existir uma disposição ética e política para que isso mude.

Contudo, vale a pena salientar, retomando Derrida e Bloch (retomado na verdade por FIGUEIREDO), que o que se transmite através da cultura é tanto da ordem do trágico, do fracasso ou do sofrimento, como da ordem do possível, do que ainda está por ser alcançado. Quer dizer, podemos passar para os outros *sensação de esperança*, e para fazê-lo, é preciso assumir antes a responsabilidade de sua transmissão.

Sendo assim, é preciso - desde a política, desde a clínica, desde as ciências sociais e, principalmente, desde uma aposta pelo interdisciplinar - assumir a tarefa e os desafios que isso implica, de repensar entre vários assuntos a possibilidade de se viver junto em meio à

¹⁵² Idem. Ibid.

diferença. Assumir a construção do mundo como *lugar* e do *outro* como vizinho, como próximo.

No caso dos deslocados e refugiados, esse desafio dependerá em grande medida do conhecimento que se tenha do contexto do qual vêm as comunidades migrantes e da possibilidade tanto de replicar e/ou transformar suas estratégias de adaptação, como de melhorar suas condições de vida. E, baseando-nos nas leituras das entrevistas realizadas, podemos dizer que boa parte desses conhecimentos sobre o contexto anterior à migração e sobre as necessidades, medos, relações, etc. - em que poderiam se fundar algumas novas esperanças e perspectivas de futuro - pode ser encontrada na subjetividade dos deslocados, refugiados, asilados ou (e)migrantes, não para construir uma esperança para eles, mas para construir *junto* o mundo que está por vir.

O futuro do mundo pode não parecer promissor em termos de guerras e de catástrofes naturais, mas pode sê-lo em termos de uma reflexão que, partindo da escuta amorosa, acolhedora e *clínica* dos outros e de cada um de nós, transforme em política (pública e de Estado) e em princípios éticos, morais e de convivência, o grito de dor de milhões de indivíduos expulsos de seus lugares. (Nada nos garante que no futuro não sejamos um deles!)

Para finalizar, cabe salientar que o processo mesmo deste trabalho só foi possível graças a uma atitude de “*acolhimento*” de vários tipos. O primeiro - e que deu origem aos outros - foi aquele que minha orientadora teve comigo como orientanda e que surgiu em função do método, primeiro, e em função da vida, depois (ou vice-versa). Outro acolhimento foi aquele que eu consegui fazer de mim mesma, da minha própria história de vida e das razões que nela achei para aceitar minha *herança*; para, partindo dela, já conscientemente assumir a responsabilidade da minha pesquisa. Mais um acolhimento deu-se com as pessoas entrevistadas, especialmente a posteriori, quando relendo suas palavras e tentando entrar nas suas vidas através delas, consegui me deixar *tocar* pelas suas tragédias íntimas. Houve também o acolhimento que tive dos autores pelos quais me deixei guiar nesta reflexão; não

deixo de esperar também por acolhimento dos meus possíveis leitores e, através de suas críticas aos meus devaneios, começar uma nova reflexão.

É por conta disso, porque soube vividamente, porque senti na pele, na alma e no coração, o que é possível ser feito quando existe um outro que oferece acolhimento, que continuo a fazer a aposta, finalizando esta pesquisa, não só na possibilidade, mas na primordial necessidade de pensar a política na sua dimensão subjetiva. Na exigência, que é possível e necessária de ser feita tanto da política, quanto da academia - em termos educativos -, de uma perspectiva mais acolhedora (clínica) e com isso configurar uma dinâmica intelectual que aceite o desafio de Hanna Arent e de W.R. Bion de “*parar para pensar*” -e, no caso de Bion, “*pensar as emoções*”-

Bibliografia

A banalização da violência: A atualidade do pensamento de Hannah Arendt. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2004.

ABAD FACIOLINCE, Héctor. Angosta Seix Barral Biblioteca Breve. Bogotá, 2003

AGUIRRE ERNST, Mariano. El contesto de los conflictos y la reconstrucción. Informe UNESCO, 2001.

ARCHIVA NEIRA, Mauricio. Masacre en las bananeras. Diciembre 6 de 1928, sangre en la plantación. Revista Semana.com

ARENDT, Hannah. O que é a Política. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 1998.

ARENDT, Hannah. Sobre a violência. Relume Dumará. Rio de Janeiro, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

----- En Busca de la Política. Fondo de Cultura Económica, México, 2001

----- Globalização. As consequências humanas. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1999.

BELLO, Martha Nubia. “Narrativas alternativas: rutas para reconstruir la identidad”. Impactos sociales y culturales del desplazamiento. Coedición. Universidad Nacional de Colombia, Fundación Dos Mundos, Corporación Avre. Bogotá, 2002

BENAVIDEZ, Regina. De vítima a testemunha, de testemunha a cidadão: crises e identidades. Em Clínica e Política. Subjetividade e violação dos direitos humanos. Editora te Cora. Rio de Janeiro, 2002.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire Um Lírico no Auge do Capitalismo, Editoria Brasileira, 1989.

----- O Narrador. Considerações. Magia e Técnica, Arte e Política. Sobre a obra de Nicolás Leskov. En Obras escolhidas. São Paulo, Brasileira, 1996.

BONILLA, Ricardo. “Desplazamiento Forzado Interno en Colômbia”. Observatorio de coyuntura socioeconômica. Centro de investigaciones para el desarrollo. Facultad de ciencias económica. Universidad Nacional de Colombia. UNICEH. Bogotá, Colombia, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de auto-análise. Companhia das Letras. São Paulo, 2005.

BRAGA DA COSTA, Fernando. Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social. Editora Globo. São Paulo, 2004.

CABALLERO, Antonio en Guerra en Colombia: "Sólo hay una receta válida", Envío Digital No. 241, abril 2002.

CASTILLEJO, Alejandro. Poética de lo Otro. Antropología de la guerra, la soledad y el exilio en Colombia. ARFO Editores. Bogotá, 2000.

Conflicto y Paz en Colombia: consecuencias y perspectivas para el futuro Alfaomega. Bogotá, 2004.

COSTA DE LIMA, Claudia. Situando o sujeito do feminismo: o lugar da teoria, as margens e a teoria do lugar. Travessia – Revista de Literatura no. 29/30 UFSC. Florianópolis, 1997.

DA CUNHA, Guilherme. Editorial. Boletín Cono Sur. Refugiados. ACNUR No. 5 octubre de 1999.

Desplazamiento Interno Forzado de Mujeres. Defensoría del Pueblo. Alto Comisionado De las Naciones Unidas para los Refugiados. Bogotá 2002.

Desplazamiento Forzado en Antioquia. Aproximaciones teóricas y metodológicas al desplazamiento de población en Colombia. Volumen 0. Secretariado Nacional de Pastoral Social Bogotá: Editorial Kimpres, 2001.

DOS SANTOS MAC DOWEL, Maria Cecilia. Quem pode falar, onde e como? Uma conversa 'não inocente' com Donna Haraway. Cadenos Pagú No. 5, 1995.

EGUREN, Luis Enrique. Acompañamiento en Colombia: la protección internacional de los derechos humanos de los desplazados internos. Revista Migraciones Forzadas, abril, 1999.

“El País” Journal online www.elpais.com.co

ERBEN, Michael. Biografía e autobiografía. Il significato del metodo autobiografico. Il metodo autobiografico. Semestre sulla condizione adulta e processi formativi- 4 Otome, 1996. Milano, Edizione Angelo Guerini e Associati, 1996.

FELMAN, Shoshana. Educação e Crise, ou as vicissitudes do ensinar em Catástrofe e Representação. Editorial Escuta, 2000.

FIGUEREDO, Luis Cláudio. Elementos para uma clínica contemporânea. Editorial Escuta. São Paulo, 2003.

FEYERABEND, Paul K. Contra o Método em Matando o Tempo. Uma autobiografia. Editora Unesp.

Forjamos Esperanza. Publicación de Afrodes. Bogotá, junio de 2001.

GAMBARRO, Griselda. Escritos Inocentes. Grupo Editorial Norma Literatura. Argentina, 1999.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. Oficina de Roteiro. Como contar um conto. Casa Jorge Editora. Rio de Janeiro, 2001.

GAUTHIER ZANIDÉ, Jacques. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética. Anped, Associação Nacional de Pós – Graduação e Pesquisa em Educação, No. 25. Janeiro – Abril. Editoria Autores Associados, Campinas, 2004.

GAVIRIA, Alejandro. “Visa USA: Fortunas y extravíos de los emigrantes colombianos en los Estados Unidos”. Bogotá: Centro de estudios sobre desarrollo económico. Facultad de Economía. Universidad de los Andes. CEDE. 2004

GONZÁLEZ Jesús, Martínez Luis Adolfo y Ospina Angélica. La Ruta del Encuentro. Diagnóstico situacional de la atención al desplazamiento Forzado en el Valle del Cauca. Cali, 2002.

GUARNIZO, Luis Eduardo. 2004. “Emigración colombiana a los Estados Unidos: transterritorialización de la participación política y socioeconómica”. Biblioteca Virtual del Banco de la República.

GUERRA VILLALOBOS, Jorge, Solo de Zaldivar, Victor Breton. Organizações Não Governamentais. Um passo para frente e dois para atrás. Programa de pós-graduação em geografia. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR, 2001.

GUEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura em Interpretação das Culturas. Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1989.

GUEVARA, Rubén Darío. La Nueva Colonización Urbana. Seminario sobre Desplazamiento interno. Universidad de Caldas, 2002.

Hacia la construcción de un modelo para el tratamiento integral del desplazamiento forzoso en Cali y el suroccidente Colombiano. Consejería para el desarrollo, la seguridad y la paz. Alcaldía de Santiago de cali. Cali, enero de 2000.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadenos Pagú No. 5, 1995.

Incalcaterra, Amerigo. Intervención en el Seminario Nacional “Derecho de ciudadanía y población en situación de desplazamiento”. Bogotá, 28 de Octubre de 2004.

JARAMILLO, Carlos Eduardo: Guerra de los mil días: reclutamientos, ascensos y deserciones. Revista Credencial Historia No. 121. Bogotá - Colombia Enero de 2000.

JELIN, Elizabeth. Ciudadanía y Ateridad: Tensiones y dilemas. Instituto de Investigaciones Sociales – UBA CONICET. Buenos Aires, Argentina, 1996.

JELIN Elizabeth. Los trabajos de la memoria. Siglo XXI de España. Editores S.A. Madrid, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. História de vida e projeto: a historia de vida como projeto e as “historias de vida” a serviço de projetos. Revista Educação e Pesquisa, Vol. 25, No. 2, São Paulo, 1999.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de Vida e Formação, Cortez Editores, 2004.

Ley 387. Oficina del Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Refugiados en Colombia . ACNUR. Bogotá 1999.

LYOTARD, Jean-François. A condição Pós- Moderna. José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 2002.

MAIA, Shargel Marisa. Extremos da Alma. Garamond Universitária. Rio de Janeiro, 2004

Manual do Refugiado. Orientações para o solicitante de Refúgio.

MARIOTTI, Gabriella. Autobiografia e Psicoanalisi: Ricordare o dimentione? Il metodo autobiografico. Semestre sulla condizione adulta e processi formativi- 4 Otome, 1996. Milano, Edizione Angelo Guerini e Associati, 1996.

MARONI, Amnérís. E por que não? Tecendo outras possibilidades interpretativas (no prelo).

----- Método autobiográfico e a ligação com o afeto. São Paulo, SP. 2006

----- Psicanálise e Ciências Sociais: Tecendo Novos Caminhos de pesquisa. Jornal de Psicanálise. V.39. No.71 *Para Publicação* Março-Abril. São Paulo, 2007.

MATURANA, Humberto. Cognição, ciência e vida cotidiana. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2001.

MEDINA, Medófilo. La historiografía Política del Siglo XIX en Colombia. La Historia al Final del Milenio. Editorial Universidad Nacional, Bogotá 1994.

MENDES, André. A identidade Migrante: Reflexões sobre o processo de individuação em sua relação com o espaço, a migração e a comunidade. Dissertação de Mestrado, USP. São Paulo, 2003.

Medios para la Paz www.mediosparalapaz.org

MEJÍA BOTERO, María Clara. La experiencia colombiana en reasentamiento. En Reasentamiento en Colombia. William Partridge Editor. Bogotá, 2000.

MENDES, André. A identidade Migrante: Reflexões sobre o processo de individuação em sua relação com o espaço, a migração e a comunidade. Dissertação de Mestrado, USP. São Paulo, 2003.

Ministerio de Salud, Bogotá, Colombia. Informe de 2002.

MOLANO Alfredo. “Pero cuánto más los oprimían, ellos crecían y se propagaban más.” Palimpsesto. Revista de la facultad de ciencias humanas. Universidad Nacional de Colombia. Bogotá 2002.

----- Desterrados. Crónicas del desarraigo. Punto de lectura. Bogotá, Colombia. 2005.

MORENO DURAN Álvaro y Ramírez José Ernesto. Teorizaciones sobre la tutela jurídica a población en situación de desplazamiento. En Pierre Bourdieu, introducción elemental. Editer, Estrategias Educativas Ltda. Bogotá 2003.

Mujer y conflicto armado. Informe sobre violencia sociopolítica contra mujeres, jóvenes y niñas en Colombia. Cuarto informe. Enero 2003 – Junio 2004.

NOVOA, Antonio e Finger, Matthias (organizadores) O Método (auto)biográfico e a formação. Antologia. Ministério da Saúde. Cadernos de Formação No. 1. Lisboa 1988.

OLIVERIO, Alberto. La Memoria autobiografica e la memoria collettiva. Il metodo autobiografico. Semestre sulla condizione adulta e processi formativi- 4 Otome, 1996. Milano, Edizione Angelo Guerini e Associati, 1996.

OSPINA William. “Trajimos sin pensarlo en el habla los valles”. Palimpsesto. Revista de la facultad de ciencias humanas. Universidad Nacional de Colombia. Bogotá 2002.

OIM, DANE, DAS. 2004. “Anuario 2003 - Movimientos Migratorios Internacionales de Colombia”. Bogotá: Oficina de Prensa OIM.

Organización Panamericana de la Salud, OPS. Bogotá, Colombia. Informe 2001.

PARRIDGE, William. Reasentamiento en Colombia. Editor, Bogotá, 2000.

Pastoral Social, RUT, Boletín trimestral No. 8. Diciembre de 2003

PÉCAUT, Daniel. Reflexiones sobre el nacimiento de las guerrillas en Colombia en Violencia Política en Colombia, Universidad del Valle, Cali, 2003.

PERRONE, Claudia. Políticas da memória e do esquecimento: as ruínas do sentido. Em Clínica e Política. Subjetividade e violação dos direitos humanos. Editora te Cora. Rio de Janeiro, 2002.

Plan Nacional de Desarrollo 2002-2006. Departamento Nacional de Planeación. Imprenta Nacional de Colombia. Bogotá - Colombia, 2003.

Prigogine, Ilya. As leis do caos. Editora Unesp. São Paulo, 2002.

Revista Semana. <http://www.colombialink.com>

RICARTI OLLER, Joseph. El Largo Éxodo de los Refugiados y Desplazados. Intermón, Barcelona, 1995.

RODRIGUEZ CONDE, Heliana de Barros e Mourão Calhau Janne. A herança da violência. O silêncio e a dor das famílias atingidas – aspectos do tratamento. Em Clínica e Política. Subjetividade e violação dos direitos humanos. Editora te Cora. Rio de Janeiro, 2002.

ROMERO, Marco. Desplazamiento Forzado, Conflicto y Ciudadanía Democrática, Universidad Nacional de Colombia, 2002.

ROZO ACUÑA, Eduardo. Diccionario de política y derecho público. ESAP, Bogotá 1986.

RUEDA, Pilar. Documento Análisis. “En situación de conflicto armado las mujeres también tienen derechos: Derechos Humanos de Mujeres en Situación de Desplazamiento”. Confluencia Nacional de Redes de Mujeres – Corporación SISMA Mujer. Bogotá, Colombia, abril de 2002.

SAFRA, Gilberto. O gesto em Sobórnost em A Pó-Ética na Clínica Contemporânea. Editorial Idéias e Letras.

----- Hermenêutica na situação clínica. O desvelar da singularidade pelo idioma pessoal. Edições Sobornost, São Paulo, 2006.

----- Desvelando a memória do humano. O brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio. Edições Sobornost, São Paulo, 2006.

SÁNCHEZ GÓMEZ, Gonzalo. Guerra y Política en la Sociedad Colombiana. Ancora Editores, Bogotá, 1991

SANTANA RODRÍGUEZ, Pedro. La propuesta de un estado comunitario: una falacia en la teoría del Estado. Revista Foro No. 48. Bogotá, 2003.

SELIGMANN – SILVA, Márcio (organizador) História, Memória, Literatura. O testemunho na era das Catástrofes. Editora Unicamp, 2003.

SIGNORINI GONÇALVES, Hebe (organizador). Organizações Não Governamentais: solução ou problema? Editora Estação Liberdade. São Paulo, 1996.

STEINER, John. Vingança, ressentimento, remorso e reparação. Em Refúgios Psíquicos. Organizações patológicas em pacientes psicóticos, neuróticos e fronteiricos. Imago Editora Ltda. Rio de Janeiro, 1997.

TOURAINÉ, Alain. Palavra e Sangue: Política e Sociedade na América Latina. Editoria da Unicamp, Trajetória Cultural. São Paulo, 1989.

URIBE ALARCÓN, Maria Victoria. Antropología de la Inhumanidad. Un ensayo interpretativo sobre el terror en Colombia. Grupo Editorial Norma. Bogotá, 2004

VALLEJO, Fernando. Discurso de inauguração do Primeiro Congresso de Escritores Colombianos. Medellín, Setembro de 1998.

VÁSQUEZ ZAWADSKI, Carlos. Cartografías de desplazamientos y poblamientos urbanos. Conversación con el escritor Arturo Álope. Palimpsesto. Revista de la facultad de ciencias humanas. Universidad Nacional de Colombia. Bogotá 2002.